

LÍLIAN THAIS DE JESUS

**DESCRIÇÃO DE ACEPÇÕES DO VERBO *TOMAR* EM
DICIONÁRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO
METALEXICOGRÁFICO COM BASE NA TEORIA SENTIDO-
TEXTO**

PORTO ALEGRE

2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA
LINHA DE PESQUISA: GRAMÁTICA E SIGNIFICAÇÃO**

**DESCRIÇÃO DE ACEPÇÕES DO VERBO *TOMAR* EM
DICIONÁRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO
METALEXICOGRÁFICO COM BASE NA TEORIA SENTIDO-
TEXTO**

LÍLIAN THAIS DE JESUS

ORIENTADORA: PROF(a). DR(a). SABRINA PEREIRA ABREU

Dissertação de Mestrado em TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2019

Lílian Thais de Jesus

**DESCRIÇÃO DE ACEPÇÕES DO VERBO *TOMAR* EM
DICIONÁRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO
METALEXICOGRÁFICO COM BASE NA TEORIA SENTIDO-
TEXTO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teoria e Análise Linguística: Gramática e Significação

Porto Alegre, 29 de março de 2019.

Resultado: Aprovada com conceito A, por unanimidade.

BANCA EXAMINADORA:

Ana Maria Tramunt Ibaños
Escola de Humanidades/PUCRS
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Félix Valentín Bugueo Miranda
Departamento de Línguas Modernas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Sabrina Araújo Pacheco
Ensino Fundamental Anos Finais
Colégio Farroupilha

CIP - Catalogação na Publicação

Jesus, Lílian Thais de
DESCRIÇÃO DE ACEPÇÕES DO VERBO TOMAR EM
DICIONÁRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO
METALEXICOGRÁFICO COM BASE NA TEORIA SENTIDO-TEXTO /
Lílian Thais de Jesus. -- 2019.
246 f.
Orientador: Sabrina Pereira de Abreu.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Lexicografia. 2. Teoria Sentido-Texto. 3.
Polissemia. 4. Verbos polissêmicos. 5. Verbo "tomar".
I. Abreu, Sabrina Pereira de, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer carinhosamente:

A Deus, aquele que nos concede sabedoria e entendimento, aquele que nos abraça nos momentos difíceis, aquele que é o guia em todos os caminhos, por ter me dado a competência necessária para realizar e concluir este estudo.

À Professora Sabrina, orientadora, mentora e mestra, pelo conhecimento que compartilhou comigo, por ter sido peça chave, essencial na conclusão desta dissertação. Serei eternamente grata e sou uma aluna mais cheia de conhecimento graças aos seus ensinamentos.

Aos Professores da Pós-Graduação em Letras da UFRGS, pelas excelentes aulas e por todo o conhecimento partilhado.

À UFRGS e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por, durante o segundo ano de mestrado, propiciar o recebimento de bolsa a mim e, conseqüentemente, a oportunidade de uma dedicação maior ainda ao mestrado.

À minha família, meus pais Ezequiel e Márcia e meus irmãos Ângelo e Alessandra, por serem as pessoas mais importantes em minha vida, meu refúgio.

Ao Gabriel Assunção e às amigas Kamila Koller e Rafaela Schaefer, por me acompanharem e socorrerem nos momentos difíceis, com suas palavras de consolo e carinho. Amo vocês com todo meu coração!

Aos colegas Jô, Marcia, Anne, Sara e Éverton, da Escola Haydée Mello Rostirolla, pelos momentos passados durante o ano letivo. A vida é mais feliz com amigos.

Aos meus alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Haydée Mello Rostirolla, especialmente à turma 31, de 2018, meus companheiros, meus amigos, que me proporcionaram momentos de aprendizado mútuo e até mesmo descontração.

“Eu quase que nada sei. Mas desconfio de muita coisa.” (Guimarães Rosa).

RESUMO

O registro de itens lexicais polissêmicos em dicionários de língua portuguesa não ocorre de forma precisa e unificada. De fato, no âmbito da prática lexicográfica, o avizinhamento do fenômeno da polissemia com o fenômeno da homonímia tem ocasionado dificuldades para se determinar se uma palavra é polissêmica, isto é, possui muitos sentidos, mas deve receber apenas uma entrada nos dicionários; ou se se trata de itens homônimos, ou seja, diferentes palavras que apenas compartilham a mesma forma e devem figurar nos dicionários como entradas lexicais autônomas. É comum observar que os lexicógrafos adotam critérios heterogêneos e, por vezes, arbitrários, ao lematizar uma palavra que apresenta diversos sentidos: eles podem adotar (i) o critério etimológico (se houver apenas um étimo, haverá uma entrada; se houver étimos diferentes, teremos entradas diferentes), (ii) o critério semântico (procura-se apontar a existência de semas relacionados nas acepções de uma mesma palavra, tratando-se, assim, de item polissêmico; caso não haja semas comuns, determina-se a existência de homonímia), (iii) o critério morfológico (se a mesma palavra puder se realizar em distintas classes gramaticais, teremos entradas lexicais também distintas), e, até, (iv) um critério subjetivo, de acordo com o qual é o próprio conhecimento semântico do lexicógrafo que decidirá se a palavra é polissêmica ou homonímica. Considerando esse quadro, esta dissertação objetiva refletir sobre o registro lexicográfico de um verbo polissêmico, o verbo *tomar*, em oito dicionários *on-line* de língua portuguesa. Em especial, investiga-se como o verbo *tomar* está dicionarizado e como as acepções ditas polissêmicas desse verbo são elencadas dentro do verbete, a fim de matriciar as acepções apresentadas pelos dicionários e verificar se há contiguidade entre essas acepções (polissemia) ou se há distanciamento entre elas (homonímia). O alvo final é, a partir da descrição do esquema de regime e da combinatória lexical de 18 acepções do verbo *tomar*, realizar a modelização da combinatória sintática e da combinatória lexical – descrita por meio das funções lexicais – dos sentidos expressos nessas acepções. A metodologia adotada segue os preceitos da Teoria Sentido-Texto, teoria de cunho lexicográfico subjacente ao Modelo Sentido-Texto. Com base nessas opções, foi possível modelizar as relações lexicais de proximidade ou de distanciamento entre as 18 acepções do verbo examinadas. Como resultado dessa modelização, constatamos que muitos dos sentidos que o verbo *tomar* transmite são de fato polissêmicos, mas há outros que são homônimos. Nesta perspectiva, apresentamos duas propostas para o registro lexicográfico de *tomar*: uma “sugestão polissêmica”, em que se propõe a reorganização das acepções do verbo a partir da proximidade de sentidos (listadas na parte inicial do verbete) e do distanciamento de sentidos, registradas na parte final do verbete; e uma “sugestão homonímica”, segundo a qual o verbo *tomar* deve ter cinco entradas lexicais na nomenclatura de um dicionário de língua portuguesa; na primeira entrada devem constar as acepções que apresentam proximidade de sentidos, e nas quatro outras entradas devem estar agrupados os sentidos que não apresentam vinculação entre si.

Palavras-chave: Lexicografia; Teoria Sentido-Texto; Polissemia; Homonímia; Verbos polissêmicos; Verbo *tomar*.

ABSTRACT

The addition of polysemic lexical items in language dictionaries does not have a precise and unified method. In fact, in the scope of lexicographic practice, the approximation of the polysemy phenomenon with the homonymy phenomenon has caused difficulties in determining if a word is polysemic, which means it has many meanings, but should receive only one entry in the dictionaries; or if there are homonymous items, that is different words that only share the same form and must, therefore, and should appear in the dictionaries as autonomous lexical entries. It is common to observe that lexicographers adopt heterogeneous and sometimes arbitrary criteria, by labeling a form of word that has several meanings: they can adopt (i) the etymological criterion (if there is a word root, there will be an entry, if there are different word roots, different entries), (ii) the semantic criterion (the existence of related semes in the meanings of the same word form, being, thus, a polysemic item, and if there are no common semes, the existence of homonymy is determined), (iii) the morphological criterion (if the same word can be performed in different grammatical classes we will also have different lexical entries); and even (iv) a subjective criterion, in which it is the lexicographer's own semantic perception that will determine if a word form is polysemic or homonymous. Considering this framework, this work aims at reflecting about a polysemic verb, the *tomar* verb, inserted in eight online Portuguese dictionaries. Specifically, this thesis aims at reflecting on how the polysemic *tomar* verb has been inserted on dictionaries, how the polysemic meanings of the verb have been listed within the entry, in order to understand the meanings of the dictionaries and to verify the existence of proximity between these meanings (polysemy) or distance between them (homonymy). The final aim is from the description of the regime scheme and the lexical combinatorial of the 18 meanings of the verb *tomar*, to perform the modeling of the syntactical combinatorial and the lexical combinatorial - described by means of the lexical functions - of the meanings of the verb. The adopted methodology, thus, follows the precepts of the Meaning-Text Theory, lexicographic theory, underlying the Model Meaning-Text. Based on these options, it was possible to model the lexical relations of proximity or distance between the 18 meanings of the *tomar* verb. As a result of this modeling, we verified that many of the meanings that the verb *tomar* has are actually polysemous, but there are meanings that are homonyms. In this perspective, we suggest two possibilities for the lexicographic record of the verb *tomar*: a "polysemic suggestion", which proposes the reorganization of the meanings of the verb from the proximity of senses (listed in the initial part of the lexical entry) and the distance of senses, listed in the final part of the lexical entry; and a "homonymic suggestion", according to the fact that the verb *tomar* must have more than one lexical entry in the nomenclature of a dictionary of Portuguese language; in this recommendation, one lexical entry prioritizes the meanings that have proximity of meanings and other lexical entries will register the meanings that are not related to one another.

Keywords: Lexicography; Meaning-Text Theory; Polysemy; Homonymy; Polysemous verbs; *Tomar* verb.

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Polissemia vs homonímia, conforme Palmer (1976), Lyons (1976-1977), Ullmann (1977), Kempson (1989) e Perini (2004)	30
Quadro 2 - O fenômeno da polissemia de acordo com Palmer (1976), Lyons (1976-1977), Ullmann (1977), Kempson (1989) e Perini (2004)	32
Quadro 3 - A definição de polissemia verbal conforme Oliveira (1989), Matos (2006) e Camargos e Faria (2011)	39
Quadro 4 - Síntese dos apontamentos sobre as características polissêmicas do verbo TOMAR de acordo com Santos (2011), Pederneira (2014) e Merlo (2015):	47
Quadro 5 - Tipologia dos dicionários conforme Svensén (2009).....	63
Quadro 6 - Dicionários selecionados para recolha do <i>corpus</i> desta pesquisa	110
Quadro 7 - Características macroestruturais dos dicionários <i>on-line</i> de língua portuguesa: lexias passíveis de serem dicionarizadas	120
Quadro 8 - Características macroestruturais dos dicionários <i>on-line</i> de língua portuguesa – opções de acesso à macroestrutura	122
Quadro 9 - Características microestruturais dos oito dicionários <i>on-line</i> de língua portuguesa	125
Quadro 10 - Tipos das microestruturas dos dicionários de língua portuguesa <i>on-line</i>	126
Quadro 11 - Acepções de TOMAR no <i>Dicionário Aberto</i>	128
Quadro 12 - Acepções de TOMAR no <i>Dicionário Aurélio de Português Online</i>	129
Quadro 13 - Acepções de TOMAR do <i>Dicionário Aulete Digital</i>	130
Quadro 14 - Acepções de <i>tomar</i> no <i>Grande Dicionário Houaiss</i>	131
Quadro 15 - Acepções de TOMAR no <i>Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa</i>	132
Quadro 16 - Acepções de TOMAR no <i>Dicionário Online de Português</i>	134
Quadro 17 - Acepções de TOMAR no <i>Dicionário Priberam da Língua Portuguesa</i>	134
Quadro 18 - Acepções de TOMAR no <i>Infopédia Dicionário Porto Editora</i>	135
Quadro 19 - Total de acepções coincidentes	137
Quadro 20 - Acepções do verbo TOMAR a serem analisadas nesta pesquisa	140
Quadro 21 - Esquema de regime da lexia “admiração”, no DEC.....	142
Quadro 22 - Notações presentes no esquema de regime das acepções de TOMAR	160
Quadro 23 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 1 do <i>corpus</i>	162
Quadro 24 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 2 do <i>corpus</i>	163

Quadro 25 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 3 do <i>corpus</i> (1º Esquema de regime da acepção 3)	164
Quadro 26 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 3 do <i>corpus</i> (2º Esquema de regime).....	165
Quadro 27 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 3 do <i>corpus</i> (3º Esquema de regime da acepção 3)	166
Quadro 28 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 4 do <i>corpus</i>	167
Quadro 29 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 5 do <i>corpus</i>	168
Quadro 30 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 6 do <i>corpus</i>	169
Quadro 31 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 7 do <i>corpus</i>	170
Quadro 32 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 8 do <i>corpus</i>	171
Quadro 33 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 9 do <i>corpus</i>	171
Quadro 34 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 10 do <i>corpus</i>	172
Quadro 35 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 11 do <i>corpus</i>	173
Quadro 36 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 12 do <i>corpus</i>	174
Quadro 37 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 13 do <i>corpus</i>	175
Quadro 38 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 14 do <i>corpus</i>	176
Quadro 39 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 15 do <i>corpus</i>	177
Quadro 40 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 16 do <i>corpus</i>	178
Quadro 41 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 17 do <i>corpus</i>	179
Quadro 42 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 18 do <i>corpus</i>	180
Quadro 43 – Síntese da modelização da combinatória lexical de TOMAR.....	210
Quadro 44 – Sugestão para o ordenamento das acepções no verbete do verbo TOMAR.....	213
Quadro 45 – TOMAR ¹	217
Quadro 46 – TOMAR ²	218
Quadro 47 – TOMAR ³	218
Quadro 48 – TOMAR ⁴	219
Quadro 49 – TOMAR ⁵	219

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comparativo das acepções e construções com o verbo TOMAR constantes no verbete do verbo nos dicionários <i>on-line</i> examinados.....	136
---	-----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DEC	Dicionário Explicativo Combinatório
DECFC	Dicionário Explicativo do Francês Contemporâneo
EMorfP	Estrutura Morfológica Profunda
EMorfS	Estrutura Morfológica de Superfície
FL	Função Lexical
MST	Modelo Sentido-Texto
OLST	Observatório de Linguística Sentido-Texto
RConceit	Representação Conceitual
RSem	Representação Semântica
RSinS	Representação Sintática de Superfície
RSintP	Representação Sintática Profunda
TST	Teoria Sentido-Texto

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 O FENÔMENO DA POLISSEMIA.....	18
1.1 POLISSEMIA VS HOMONÍMIA	19
1.2 VERBOS POLISSÊMICOS	33
1.3 ESTUDOS ACERCA DAS CARACTERÍSTICAS POLISSÊMICAS DO VERBO <i>TOMAR</i>	40
2 LEXICOGRAFIA E ESTUDOS METALEXICOGRÁFICOS	51
2.1 LEXICOGRAFIA: PARTE PRÁTICA DA LEXICOLOGIA	52
2.2 TIPOS DE DICIONÁRIOS.....	56
2.3 ESTRUTURA DOS DICIONÁRIOS.....	66
2.3.1 A macroestrutura	67
2.3.2 A microestrutura	70
2.3.3 A medioestrutura.....	74
2.4 A METALEXICOGRAFIA: UMA FORMA DE CONTRIBUIR COM A PRÁTICA LEXICOGRÁFICA	75
3 A TEORIA SENTIDO-TEXTO: ABORDAGEM TEÓRICA LEXICOGRÁFICA.....	86
3.1 O MODELO SENTIDO-TEXTO.....	88
3.2 ZONAS DE DESCRIÇÃO LEXICOGRÁFICA.....	96
3.2.1 Zona da combinatória sintática.....	97
3.2.2 Zona da combinatória lexical	99
3.2.2.1 Funções lexicais.....	99
3.3 O TRATAMENTO DAS LEXIAS POLISSÊMICAS NO ÂMBITO DA TST.....	104
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	109
4.1 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS DICIONÁRIOS <i>ON-LINE</i> DE LÍNGUA PORTUGUESA ANALISADOS NESTA PESQUISA	109
4.2 TIPOLOGIA DOS DICIONÁRIOS SELECIONADOS.....	111
4.3 CARACTERÍSTICAS MACRO E MICROESTRUTURAS DOS DICIONÁRIOS SELECIONADOS	116
4.4 SELEÇÃO E RECOLHA DOS DADOS: AS MÚLTIPLAS ACEPÇÕES DO VERBO <i>TOMAR</i>	127
4.4.1 Dicionário Aberto	127
4.4.2 Dicionário Aurélio de Português Online	128

4.4.3 Dicionário Aulete Digital	129
4.4.4 Grande Dicionário Houaiss	130
4.4.5 Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa	132
4.4.6 Dicionário Online de Português	133
4.4.7 Dicionário Priberam da Língua Portuguesa	134
4.4.8 Infopédia Dicionário Porto Editora	135
4.4.9 As acepções de TOMAR registradas nos dicionários <i>on-line</i> de língua portuguesa	136
4.4.10 Critérios para a organização do <i>corpus</i> de análise	140
4.5 CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	141
5 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS DA PESQUISA.....	147
5.1 REGISTRO LEXICOGRÁFICO DO VERBO <i>TOMAR</i> EM DICIONÁRIOS <i>ON-LINE</i> DE LÍNGUA PORTUGUESA	147
5.2 DESCRIÇÃO DAS ACEPÇÕES DO VERBO <i>TOMAR</i> POR MEIO DA COMBINATÓRIA SINTÁTICA E DA COMBINATÓRIA LEXICAL SEGUNDO O MST	153
5.2.1 As acepções de <i>TOMAR</i> e sua combinatória sintática.....	155
5.2.2 As acepções de <i>TOMAR</i> e sua combinatória lexical	181
5.3 SUGESTÃO PARA O REGISTRO LEXICOGRÁFICO DO VERBO <i>TOMAR</i> EM DICIONÁRIOS <i>ON-LINE</i> DE LÍNGUA PORTUGUESA: “SOLUÇÃO POLISSÊMICA”	213
5.4 SUGESTÃO PARA O REGISTRO LEXICOGRÁFICO DO VERBO <i>TOMAR</i> EM DICIONÁRIOS <i>ON-LINE</i> DE LÍNGUA PORTUGUESA: “SOLUÇÃO HOMONÍMICA”	216
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	222
REFERÊNCIAS	227
APÊNDICE A – VERBETE DE <i>TOMAR</i> NO DICIONÁRIO <i>ABERTO</i>	231
APÊNDICE B – VERBETE DE <i>TOMAR</i> NO DICIONÁRIO <i>AULETE</i>.....	232
APÊNDICE C – VERBETE DE <i>TOMAR</i> NO DICIONÁRIO <i>AURÉLIO</i>	235
APÊNDICE D – VERBETE DE <i>TOMAR</i> NO DICIONÁRIO <i>HOUAISS</i>.....	236
APÊNDICE E – VERBETE DE <i>TOMAR</i> NO DICIONÁRIO <i>MICHAELIS</i>.....	239
APÊNDICE F – VERBETE DE <i>TOMAR</i> NO DICIONÁRIO <i>ONLINE</i>	243
APÊNDICE G – VERBETE DE <i>TOMAR</i> NO DICIONÁRIO <i>PORTO</i>.....	245
APÊNDICE H – VERBETE DE <i>TOMAR</i> NO DICIONÁRIO <i>PRIBERAM</i>	246

INTRODUÇÃO

Este trabalho, de caráter metalexigráfico, analisa as acepções registradas nos verbetes de TOMAR em dicionários de língua portuguesa disponibilizados *on-line*. O objetivo é verificar como os lexicógrafos descrevem o caráter altamente polissêmico desse verbo e, a partir dessa análise, propor a descrição das diversas acepções de TOMAR por meio da combinatória sintática e da combinatória lexical que essas acepções possam ensejar. O referencial teórico para a análise centra-se nos postulados descritivos da Teoria Sentido-Texto, teoria que tem como principais autores Igor Mel'čuk, Alexander Zholkovsky, Jurij Apresjan, André Clas e Alain Polguère¹. A finalidade com tal análise é trazer reflexões que possam auxiliar os lexicógrafos na difícil tarefa de organizar a informação lexical em verbetes cuja entrada é um verbo polissêmico; no presente estudo, entre tantos verbos que são polissêmicos na língua portuguesa, nossa atenção estará voltada apenas para o verbo TOMAR.

O registro lexicográfico de palavra polissêmica tem sido um desafio para aqueles que se debruçam a registrar as informações lexicais em dicionários, glossários etc. Isso porque há muitas decisões a serem tomadas quando se está diante das diversas acepções das palavras polissêmicas. Perguntas como: - *Qualquer acepção, de fato, faz parte do alcance semântico da palavra ou é uma nova palavra?* - *Se é uma nova palavra, deve fazer parte da nomenclatura do dicionário e constituir uma nova entrada lexical?* Essas questões são frequentes na prática lexicográfica e são perfeitamente justificáveis: o fenômeno da polissemia tem semeado debates a respeito de seu tratamento no campo lexicográfico e de sua classificação no campo de diferentes teorias linguísticas.

Como se poderá ver nesta dissertação, o critério mais utilizado pelos lexicógrafos, para organizar as acepções semânticas nos verbetes de entradas lexicais que apresentam polissemia, é de cunho etimológico, isto é, busca-se a origem das palavras, tendo como base duas situações: 1) quando há um mesmo étimo, para acepções diversas, classifica-se tal forma como palavra polissêmica; 2) quando há étimos diferentes, origens diversas, que por razões morfofonológicas afluíram para uma mesma forma, separam-se tais acepções em palavras homônimas, as quais constituem entradas independentes nos dicionários (com numeração sobrescrita indicando que se trata de palavras homônimas). Mas, será que apenas esse critério é suficiente para que o consulente entenda, por exemplo, que TOMAR, na acepção '*tirar (algo) de (alguém) e apossar-se desse algo; subtrair, arrebatat, usurpar*' (cf. *tomar a casa de alguém*), apresenta alguma relação de sentido aparente com a acepção '*ingerir alimentos*

¹ Segundo Mel'čuk (1997).

líquidos ou sólidos, medicamentos' (cf. *tomar Coca-Cola*) e, por essa razão, ambas as acepções devem fazer parte do verbete do verbo TOMAR nos dicionários de língua?

Considerando essas questões, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar como o verbete do verbo polissêmico TOMAR está estruturado em oito dicionários *on-line* de língua portuguesa, listar as acepções que são apresentadas pelos dicionaristas e, a partir disso, construir um *corpus* das acepções desse verbo constantes em tais dicionários. Os objetivos específicos estão centrados na análise dessas acepções no âmbito da prática lexicográfica da Teoria Sentido-Texto, especialmente no que se refere à combinatória sintática que essas acepções podem manifestar e à combinatória lexical, ou seja, às funções lexicais que descrevem o sentido de cada uma das acepções de TOMAR.

Com este estudo, pretendemos contribuir com o registro do verbo polissêmico TOMAR em dicionários *on-line* de língua portuguesa e sugerir uma reorganização das acepções desse verbo com base nos resultados da análise que faremos com fundamentação teórica nos pressupostos da Teoria Sentido-Texto.

O trabalho está assim organizado:

No capítulo 1, intitulado *O fenômeno da polissemia*, mostramos os pontos principais acerca desse fenômeno, constantes na literatura especializada. Na seção 1.1, abordamos a polissemia em relação às palavras ditas homônimas; na seção 1.2, já nos aproximando mais pontualmente do objeto de estudo desta pesquisa, tratamos das caracterizações dos verbos polissêmicos; por fim, na seção 1.3, realizamos uma breve exposição dos trabalhos acadêmicos que versam sobre as características polissêmicas do verbo TOMAR.

No capítulo 2, localizam-se as áreas em que nosso trabalho se situa no âmbito dos estudos lexicais: a lexicografia e a metalexicografia, esta última uma disciplina recente nos estudos lexicais. Na seção 2.1, discutimos o que se entende por lexicografia e sua relação com a lexicologia; na seção 2.2, apresentamos os tipos de dicionários, priorizando os dicionários gerais de língua (ou para grande público) – versão impressa, e os dicionários gerais de língua – versão *on-line*; a seguir, mostramos como são organizados os dicionários, sua macroestrutura e sua microestrutura, na seção 2.3 acerca da estrutura dos dicionários; para encerrar este capítulo, na seção 2.4, discorremos sobre a metalexicografia, uma disciplina coirmã da lexicografia, que objetiva, ao analisar as obras lexicográficas, contribuir com a prática lexicográfica.

O capítulo 3 é dedicado à apresentação da Teoria Sentido-Texto, a abordagem teórica lexicográfica que guiará nossa descrição das acepções de TOMAR. Na seção 3.1, apresentamos os pressupostos teóricos do Modelo Sentido-Texto; na seção 3.2, mostramos como se

organizam as zonas que estruturam um artigo de dicionário nos moldes dessa teoria; em especial, mostramos de forma mais detalhada a zona da combinatória sintática (seção 3.2.1) e a zona da combinatória lexical (na seção 3.2.2). As funções lexicais (especialmente definidas na seção 3.2.2.1) serão de grande importância em nossa análise. Encerramos esse capítulo com a seção 3.3, apresentando o ponto de vista de alguns teóricos da TST – Polguère (2002) e Mel’čuk e Milicévic (2014) – sobre o registro lexicográfico de palavras polissêmicas e de palavras homônimas.

No capítulo 4, trazemos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Na seção 4.1, apresentamos os critérios de seleção dos oito dicionários *on-line* de língua analisados. Na seção 4.2, refletimos sobre a tipologia dos dicionários utilizados como suporte para coleta do *corpus* desta pesquisa. As características macro e microestruturais dos dicionários analisados são consideradas na seção 4.3. Na seção 4.4, mostramos como ocorreu a seleção e a coleta dos dados, considerando as múltiplas acepções do verbo TOMAR, bem como mostramos como o *corpus* de pesquisa foi organizado (seção 4.4.10). No fechamento deste capítulo (seção 4.5) sintetizamos os critérios utilizados na análise dos dados.

No capítulo 5, apresentamos a análise dos dados propriamente dita e os resultados da pesquisa. Na seção 5.1, realizamos uma análise mais geral sobre a dicionarização de TOMAR, tendo como ponto de partida os problemas advindos do registro lexicográfico de itens lexicais que apresentam apenas uma forma e mais de um sentido. Na seção 5.2, analisamos as acepções de TOMAR e seu esquema de regime, ou seja, sua combinatória sintática (subseção 5.2.1); também analisamos as acepções de TOMAR e sua combinatória lexical – suas funções lexicais – (subseção 5.2.2). Com base no resultado dessas análises, na seção 5.3, apresentamos algumas sugestões para o registro lexicográfico das diferentes acepções de TOMAR em dicionários *on-line* de língua; e, na seção 5.4, apresentamos nossas sugestões para o registro lexicográfico de TOMAR de acordo com as duas zonas lexicográficas propostas pela TST de que fazemos uso: a zona da combinatória sintática e a zona da combinatória lexical.

Por fim, as considerações finais.

1 O FENÔMENO DA POLISSEMIA

Este capítulo objetiva mostrar como o fenômeno da polissemia é caracterizado nos estudos linguísticos e em que classes de palavras ele ocorre. Ao pesquisar em livros que tratam da semântica lexical e em manuais de linguística, constatamos que a definição do fenômeno propriamente dita e os problemas que ela enseja são sempre abordados de maneira contrastiva com outros fenômenos da semântica lexical, tais como a homonímia e a sinonímia.

Genericamente, como consta no verbete *polissemia* do Dicionário Houaiss (2011), este fenômeno está inserto nas rubricas *lexicologia* e *linguística* e trata da “[...] *multiplicidade de sentidos de uma palavra ou locução (p.ex., prato 'vasilha', 'comida', 'iguaria', 'receptáculo de balança', 'instrumento musical' etc.; pé de moleque 'doce', 'tipo de calçamento')*”. O dicionarista, no campo *gramática*, acrescenta:

[...] a polissemia é um fenômeno comum nas línguas naturais, são raras as palavras que não a apresentam; difere da homonímia por ser a mesma palavra, e não palavras com origens diferentes que convergiram foneticamente; as causas da polissemia são: 1) os usos figurados, por metáfora ou metonímia, por extensão de sentido, analogia etc.; 2) empréstimo de acepção que a palavra tem em outra língua (DICIONÁRIO HOUAISS, 2011, VERBETE POLISSEMIA).

O apontamento registrado no Dicionário Houaiss (2011) sobre como, muitas vezes, os fenômenos polissemia e homonímia são tratados nas obras lexicográficas já fica evidente: quando duas palavras (logo, étimos diferentes) convergiram foneticamente para uma mesma forma, trata-se de homonímia; quando uma palavra (portanto um étimo apenas) possui diversos sentidos, trata-se de polissemia. Assim sendo, mesmo que os sentidos das palavras homônimas sejam aproximados, no caso da dicionarização, tais itens serão registrados em entradas separadas. No caso de uma palavra polissêmica, mesmo que seus sentidos não possuam nenhum vínculo aparente, em dicionários de língua, tais sentidos serão registrados em uma única entrada dicionarística apenas, isto é, um verbete com subscritos numéricos que indicam suas variadas acepções.

Como é possível observar, a vinculação do fenômeno conhecido como polissemia já aparece, no próprio dicionário, atrelado a outro fenômeno afeito à semântica lexical: a homonímia. Nesta perspectiva, considerando que buscamos, neste capítulo, caracterizar o fenômeno da polissemia com base em autores clássicos da literatura linguística, tomamos a decisão de estruturar este capítulo com base na forma como os autores apresentam a polissemia, ou seja, mostrando suas propriedades a partir da aproximação e do distanciamento

que o fenômeno polissemia estabelece com outros fenômenos também da semântica lexical, em especial com a homonímia.

A partir dessa discussão, então, poderemos sintetizar as propriedades intrínsecas do fenômeno aqui estudado. Neste primeiro momento, buscamos na literatura especializada autores que abordam a questão sob a perspectiva de diferentes olhares teóricos. Por essa razão, optamos por estruturar este capítulo da seguinte maneira: na seção 1.1, destacamos as questões que envolvem a polissemia e a homonímia (cf. Palmer (1976), Lyons (1976-1979), Ullmann (1977), Kempson (1989), e Perini (2004)). Sabemos que existem outros autores mais contemporâneos no âmbito da semântica lexical que poderiam figurar entre os autores listados acima. Entretanto, a eleição destes autores para versar sobre a distinção entre polissemia e homonímia deve-se ao fato de que eles consideram a questão também da perspectiva lexicográfica, ou seja, tratam dos problemas que esses fenômenos semânticos podem acarretar para o registro de itens lexicais polissêmicos ou homônimos em dicionários. No final desta seção, procuramos sintetizar as características da polissemia que emergem das discussões feitas pelos autores sobre a polissemia e sua relação com a homonímia. Logo após, considerando que nosso objeto de estudo é uma unidade lexical de natureza verbal, o verbo TOMAR, na seção 1.2, apresentamos estudos direcionados aos verbos polissêmicos; e, na seção 1.3, elencamos estudos acadêmicos que descrevem as características polissêmicas do verbo TOMAR; particularmente, buscamos apresentar os objetivos, as perspectivas teóricas em que se baseiam tais estudos, bem como os resultados encontrados nas pesquisas sobre o caráter polissêmico de TOMAR que já foram realizadas por vários pesquisadores.

Feitos estes esclarecimentos iniciais, passemos à seção 1.1.

1.1 POLISSEMIA VS HOMONÍMIA

Palmer (1976) inicia sua reflexão sobre a distinção entre polissemia e homonímia afirmando que há casos em que uma mesma palavra pode ter um conjunto de significados e que, nessa condição, haveria a polissemia (PALMER, 1976: 65). O linguista informa que uma palavra polissêmica deverá constituir uma única entrada nos dicionários, mas suas diferentes acepções deverão constar no verbete. Nessa perspectiva, segundo Palmer: “[...] *o dicionário irá definir a palavra voo em, no mínimo, sete acepções: ‘passing through the air’, ‘power of*

flying, ‘air journey’, ‘unidade da Força Aérea’, ‘voleio’, ‘digressão’, ‘séries de passos’.” (PALMER, 1976: 65, aspas do autor, itálico nosso, tradução nossa)^{1,2}

O autor afirma ainda que, embora a polissemia pareça ser um fenômeno de definição aparentemente simples, há problemas, sim, na conceituação desse elemento linguístico. Isso acontece porque, para Palmer (1976), não há como determinar de maneira objetiva se dois significados são próximos e, portanto, devem figurar inseridos em uma mesma unidade polissêmica, ou se não possuem parentesco evidente ou aparente, logo são palavras distintas. Ademais, para Palmer, é de difícil resolução o apontamento do número de acepções, ou significados, que uma única palavra pode vir a ter:

First we cannot clearly distinguish whether two meanings are the same or different and, therefore, determine exactly how many meanings a word has. For a meaning is not easily delimited and so distinguished from other meanings. [...] The moral is that we ought not to look for all possible differences of meaning, but to look for sameness of meaning as far as we can, and that there is no clear criterion of either difference or sameness. (PALMER, 1976: 65-66).³

O que fica evidente no ponto de vista de Palmer (1976: 65-66) é o fato de que, para o linguista, o que parece ser necessário para se detectar a polissemia de um item lexical é não focalizar as diferenças que possam existir nos sentidos de uma mesma palavra, mas, sim, procurar por semelhanças entre os muitos significados que uma única palavra pode veicular. A partir dessa afirmação, entendemos que, para Palmer (1976), a polissemia consiste em uma mesma palavra apresentar um conjunto de sentidos que estão, de alguma maneira, vinculados entre si, isto é, precisa haver algum ponto comum entre eles, alguma semelhança. Todavia, de acordo com o autor, ainda assim permanecerá o problema de falta de um critério decisivo para sabermos se estamos diante de uma diferença total de significados, ou de semelhança/proximidade desses significados.

De outra maneira, quando a unidade lexical expressa um valor literal em um contexto, mas expressa um valor metafórico em outro, Palmer (1976: 66) diz que é, de certa forma, fácil identificar dois significados nessa mesma unidade lexical, ou seja, constatar que estamos

¹ “[...] the dictionary will define the word *flight* in at least the following ways: ‘passing through the air’, ‘power of flying’, ‘air journey’, ‘unit of the Air Force’, ‘volley’, ‘digression’, ‘series of steps.’.” (PALMER, 1976: 65, grifos do autor).

² Não traduzimos as três primeiras expressões citadas pelo autor, pois elas não têm equivalentes em português. Uma tradução aproximada seria “passar através do ar”, “poder de voar” e “jornada aérea”, as quais não correspondem às três primeiras acepções da unidade lexical *flight* em inglês.

³ Primeiramente nós não podemos distinguir claramente se dois significados são os mesmos ou diferentes e, ainda, determinar exatamente quantos significados uma mesma palavra tem. Porque um significado não é facilmente delimitado e diferenciado de outros significados. [...] A moral é que nós não devemos olhar para todas as diferenças possíveis de significado, mas olhar para a semelhança de significado tão longe quanto pudermos, e então não há critérios claros se há diferença ou semelhança. (PALMER, 1976: 65-66, tradução nossa).

diante de um vocábulo polissêmico. Porém, quando uma unidade lexical apresenta vários significados, isto é, não apenas sentidos gerados a partir de processos metafóricos, é difícil decidir se estamos diante de um vocábulo polissêmico ou de um vocábulo homonímico. Nas palavras do autor:

[...] there is the problem if one form has several meanings, it is not always clear whether we shall say that this is an example of polysemy (that there is one word with several meanings) or of HOMONYMY (that there are several words with the same shape). (PALMER, 1976: 67, grifo do autor).⁴

Tendo em conta apenas a definição apresentada para a polissemia e para a homonímia, percebemos que o autor prioriza os critérios semânticos para caracterizar esses fenômenos lexicais. Essa compreensão da polissemia e da homonímia que Palmer (1976) inicialmente apresenta é diferente da tomada de posição dos dicionários; esta última também apresentada pelo autor em seu texto.

Ao tratar das dificuldades que temos para determinar quando há polissemia e quando há homonímia, Palmer (1976) faz menção ao método utilizado por dicionaristas para diferenciar um vocábulo polissêmico de vocábulos homonímicos. Tal método aproxima-se daquele já mencionado pelo *Dicionário Houaiss* (2011): consideram apenas a etimologia das palavras em detrimento dos sentidos veiculados pelos itens lexicais. Deste modo, segundo o autor, os dicionários geralmente se fundamentam no critério etimológico:

In general the dictionaries base their decision upon etymology. If it is known that identical forms have different origins they are treated as homonymous and given separate entries; if it is known that they have one origin, even if they have different meanings, they are treated as polysemic and given a single entry in the dictionary. (PALMER, 1976: 68).⁵

Como as afirmações de Palmer (1976) já evidenciavam na década de 70, os lexicógrafos costumam analisar verbetes (com mais de uma acepção) de acordo com o critério etimológico. Caso o lexicógrafo tenha conhecimento de que o vocábulo tem apenas um étimo, ele registra as diferentes acepções desse vocábulo em uma única entrada. Esse procedimento atesta que se trata de um item lexical polissêmico, ou seja, um item com mais de um sentido e, ainda que seus sentidos não apresentem qualquer proximidade semântica, estarão agrupados

⁴ [...] há o problema de que, se uma forma tem muitos significados, não é sempre claro se devemos dizer que isso é um exemplo de polissemia (que há uma palavra com muitos significados) ou de HOMONÍMIA (que há muitas palavras com a mesma forma). (PALMER, 1976: 67, grifo do autor, tradução nossa)

⁵Em geral, os dicionários baseiam suas decisões na etimologia. Se é sabido que formas idênticas têm diferentes origens, elas são tratadas como homônimas e recebem entradas separadas; se é sabido que elas têm apenas uma origem, mesmo que elas tenham diferentes significados, elas são tratadas como polissêmicas e recebem uma única entrada no dicionário. (PALMER, 1976: 68, tradução nossa)

em um único verbete. Caso o lexicógrafo tenha conhecimento de diferentes origens da palavra (que apresenta identidade de forma, mas étimos distantes), essa palavra será considerada um caso de homonímia. Neste contexto, cada sentido veiculado pela palavra será registrado em entradas lexicais independentes e terão seu próprio verbete no dicionário.

Apesar de parecer haver, no tratamento dos fenômenos polissemia e homonímia a partir da etimologia da palavra, uma metodologia bem consolidada, trata-se de uma metodologia passível de críticas. Isso acontece porque, como evidenciado por Palmer (1976), o significado primeiro de uma palavra pode não refletir o estado atual dessa palavra ou, de maneira mais geral, o estado atual de uma língua. Na percepção do linguista, levar em consideração a etimologia de uma palavra, ou seja, fazer uso de um mecanismo diacrônico, pode levar a uma análise que não é compatível com o estado atual de uma língua, logo, pode não se ajustar ao conhecimento sincrônico de língua que o falante tem. Nas palavras do linguista: *“This is, however, far from satisfactory, for the history of a language does not always reflect accurately its present state”*. (PALMER, 1976: 68).⁶

Na apresentação da síntese das ideias de Palmer (1976), vimos que estabelecer limites claros entre a polissemia e a homonímia é bastante difícil. Outros autores, como Lyons (1976), também entendem que os critérios utilizados para se “[...] *distinguir pré-teoricamente entre estas duas noções são incertos*.” (LYONS, 1976: 193, itálico nosso).

Em seu livro *Introdução à Linguística Teórica*, Lyons (1979), a partir do ponto de vista da Semântica Tradicional⁷, aborda o fenômeno da polissemia e sua relação com a homonímia e com a sinonímia. Inicialmente, o autor aponta para o fato de que, diferentemente da sinonímia, em que há formas de palavras diferentes para um mesmo significado (*“identidade de significado”*), na homonímia há diferenças de significado em uma mesma forma de palavra (*“palavras distintas”*). (LYONS, 1979: 430). No entanto, há ainda outro quadro: é latente que há um fenômeno em que os significados de uma mesma forma não estão totalmente desconexos. Nas palavras do autor: *“Parece claro que alguns significados estão “relacionados” entre si de uma maneira em que outros não estão relacionados. Esse fato destrói a simetria da oposição simples entre sinônimos e homônimos”*. (LYONS, 1979: 431, itálico nosso).

⁶ *“Isso está, no entanto, longe de ser satisfatório, porque a história de uma língua nem sempre reflete precisamente seu estado atual”*. (PALMER, 1976: 68, tradução nossa, itálico nosso)

⁷ Para Lyons (1979: 428-429), a semântica tradicional, inserida na Gramática Tradicional, tinha na palavra, com sentido de lexema, a ideia de unidade básica da sintaxe. A palavra era, deste modo, um signo composto de duas faces: a forma e o significado. Mais ainda, no desenvolvimento da gramática tradicional, a relação semântica existente entre as palavras e as coisas era a denominação. Assim, a perspectiva tradicional de significado tinha na forma de palavra a “coisa” e o conceito era o significado.

Mais uma vez, assim como Palmer (1976), Lyons (1979) caracteriza os fenômenos (polissemia, homonímia e sinonímia) a partir de critérios estritamente relacionados ao sentido das palavras e não ao critério etimológico (critério comumente adotado pelos lexicógrafos). Percebe-se que o entendimento de Lyons (1979) sobre esses fenômenos parte da observação dos significados: uma única forma de palavra pode possuir diferentes significados que não possuem qualquer relação, mas é possível que haja, para uma mesma forma de palavra, um conjunto de significados que sim, estão relacionados.

Lyons (1979) continua sua reflexão sobre como os significados são relacionados e classificados na Semântica Tradicional e aponta para o fato de que, se a sinonímia dá conta das formas de palavras diferentes com um mesmo significado, e a homonímia tem em vista as formas de palavras iguais com significados distintos, há uma problematização a ser feita quando uma forma de palavra possui um conjunto de significados e esses significados não são tão distantes, ou seja, quando ainda é possível estabelecer uma proximidade semântica entre os vários significados expressos por uma mesma forma. Neste último caso, como já introduzido logo acima, para o autor, estaria em evidência um novo procedimento linguístico: a polissemia. O fenômeno da polissemia, portanto, segundo Lyons (1979), trata das formas de palavras iguais que não apresentam significados opostos, mas, sim, “relacionados”.

Acerca da metodologia adotada nos dicionários para classificar vocábulos homônimos e polissêmicos, Lyons (1979) revela que essa distinção é crucial para o lexicógrafo, pois, “[...] *o que ele classifica como “homônimos”, será alistado como palavras diferentes, ao passo que os significados múltiplos duma palavra terão uma única entrada no dicionário*”. (LYONS, 1979: 431, aspas do autor, itálico nosso). Deste modo, o autor destaca a importância da classificação de um item como polissêmico ou homonímico para os lexicógrafos. É, consoante o que defende Lyons (1979), extremamente relevante essa decisão para o lexicógrafo, tendo em vista o estabelecimento das entradas lexicais que compõem a nomenclatura dos dicionários, bem como na organização interna dos verbetes.

Ainda, para Lyons (1979), a distinção que o lexicógrafo estabelece entre polissemia e homonímia é problemática e, muitas vezes, parece ser estabelecida de acordo com o arbítrio de quem está lexicografando. Nas palavras do linguista:

A distinção entre homonímia e polissemia é indeterminada e arbitrária. Depende, em última análise, do juízo do lexicógrafo sobre a plausibilidade da “extensão” do significado, ou de alguma prova histórica de ter ocorrido particular extensão. A arbitrariedade da distinção entre homonímia e polissemia se reflete nas discrepâncias de classificação entre diferentes dicionários; no séc. XIX, essa arbitrariedade não diminuiu, antes aumentou, com o aperfeiçoamento dos métodos para o estudo da etimologia. (LYONS, 1979: 431).

Fica claro que, segundo o autor, as tomadas de decisão dos lexicógrafos – frente ao tratamento de um item lexical como polissêmico ou como homonímico – não obedecem a princípios claros e objetivos, uma vez que a distinção entre item polissêmico ou itens homônimos parece ser “indeterminada”, isto é, não se sabe o que levou o lexicógrafo a tomar uma certa posição. Outro problema que por vezes pode ocorrer, a partir de uma decisão arbitrária do lexicógrafo, é a divergência de classificação para mesmas formas, em diferentes dicionários. Caso o lexicógrafo responsável por um determinado dicionário entenda que há relação entre sentidos variados de uma mesma forma de palavra, lematizará tal unidade lexical como polissêmica; acontece que o mesmo item lexical pode ter uma classificação diferente em outro dicionário, caso o lexicógrafo deste outro dicionário entenda que não há relação entre os sentidos desse item lexical, acabará por lematizar esses sentidos em entradas independentes, ou seja, homônimas.

Como consequência dos apontamentos de Lyons (1979), fica evidente a arbitrariedade da classificação de itens como homonímicos ou polissêmicos por parte dos lexicógrafos, dado o fato de que, muitas vezes, não há consenso entre os próprios lexicógrafos sobre a classificação de uma palavra como polissêmica ou como fazendo par com sua homônima.

Lyons (1979: 432), assim como Palmer (1976), questiona a adoção do critério etimológico para diferenciar entre itens lexicais polissêmicos e homonímicos. Os argumentos levantados por Lyons (*op. cit.*) se centram no fato de que o consulente nem sempre sabe, ou quase nunca sabe, que duas formas de palavras iguais apresentam étimos distintos, isto é, origens diferentes, e que, por essa razão, constituem entradas independentes em um dicionário. Talvez esse problema pudesse ser sanado com a inserção de um bom comentário etimológico no corpo do verbete. No entanto, Lyons (1979) vai além e afirma que, havendo um conhecimento sobre a história ou etimologia da palavra, esse conhecimento não contribui para o uso ou interpretação sincrônica dessa língua. Nas palavras do autor: “*Qualquer conhecimento histórico que tenhamos sobre a evolução do significado das palavras é, em princípio, irrelevante para o seu uso e interpretação sincrônica*”. (LYONS, 1979: 432, itálico nosso).

Outro autor que inicia suas reflexões acerca da distinção entre polissemia e homonímia via discussão da sinonímia é Stephen Ullmann (1977). Este autor, em sua obra *Semântica*, inicialmente discorre sobre a disciplina Semântica e o estudo dos significados. Ullmann, citando uma reflexão de Demócrito, expõe as ideias do filósofo grego para o que claramente hoje reconhecemos como polissemia e sinonímia, respectivamente:

Demócrito viu com nitidez que há duas espécies diferentes de significado múltiplo: a mesma palavra pode ter mais do que um sentido e, inversamente, pode haver mais que uma palavra para exprimir a mesma ideia. (ULLMANN, 1977: 11).

Parece evidente que no léxico de uma língua temos unidades lexicais que apresentam vários significados, e significados que podem ser expressos por diferentes unidades lexicais. Tais fenômenos são, a princípio, facilmente reconhecidos pelos falantes e não geram ambiguidade lexical, ou seja, o significado de um item lexical polissêmico se atualiza em determinado contexto de uso. Se no léxico de uma língua houver outro item lexical para designar o mesmo significado, teremos um sinônimo que será passível de substituição em tal contexto. Todavia, Ullmann (1977) afirma que a ambiguidade lexical pode ser encontrada graças às formas de palavras que possuem mais do que apenas um sentido: “*Em inúmeros casos, mais que um sentido estará ligado com o mesmo nome [...]*”. (ULLMANN, 1977: 329, *itálico nosso*).

Para Ullmann (1977: 329-30), essa ambiguidade lexical se apresenta de duas maneiras: uma mesma palavra denota dois ou mais significados, há, então, polissemia; duas palavras possuem a mesma imagem sonora, com grafia igual ou diferente, há, neste caso, homonímia. Embora, para o linguista, a polissemia e a homonímia sejam fenômenos bastante diferentes, Ullmann (1977) não deixa de apontar que evidenciar os limites de cada um desses processos semânticos é bastante difícil.

Tratando mais pontualmente da polissemia, Ullmann (1977: 331-46) estabelece cinco fatores que poderiam estar em causa no surgimento de palavras ditas polissêmicas: (i) a mudança de aplicação; (ii) a especialização num meio social; (iii) a linguagem figurada; (iv) os homônimos reinterpretados e (v) a influência estrangeira.

O primeiro fator que influencia o surgimento de polissemia é, conforme Ullmann (1977: 331-333), a mudança de aplicação. Segundo o autor, muitas vezes, quando utilizamos unidades lexicais, podemos realizar imprecisões de significado. Isso acontece porque as palavras têm diferentes significados que são atualizados de contexto para contexto. Em um verbete de dicionário, os muitos sentidos de um verbo polissêmico podem aparecer elencados em ordem numérica crescente e separados. Já, no uso real, pode haver uma fusão imperceptível entre esses muitos significados. Assim, nos diferentes empregos de um determinado item lexical, graças ao seu contexto de uso, por exemplo, o significado desse item pode ser atualizado, fazendo surgir, assim, uma nova acepção polissêmica. Como exemplo deste fator responsável pela criação de polissemia, Ullmann apresenta o verbo inglês *rush* que quando se refere a pessoas e animais pode significar ‘correr, balançar-se, investir

com violência; fazer um ataque contra pessoas; ação temerária ou precipitada; passar ou viajar rapidamente'. Já no caso de esse verbo se referir a coisas, os sentidos que ele poderá atualizar são: 'mover-se, fluir, cair com grande velocidade; aparecer de súbito à vista'.

O segundo fator que também pode contribuir para o surgimento de palavras polissêmicas é a especialização no meio social. Essa condição linguística dá conta do fato de que, em determinados contextos especializados de uso, uma palavra pode ter associado ao seu sentido um novo conceito utilizado em determinada área técnica ou científica. Por ser um conceito recorrente e muitas vezes empregado por indivíduos que compartilham determinado conhecimento, torna-se irrelevante especializar a palavra polissêmica, pois, aqueles que a ouvem, sabem exatamente qual é o seu sentido naquele meio em que está sendo empregada, não necessitando de explicações para seu entendimento, como exemplifica Ullmann (1977):

Para um advogado *action* [ação] significará naturalmente «ação legal»; para o soldado significará uma operação militar, sem qualquer necessidade de um epíteto qualificativo. Deste modo, a mesma palavra pode adquirir um certo número de sentidos especializados, dos quais um só será aplicável em determinado meio. (ULMANN, 1977: 334, grifo do autor).

Assim, como se observa, para Ullmann (1977), palavras adquirem novos sentidos em um contexto de uso muito específico, graças aos participantes desse meio e à capacidade que o item lexical tem de veicular um conceito especializado, próprio de um grupo de indivíduos.

Como terceiro fator que contribui para o aparecimento da polissemia, Ullmann (1977: 336-339) cita o uso de linguagem figurada. O uso de figuras de linguagem faz emergir sentidos polissêmicos em determinadas palavras. Segundo Ullmann (1977: 336): “*Uma palavra pode adquirir um ou mais sentidos sem perder seu significado original: o velho e o novo viverão lado a lado, desde que não haja possibilidades de confusão entre eles.*”. Essas metaforizações podem ocorrer a partir da observação de semelhanças físicas entre elementos; como ocorre com a palavra *olho* que metaforicamente é utilizada, como exemplifica Ullmann (1977: 337), para designar: “o centro de uma flor, o grelo de uma batata, a marca da cauda de um pavão etc.”.

Além dos fatores já elencados até aqui, conforme Ullmann (1977: 339-341), outro fator contribui para o aparecimento de polissemia: os homônimos reinterpretados. De acordo com o autor, esse fenômeno ocorre quando duas palavras homônimas passam a ser classificadas como uma única palavra polissêmica. Nesse caso, os sentidos dessas duas palavras antes homônimas não são mais tão distantes:

Quando duas palavras têm som idêntico e a diferença de significado não é muito grande, temos uma certa tendência a considerá-las como uma única palavra com dois sentidos. Historicamente são casos de homonímia, uma vez que os dois termos provêm de origens diferentes; mas o locutor moderno, desconhecedor de etimologias, estabelecerá uma relação entre elas sobre bases puramente psicológicas. (ULLMANN, 1977: 340).

Como se vê, para Ullmann (1977), palavras antes consideradas homônimas, graças às origens diferentes, podem, em um estágio de língua atual, serem consideradas como uma única palavra que apresenta dois sentidos polissêmicos. Fica claro, aqui, que o critério sincrônico prevalece sobre o critério etimológico. Isso pode acontecer porque, mesmo que se possa identificar dois étimos diferentes, portanto duas palavras diferentes que afluíram para um mesmo som ou uma mesma forma, um falante não possui um conhecimento diacrônico acerca da etimologia dessas palavras e, ao reconhecer certa proximidade entre os sentidos expressos por essas palavras, considerará a existência de uma relação entre elas. Ocorre, assim, uma reinterpretação semântica e classificatória: o que antes eram palavras homônimas passa a ser um item lexical polissêmico. De acordo com Ullmann, esse é o caso do item lexical *ear* em inglês, que significa: (i) o órgão do corpo utilizado para audição e (ii) espiga de cereais. Suas origens vêm, respectivamente, do alemão *Ohr* e do latim *auris* (no primeiro caso), e do alemão *Ähre* e do latim *aceris* (no segundo caso). Sincronicamente, falantes de inglês consideram a existência de uma relação entre esses sentidos, tendo como base uma semelhança metafórica entre os dois referentes.

Por fim, como último fator responsável pelo surgimento de itens lexicais polissêmicos, Ullmann (1977: 341-346) apresenta a influência estrangeira. Essa influência acaba por se aproximar do que está expresso no *Dicionário Houaiss* (2011), conforme mostramos no início deste capítulo, que diz que uma das causas do surgimento de polissemia é o “*empréstimo de acepção que a palavra tem em outra língua*”. Segundo Ullmann (1977), uma palavra já existente em uma determinada língua pode sofrer alteração de significado graças à proximidade dessa língua com uma outra. Em outras palavras, quando uma língua está em contato com outra língua, uma palavra de uma língua x pode sofrer uma atualização de sentido graças a uma acepção que essa palavra apresenta em uma língua y. Esse fenômeno caracteriza o que Ullmann (1977) denomina *empréstimo semântico*, o qual é bastante passível de acontecer em lugares onde línguas convivem simultaneamente, caso de países como Angola, Moçambique, Suíça, Canadá, entre outros.

Para exemplificar como ocorre o empréstimo semântico, que origina o surgimento da polissemia por “influência estrangeira”, Ullmann (1977) traz o seguinte exemplo:

[...] assim o francês *parlement*, que significava originariamente «fala, discurso» (do verbo *parler* «falar») e que depois veio a designar um «tribunal judicial», adquiriu em data mais recente, sob influência do inglês *parliament*, o seu sentido de «assembleia legislativa», único significado no qual presentemente se usa [...]. Em muitos casos, contudo, o sentido antigo sobreviverá ao lado do novo, dando assim origem a um estado de polissemia. (ULLMANN, 1977: 342, grifos do autor).

Deste modo, percebemos, através do excerto acima, que, para Ullmann (1977), um empréstimo semântico pode conferir um novo sentido a uma palavra; por vezes, o sentido primeiro da palavra pode ser abolido, mas, em outras vezes, os sentidos existirão concomitantemente. Esse fato gera o surgimento da polissemia.

Após citar os fatores que contribuem para o surgimento da polissemia nas línguas, Ullmann (1977) volta a caracterizar o fenômeno em si. De acordo com o linguista, a polissemia não é uma falha das línguas, mas, sim, um mecanismo “essencial”, como se vê abaixo:

Uma breve reflexão mostrará que, longe de ser um defeito da língua, a polissemia é uma condição essencial da sua eficiência. Se não fosse possível atribuir diversos sentidos a uma palavra, isso corresponderia a uma tremenda sobrecarga na nossa memória: teríamos que possuir termos separados para cada tema concebível sobre o qual quiséssemos falar. A polissemia é um factor inapreciável de economia e flexibilidade da língua; o que é admirável não é que o maquinismo emperre de vez em quando, mas que emperre tão raramente. (ULLMANN, 1977: 347).

Assim, não haverá problemas de entendimento, no que diz respeito a uma palavra com diversos sentidos, pois, segundo Ullmann (1977), em contextos de fala, não importando quantos significados uma mesma forma de palavra possa ter, apenas um dos seus sentidos caberá naquela situação de comunicação.

Em suma, para o autor, a primeira diferença entre homonímia e polissemia é o fato de que a polissemia seria vantajosa para a língua, enquanto a homonímia seria dispensável, pois sua ausência tornaria a língua “mais eficiente”. A segunda diferença é a considerável maior extensão da polissemia (presente em um número maior de línguas), do que da homonímia, não tão estendida quanto a primeira, mas não menos frequente.

Outra semanticista que aborda o tema da polissemia é Kempson (1989). A autora apresenta brevemente o que seria o fenômeno da polissemia, distinguindo-o do fenômeno da homonímia, de acordo com o que considera “caracterizações tradicionalmente já conhecidas” dos fenômenos em questão.

Para a linguista, a homonímia surge quando há formas de palavras fonologicamente iguais, mas que não compartilham nenhuma relação de significado: “*Esse fenômeno de múltipla ambiguidade de palavras (fonológicas) é conhecido como homonímia, um termo*

tradicionalmente reservado aos significados não-relacionados das palavras”. (KEMPSON, 1989: 80)⁸. Segundo a autora, a polissemia seria, então, o fenômeno conhecido tradicionalmente como aquele que dá conta das palavras que possuem mais de um sentido apenas, e estes sentidos devem ser, necessariamente, aproximados, sendo suas diferenças apenas perceptíveis dentro do contexto.

Na *Gramática Descritiva do Português*, Perini (2004), de igual forma aos autores até aqui citados, trata concomitantemente de ambos os fenômenos, a homonímia e a polissemia, de modo a apresentar as diferenças entre eles. O autor ressalta que tanto a polissemia quanto a homonímia são “[...] *noções básicas que, não obstante sua importância, nunca foram convenientemente definidas.*” (PERINI, 2004: 250, itálico nosso), e acrescenta que ainda não há uma rigorosa descrição gramatical que permita “[...] *distinguir claramente esses dois fenômenos*”.

Perini (2004) afirma que é costumeiro, em palavras com mais de um significado, entender que temos homonímia quando os diferentes significados de uma mesma forma são considerados significados distintos, e que temos polissemia quando uma palavra apresenta diferentes acepções, ou seja, seus vários sentidos são aproximados (PERINI, 2004: 250). O autor também menciona que, tradicionalmente, palavras com mesma forma são classificadas em homônimas ou polissêmicas de acordo com critérios heterogêneos:

[...] distinguem-se duas palavras (dois itens lexicais) quando há uma diferença de classe gramatical, ou então quando há uma diferença semântica muito grande e nítida. No caso da classificação tendo em conta apenas o critério semântico, distinguir polissemia de homonímia torna-se um problema: “Como distinguir com segurança uma diferença semântica “grande” de uma “pequena”? (PERINI, 2004: 250).

Assim, conforme Perini (2004), não há um critério único que seja utilizado por lexicógrafos, ou que seja definido por lexicólogos, para caracterizar e diferenciar de maneira sistemática a polissemia e a homonímia. Na verdade, o que fica evidente é que a definição de ambos os fenômenos é clara, e estas definições já são conhecidas, mas os critérios utilizados para classificar unidades lexicais como pertencentes a um ou a outro fenômeno são heterogêneos: podem ser formais/morfológicos/gramaticais (por mudança da classe de palavra); ou podem ser semânticos (pelo distanciamento aparente e expressivo dos significados das palavras). Mais ainda, uma classificação baseada no sentido faz emergir o problema de como saber quando uma diferença de sentido passa a ser expressiva, para

⁸ “This phenomenon of multiple ambiguity of (phonological) words is known as homonymy, a term traditionally reserved for unrelated meaning of words”. (KEMPSON, 1989: 80).

determinar homonímia, assim como até onde pode se dizer que ainda há proximidade entre os sentidos, portanto polissemia?

Como vimos, o ponto de vista de Perini (2004) – segundo o qual não há um método capaz de se distinguir de maneira clara quando uma palavra é polissêmica ou homônima – encontra respaldo nas explicações apresentadas por Palmer (1976), que afirma que há problemas na aplicação do método de definição dos dois fenômenos baseado unicamente no significado (pois não há como se decidir de forma fundamentada quando um significado faz parte de outro e quando não faz parte).

Julgamos importante finalizar esta seção acrescentando o argumento de Perini (2004) acerca da razão pela qual não é fácil definir precisamente quando estamos diante do fenômeno lexical denominado *polissemia*. Para o autor, diferentemente do que possa parecer, a polissemia, ou seja, o fato de uma unidade lexical apresentar mais de um significado, não é um defeito das línguas, mas uma propriedade fundamental destas. Esta ideia também é defendida por Ullmann (1977), como vimos. Neste momento, importa reconhecer que concordamos com Perini (2004) quando ele diz que o fenômeno da polissemia

[...] confere às línguas humanas a flexibilidade de que elas precisam para exprimirem todos os inúmeros aspectos da realidade. Consequentemente, a maioria das palavras são polissêmicas em algum grau. Palavras não-polissêmicas são raras e frequentemente são criações artificiais, como os termos técnicos das ciências: fonema, hidrogênio, pâncreas etc. (PERINI, 2004: 252).

Nesta perspectiva, na esteira de Ullmann (1977), Perini (2004) consegue sintetizar a abrangência do fenômeno que chamamos de polissemia.

Levando em conta os apontamentos dos teóricos aqui elencados sobre a distinção entre polissemia e homonímia, elaboramos o quadro abaixo, a fim de sintetizar comparativamente a opinião dos autores acerca da distinção entre esses dois fenômenos.

Quadro 1 - Polissemia vs homonímia, conforme Palmer (1976), Lyons (1976-1979), Ullmann (1977), Kempson (1989) e Perini (2004)

Autores	Polissemia	Homonímia
PALMER (1976)	Uma mesma palavra tem um conjunto de significados.	Palavras diferentes com mesma forma.
LYONS (1976-1979),	Uma única palavra possui um conjunto de significados relacionados.	Palavras distintas em que há significados diferentes para mesmas formas.

ULLMANN (1977)	A mesma palavra denota dois ou mais significados.	Duas palavras que apenas possuem a mesma imagem sonora.
KEMPSON (1989)	Há vacilação de significado de contexto para contexto, para uma mesma palavra.	Há ambiguidade múltipla de palavras, significados não-relacionados de palavras.
PERINI (2004)	Diferentes significados contidos em uma única palavra.	Formas de palavras iguais, com significados distintos.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Palmer (1976), Lyons (1976-1979), Ullmann (1977), Kempson (1989) e Perini (2004).

Claramente, podemos observar no quadro 1 que as definições de polissemia e de homonímia tal como entendidas por Palmer (1976) e por Perini (2004) são praticamente paráfrases umas das outras. Ambos os autores focalizam a unidade lexical e sua possibilidade de apresentar vários significados, caso da polissemia; e em sua possibilidade de apresentar significados distintos veiculados pela mesma forma, mas que constituem unidades lexicais distintas, caso da homonímia. Já Kempson (1989) ressalta a importância do contexto para que se possa identificar os vocábulos polissêmicos e destaca a “ambiguidade múltipla” de uma forma de palavra que expressa significados não-relacionados. Lyons (1976-1979), por sua vez, chama a atenção para uma característica importante quando estamos diante da mesma forma que pode veicular vários significados: quando os significados são relacionados, temos a polissemia; quando os significados são diferentes, temos a homonímia.

Cumprindo ainda ressaltar que compartilhamos com Palmer (1976), com Lyons (1976-1979), com Ullmann (1977) e com Perini (2004) o ponto de vista de que os critérios adotados para diferenciar entre polissemia e homonímia ainda são imprecisos e heterogêneos.

Com finalidade de caracterizar o fenômeno da polissemia a partir dos pontos de vista apresentados nesta seção, elaboramos um segundo quadro que sintetiza a forma como cada um dos autores apresenta especificamente o fenômeno da polissemia. Tal quadro procura sintetizar como cada autor caracteriza o fenômeno, apresentar alguns exemplos trazidos pelos próprios autores em suas definições e colocar em evidência as classes gramaticais que os autores apontam como capazes de apresentar polissemia (ou as classes que elegem para exemplificar o fenômeno).

Quadro 2 - O fenômeno da polissemia de acordo com Palmer (1976), Lyons (1976-1977), Ullmann (1977), Kempson (1989) e Perini (2004)

Autores	Caracterização da Polissemia	Exemplos	Classes de palavras
PALMER (1976)	Uma mesma palavra tem um conjunto de significados aparentados.	<i>voo</i> = jornada aérea; digressão; voleio.	Verbos e substantivos.
LYONS (1976-79)	Significados múltiplos numa palavra, relacionados.	<i>boca</i> = parte do corpo; esgoto.	Substantivos.
ULLMANN (1977)	Uma mesma palavra denota dois ou mais significados.	<i>ação</i> = ação legal; operação militar.	Verbos, substantivos e adjetivos.
KEMPSON (1989)	Variação de significado dentro de um mesmo item lexical.	<i>correr</i> (em inglês "run") = correr; comandar.	Verbos e substantivos.
PERINI (2004)	Uma mesma palavra, com diversos significados.	<i>achar</i> = encontrar; pensar; considerar.	Verbos e substantivos.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Palmer (1976), Lyons (1976-1979), Ullmann (1977), Kempson (1989) e Perini (2004).

Esse quadro reflete um panorama geral, mas não cabal, das noções de polissemia encontradas na literatura especializada. Como vimos, Palmer (1976) caracteriza a polissemia como sendo o fenômeno em que uma única palavra tem um conjunto de diferentes significados, mas ainda assim relacionados uns com os outros. Problematisa a distinção entre homonímia e polissemia. Por fim, afirma ser difícil delimitar quando temos apenas uma palavra com vários significados, ou várias palavras diferentes cujas formas coincidem.

Já Lyons (1976-1979) explica a sinonímia como sendo fenômeno que abarca palavras com formas diferentes, mas com o mesmo significado; a homonímia como a coincidência de formas para significados distintos; e a polissemia como significados múltiplos não desconexos. Sua classificação consiste na apresentação dos fenômenos de acordo com a perspectiva da Semântica Tradicional. Este autor critica o fato de, em última instância, a classificação de um item como homônimo ou polissêmico ser realizada de maneira arbitrária pelo lexicógrafo; isto é, um determinado dicionário pode apresentar uma mesma forma de palavra com duas entradas, tratando-a como homônima de outra, e outro dicionário pode apresentar uma única entrada, classificando a palavra como polissêmica, por exemplo.

Ullmann (1977) diz que a polissemia é a manifestação de diversos sentidos de uma mesma palavra. O autor reflete sobre o fato de não ser uma desvantagem uma língua apresentar palavras polissêmicas, mas, antes, esse fato constitui um mecanismo positivo, já

que a polissemia é um fenômeno em que se agregam novos sentidos a palavras já existentes, configurando um mecanismo linguístico, antes de tudo, econômico.

Kempson (1989) apresenta a polissemia e a homonímia como fenômenos dicotômicos. Para a autora, na homonímia há formas de palavras fonologicamente iguais, mas significados não conectados; já na polissemia um item lexical apresenta variação do sentido conforme o contexto em que ocorre.

Por fim, Perini (2004) problematiza as metodologias heterogêneas utilizadas para a classificação de palavras polissêmicas ou homônimas (diferença de classe gramatical, distanciamento muito evidente do significado, por exemplo). De acordo com o autor, quando há diferença expressiva de significado para formas de palavras idênticas, os itens devem ser classificados como homônimos, isto é, palavras diferentes; quando há a mesma forma, mas com mais de um significado, desde que esses significados não apresentem diferenças expressivas, temos a polissemia, ou seja, uma palavra com várias acepções.

Tendo apresentado nesta seção a diferença entre os fenômenos conhecidos como polissemia e homonímia de acordo com autores reconhecidos no âmbito dos estudos linguísticos, na próxima seção, trataremos das diferentes contribuições teóricas, no âmbito da literatura especializada, para a caracterização da polissemia verbal.

1.2 VERBOS POLISSÊMICOS

Tendo em conta que o objeto de estudo da presente dissertação é a forma como ocorre o registro lexicográfico do verbo polissêmico TOMAR, julgamos necessário apresentar estudos já realizados acerca de verbos polissêmicos e refletir sobre as características específicas do fenômeno da polissemia quando ocorre com verbos.

Três foram os trabalhos acadêmicos que localizamos sobre verbos polissêmicos. São eles: Oliveira (1989), Matos (2006), Camargos e Faria (2011). Os pontos de vista dos autores sobre o assunto serão apresentados em ordem cronológica.

O primeiro estudo a ser apresentado é o de Oliveira (1989), estudo este centrado na polissemia verbal do português brasileiro. Oliveira (1989) analisa 100 verbos polissêmicos selecionados no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986); como critério de seleção de dados, a autora estabeleceu a recolha somente dos verbos que apresentassem, pelo menos, 20 sentidos, acrescentando aos sentidos registrados no Dicionário outros sentidos observados na imprensa (falada ou escrita).

A autora constatou, a partir dessa recolha de verbos polissêmicos e seus vários sentidos (os sentidos arrolados no *Dicionário Aurélio* e os sentidos identificados através da imprensa) que o verbo *dar* é o verbo em português brasileiro com maior produtividade de sentidos polissêmicos. Por essa razão, escolheu o verbo *dar* como seu objeto de análise. Tendo a polissemia como um fenômeno inserido no ramo da semântica, Oliveira (1989) adota como referencial teórico a Gramática de Casos.

Para Oliveira (1989: 36), a polissemia verbal é, muitas vezes, resultado de uma influência que os nomes selecionados pelos verbos acabam por exercer no sentido desse verbo. A autora explica que pode ocorrer uma permuta de campos semânticos entre os nomes selecionados por verbos polissêmicos, como se vê a seguir:

É inegável que o nome exerce influências no sentido do verbo, sendo, muitas vezes, seu caráter polissêmico explicado pela permutabilidade entre campos semânticos, fenômeno já estudado por nós em artigo intitulado - "A Permutabilidade entre Campos Semânticos". Verificamos [...] que muitas vezes essa permutabilidade se verifica exatamente pela ocorrência do verbo com nomes pertencentes a campos semânticos distintos. (OLIVEIRA, 1989: 36).

Assim, Oliveira (1989) afirma que as variadas leituras que um verbo pode apresentar decorrem de diferentes contextos sintáticos/semânticos em que eles aparecem. Em vista disso, pode parecer que a polissemia verbal é um fenômeno tautológico, pois um verbo é polissêmico porque aparece em diferentes contextos, mas esse verbo é capaz de aparecer em diferentes contextos justamente por ser polissêmico.

Como exemplo, dessa “*permutabilidade de campos semânticos*”, Oliveira (1989: 36) apresenta o verbo *atravessar* que, ao selecionar um argumento interno que indique localidade (*atravessou a fronteira*), será um verbo locativo, que indica a ideia de “passar de um lugar para outro”; já, ao selecionar um argumento interno como um nome abstrato, como, por exemplo, *momento*, passará a ser um verbo de experiencição, com sentido, justamente, de “experienciar”, “vivenciar”.

A autora sustenta que, apesar de um verbo apresentar um certo tipo de categorização em determinados tipos de análise, sua realização em contextos diversificados acaba por assinalar a sua inclusão em outros campos semânticos que não lhe são habituais. Isso ocorre, justamente, em decorrência do fato de que o verbo pode selecionar um argumento interno que acabe por acrescentar-lhe novo sentido. Esse mecanismo é explicado pela autora contrapondo a classificação do verbo *dar* na Gramática de Casos aos valores que esse verbo pôde assumir nos contextos identificados na pesquisa realizada:

Assim, o próprio verbo dar, apresentado na Gramática de Casos como um verbo do tipo A,B,O, apresenta, em nossa pesquisa, em função de seu caráter extremamente polissêmico, outras análises, em consequência de sua manifestação em contextos diferentes, fazendo frequentemente incursões em campos semânticos que, em seu sentido primitivo, não lhe são inerentes. (OLIVEIRA, 139: 39, grifo da autora).

Desta forma, Oliveira (1989: 34) caracteriza a polissemia verbal enfatizando os contextos em que os verbos podem ocorrer e o tipo de seleção dos argumentos que podem participar de construções linguísticas com esses verbos. Isto é, um mesmo verbo pode participar de diferentes contextos e nesses contextos selecionar argumentos de natureza semântica distinta, o que acaba por ampliar o seu significado, tornando-o, portanto, polissêmico.

Matos (2006) realiza um estudo na perspectiva da Linguística Cognitiva, sobre a relação dos variados sentidos de um verbo polissêmico do português com suas respectivas atribuições de papéis temáticos. A autora assume como pressupostos teóricos a Proposta de Papéis Temáticos (de Cançado (2003, 2005⁹)) e a Teoria de Lakoff e Johnson (1980, 2002¹⁰) sobre processos metafóricos intervenientes na criação de polissemia. Matos (op. cit.) analisou 76 verbos que apresentam mais de um sentido. Esses verbos foram retirados de Borba (1990)¹¹, de Fernandes (1990)¹² e do Aurélio (1975)¹³, e de situações informais de conversa.

Em um primeiro momento, a autora explica os papéis temáticos apresentados por Cançado (2003, 2005). Segundo Matos (2006), Cançado (2003, 2005) estabelece as seguintes propriedades semânticas que interferem na criação dos papéis temáticos: [...] “*ser desencadeador da ação/processo, ser afetado pela ação/processo, ser ou estar em determinado estado e ter controle sobre o desencadeamento, o processo ou o estado, abreviadamente, desencadeador, afetado, estativo e controle*”. (MATOS, 2006: 31, itálico da autora). Assim, na proposta de Cançado (2003, 2005), um verbo polissêmico apresenta uma “grade temática”. Essa grade vai sendo formada com as diferentes propriedades propostas pela autora, conforme o contexto oracional em que o verbo estiver inserido.

Matos (2006) analisa verbos polissêmicos do português brasileiro aplicando o princípio da grade temática, anunciado por Cançado (2003, 2005) e, com a finalidade de exemplificação, apresentamos aqui um dos verbos analisados por Matos, o verbo *abaixar*. Por

⁹ CANÇADO, Marcia. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. São Paulo: Contexto, p. 95-124.

CANÇADO, Marcia. Posições argumentais e propriedades semânticas. Delta 21. São Paulo, v. 1, p. 23-56.

¹⁰ LAKOFF, G., JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G., JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

¹¹ BORBA, F. S. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Unesp, 1990.

¹² FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. Porto Alegre: Globo, 1990.

¹³ FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

meio da oração *João abaixou a prateleira*, Matos (2006: 39) apresenta a grade temática do verbo *abaixar* como consistindo das seguintes propriedades semânticas: {desencadeador(controle), afetado}. Tais propriedades são provenientes da construção frasal que tem o argumento externo *João* como um desencadeador da ação expressa pelo verbo; esse *desencadeador* tem *controle* sobre a ação que ele efetua (não se trata de uma ação involuntária cometida pelo desencadeador); e há o argumento interno que é *afetado* pela ação expressa pelo verbo.

A outra abordagem de Matos, para o tratamento da polissemia, diz respeito à perspectiva cognitiva. Nessa ótica, Matos (2006) defende a ideia de que a polissemia verbal decorre de “*um processo de criação de metáforas, que se aplica a quase todos os verbos da língua*” (MATOS, 2006: 49). Com base na teoria de Lakoff e Johnson (1980, 2002), a autora assume que metáforas são “comparações” que os falantes fazem entre o conceito que desejam descrever e conceitos já existentes, e que estes têm, com o primeiro, uma relação de semelhança.

Deste modo, seguindo os apontamentos de Lakoff e Johnson (1980, 2002), Matos (2006) entende que novos sentidos de palavras são provenientes, também, de metaforizações realizadas pelos falantes. Mais precisamente, para a autora:

LAKOFF e JOHNSON assumem que as metáforas, armazenadas na nossa mente, refletem-se em expressões linguísticas, possíveis, por existirem metáforas no sistema conceptual de cada um de nós, embora não estejamos conscientes delas. No entanto, isso não impede que usemos esse recurso ao usar a língua, da mesma forma que usamos os princípios fonológicos ou as regras de sintaxe. (MATOS, 2006: 44-45, grifos da autora).

O entendimento de que a metaforização de sentidos literais, já existentes em uma palavra, como um fator que contribui para o surgimento de polissemia já foi apresentado por Palmer (1976), como mostramos anteriormente, na seção 1.1. Para Palmer (1976), quando uma palavra atualiza um valor metafórico em um determinado contexto, trata-se claramente de uma expansão polissêmica do significado de um item lexical. Desta forma, ao destacar o ponto de vista de Lakoff e Johnson (1980, 2002) sobre o processo de criação de novos sentidos a partir de metáforas, como um fenômeno que contribui para a expansão dos significados de verbos, Matos (2006) concorda com Palmer (1976), evidenciando o fato de tais metaforizações serem expansões de sentido regulares na língua e, assim, estas metaforizações serem responsáveis pela criação de polissemia. Ideia defendida também por Ullmann (1977), como vimos também na seção 1.1.

A partir de sua análise, Matos (2006: 45) defende a ideia de que toda metaforização advém de um sentido mais concreto, partindo para um sentido mais abstrato. De fato, para a autora: “[...] *a análise das metáforas conceptuais, sob o ponto de vista cognitivista, revela que partimos dos modelos de mundo concreto para conceptualizarmos modelos de mundo mais abstratos [...]*”.

Considerando o que se disse acima, observa-se que Matos (2006) admite que a polissemia dos verbos se origina a partir de dois fatores: o primeiro, baseado na proposta de Cançado (2003, 2005) acerca da rede temática resultante da seleção de argumentos dos verbos; neste caso, a autora considera que as diferentes propriedades temáticas de um argumento podem contribuir com o sentido do verbo que o selecionou; o segundo, retirado de Lakoff e Johnson (1980, 2002), é a criação de metáforas (processo cognitivo de comparação produzido pelos usuários de língua) realizado pelos falantes.

A partir da análise dos dados de sua pesquisa, Matos (2006) valida a hipótese de que os sentidos polissêmicos dos verbos no português brasileiro aparecem em um *continuum* gradativo. Em uma extremidade desse *continuum* está o verbo com seu sentido mais concreto (apresentando um significado em que a concreticidade se expressa por aquilo que é físico, ou aquilo que está em movimento) e na outra extremidade tem-se o verbo com sentido mais abstrato:

A afirmação dos autores de que a metáfora está presente na nossa maneira de falar sobre o mundo pode ser comprovada, empiricamente, pelos dados encontrados nesta pesquisa. Fez-se, a princípio, um levantamento de setenta e seis verbos. Observou-se que, a grande maioria dos verbos bem comuns do PB apresenta mais de um significado, tendo uma gradação do sentido mais concreto até o sentido mais abstrato. O sentido mais concreto, geralmente, relaciona-se a sentidos mais físicos e de movimento. (MATOS, 2006: 50).

Ao refletir sobre os dados de sua pesquisa, Matos (2006: 54) pressupõe que a polissemia dos verbos se dá a partir do significado mais concreto e, nesse estágio, entra em ação o processo de expansão de significado, que se dá por metaforização e pela seleção argumental dos verbos. O resultado desse processo de expansão gera verbos com significados mais abstratos. Isso significa, segundo Matos (2006), que verbos com propriedades que denotam sentido físico ou de movimento serão mais propícios à extensão de significados; portanto, mais suscetíveis à polissemia. Como exemplo dessa passagem de sentidos mais concretos para sentidos mais abstratos, pode-se citar o verbo *viajar*, que inicialmente aponta para uma experiência concreta: “partir de um lugar para outro”. No entanto, *viajar* pode veicular sentidos mais abstratos quando usado metaforicamente, por exemplo, ao se relacionar

a experiência da vida com o ato de “viajar” (“viajar” até uma encruzilhada da vida, “viajar” pela aventura do tempo etc.).

A conclusão de Matos (2006) é que a rede temática de um verbo contribui e afeta o processo de criação de metáforas. Assim, para a autora, tanto o mecanismo linguístico de criação de metáforas quanto as propriedades semântico-temáticas dos argumentos de um verbo colaboram para a criação de polissemia desse verbo.

Camargos e Faria (2011), também inseridos em uma visão cognitivista, realizam um estudo sobre verbos polissêmicos tendo como objetivo apresentar os mecanismos que atuam em verbos que, além de seus sentidos básicos, passam a veicular sentidos metafóricos. Os autores partem dos pressupostos apresentados por Matos (2006), estudo recém mencionado. Para Camargos e Faria (2011), esses sentidos polissêmicos dos verbos e seus sentidos metafóricos são originados na composicionalidade que os verbos estabelecem com seus argumentos. Os autores, ao analisarem as frases *As folhas acabaram* (acabar = terminar), *João acabou com o adversário* (acabar = vencer) e *Ele acabou o noivado* (acabar = desmanchar), mostram que, nesses contextos, o uso que os falantes fazem do verbo *acabar*, que, canonicamente, significa ‘deixar de existir, terminar’, resulta de um processo cognitivo decorrente da metáfora, mas também da composicionalidade da construção frasal. Nas duas últimas ocorrências, ainda permanece, mesmo que de forma opaca, o sentido de ‘terminar, deixar de existir, finalizar’ que encontramos em *As folhas acabaram*, mas o verbo *acabar* assume um sentido mais abstrato em função dos contextos em que ocorre. (CAMARGOS; FARIA, 2011: 13).

A partir dos resultados encontrados em sua pesquisa, e na esteira do estudo de Matos (2006), Camargos e Faria (2011) chegam à conclusão de que verbos polissêmicos possuem um sentido básico mais físico e sentidos derivados mais abstratos. Também se aproximam das conclusões de Matos (2006) no que diz respeito ao fato de defenderem a ideia de que os argumentos e suas propriedades semânticas interferem na manifestação da polissemia dos verbos.

Em resumo, nesta seção, vimos que, para Oliveira (1989), verbos apresentam sentidos diversos porque podem selecionar argumentos internos de natureza semântica muito diferente, ocasionando uma interferência de campos semânticos, o que acaba por contribuir para a formação da polissemia verbal.

Vimos também que Matos (2006) apresenta a polissemia verbal como proveniente de um processo cognitivo, bem como de um processo contextual dado pelas propriedades temáticas dos argumentos de um verbo. Verbos apresentam polissemia, pois participam de

processos metafóricos em que se parte de um sentido mais concreto para sentidos mais abstratos; logo, verbos cujos sentidos primitivos sejam mais físicos terão maior possibilidade de expansão para sentidos mais abstratos, o que acarreta maior ocorrência de polissemia nesses tipos de verbos. Outro fenômeno apontado por Matos (2006) que interfere na criação de metáforas – e, portanto, na expansão de sentidos polissêmicos de um verbo – é a grade temática de um verbo. Para a linguista, os aspectos semânticos que os argumentos de um verbo denotam contribuem para o processo de mudança de significado. As propriedades semânticas dos argumentos de um verbo desencadeiam e controlam o processo de metaforização de um verbo e, por conseguinte, do processo de criação de novos sentidos.

Por fim, Camargos e Faria (2011), na linha do estudo de Matos (2006), partem de uma perspectiva cognitivista, associando o processo de criação de polissemias a processos metafóricos. Também apontam o fato de os argumentos dos verbos contribuírem para os diferentes sentidos polissêmicos que um verbo pode manifestar.

No quadro a seguir, é possível observar uma síntese das definições de polissemia verbal apresentadas nas pesquisas apresentadas nesta seção.

Quadro 3 - A definição de polissemia verbal conforme Oliveira (1989), Matos (2006) e Camargos e Faria (2011)

Autores	Caracterização do fenômeno	Exemplificações
OLIVEIRA (1989)	Analisa a polissemia verbal a partir da Gramática de Casos. Verbos apresentam sentidos diferentes porque se relacionam, nas construções frasais, com elementos de casos muito diferentes uns dos outros. Há, assim, uma mútua interferência de campos semânticos (entre os verbos e seus argumentos com seus casos).	<i>João deu um presente a Maria.</i> <i>João deu-me uma grande lição.</i> <i>Aquele dicionário não dá todos os significados daquele verbo.</i>
MATOS (2006)	Apresenta a polissemia como um processo cognitivo. Verbos apresentam polissemia pois participam de processos metafóricos, em que se parte de um sentido mais concreto, para sentidos mais abstratos; logo, verbos cujo sentido primitivo seja mais físico, terão maior possibilidade de expansão para sentidos mais abstratos.	<i>A menina partiu a maçã.</i> <i>A moça partiu o coração do rapaz.</i> <i>Este artigo partiu de um simples trabalho de aula.</i>
CAMARGOS E FARIA (2011)	Assim como o estudo de Matos (2006), o qual seguem, os autores partem de uma perspectiva cognitivista, associando o processo de criação de polissemias a processos metafóricos. Também apontam o fato de os argumentos dos verbos contribuírem para os diferentes sentidos polissêmicos desse verbo.	<i>Ele saiu da sala de aula.</i> <i>Ele se saiu mal no exame final.</i> <i>João saiu do assunto quando se sentiu pressionado.</i>

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Oliveira (1989), Matos (2006) e Camargos e Faria (2011).

Em síntese, independentemente da linha teórica adotada, os estudos brevemente apresentados nesta seção colocam em evidência duas características da polissemia verbal: (i) a seleção que o verbo faz de seus argumentos parece ser fator determinante para a construção de seu sentido; e (ii) tal seleção ocorre em contextos linguísticos diversificados. Por fim, para os autores da visão cognitivista, a metáfora como um processo intrínseco da cognição humana é a fonte para que sentidos mais concretos sejam ressignificados para sentidos mais abstratos.

Na próxima seção, veremos mais pontualmente os estudos já realizados sobre a polissemia do verbo TOMAR.

1.3 ESTUDOS ACERCA DAS CARACTERÍSTICAS POLISSÊMICAS DO VERBO *TOMAR*

Esta seção objetiva apresentar ao leitor um breve panorama dos trabalhos acadêmicos (artigos, dissertações e teses) que abordam o fenômeno da polissemia tendo como foco de observação o verbo TOMAR. Esse procedimento justifica-se na medida em que precisamos compreender quais são as abordagens teóricas que sustentam esses trabalhos, como foram feitas as análises e quais os achados que esses autores encontraram acerca do caráter polissêmico desse verbo. Com base nas respostas a essas questões, poderemos apontar as diferenças entre a pesquisa que realizamos nesta dissertação e as pesquisas realizadas por outros autores. Em nossa busca na internet e em bibliotecas físicas, encontramos três trabalhos acadêmicos que versam sobre a polissemia do verbo TOMAR. São eles: Santos (2011), Pederneira (2014) e Merlo (2015).

Cronologicamente, a primeira pesquisa realizada sobre a polissemia do verbo TOMAR é a tese de doutorado de Santos (2011). Trata-se de uma pesquisa diacrônica, realizada à luz dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva¹⁴. Santos (2011), em sua tese, procura identificar os usos do verbo TOMAR em três períodos da história da língua portuguesa (arcaico, clássico, contemporâneo), verificando ao longo dos séculos quais sentidos eram os mais prototípicos e quais eram os mais periféricos. A autora também objetivou evidenciar

¹⁴ Os estudos que fundamentam a pesquisa de Santos (2011), entre outros, são: Teorias do Protótipo, da Metáfora Conceptual, dos Esquemas de Imagens, dos Frames e os estudos realizados por Langacker (2006, 1999, 1991), Talmy (2000, 1988), Silva (2006a, 1999), Geeraerts (2006a) Newman (1996), Lakoff e Johnson (1980, 2002), Lakoff (1987), Johnson (1987), Taylor (1996), Heine (1997), Batoréo (2000), Teixeira (2000), Fernandes (2000), Coimbra (1999), Miranda e Name (2005), Castilho (2001), Salomão (1999, 2008), Almeida (2009). (cf. SANTOS, 2011: 22).

quais foram os mecanismos cognitivos que contribuíram para a conceptualização das diferentes acepções deste verbo.

Ao iniciar sua análise sobre a etimologia do verbo TOMAR, Santos (2011) aponta para o fato de que não há um consenso, para alguns lexicógrafos como os responsáveis pelos dicionários *Michaellis*, *Aurélio* e *Houaiss*, quanto à origem do vocábulo TOMAR:

“Todavia, algumas distinções em relação às obras já citadas encontram-se nos dicionários de Michaellis (2002), de Aurélio Ferreira (1999) e de Houaiss (2004), pois, além de serem inventariados os diferentes usos de “tomar”, há indicações, ainda que concisas, sobre a sua etimologia. Enquanto o primeiro lexicógrafo faz menção a uma possível origem saxônica para o verbo analisado, *tomian*, os dois últimos a indicam como “incerta” e “obscura”. (SANTOS, 2011: 77, grifos da autora).

Além desses lexicógrafos, Santos (2011) menciona outros estudiosos, os quais redigiram dicionários etimológicos da língua portuguesa, os quais também divergem sobre a origem do verbo TOMAR, reforçando que não há um consenso sobre a etimologia desse verbo e, mais do que isso, a autora ressalta que há dúvidas sobre qual seria o étimo de TOMAR:

“Quanto aos dicionários etimológicos de língua portuguesa propriamente ditos, observa-se que a questão acerca da origem de “tomar” não está bem resolvida. Para alguns estudiosos da língua portuguesa, como Antenor Nascentes (1966), Antonio Geraldo da Cunha (1986) e José Pedro Machado (1967), o étimo de “tomar” é, da mesma forma, apontado como “desconhecido”, “duvidoso” e “obsuro”. [...] Não obstante a diversidade de pontos de vista apresentados acerca da questão referida, Corominas e Pascual (1997, p. 539-542) destacam que há duas teses para a explicação da etimologia do item lexical em foco: uma, defendida por Meyer Lübke (1911), que considera “tomar” como parte da família onomatopeica do francês, *tomber*, que significa “cair”, e uma outra, advogada por alguns estudiosos citados a seguir¹⁵, que consideram “tomar” como uma sobrevivência do verbo latino *autumare*, correspondente a “afirmar”, no sentido de “proclamar o direito de um a um objeto”. (SANTOS, 2011: 77-8, grifos da autora).

Com base nos estudos que apresentam a provável origem do verbo TOMAR, Santos (2011) acredita ser mais aceitável pensar que a origem do verbo TOMAR é latina, isto é, seria oriundo do verbo latino *autumare*. Conforme Santos (2011: 82), defendem esse ponto de vista autores como Corominas e Pascual (1997), María Moliner (2001) e Pastor Milán (1990), esta última baseia-se nos apontamentos de Glover (1971) e Pío Rajna (1919).

¹⁵ Santos (2011) considera que o verbo *tomar* se originou do verbo latino *autumare*, com base nos apontamentos de Corominas e Pascual (1997) e de María Moliner (2001), os quais defendem que o verbo *tomar* tem no étimo em latim a ideia de “confirmar um direito”. Santos (2011) ainda cita outros autores que também apontam nessa direção, como Pastor Milán (1990), baseado nos apontamentos de Glover (1971) e Pío Rajna (1919), que defendem que *autumare* deu origem ao verbo *tomar*, com sentidos de “aceitar”, “afirmar”, “asseverar”, e, com sentidos menos corrente, como “pensar”, “julgar” e “crer”. (SANTOS, 2011: 78-9).

Ao analisar os dados de sua pesquisa, Santos (2011: 263) conclui que, nos usos verificados em seu *corpus*, os distintos sentidos de TOMAR partem de uma base “experiencial física”. No período arcaico da língua portuguesa, a autora afirma que o verbo TOMAR tinha usos que indicavam um movimento físico-espacial, com um sujeito animado e um objeto capaz de ser manipulado, evidenciando noções de posse (provisória ou apropriação por poder, força ou direito).

No português clássico, de acordo com a autora, os sentidos físicos-espaciais, como, por exemplo, *apropriar-se de algo tangível, alheio, por tempo indeterminado, para exercer sobre ele poder e/ou direito*, se tornaram mais abstratos por meio de um processo de criação de metáforas e metonímias que conferia, aos sentidos físico-espaciais, sentidos mais próximos dos domínios abstratos ou não físico-espaciais, como, por exemplo, *adquirir poder sobre algo* (SANTOS, 2011: 211-12). Assim, nessa época, além dos sentidos físicos-espaciais, há o surgimento de sentidos não físico-espaciais. Essa metaforização (de sentidos mais concretos para sentidos mais abstratos) verificada por Santos (2011), em relação ao verbo TOMAR ao longo do período clássico do português, vai ao encontro das conclusões apontadas por Matos (2006) e por Camargos e Faria (2011), ambas apresentadas na seção 1.2, acima, segundo a qual existe, na expansão de significado de um verbo através de metáforas, a passagem de um sentido prototípico mais físico para sentidos mais abstratos.

No português contemporâneo, Santos também observou que há um movimento de mudança de sentidos mais básicos para sentidos mais abstratos, como já havia acontecido no período clássico. Segundo Santos (2011), nos séculos XIX e XX:

[...] se consolidou a desprototipização dos valores “pegar algo tangível, disponível ou alguém, para uma finalidade prática e provisória” e “apropriar-se de algo tangível, alheio, por tempo indeterminado, para exercer sobre ele poder e/ou direito”, surgindo um novo uso físico-espacial parafraseado como “ingerir substância líquida ou sólida, disponível, para fins medicinais e para alimentação”, o qual passou a salientar-se numérica e conceptualmente, assim como os usos não físico-espaciais que expressam percepções cognitivas, opiniões, atitudes mentais e atributos, projetados no domínio mental ou epistêmico por meio das metáforas conceptuais [...]. (SANTOS, 2011: 164, grifos da autora).

Por fim, Santos (2011) também observa que esse mecanismo de tornar mais abstrato o sentido do verbo acaba por facultar seu uso como verbo-suporte, ocorrendo uma espécie de “desbotamento semântico”. Nas palavras da autora:

[...] o processo ascendente e gradual de abstratização dos seus usos físico-espaciais no português contemporâneo aconteceu juntamente com o aumento do número de ocorrências em que esse verbo aparece como suporte ou integra formas fixas, o que

já era registrado desde o português arcaico com menor intensidade e como uma evidência do contínuo e moderado desbotamento semântico que esse item lexical vem apresentando ao longo dos séculos, em paralelo à conservação dos vestígios da sua significação primária, básica. (SANTOS, 2011: 264-65).

A pesquisa de Santos (2011) é muito interessante, pois traz evidências de que o fenômeno da polissemia do verbo TOMAR não deriva de um processo recente na língua portuguesa. Antes, este verbo já mostrava seu caráter polissêmico no período arcaico, caráter esse que se acentuou ao longo do tempo.

Além disso, a abordagem de Santos (2011), a qual mostra que ao longo da história da língua portuguesa sentidos mais concretos do verbo TOMAR foram sofrendo metaforizações, está de acordo especialmente com a posição de Matos (2006), apresentada na seção 1.2, acima, sobre a metaforização de verbos como um processo de criação de polissemias. Nesta perspectiva, segundo Matos (2006), verbos que expressam sentidos mais físico-espaciais são mais afeitos a processos metafóricos, o que faz com esses verbos acabem por apresentar sentidos polissêmicos mais abstratos. O trabalho de Santos (2011) aponta para a mesma conclusão no que diz respeito ao verbo TOMAR na história da língua portuguesa: um dos fatores que contribuiu para a vasta polissemia de TOMAR foi a metaforização de sentidos mais concretos para sentidos mais abstratos.

O segundo trabalho acadêmico que encontramos em nossa busca é o artigo intitulado *Verbos leves no português brasileiro: uma nova proposta*, de autoria de Pederneira (2014), um trabalho que tem como suporte teórico o Modelo Construcionista¹⁶. Trata-se de um estudo sobre o comportamento sintático de sentenças do português brasileiro em que a polissemia é gerada pela presença de verbos leves¹⁷. O objetivo de Pederneira (2014) é analisar essas sentenças em relação às respectivas configurações sintáticas, o que torna possível apresentar diferenças semânticas nos verbos leves emergidas do tipo de construção frasal. Os verbos analisados pela autora são PEGAR e TOMAR.

A hipótese que Pederneira (2014) defende é que são os comportamentos sintáticos desses verbos que acarretam o surgimento de diferentes significados nas sentenças observadas. Segundo Pederneira (2014), um verbo leve deve participar de uma construção em que apareça um complemento ou modificador, que são os responsáveis pelo surgimento de diferentes significados.

¹⁶ Os autores que circunscrevem a pesquisa de Pederneira (2014) são: Borer, H. (2005); Butt, M. (2010); Grimshaw, J. e Mester, A. (1988) e Marantz, A. (1997).

¹⁷ De maneira consensual, na literatura especializada, entende-se por verbos *leves* aqueles verbos que não possuem carga semântica relevante, diferentemente dos verbos plenos.

Especificamente em relação ao verbo TOMAR, para Pederneira (2014: 11), as diferentes acepções desse verbo - como *tomar o ônibus*, no sentido de ‘embarcar em’, e *tomar banho*, no sentido de ‘banhar-se’ - estão diretamente vinculadas às construções sintáticas, e não ao verbo em si; mais precisamente, a construção do evento sintático é que permite que essas acepções se manifestem. A razão para isso não é outra que o fato de fato de TOMAR se enquadrar na categoria dos verbos leves.

O estudo de Pederneira (2014), por estar baseado em uma abordagem Construcionista, mais especificamente, no modelo Exo-esqueletal, defende que as raízes, unidades morfêmicas das palavras, não têm conteúdo semântico antes da fase sintática, ou seja, não apresentam significado no léxico, mas a construção de sentido se dá na fase pós-sintática, no arranjo de um item com o outro dentro das estruturas. Nas palavras da autora:

Este trabalho está baseado no modelo de gramática Exo-esqueletal, cuja principal contribuição diz respeito ao fato de que não há qualquer conteúdo semântico proveniente da raiz nas fases sintáticas e que, portanto, significados básicos precisam ser correspondidos por algum item sintático. (PEDERNEIRA, 2014: 11).

Considerando os apontamentos apresentados por Pederneira (2014), infere-se que, no ponto de vista da autora, TOMAR não parece ser *a priori* um verbo polissêmico, visto que a teoria adotada pela autora não leva em conta o léxico como um conjunto de formas que possuem significados listados previamente; mas a polissemia do verbo TOMAR se daria, nas orações, pela construção sintática das sentenças em que o verbo se encontra, daí o surgimento das “versões leves” do verbo em questão.

A partir da análise dos dados de sua pesquisa, Pederneira (2014: 13) afirma que o verbo TOMAR possui três versões leves, as quais seriam: *tomar suco* (‘ingerir líquido’); *tomar ônibus* (‘embarcar no ônibus’) e *tomar susto* (‘levar susto, assustar-se’). A partir das estruturas sintáticas com as acepções leves do verbo TOMAR, a autora afirma que as diferentes organizações de dominância entre os DPs¹⁸ constituintes das sentenças seriam responsáveis pelas diversas acepções do verbo TOMAR:

Os três usos do verbo *tomar* estão inseridos em uma estrutura de evento rotulados com o sabor de Atividade. Os feixes dos DPs vão ter a responsabilidade de diferenciar o sentido da sentença. Além disso, a direcionalidade do Evento será importante, como podemos ver na diferença entre as sentenças “tomar um suco” e “tomar um ônibus”. (PEDERNEIRA, 2014: 14, grifos da autora).

¹⁸ O DP é um constituinte oracional estabelecido pela Sintaxe Gerativa, ou seja, é uma das diferentes projeções possíveis de uma oração (entre algumas outras projeções oracionais estão: VP (*verb phrase*); PP (*prepositional phrase*), etc). Trata-se de um constituinte oracional que tem como núcleo um determinante.

A partir da análise de seus dados, Pederneira (2014) conclui que as diferentes estruturas sintáticas de eventos veiculadas pelo verbo TOMAR fazem surgir novos significados para esse verbo. O gatilho para esse surgimento se dá, segundo a autora, pelo fato de o verbo leve participar de uma construção que contém um complemento:

Como podemos ver, o mecanismo sintático, com os nós funcionais, pode capturar comportamentos sintáticos que fazem surgir seus significados. A razão por que podemos afirmar que a configuração sintática é responsável por diferentes significados é em grande parte devido ao fato de que o verbo precisa estar em um complexo com um complemento, na construção de um evento (atividade, fim, percurso, mudança de curso e estado), [...]. Além disso, ainda é preciso restringir o tipo de sujeito e complemento, porque eles trazem importantes contribuições para o significado da estrutura argumental. (PEDERNEIRA, 2014: 15).

O estudo de Pederneira (2014) indica que TOMAR, como verbo leve, não é totalmente esvaziado de sentido quando observado dentro da estrutura sintática. Esse estudo também auxilia no entendimento de como acontecem os acréscimos de novos sentidos no verbo TOMAR. Esses novos sentidos são passíveis de serem veiculados pelo verbo dentro da estrutura sintática, conforme, justamente, o complexo sintático em que ele estiver.

Por fim, o último trabalho que investiga o verbo TOMAR a ser apresentado nesta seção é o estudo de Merlo (2015), um trabalho de conclusão de Curso de Especialização, intitulado *Verbo Tomar: polissemia e papéis temáticos*¹⁹. Em sua pesquisa, a autora procura circunscrever os motivos que colaboram para o caráter altamente polissêmico do verbo TOMAR, bem como os papéis temáticos selecionados pelos diferentes significados (relacionadas entre si, portanto, polissêmicos) do verbo TOMAR. O objetivo final do estudo é refletir sobre a necessidade de a prática educacional na escola incluir o estudo da polissemia, visto que se trata, segundo Merlo (2015: 1), de um fenômeno abundante da língua portuguesa. Outra razão apontada pela autora, para o tratamento da polissemia na educação básica, está no fato de a prática escolar geralmente se ater ao estudo da regência e da conjugação verbal e não dar conta dos numerosos significados de um único item lexical verbal.

Para atestar as diferentes acepções de TOMAR, a autora utilizou os dicionários *Dicio* (2015), *Dicionário Online de Português*, e *Aurélio* (2015), *Dicionário Aurélio de Português On-line*. A partir da pesquisa nesses dicionários, a autora aponta, primeiramente, os diferentes significados listados para o verbo TOMAR. Dados os exemplos extraídos dos dicionários, Merlo (2015: 9) afirma que, atualmente, alguns usos do verbo TOMAR são recorrentes no

¹⁹ Como bibliografia norteadora do estudo, o trabalho de Merlo (2015) fundamenta-se em Lyons (1981), Matos (2006), Cançado (2008) e Perini (2008, 2010).

português brasileiro, enquanto outros ocorrem com frequência bastante menor, como ‘pegar’, ‘apanhar’, ‘envolver-se’, entre outros.

Posteriormente, Merlo (2015: 12-4) passa a apresentar os papéis temáticos presentes nas diferentes acepções do verbo TOMAR. Com sujeito agente, a autora aponta os sentidos ‘pegar em, agarrar, segurar’ e ‘apanhar’. Já na acepção em que há o papel temático tema, tem-se os significados de TOMAR como ‘ocupar, preencher o tempo’. Nas acepções em que há um sujeito paciente, os significados de TOMAR são ‘receber’ e ‘surpreender’; com sujeito experienciador, o sentido é ‘deixar-se envolver’. Já quando há um objeto paciente, os sentidos que aparecem são ‘conquistar’ e ‘ingerir’. Quando há o papel temático objeto estativo, o sentido é ‘dirigir-se’. Por fim, quando há o papel temático de fonte, o sentido é ‘deixar-se envolver’ ou ‘dominar-se’. A partir desse mapeamento dos sentidos de TOMAR, Merlo (2015: 14) constata que TOMAR atribui diversos papéis temáticos, sendo os mais usuais: sujeito agente, sujeito paciente, objeto paciente e objeto estativo.

Como conclusões de seu estudo, Merlo (2005) aponta que o verbo TOMAR não apresenta construções ergativas²⁰. Por fim, salienta a importância de se trabalhar o fenômeno da polissemia no ensino escolar, por se tratar de um conhecimento intuitivo, já internalizado pelo falante, não necessitando de uma aprendizagem artificial e mecanizada.

Em síntese, nesta seção, procuramos mostrar as características polissêmicas de TOMAR a partir de três estudos acerca desse verbo: o de Santos (2011), o de Pederneira (2014) e o de Merlo (2015).

Santos (2011) apresentou as acepções de TOMAR ao longo dos períodos arcaico, clássico e contemporâneo da língua portuguesa. O objetivo principal da autora foi apresentar quais sentidos do verbo eram os mais prototípicos em cada período e como novos sentidos do verbo TOMAR foram surgindo. Uma das principais conclusões da autora foi a de que o verbo TOMAR sofreu uma grande ascensão de sentidos polissêmicos ao longo dos diferentes períodos pelos quais a língua portuguesa passou. Também de acordo com essa autora, parece haver na metaforização dos sentidos de TOMAR uma passagem de sentidos mais concretos (físicos-espaciais) para sentidos mais abstratos.

Pederneira (2014) objetivou observar sentenças com verbos leves em que houvesse polissemia, tendo como hipótese a ideia de que a construção sintática interfere no surgimento

²⁰ Construções ergativas são construções também chamadas de inacusativas. Acontece que em uma oração com verbo transitivo, e posições de sujeito e objeto ocupadas, pode ocorrer um paralelismo entre essa construção com a ergativa: nas ergativas, o antes objeto da construção transitiva passa agora a sujeito e, o termo antes sujeito da frase transitiva é elidido. As construções passivas e com verbos que são (ou em um determinado contexto funcionam como) intransitivos são exemplos de construções ergativas. (FRANCHI, 1989).

de diferentes acepções do verbo TOMAR (e PEGAR). Assim, para a autora, o caráter polissêmico de um verbo leve parece estar diretamente relacionado com o complexo sintático formado pelo verbo e seu complemento.

Por fim, o estudo de Merlo (2015) procurou dar visibilidade aos papéis temáticos mais frequentes em construções com o verbo polissêmico TOMAR e ressaltar o fato de a polissemia ser um fenômeno que deve ser abordado no ensino básico de língua portuguesa.

A fim de evidenciarmos as contribuições dos autores estudados nesta seção para caracterizar a polissemia do verbo TOMAR, segue, abaixo, um quadro comparativo de Santos (2011).

Quadro 4 - Síntese dos apontamentos sobre as características polissêmicas do verbo TOMAR de acordo com Santos (2011), Pederneira (2014) e Merlo (2015):

Autores	Objetivos do estudo	Principais conclusões
SANTOS (2011)	Indicar os usos polissêmicos mais prototípicos do verbo <i>tomar</i> nos diferentes períodos da língua portuguesa.	Uma de suas principais conclusões desta pesquisa é o fato de que, na língua portuguesa, desde o período arcaico, o verbo <i>tomar</i> tem se expandido para sentidos polissêmicos mais abstratos, em relação aos sentidos físicos mais prototípicos.
PEDERNEIRA (2014)	Analisar sentenças polissêmicas em que as diferentes leituras seriam originadas pela presença de um verbo leve (polissêmico).	Entre os seus principais apontamentos desta pesquisa, está o fato de que a construção sintática eventual em que o verbo leve se encontra colabora para as suas diferentes leituras.
MERLO (2015)	Verificar quais são as razões que colaboram para a existência dos muitos sentidos do verbo <i>tomar</i> , bem como verificar quais são os papéis temáticos mais recorrentes nas sentenças com o verbo <i>tomar</i> .	Como reflexão principal, a pesquisa de Merlo (2015) assinala a importância de se trabalhar a polissemia de verbos no ensino básico; também reflete brevemente sobre a contribuição dos diferentes papéis temáticos para as leituras polissêmicas de um verbo.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Santos (2011), Pederneira (2014) e Merlo (2015).

Considerando os três trabalhos acadêmicos que acabamos de apresentar, é necessário apontar o enfoque particular da presente dissertação, que também contempla de modo exclusivo o verbo TOMAR e seus sentidos polissêmicos, em relação a esses estudos.

A primeira diferença que pode ser apontada entre esta dissertação e os trabalhos acadêmicos aqui apresentados é que a nossa pesquisa é primordialmente de cunho metalexiconográfico e procura refletir sobre o registro do caráter polissêmico do verbo TOMAR em verbetes de dicionários. Nesta perspectiva, diferentemente dos três trabalhos apresentados acima, adotamos como referencial teórico para a análise uma teoria de cunho lexicográfico,

que, dada a sua natureza, contempla de maneira globalizada o léxico e todos os aspectos linguísticos que o formam, e que fornece um conjunto de ferramentas que possibilitam a análise da combinatória sintática e da combinatória lexical de uma unidade lexical.

Assim, o objetivo desta dissertação é refletir sobre como o verbo polissêmico TOMAR é registrado em dicionários *on-line* de língua portuguesa. Pretendemos verificar como o verbete se estrutura, se há uma linha lógica quanto à enumeração dos sentidos e, de forma ainda mais específica, esperamos, através da apresentação dos esquemas de regência e das funções lexicais (cf. Teoria Sentido-Texto), evidenciar se todas as paráfrases do verbo TOMAR registradas nos dicionários *on-line* de língua portuguesa fazem de fato parte do mesmo item lexical, ou seja, se são acepções que evidenciam os sentidos polissêmicos do verbo TOMAR, ou se, ao contrário, há sentidos que poderiam configurar homonímia do verbo TOMAR, como veremos nos próximos capítulos.

RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo teve como objetivo apresentar as discussões mais importantes acerca do objeto de estudo desta dissertação, ou seja, a dicionarização do caráter polissêmico do verbo TOMAR. Para tanto, dividimos o capítulo em três seções.

Na seção 1.1, tratamos do fenômeno da polissemia e sua relação com a homonímia, enfatizando os problemas que os lexicógrafos enfrentam do ponto de vista da caracterização desses fenômenos para a tomada de decisão acerca do registro lexicográfico de uma palavra polissêmica ou homonímica. A maior parte dos estudiosos que abordamos na seção 1.1 entende que o fenômeno da polissemia decorre da capacidade que uma forma de palavra tem de expressar um conjunto de diversos sentidos, sendo que estes sentidos apresentam alguma proximidade entre si. Já o fenômeno da homonímia ocorre quando há duas palavras diferentes, que convergiram fonologicamente para uma mesma forma, e não apresentam relação de significado.

Essa caracterização do fenômeno baseada apenas no sentido pode ou não ser levada em consideração na tradição lexicográfica. Geralmente, as tomadas de posição dos lexicógrafos – frente a uma forma que apresenta diversos significados – podem ser heterogêneas (levando em conta critérios distintos, como morfológicos, semânticos, sintáticos), mas as metodologias que aparecem, de maneira mais acentuada nos dicionários, são aquelas aplicadas através de critérios etimológicos, como apontaram os teóricos apresentados nesta seção. Formas que apresentam mais de um significado (relacionados ou

não) costumam ser classificadas como homonímicas ou polissêmicas, a partir de critérios fundamentados na etimologia. Além do critério etimológico, é possível que os lexicógrafos considerem critérios semânticos, como último recurso para determinar se uma palavra é polissêmica ou não. Com base nesse critério, o lexicógrafo estipula que tal palavra é polissêmica quando apresenta muitos sentidos, de maneira clara, aparentados; caso considere que não há proximidade entre os sentidos de uma mesma forma de palavra, aponta a existência de itens homônimos.

Na seção 1.2, mostramos, de forma geral, como são descritos os verbos polissêmicos na literatura especializada. Em sua grande maioria, os estudos apresentados defendem a ideia de que o complexo sintático em que um determinado verbo se insere é o fator desencadeante para um verbo apresentar mais de um sentido. Acima de tudo, constatamos que o contexto foi sempre destacado como um importante fator no surgimento de sentidos polissêmicos de um verbo. Nesta seção, vimos especialmente que Oliveira (1989), Matos (2006) e Camargos e Faria (2011) apresentam conclusões próximas quanto ao tratamento da polissemia. Oliveira (1989) aponta a troca semântica que existe entre um verbo e os papéis temáticos dos argumentos que ele seleciona. Matos (2006) defende que o surgimento de sentidos polissêmicos decorre de processos metafóricos sofridos pelos verbos, comparações mentais que os falantes fazem, mas também da união do verbo com seus argumentos, e, principalmente, das características temáticas desses argumentos. Camargos e Faria (2011), na esteira de Matos (2006), apontam a relevância das propriedades semânticas dos argumentos no processo de extensão de sentido de verbos polissêmicos.

Na seção 1.3, abordamos especificamente os trabalhos acadêmicos, localizados na *internet* ou em bibliotecas físicas, que versam sobre a polissemia do verbo TOMAR. Os trabalhos apresentados parecem se aproximar dos estudos realizados sobre a polissemia verbal em geral, ou seja, às conclusões dos autores apresentados na seção 1.2. Vimos na seção 1.3 que Santos (2011) realizou estudo bastante extensivo a respeito dos sentidos polissêmicos de TOMAR, verificando que a polissemia desse verbo se apresenta em todos os períodos da língua portuguesa (arcaico, clássico e contemporâneo). Mais ainda, para a autora, assim como apontado nos trabalhos de Matos (2006) e Camargos e Faria (2011), seção 1.2, verbos que possuíam sentidos básicos mais concretos são alvo de processos metafóricos que contribuem para o surgimento de sentidos polissêmicos abstratos. Vimos também os trabalhos de Pederneira (2014) e Merlo (2015), os quais versam especificamente sobre as características polissêmicas de TOMAR. Assim como para Oliveira (1989), Matos (2006) e Camargos e Faria (2011), vistos na seção 1.2, para Pederneira (2014) e Merlo (2015), a construção sintática em

que o verbo TOMAR se encontra contribui para o seu sentido. Para Pederneira (2014), o fato de o verbo TOMAR aparecer em diferentes construções, com uma gama de complementos muito diferentes, contribui para o surgimento dos diferentes sentidos do verbo, conforme o complexo sintático em que ele estiver. Já Merlo (2015) defende que é a natureza dos papéis temáticos dos argumentos do verbo que faz com que diversos sentidos sejam associados a um único verbo.

Em síntese, com base nesses trabalhos, constatamos que o comportamento polissêmico do verbo TOMAR já aparecia no português arcaico e vem apresentando alterações ao longo do tempo. Vimos também que o complemento do verbo (seu argumento interno) contribui para a especialização do sentido, assim como os papéis temáticos dos diferentes argumentos que um verbo seleciona. Por fim, salientamos que o nosso trabalho visa especificamente auxiliar o lexicógrafo na organização do verbete do verbo TOMAR, e que, tendo em vista essa finalidade, faremos a descrição das propriedades de combinatória sintática e de combinatória lexical de acordo com os pressupostos da Teoria Sentido-Texto, como veremos mais adiante, no Capítulo 3.

No próximo capítulo, a fim de situar o leitor na perspectiva da crítica aos dicionários, ou seja, nos estudos metalexográficos, apresentaremos trabalhos que refletiram sobre como a polissemia e a homonímia foram retratadas em dicionários de língua portuguesa. Antes, apresentaremos a disciplina responsável pelo fazer dicionarístico: a lexicografia.

2 LEXICOGRAFIA E ESTUDOS METALEXICOGRÁFICOS

No capítulo anterior, tratamos de apresentar as características da polissemia lexical através da síntese de estudos linguísticos sobre esse assunto. Apresentamos também os trabalhos que encontramos na internet e em bibliotecas físicas sobre a polissemia do verbo TOMAR. Em todo esse percurso, procuramos deixar claro para o leitor o fato de que nossa pesquisa se dedica especialmente ao registro lexicográfico desse verbo polissêmico. Por essa razão, por diversas vezes, apresentamos as ideias dos autores estudados tendo como correlato o fenômeno da homonímia. Essa decisão não foi gratuita, apesar de a literatura especializada sempre apresentar de forma contrastiva esses dois fenômenos da semântica lexical. Ocorre que, quando admitimos que uma unidade lexical é polissêmica, ela deverá constituir uma única entrada em um dicionário, mesmo que o consulente não consiga estabelecer claramente uma ligação entre as acepções arroladas no verbete; quando admitimos que uma unidade lexical é homonímica, isso acarretará tantas entradas lexicais quantos forem os sentidos que pode expressar. Nos dicionários, as entradas homonímicas são assinaladas com um número sobrescrito para distinguir que, apesar de terem a mesma forma, não constituem a mesma unidade lexical.

Como anunciado na introdução, o presente trabalho estuda o verbo polissêmico TOMAR e como suas diversas acepções são registradas em dicionários *on-line* de língua portuguesa. Deste modo, faz-se necessária a reflexão sobre as ciências que permeiam o fazer dicionarístico: a Lexicografia e os estudos metalexigráficos.

Para tanto, na seção 2.1, apresentamos a definição da Lexicografia, entendida como a parte prática da Lexicologia. Nessa perspectiva, como veremos, a Lexicologia promove a reflexão linguística que acaba por contribuir para a elaboração de dicionários. Na seção 2.2, tratamos da obra de referência denominada *dicionário*, evidenciando seus diferentes tipos; em especial procuramos caracterizar o dicionário geral disponível em plataforma *on-line*, que, considerando que hoje em dia as pessoas têm cada vez mais facilidade de acesso à *internet*, acaba por concorrer com o dicionário geral de língua impresso. Na seção 2.3, refletimos sobre a prática dicionarística que envolve a elaboração dos dicionários de língua, priorizando explicar ao leitor como os dicionários são organizados, suas partes constitutivas principais: a macro e a microestrutura, não deixando de apontar também a medioestrutura. Por fim, na seção 2.4, procuramos mostrar o que se entende por Metalexigrafia, área de estudo na qual a presente dissertação se insere. Veremos que os estudos metalexigráficos apresentam uma reflexão crítica das obras de referência por excelência: os dicionários. Além disso, também

apresentaremos brevemente alguns trabalhos que refletiram criticamente sobre a maneira como a polissemia (e a homonímia) são tratadas em dicionários de língua.

2.1 LEXICOGRAFIA: PARTE PRÁTICA DA LEXICOLOGIA

Nesta seção, objetivamos caracterizar o que se entende por *lexicografia*, mas, como vimos de maneira ainda muito ampla até aqui, não é possível desvincular a *lexicografia* da *lexicologia*.

Muitos são os autores que tratam das aproximações e das diferenças entre essas duas áreas de estudos, uma teórica e a outra prática. Escolhemos basear nossa apresentação nos estudos de Werner (1982), Barbosa (1990), Lorente (2004), Krieger e Finatto (2004) e Lara (2004), por serem, esses autores, referências importantes na literatura especializada.

Werner (1982: 92) define os termos *lexicologia* e *lexicografia* a fim de refletir sobre o léxico e sobre uma teoria geral da língua. Para o linguista, o léxico pode ser estudado de diferentes maneiras: pode-se partir de um léxico total, de um sistema individual ou coletivo, e examinar suas estruturas e regularidades. Tendo em vista as diferentes abordagens possíveis para se estudar o léxico, o autor define a lexicologia como: “[...] *la descripción del léxico que se ocupa de las estructuras y regularidades dentro de la totalidad del léxico de un sistema individual o de un sistema colectivo*” (WERNER, 1982: 92-3)²¹.

Relativamente à lexicografia, Werner (1982) assevera:

Para todo dominio de la descripción léxica que se concentre en el estudio y la descripción de los monemas y sinmonemas individuales de los discursos individuales, de los discursos colectivos, de los sistemas lingüísticos individuales y de los sistemas lingüísticos colectivos, reservamos el término ‘lexicografía’. (WERNER, 1982: 93).²²

Por “monemas” e “sinmonemas”, o autor entende as unidades do léxico que se manifestam no discurso, tanto individual quanto coletivo. O ponto de vista de Werner (1982), apesar de evidenciar com exatidão o objeto de estudo da lexicologia, é um pouco hermético em relação à lexicografia. Vamos avançando em nossa exposição, a fim de clarificar um pouco mais o que se entende por essa área de estudos.

²¹ “[...] *a descrição do léxico que se ocupa das estruturas e regularidades dentro da totalidade do léxico de um sistema individual ou de um sistema coletivo*”. (WERNER, 1982: 92-3, tradução nossa)

²² Para todo domínio da descrição lexical que se concentre no estudo e na descrição dos monemas e sinmonemas individuais dos discursos individuais, dos discursos coletivos, dos sistemas linguísticos individuais e dos sistemas linguísticos coletivos, reservamos o termo ‘lexicografia’. (WERNER, 1982: 93, tradução nossa)

Barbosa (1990) oferece uma definição de lexicologia como a parte teórica da linguística que trata “cientificamente” do léxico. Nas palavras da autora:

Cabem-lhe [à lexicologia] numerosas tarefas [...]. Lembremos, aqui, algumas dessas tarefas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais - universo léxico, conjunto vocabulário, léxico efetivo e virtual, vocabulário ativo e passivo; conceituar e delimitar a unidade lexical de base - a lexia -, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; analisar e descrever as estruturas morfo-sintático-semânticas de tais unidades, sua estruturação, tipologia e possibilidades combinatórias; examiná-las em sua carga ideológica, força persuasiva, natureza modelizante; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural, a transposição de uma "realidade" infinita e contínua a um número limitado de lexias [...]. (BARBOSA, 1990, grifos da autora).

Como se pode observar, através do excerto extraído de Barbosa (1990), o campo de atuação da Lexicologia é tão complexo quanto o seu objeto. Ainda, é, segundo a autora, tarefa da lexicologia refletir sobre as unidades lexicais e os seus conjuntos/agrupamentos possíveis; levar em consideração o fato de que tais unidades realizam a representação de um mundo externo à linguagem; investigar a relação entre a forma e o conteúdo das lexias e todos os fenômenos que decorrem desta relação: homonímia, homossemia total (sinonímia), homossemia parcial (parassinonímia), hiperonímia, hiponímia, co-hiponímia, antonímia e paronímia.

Com relação à lexicografia, Barbosa (1990) nos ensina que, apesar de a lexicologia e a lexicografia terem o mesmo objeto de estudo, a palavra (ou unidade lexical), as abordagens e os objetivos são distintos. Para a linguista:

A palavra também é objeto de exame da Lexicografia, que a toma, no entanto, de outro ângulo, de vez que se define como uma tecnologia de tratamento daquela, de compilação, classificação, análise e processamento, de que resulta, por exemplo, a produção de dicionários, vocabulários técnico-científicos, vocabulários especializados e congêneres. (BARBOSA, 1990).

No trecho citado acima, percebe-se que Barbosa (1990) procura evidenciar o caráter prático da lexicografia, que consiste em observar o léxico pelo viés da elaboração de produtos lexicográficos, entre eles, os dicionários.

Esse caráter prático da lexicografia nem sempre foi evidente. Lorente (2004) ensina-nos que “*Na tradição mais antiga, a lexicografia se ocupou de elucidar o significado das palavras, os tratados de ortografia mostraram como escrevê-las corretamente, e os glossários literários e científicos nos revelaram que o inventário léxico é infinito*”. (LORENTE, 2004: 21). Observa-se, nessa citação de Lorente (2004), que o escopo da prática lexicográfica era mais restrito do que é hoje. Nesse sentido, “na tradição mais antiga”, a

lexicologia, tal qual a entendemos hoje, e a lexicografia não apresentavam uma diferença clara entre si. No que diz respeito ao momento atual, Lorente (2004:19) diz que a lexicologia é a “[...] *disciplina que se ocupa do léxico das línguas de forma completa e integrada* [...]” e afirma que a lexicografia é o viés prático/aplicado da lexicologia. Nas palavras da autora:

A lexicografia tem sido considerada tradicionalmente a vertente aplicada da lexicologia. Embora nas últimas décadas tenha se posicionado como uma disciplina autônoma, sob a ideia de que fazer dicionários não é fazer linguística, seu fundamento se baseia na representação da informação associada às unidades lexicais. Representações adaptadas a diferentes tipos de dicionários e usuários, mas sempre compreendidas como representação lexical. A necessária circularidade entre teoria linguística e aplicações produziu como resultado na lexicografia a criação de protótipos lexicográficos ou de dicionários formais que propõem mecanismos inovadores na representação do léxico. (LORENTE, 2004: 29).

Como se vê, Lorente (2004) ressalta que a lexicografia tem recebido um grande auxílio dos estudos advindos da lexicologia que procuram elucidar a representação lexical. Este fato ocasiona uma espécie de retroalimentação, teoria combinada com a prática, acaba por renovar as diferentes formas que se tem para representar o léxico.

Outras autoras que tratam da distinção entre lexicologia e lexicografia são Krieger e Finatto (2004). Para elas, a lexicologia é “[...] *consensualmente definida como o estudo científico do léxico, mais especificamente, das palavras de uma língua*” (KRIEGER; FINATTO, 2004: 43); por outro lado, a lexicografia, para as autoras, é “[...] *consensualmente definida como a arte ou técnica de compor dicionários*”. Mais uma vez, temos evidenciada a relação entre lexicologia e lexicografia como uma espécie de espelhamento entre a teoria e a prática: estuda-se o léxico, teoriza-se e, a partir disso, pode-se aplicar o conhecimento produzido na produção/construção de dicionários.

Como se vê, Krieger e Finatto (2004) também consideram que a lexicologia é a ciência capaz de refletir sobre o léxico a fim de oferecer à lexicografia, técnica responsável pela produção de obras lexicográficas, subsídios teóricos para sua prática lexicográfica.

Outro autor importante é nessa discussão é Luis Fenando Lara, que apresentou argumentos para a delimitação dos limites e das aproximações entre os estudos lexicológicos e lexicográficos. Lara (2004) debruça-se sobre a história da lexicografia, desde os seus primórdios até a sua consolidação, não como teoria, mas como método de produção de dicionários. Contudo, além de apresentar a definição do que é um dicionário, assim como de todas as disciplinas que perpassam a sua confecção, Lara (2004:134) menciona o fato de que, por muito tempo, os lexicógrafos não se sentiam no direito de pleitear para a sua prática profissional o *status* de uma disciplina linguística e muito menos pensavam que as obras que

produziam eram merecedoras de uma teorização (LARA, 2004:134). Para o autor, foi nos anos 70 do século passado que o dicionário começa a mudar o seu *status* dentro dos estudos linguísticos.

No entanto, para o autor, apesar de haver muitos estudos sobre lexicografia e prática dicionarística, ainda hoje não há um lugar estabelecido na linguística para a Lexicografia: “*Apesar disso, a nutrida e robusta bibliografia lexicográfica e dicionarística de que dispomos hoje em dia [...] não consegue ainda situar o dicionário e a lexicografia no lugar que merecem entre as disciplinas na linguística*” (LARA, 2004:135).

Lara (2004) chama atenção para o fato de que a grande maioria dos dicionários não é voltada para especialistas da língua, mas para os usuários em geral, falantes da língua que, por motivos diversos, fazem uso do dicionário para estar em contato com sua língua materna ou com um idioma que se quer alcançar proficiência, por exemplo, entre tantas outras razões que levam um falante não especialista em línguas a se tornar um consulente de dicionários.

Entendendo o dicionário como um fenômeno linguístico complexo, um fenômeno verbal que merece ser estudado e explicado de maneira coerente, Lara (2004) defende uma “teoria do dicionário”, que deveria ser composta pelas “disciplinas do dicionário”, entre as quais estaria incluída a “Lexicografia”.

Estando inserida na teoria do dicionário, para Lara (2004), a lexicografia teria uma função metodológica, espelhando uma técnica para a elaboração de produtos lexicográficos. Segundo o autor, a lexicografia

[...] não é uma teoria porque seu objeto de trabalho não é um fenômeno que deve ser elucidado; não é um fenômeno verbal da mesma natureza que a oração, que um texto ou que um dicionário. A lexicografia não *estuda um objeto*, mas oferece os métodos e os procedimentos para criá-lo. Esses métodos e esses procedimentos não nos são estranhos, pois, afinal, são produtos controlados da razão, e de uma razão técnica, que hoje se ensina nas universidades e nas editoras que se sentem responsáveis pela qualidade dos dicionários. (LARA, 2004:149, grifos do autor).

Deste modo, conforme Lara (2004), a lexicografia, sendo antes de tudo um método de confecção de dicionários, deve oferecer meios para a elaboração de produtos lexicográficos, os quais devem ser produzidos de forma contextualizada, dirigida aos fins a que se destinam.

A Lexicologia ocupa-se do léxico integralmente e congrega em sua reflexão linguística todos os aspectos que dizem respeito ao léxico (a semântica, a sintaxe, a morfologia, a fonética, a fonologia e a pragmática). Já a Lexicografia oferece os mecanismos para que se possa representar todas as informações que dizem respeito às unidades lexicais em produtos lexicográficos. Nesse sentido, o estudo lexicográfico não é apenas reflexivo, é

sobretudo prático. Trata-se de uma metodologia capaz de criar/confeccionar dicionários de língua, ou obras lexicográficas em geral, com diferentes especificidades como, por exemplo, o público-alvo, a(s) língua(s) de descrição, o fim de tal obra, entre tantos outros aspectos que influenciam a criação desses produtos.

A partir das colocações de Werner (1982), Barbosa (1990), Lorente (2004), Krieger e Finatto (2004) e Lara (2004), expostas nesta seção, é possível afirmar que, nesta dissertação, assumimos que a Lexicologia é a parte teórica que sustenta a elaboração de dicionários. No nosso caso, especificamente, como veremos no capítulo 3, a teoria lexicológica que sustenta o estudo que faremos dos registros lexicográficos do verbo TOMAR em dicionários *on-line* de língua portuguesa, chama-se Lexicologia Explicativa e Combinatória, a qual se sustenta na Teoria Sentido-Texto, (MEL'ČUK, 1995, 1997, 2012, 2013, 2015; MEL'ČUK e POLGUÈRE, 2008; POLGUÈRE, 1998, 2002, 2010). Isso significa que o nosso olhar para o registro das diferentes acepções do verbo TOMAR será dirigido pelos postulados dessa teoria, no que diz respeito à organização das informações em verbetes, tal como ocorre, por exemplo, no *Dicionário Explicativo-Combinatório* (DEC) (MEL'ČUK et al., 1984-1992), publicado em quatro volumes.

Feitas essas considerações acerca da distinção entre lexicologia e lexicografia, na próxima seção, trataremos dos diferentes tipos de dicionários, a fim de apresentar as características do dicionário objeto de análise nesta pesquisa: dicionário *on-line* de língua portuguesa.

2.2 TIPOS DE DICIONÁRIOS

Neste trabalho, como dito, pretendemos analisar o registro do verbo TOMAR em dicionários de língua *on-line*. Por esta razão, não pretendemos nesta seção nos aprofundar nas discussões acerca dos sistemas classificatórios obras lexicográficas, afinal, a problemática da classificação de tais obras, por si só, acarreta uma discussão extremamente complexa²³ e não é nosso objetivo apresentá-la de forma detalhada nesta dissertação. No entanto, como a presente pesquisa é de caráter metalexicográfico, pois tem como objetivo a análise do registro

²³ Muitos são os trabalhos que propõem taxionomias que procuram contemplar todos os tipos de dicionários e, mais ainda, todas as obras lexicográficas. A fim de demonstrar a complexidade da classificação de dicionários, Haensch (1982: 95-6) cita vários estudiosos que propuseram sistemas de classificações dos diferentes tipos de dicionários, tais como: A. M. Al-Kasimi (1977); K. Baldinger (1954); J. C. Dubois (1971); J. Fernández-Sevilla (1974); L. Guilbert (1968) e F. J. Hausmann (1977). Para Haensch (1982), não é fácil e nem trivial se debruçar sobre a tarefa de tentar organizar uma tipologia das obras lexicográficas: há questões linguísticas, históricas e práticas que precisam ser levadas em conta (HAENSCH, 1982: 95), pois todas elas estão de alguma forma imbricadas na elaboração de diferentes tipos de dicionários. Para maiores informações, v. Haensch, 1982.

lexicográfico de um verbo polissêmico em dicionários *on-line* de língua portuguesa, a discussão sobre os tipos de dicionários faz-se necessária, enquanto meio para podermos caracterizar, no espectro das obras dicionarísticas existentes, os dicionários cujos verbetes do verbo TOMAR serão analisados e a partir dos quais faremos a recolha do *corpus* desta pesquisa²⁴.

Esclarecido o fato de como se insere o assunto desta seção na perspectiva global da presente dissertação, passamos a apresentar a proposta tipológica de Welker (2004) e a proposta de classificação de Svensén (2009), que serão referência para a caracterização que faremos dos dicionários *on-line* de língua portuguesa.

Após apresentar as classificações²⁵ anteriores a sua, Welker (2004) apresenta sua divisão para as obras lexicográficas. Para o autor, a primeira grande divisão a ser feita a respeito das obras lexicográficas diz respeito ao seu formato, enquanto livro impresso ou eletrônico. A segunda distinção, proposta pelo autor, divide as obras lexicográficas em obras monolíngues, isto é, apenas uma língua descrita, e bilíngues/multilíngues, duas ou mais línguas sendo dicionarizadas. Por fim, Welker (2004) propõe a divisão entre dicionários gerais e dicionários especiais. Nas palavras do autor:

Eu proponho que apenas um tipo seja considerado “geral”, e que todos os outros sejam classificados como especiais. O dicionário geral, nessa concepção, se caracteriza por ser alfabético, sincrônico, da língua contemporânea, arrolando sobretudo os lexemas da língua comum. Desse modo, são considerados *dicionários especiais* os históricos, os diacrônicos, os onomasiológicos etc. (WELKER, 2004: 43, grifos do autor).

A classificação de Welker (2004) para obras gerais é, ao mesmo tempo, abrangente e específica. Abrangente porque o linguista afirma que classifica como gerais as obras que apresentam as seguintes propriedades: são alfabéticas, são sincrônicas, arrolam lexemas da língua contemporânea e comum. Mas essa caracterização de dicionário geral é, ao mesmo tempo, bastante específica, porque qualquer dicionário que não apresente essas propriedades será considerado especial e não geral.

²⁴ A classificação de obras lexicográficas é uma discussão dentro dos estudos léxicos extremamente pertinente. Muitos são os trabalhos que se propõem a refletir sobre as diferentes obras de referência existentes, objetivando propor uma taxionomia de obras lexicográficas. Neste trabalho, a discussão é levantada com o objetivo de caracterizar os dicionários suporte para esta pesquisa, e não para problematizar as muitas tipologias de dicionários já propostas, ou apresentar uma proposta taxionômica.

²⁵ Welker (2004), assim como Haensch (1982), realiza a pesquisa de diferentes classificações tipológicas de obras lexicográficas realizadas antes da publicação de seu trabalho: Sčerba (1940), Malkiel (1959, 1962), Sebeok (1962) e Rey (1970), as quais foram previamente apresentadas por Al-Kasimi (1977), de onde o linguista parte; Welker (2004) expõe ainda as classificações de Haensch (1982), Hausmann (1985), Martinez de Souza (1995), Béjoint (2000) e Harmann e James (1998).

No que atine aos dicionários ditos “gerais”, Welker (2004) afirma que estes podem, ainda, ser divididos entre *gerais seletivos* e *gerais extensos*, ou *tesouros*. Os seletivos seriam aqueles que procuram registrar os lexemas que, de fato, se encontram em uso; já os extensos são os dicionários gerais que registram lexemas arcaicos ou de uso restrito a uma comunidade, como os termos técnicos (WELKER, 2004: 43).

O segundo autor que apresentaremos no que diz respeito à exposição de uma classificação das obras lexicográficas é Bo Svensén (2009). Este teórico, de início, realiza a apresentação dos diferentes aspectos passíveis de serem utilizados para tipificar os dicionários. Para o linguista, o que determina, em primeiro lugar, o uso de um dicionário pode ser circunscrito a três fatores diferentes: (i) a tipologia do dicionário, (ii) a atividade linguística a ser engajada pelo falante/consulente e (iii) a função do dicionário.

Relativamente à “atividade linguística”, segundo Svensén (2009: 12), há dois grandes grupos de atividades linguísticas realizadas pelos usuários de língua: as atividades passivas (leitura e escuta) e as atividades ativas (escrita e fala). No que concerne à “tipologia do dicionário” e à “função do dicionário”, para o autor, é preciso observar qual ou quais línguas o dicionário descreve. Caso haja apenas uma língua objeto, trata-se de um dicionário monolíngue, o qual pode ser direcionado a falantes nativos da língua descrita, ou aprendizes/falantes de uma língua estrangeira. Se há duas línguas objeto, temos um dicionário bilíngue, em que uma das línguas é a língua nativa do usuário²⁶.

A partir das colocações de Svensén (2009), a primeira classificação que se pode estabelecer é a do dicionário monolíngue, escrito na língua nativa do usuário. Nesse tipo de dicionário estão imbricadas as quatro “atividades linguísticas” descritas pelo autor, pois o usuário típico de tal obra possui um conhecimento extenso da língua descrita, mas não exaustivo. Nas palavras do autor:

The monolingual dictionary in the user’s native language assumes that his/her knowledge of the language is to some extent imperfect. Its purpose is thus to eliminate uncertainty and to fill a gap in that knowledge. In principle, all the four main types of linguistic activity can be involved – i.e. written and oral reception as

²⁶ Svensén (2009) ainda acrescenta o termo “língua de descrição” (*description language*). Trata-se da língua utilizada para descrições, explicações e comentários da língua objeto do dicionário. No dicionário monolíngue, a língua objeto e a língua de descrição coincidem. No caso de um dicionário bilíngue, a língua de descrição é, geralmente, a língua materna do usuário.

well as written and oral production – and therefore all possible kinds of lexicographic information may be relevant. (SVENSÉN, 2009: 13)²⁷.

No entanto, segundo o autor, essa é apenas uma primeira classificação, ou seja, ainda preliminar. A fim de apresentar uma tipologia dos dicionários de maneira mais precisa, seguindo critérios bem estabelecidos, Svensén (2009) arrola os diferentes métodos que podem ser utilizados para classificar dicionários. Para o autor, tendo em vista uma tipologia geral, os dicionários podem ser classificados de acordo com as seguintes características: 1) gerais; 2) quantitativas; 3) estruturais; 4) de organização, função e uso; 5) de meio de armazenamento e distribuição.

As características gerais, por sua vez, dizem respeito a diferentes aspectos: a) o dicionário e o mundo; b) o dicionário e o signo linguístico; c) o dicionário e o tempo; d) o dicionário e a norma; e) dicionário geral e especializado; f) o número de línguas envolvidas; g) o grau de ilustração.

Afunilando a sua classificação dos tipos de dicionários a partir de características gerais, Svensén (2009) afirma que:

No que diz respeito ao dicionário e o mundo, as obras lexicográficas são classificadas de acordo com seu propósito de prover informações a respeito da linguagem, do mundo e da combinação de linguagem e mundo. Assim, respectivamente, há: dicionários de língua, dicionários de coisas e enciclopédias. (SVENSÉN, 2009: 22).

Na relação do dicionário com o signo linguístico, os tipos de dicionários são classificados em semasiológicos e onomasiológicos. Nos primeiros, a macroestrutura²⁸ do dicionário se baseia na expressão do item lexical, cujo dicionário mais importante é o alfabético; nos últimos, o dicionário se assenta na expressão do conteúdo de um item lexical. (SVENSÉN, 2009: 22-3).

No que atine ao dicionário e ao tempo, a tipologia dos dicionários aponta para os seguintes tipos: “dicionário histórico sincrônico” (descreve o estado de uma língua durante

²⁷ O dicionário monolíngue na língua nativa do usuário assume que seu conhecimento da língua é, em alguma extensão, imperfeito. Seu propósito é eliminar incerteza e preencher uma lacuna nesse conhecimento. Em princípio, todos os quatro maiores tipos de atividades linguísticas podem ser envolvidos – i. e. escrita e recepção oral, assim como escrita e produção oral – e conseqüentemente todos os tipos de informações lexicográficas podem ser relevantes. (SVENSÉN, 2009: 13, tradução nossa)

²⁸ A macroestrutura é o constituinte das obras de referências que diz respeito às entradas lexicográficas que essa obra lexicográfica vai conter. Todos os aspectos que perpassam esse conjunto de entradas dizem respeito à própria macroestrutura, como veremos mais adiante, na seção que dá conta das partes constitutivas dos dicionários: o número de entradas, quais unidades lexicais devem ser apontadas nesse conjunto (palavras da língua comum, palavras pertencentes a linguagens de especialidade; unidades lexicais simples, unidades lexicais compostas e complexas, fraseologismos, entre outros aspectos).

um período de tempo limitado, do passado); “dicionário histórico diacrônico” (descreve o desenvolvimento de uma língua através de um longo período de tempo, do passado); “dicionário contemporâneo sincrônico” (descreve uma língua no período contemporâneo do dicionário); e “dicionário histórico-contemporâneo diacrônico” (descreve o desenvolvimento de uma língua durante um longo período de tempo até o momento contemporâneo do dicionário). (SVENSÉN, 2009: 23).

Quanto ao dicionário e sua relação com a norma, os dicionários podem apresentar os usos (dicionários descritivos) ou, nas palavras de Svensén (2009: 24), “influenciar o uso” (dicionários normativos ou prescritivos).

A partir das caracterizações “geral” e “especializado”, Svensén (2009: 24) aponta que a diferença central entre um dicionário geral e um dicionário especializado é a de que o dicionário geral se afasta do especializado por não tratar dos lemas de tipos particulares, informacionais, variedades de línguas, ou pelo fato de não ter como objetivo o alcance de nenhuma categoria especializada de consulentes.

Considerando o número de línguas envolvidas, assunto já tratado anteriormente, o dicionário é classificado por Svensén (2009) em monolíngue, bilíngue, ou apresenta formas híbridas, os *bilingualized dictionaries* (escritos na língua estrangeira, contêm informação monolíngue para os lemas, mas também apresentam tradução de cada lema para a língua materna do usuário) e os *bridge dictionaries* (com traduções parciais). (SVENSÉN, 2009: 24).

Por fim, como último meio de classificar de forma geral os dicionários, está a relação entre o dicionário e o grau de ilustrações. Para Svensén (2009: 25), muitos dicionários não apresentam nenhuma ilustração. Quando houver ilustrações, o dicionário será classificado como “ilustrado” (apenas uma seleção de unidades lexicais é ilustrada e essa ilustração apenas realiza um suporte à descrição verbal do significado) ou como “pictórico” (em que a significação visual desempenha a parte principal na definição das unidades lexicais e a definição verbal tem parte menor).

Como vimos, a segunda perspectiva pela qual Svensén propõe sua classificação dos dicionários diz respeito à caracterização quantitativa (SVENSÉN, 2009: 26-7). A quantificação é realizada a partir do número de páginas e/ou de entradas. Com base nesse critério, para o linguista, há quatro grupos de dicionários:

- a) Dicionários de bolso (*pocket dictionaries*), com a informação sobre a unidade lexical breve e simplificada, possui poucas centenas de páginas, e o número de lemas é entre 5.000 e 15.000. Geralmente são dicionários bilíngues.

- b) Dicionários escolares monolíngues e dicionários bilíngues (usados na escola, trabalho e lar dos usuários), com número de páginas que varia entre 250 e 500, estimativa de 30.000 lemas para o dicionário escolar monolíngue e uma variação entre 15.000 e 30.000 para os dicionários bilíngues.
- c) Dicionários utilizados em níveis escolares elevados e/ou na graduação universitária, e utilizados em casa e no trabalho por usuários cujos deveres estão ligados a elementos linguísticos. Com número de páginas entre 500 e 1.000 e número de lemas que varia entre 35.000 e 70.000. Possui informações mais específicas e extensas do que os dois primeiros tipos de dicionários. Esses dicionários podem ser tanto monolíngues, quanto bilíngues.
- d) Dicionários direcionados a estudos linguísticos avançados e profissionais, ligados a trabalhos relacionados à informação e aos estudos linguísticos. A diferença destes dicionários em relação à categoria anterior não está na informação presente no dicionário sobre as unidades lexicais, mas em um número maior de palavras, expressões e significados. O número de páginas ultrapassa a 1.000, e o número de lemas é consideravelmente maior que 70.000.

Segundo Svensén (2009: 27), há ainda outras maneiras de se classificar dicionários de acordo com a perspectiva quantitativa. Para o linguista, os dicionários podem ser tipificados de acordo com suas densidades (o montante de informações por lema); os princípios de seleção (em que um dicionário que lematizar todas as palavras do seu *corpus* de pesquisa será um “dicionário exaustivo” e um dicionário em que há uma seleção dos itens que vai lematizar será um “dicionário seletivo”); e, por fim, a simples listagem dos itens lexicais (dicionários cumulativos) ou a apresentação de outras informações sobre os itens, como as remissões (dicionários comentados).

A terceira possibilidade de tipificação dos dicionários se dá a partir de características estruturais. Para Svensén (2009), os dicionários podem ser classificados, no âmbito estrutural, principalmente tendo em conta suas macroestruturas, ou seja, como é determinada a relação de entradas do dicionário e como é estabelecida a ordem de apresentação dentro do dicionário. A principal diferença quanto ao método de listagem estaria entre a ordem alfabética e a sistemática:

Dictionaries may also be classified according to their structural characteristics, primarily their macrostructure, the order and relationships between the lemmas. The

most important basis of classification in this context is the one differentiating between alphabetical and systematic macrostructure. (SVENSÉN, 2009: 27)²⁹.

Como quarto critério para se classificar as obras lexicográficas, Svensén (2009) apresenta três aspectos: a organização, a função e o uso. A partir de cada um desses aspectos, o autor realiza diferentes classificações e subclassificações, que serão apresentadas logo a seguir.

Quanto ao uso, segundo Svensén (2009: 28), dois grandes tipos de dicionários podem ser distinguidos – dicionários elaborados como obras de referência (dicionários de consulta) e dicionários elaborados com o propósito de serem lidos (dicionários de leitura). Sobre este último, Svensén (2009) afirma que, geralmente, são utilizados para aprendizagem de língua estrangeira, aquisição de conhecimentos gerais, ou simples entretenimento.

Em relação à função, os dicionários são classificados por Svensén (2009: 28) de acordo com as atividades linguísticas dos falantes, já anteriormente mencionadas. Assim, um dicionário pode ser receptivo (porque as atividades linguísticas envolvidas vão ser as passivas – leitura e escuta) ou poderá ser produtivo (pois as atividades linguísticas empregadas pelo usuário serão as ativas – fala e escrita). Os dicionários de tradução estão em posição privilegiada nesta classificação, pois podem ser utilizados tanto para funções receptivas quanto produtivas.

Por fim, no que diz respeito à característica “organização”, Svensén (2009) sustenta que, de acordo com seu uso ou função, o dicionário será organizado de uma determinada maneira. O autor aponta, então, para a existência do dicionário monoscopal, que possui lemas em uma língua e equivalentes na língua estrangeira; e o dicionário biscopal, que possui lemas e equivalentes em ambas as línguas. Ainda de acordo com a organização do dicionário, Svensén (2009: 28-9) assinala que os dicionários podem também ser classificados de acordo com a organização em relação à língua nativa dos usuários, isto é, a direcionalidade do dicionário. Para o linguista, um dicionário orientado a falantes nativos de uma das línguas é um dicionário monodirecional; por outro lado, se o dicionário se dirige a falantes nativos das duas línguas objetos do dicionário, trata-se de um dicionário bidirecional.

Svensén (2009) ainda acrescenta, além dos três fatores principais determinantes para diferenciar tipos de dicionários em relação à sua organização (função, uso e organização), outro fator decisivo para diferenciar dicionários – o público alvo, ou seja, os usuários a quem

²⁹ Dicionários podem também ser classificados de acordo com suas características estruturais, principalmente sua macroestrutura, isto é, a ordem e relação entre os lemas. A base mais importante de classificação nesse contexto é a diferenciação entre macroestrutura alfabética e sistemática. (SVENSÉN, 2009: 27, tradução nossa)

se destinam os dicionários. Considerando esse fator, os dicionários podem ser divididos em dicionários para falantes nativos, em oposição a dicionários para falantes não nativos; nestes últimos se incluem, ainda, os dicionários para aprendizes. Ao se levar em conta o fator idade dos usuários, ainda podem ser diferenciados os dicionários para crianças e os dicionários para adultos.

O último e quinto critério defendido por Svensén (2009) considera os dicionários de acordo com o meio de armazenamento e de distribuição. De acordo com esse critério, o linguista aponta para a divisão entre dicionários impressos e dicionários eletrônicos. Quanto aos dicionários eletrônicos, o autor informa que também temos dois tipos: (i) o dicionário eletrônico que resultou da digitalização de um dicionário impresso e (ii) o dicionário eletrônico que foi concebido dessa forma desde o princípio de sua elaboração.

A partir da exposição da classificação de Svensén (2009), tem-se o seguinte quadro, o qual contém os diferentes aspectos que podem ser considerados para se classificar os dicionários e a própria tipologia, tendo em conta tais aspectos:

Quadro 5 - Tipologia dos dicionários conforme Svensén (2009)

Critérios de classificação dos dicionários	Fatores considerados	Tipos de dicionários
gerais	o dicionário e o mundo	de línguas
		de coisas
		enciclopédico
	o dicionário e o signo linguístico	onomasiológico
		semasiológico
	o dicionário e o tempo	histórico sincrônico
		histórico diacrônico
		contemporâneo sincrônico
		histórico-contemporâneo diacrônico
	o dicionário e a norma	descritivo
		normativo
	dicionário geral e especializado	geral
		especializado
	o número de línguas	monolíngue
		bilíngue
		híbrido
		com traduções parciais
	o grau de ilustração	não ilustrado
		ilustrado
		pictórico

quantitativos	pequenos dicionários (entre 5.000 e 15.000 lemas)	
	dicionários escolares (entre 15.000 e 30.000)	
	dicionários escolares/universitários (entre 35.000 e 70.000 lemas)	
	dicionários para estudos linguísticos e profissionais (mais de 70.000 lemas)	
estruturais	macroestrutura alfabética	
	macroestrutura sistemática	
organização, função e uso	uso	consulta
		leitura
	função	receptiva
		produtiva
	organização	monoscopal
		biscopal
	público-alvo	para falantes nativos
		para falantes não-nativos
para crianças		
para adultos		
meio de armazenamento e distribuição	impresso	
	eletrônico	

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Svensén (2009).

O quadro acima procura sintetizar a classificação dos tipos de dicionários proposta por Svensén (2009). Na primeira coluna do quadro, constam os “*Crítérios de classificação dos dicionários*”, responsáveis por elucidar em que perspectiva (“de que ângulo”) se observa o dicionário para classificá-lo. Inseridos nesses critérios aparecem os fatores que efetivamente determinam em que tipologia o dicionário será classificado, como evidencia a segunda coluna do quadro, chamada de “*Fatores considerados*”. Por fim, na terceira coluna, estão os tipos de dicionários existentes, de acordo com esta ou aquela característica ou com este ou aquele fator.

O que depreendemos da tipologia proposta por Svensén (2009) é que ele não propõe um número *x* de classificações estanques que caracterizariam certo tipo de dicionário. Svensén (2009), antes, enumera um conjunto de critérios capazes de caracterizar diferentes propriedades que podem ou não estar presentes neste ou naquele dicionário. Desta forma, o autor propõe um número considerável de tipificações que, em conjunto, podem dar conta de forma exaustiva das características de certo dicionário. Por exemplo, se analisarmos o *Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2015), a fim de exemplificar como ocorre a caracterização de obras de referência a partir dos critérios de Svensén (2009), teremos o seguinte resultado:

1. Em relação às características GERAIS de classificação, o *Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* seria assim classificado. Quanto ao “dicionário e o mundo”, trata-se de um dicionário **de língua**. Relativamente ao “dicionário e o signo linguístico”, é **semasiológico**, suas entradas partem do signo linguístico para a sua respectiva descrição. No que diz respeito ao “dicionário e o tempo”, a expectativa é a de que tal dicionário seja **contemporâneo sincrônico**, já que, a introdução do dicionário anuncia a lematização de “usos reais da língua contemporânea, viva no Brasil” (*Pequeno Houaiss: 7, front matter*). Sobre o “dicionário e a norma”, trata-se de um dicionário **normativo**. Na separação entre língua geral e de linguagem especializada, este dicionário está inserido na categoria **geral**, mas não deixa de lado termos técnicos. No que concerne ao fator “número de línguas”, é um dicionário monolíngue. E, no que diz respeito ao grau de ilustração, trata-se de um dicionário **não ilustrado**.
2. Quanto à característica QUANTITATIVA, poderia ser considerado um dicionário escolar, porque lematiza cerca de 32 mil lemas.
3. Em referência às características ESTRUTURAIS, o dicionário possui uma **macroestrutura sistemática alfabética**.
4. No que diz respeito aos critérios de USO, ORGANIZAÇÃO e FUNÇÃO, temos o que segue: quanto ao uso, o *Pequeno Houaiss* é um dicionário para **consulta**; quanto à função, por ser monolíngue, da língua nativa dos usuários, pode ser usado tanto para **produção** quanto para **recepção**; e quanto à organização não se insere em nenhuma classificação, dado o fato de ser monolíngue; acerca do público-alvo é direcionado **para adolescentes**, alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental.
5. A respeito do último critério para classificação dos dicionários, o MEIO DE ARMAZENAMENTO e/ou distribuição, trata-se de um dicionário **impresso**.

Como se vê, o que Svensén (2009) propõe são diversas perspectivas por meio das quais se pode analisar o dicionário e, em cada uma delas, haverá diferentes possibilidades de classificações; conseqüentemente, se levarmos em conta os critérios de classificação dos dicionários apontados por Svensén (2009) e, dentro destes critérios, diferentes fatores que também podem caracterizar um dicionário, como vimos acima, a fim de exemplificação, é possível afirmar que o *Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2015) é um

dicionário: (i) de língua, (ii) onomasiológico, (iii) contemporâneo sincrônico, (iv) normativo, (v) geral, (vi) monolíngue, (vii) não ilustrado, (viii) escolar, (ix) com macroestrutura alfabética, (x) de consulta, (xi) de função receptiva ou produtiva, (xii) com público-alvo adolescente, alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental, (xiii) eletrônico.

Visto que este trabalho é de caráter metalexigráfico, analisa um verbo polissêmico enquanto verbete de dicionário, nesta seção, procuramos mostrar como são determinadas as características de obras lexicográficas. Vimos que tanto Welker (2004) quanto Svensén (2009) não apresentam uma lista de tipos de dicionários. O que estes autores fazem é estabelecer diferentes critérios para que se possa analisar uma obra lexicográfica, a partir dos quais é possível identificar um conjunto de características que são capazes de, justamente, tipificar determinado dicionário.

De acordo com os dois linguistas apresentados nesta seção, podemos dizer que interessam para o nosso trabalho, as seguintes características destacadas pelos autores:

1. Welker (2004) - levaremos em consideração a classificação dos dicionários em *eletrônico, monolíngue, geral* e, ainda, *extensivo* (quando lematiza um número considerável de lexemas).
2. Svensén (2009) – levaremos em consideração as seguintes classificações de dicionário: “de língua”, semasiológico, contemporâneo sincrônico, normativo, geral, monolíngue, ilustrado, para consulta, de função receptiva ou produtiva, para falantes nativos, eletrônico.

No Capítulo 4, onde apresentamos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa e, especificamente, do nosso *corpus*, retirado de dicionários de língua portuguesa, disponíveis em plataforma *on-line*, retomaremos as tipologias de dicionários estabelecidas por Welker (2004) e por Svensén (2009), a fim de tipificar os dicionários que serão analisados em relação ao registro do caráter polissêmico do verbo TOMAR.

2.3 ESTRUTURA DOS DICIONÁRIOS

Haensch e Wolf (1982) ensinam-nos que os usuários de língua, enquanto consulentes de dicionários, não se dão conta do imenso trabalho que é a elaboração de um dicionário. Essa elaboração pressupõe que o lexicógrafo esteja atento às partes que compõem uma obra desse

tipo. Estas partes são: a macroestrutura, a microestrutura, a medioestrutura e o material complementar.

Considerando que nossa intenção é analisar como ocorre o registro do verbo TOMAR em verbetes de dicionários *on-line* de língua portuguesa, nesta seção, refletiremos sobre os elementos constitutivos de um dicionário, tendo como base os trabalhos de Rey (1977), Haensch (1982), Mel'čuk, Clas e Polguère (1995), Welker (2004), Selistre (2010) e Polguère (2018). Daremos especial atenção ao trabalho de Selistre (2010), visto que a linguista prioriza a definição dos elementos que constituem os dicionários inseridos em plataforma digital *on-line*, isto é, dicionários eletrônicos disponíveis na *internet*, os quais são de grande importância para a presente dissertação.

2.3.1 A macroestrutura

De acordo com Rey (1977: 68), a macroestrutura de um dicionário consiste no conjunto de unidades lexicais que farão parte da obra, isto é, nas palavras do autor: é “o conjunto lexicológico ordenado («nomenclatura» ou «macroestrutura») [...]”³⁰. Para Rey (1977), o que vai determinar o quão extenso é um léxico ou vocabulário de uma obra lexicográfica são os critérios adotados em sua construção: tende-se a selecionar os elementos que comporão a macroestrutura através de procedimentos intuitivos ou quantitativos.

Como consequência do que Rey (1977) apresenta, percebemos que a discussão sobre lematizar unidades lexicais a partir de critérios como a frequência (dados quantitativos em função de *corpora* de língua), assim como a dicionarização de palavras a partir de intuições dos lexicógrafos, diz respeito a uma tomada de posição relativa à macroestrutura.

Conforme Rey (1977: 68), uma característica importante da macroestrutura de um dicionário é o modo como pode ser organizada: em ordem alfabética direta ou inversa; por meio de palavras-chave estabelecidas mediante índices ideográficos; através de conceitos que agrupam unidades lexicais (abordagem próxima da onomasiologia). Assim, para Rey (1977), a macroestrutura é o conjunto de unidades lexicais que fazem parte de um determinado dicionário e, como característica determinante desta parte da obra lexicográfica, está o modo como essas unidades estão organizadas.

Outro autor que apresenta uma definição para macroestrutura de um dicionário é Haensch (1982a). O autor afirma que aquilo que se entende por macroestrutura é a *ordenação*

³⁰ “[...] l’ensemble lexicologique ordonné («nomenclature» ou «macro-structure») [...]”. (REY, 1977: 68, grifos do autor).

das unidades que compõem o dicionário³¹: “A ordenação dos materiais nas obras lexicográficas é outro critério de classificação. Essa ordenação condiciona o que se chama sua ‘macroestrutura’”. (HAENSCH, 1982a: 164-65). O autor nos ensina que essa ordenação pode se dar de maneiras diferentes, por exemplo, no dicionário onomasiológico, parte-se do significante; já no dicionário semasiológico, a listagem de formas se dá a partir dos conceitos. De acordo com o autor,

[...] el elemento más importante de la macroestructura de un diccionario es la ordenación de los materiales léxicos en conjunto, que puede ser por orden alfabético, por orden alfabético inverso, por familias de palabras o según un sistema conceptual. Habrá que considerar también el problema de la parte introductoria de los diccionarios, los posibles anexos y suplementos. (HAENSCH, 1982b: 452).³²

A partir da consideração de Haensch (1982b) fica claro que há, até o momento, conceitos diferentes para o termo macroestrutura: *macroestructura* pode se referir ao conjunto de unidades lexicais lematizadas em um dicionário (conceito apontado por Rey (1977)); pode se referir à ordenação das unidades lexicais que compõem o dicionários (característica mencionada por Haensch (1982ab)), ou pode estender-se a um conceito mais abrangente, isto é, ao conjunto de partes que constituem o dicionário, como aponta Haensch (*op. cit.*).

Essa ideia de macroestrutura como o conjunto de todas as partes que constituem um dicionário é apontada também por Mel’čuk, Clas e Polguère (1995: 32, grifo dos autores, tradução nossa), os quais, de maneira breve, afirmam que “*La structure d’un dictionnaire entier est appelée la macrostructure du dictionnaire [...]*” (MEL’ČUK; CLAS; POLGUÈRE, 1995: 33, grifo dos autores)³³. No entanto, mais uma vez, o termo “macroestrutura” parece ser usado para expressar não só o conjunto de elementos que constituem um dicionário, mas também para nomear a organização dos verbetes dentro do dicionário, chamados de artigos pela TST: “*MACROESTRUCTURE, c’est-à-dire l’organisation de l’ensemble du dictionnaire à partir de ses articles*”. (MEL’ČUK; CLAS; POLGUÈRE, 1995: 155, grifo do autor)³⁴.

De fato, Welker (2004: 80) esclarece que há diferentes acepções para o termo “macroestrutura”. O autor apresenta duas delas: (a) na primeira acepção, o termo

³¹ Diferente do que afirma Rey (1977), que, como vimos, diz que a macroestrutura não é apenas a ordenação das unidades lexicais, mas o conjunto destas unidades.

³² “[...] o elemento mais importante da macroestrutura de um dicionário é a ordenação dos materiais léxicos em conjunto, que pode ser por ordem alfabética, por ordem alfabética inversa, por famílias de palavras, ou segundo um sistema conceitual. Haverá de se considerar também o problema da parte introdutória dos dicionários, os possíveis anexos e complementos.” (HAENSCH, 1982b: 452, tradução nossa)

³³ “A estrutura inteira de um dicionário é chamada de **macroestrutura** do dicionário[...]”. (MEL’ČUK; CLAS; POLGUÈRE, 1995: 33, grifo dos autores, tradução nossa).

³⁴ “[...] *MACROESTRUTURA, isto é, a organização do conjunto de artigos do dicionário*”. (MEL’ČUK; CLAS; POLGUÈRE, 1995: 155, tradução nossa, grifo do autor)

macroestrutura tem sido usado para expressar o “conjunto de entradas” de um dicionário, ou seja, sua nomenclatura; e (b) na segunda acepção, o termo *macroestrutura* designa o modo como esse conjunto de entradas está organizado, ou seja, como são os formatos dos verbetes, se a organização se dá por ordem alfabética ou temática, se há presença de ilustrações e tabelas, quais palavras (unidades lexicais simples, unidades lexicais complexas, afixos, preposições e conjunções, fraseologismos) são lematizadas, como ocorre a recolha de palavras e acepções (se por *corpora*, por exemplo) e quantas palavras estão arroladas, já que o número de unidades lexicais dicionarizadas, como vimos na seção anterior, interfere na classificação do dicionário (geral extenso, geral seletivo, por exemplo). A primeira acepção do termo “macroestrutura” apontada por Welker (2004) se aproxima da definição proposta por Rey (1977). A segunda acepção se aproxima do ponto de vista de Haensch (1982ab) e do de Mel’čuk, Clas e Polguère (1995).

Então, somando os pontos de vista dos autores até aqui apresentados (Rey (1977), Haensch (1982ab), Mel’čuk, Clas e Polguère (1995) e Welker (2004)), o termo “macroestrutura” pode designar: (i) o “conjunto de entradas lexicais que compõem um dicionário”; (ii) a “organização das entradas lexicais de um dicionário”, isto é, as unidades inseridas nesse conjunto de entradas; e ainda (iii) as “partes que constituem um dicionário”.

Polguère (2018) apresenta uma definição de macroestrutura paralela à de Rey (1977): a ideia de que a macroestrutura diz respeito ao conjunto de unidades lexicais que compõem o dicionário e à ordenação dessas unidades. Consoante Polguère (2018: 244, grifo do autor): “A **macroestrutura** de um dicionário é sua *ossatura geral*. Ela se organiza em torno de uma *sucessão de descrições de vocábulos, ordenadas alfabeticamente*”. Portanto, assim como Rey (1977), Polguère (2018) entende que a macroestrutura é a estrutura principal do dicionário, isto é, o agrupamento de unidades lexicais, e, como característica principal deste conjunto, está a sua organização.

Longe de tentar problematizar o que seria de fato a macroestrutura, vamos nos ater às definições menos abrangentes, isto é, àquelas que dizem respeito ao conjunto de entradas lexicais que compõem o léxico de dicionário, bem como à organização desse conjunto de unidades, e, por isso, muitas vezes, chamada também de *nomenclatura*, como acabamos de ver. Entretanto, passaremos agora a apresentar o ponto de vista de Selistre (2010), a fim de direcionar nossas reflexões a respeito de um tipo específico de obra lexicográfica: os dicionários *on-line*, objeto de atenção desta dissertação.

Para Selistre (2010: 62), “a macroestrutura corresponde ao conjunto de itens lexicais (referidos nos estudos lexicográficos como ‘lemas’ ou ‘entradas’) arrolados em um

dicionário”. Assim, para estabelecer a macroestrutura de um dicionário, o lexicográfico deve refletir sobre os tipos de palavras que entrarão na sua lista de unidades lexicais a serem lematizadas. No caso dos dicionários *on-line*, o lexicógrafo também deverá decidir como será o acesso às entradas lexicais.

Nesse ponto, Selistre (2010: 62) nos ensina que as mesmas unidades lexicais que fazem parte da macroestrutura do dicionário impresso podem também fazer parte de um dicionário *on-line*. Deste modo, para a autora, podem fazer parte da macroestrutura dos dicionários *on-line*: lexias simples, lexias compostas, lexias complexas, formas truncadas, siglas, abreviaturas, nomes próprios (topônimos e antropônimos), marcas registradas, afixos.

A tratar da estrutura de acesso à macroestrutura dos dicionários *on-line*, Selistre (2010) menciona quatro tipos de estrutura de acesso, registradas por diferentes estudiosos. Algumas dessas estruturas de acesso, inclusive, serão mencionadas por Welker (2004), na seção em que se apresentará os dicionários gerais de língua *on-line* (seção 4.2 – Tipologia dos dicionários selecionados):

Em relação à estrutura de acesso, verifica-se que os dicionários eletrônicos liberam o usuário da busca alfabética linear (LEECH; NESI, 1999) – única rota de pesquisa possível dos dicionários impressos – e oferecem, em geral, uma série de opções de pesquisa. (SELISTRE, 2010: 62).

Destarte, para Selistre (2010: 62-63), as estruturas de acesso à macroestrutura de um dicionário *on-line* de língua possíveis são: *browsing* (sistema de pesquisa equivalente às versões impressas dos dicionários, em que se procura o item desejado por uma lista alfabética); busca direta (o usuário digita a palavra que busca em uma caixa de pesquisa); *fuzzy search* (caso em que, mesmo que um consulente não digite corretamente a palavra que busca, uma lista de palavras possíveis é oferecida); por fim, há a estrutura de acesso *wildcards* (sistema em que caso o consulente possua dúvida na grafia da palavra que deseja buscar, pode substituir uma letra por um símbolo como ‘*’ ou ‘?’).

2.3.2 A microestrutura

A microestrutura de um dicionário diz respeito, conforme Haensch (1982b: 461), à estruturação dos artigos, ou verbetes, de dicionários. O autor afirma que um dicionário é algo como um “extrato” de um léxico total de uma língua, que pode ser lexicografado em forma de lista (considerando um entre os possíveis tipos de organizações macroestruturais). Esse inventário linguístico será, por sua vez, desdobrado em partes menores, isto é, os chamados:

artigos (ou verbetes), entradas, itens. A microestrutura, assim, apresenta como cada artigo de dicionário se estrutura: há, primeiramente, o *lema* (ou palavra-entrada, cabeça), sendo este a parte enunciativa do verbete; após, há o *corpo do lema*, ou seja, sua parte definitória. (HAENSCH, 1982b: 462).

Haensch (1982b: 462) considera que a estruturação do verbete deve ser “*rigorosamente uniforme*”. Dependendo do tipo de dicionário, são oferecidas diferentes informações sobre o lema, cabeça do verbete: etimologia, pronúncia, grafia, indicações gramaticais etc.

Mel’čuk, Clas e Polguère (1995: 32) caracterizam a microestrutura de maneira muito próxima a Haensch (1982b), ao afirmarem que os artigos do DEC – *Dicionário Explicativo Combinatório* – apresentam uma estrutura bastante rígida e previamente definida. Deste modo, para esses autores, a microestrutura diz respeito à organização de um verbete: “[...] *un article de dictionnaire possède une structure dont les éléments sont les données lexicographiques; cette structure est appelée la microstructure du dictionnaire [...]*.(MEL’ČUK; CLAS; POLGUÈRE, 1995: 32, grifo dos autores).³⁵.

Welker (2004), ao definir o que é microestrutura, cita o conceito apontado por Rey-Debove, para quem a microestrutura é o “*conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada*”. (REY-DEBOVE, 1971: 21, citado por WELKER, 2004: 107). Welker (2004) ainda destaca que Rey-Debove afirma que todas as microestruturas de um dicionário devem ser padronizadas, isto é, organizadas da mesma maneira. Essa ideia de que a microestrutura deve ser rígida e recorrente vai ao encontro do ponto de vista de Haensch (1982b) e de Mel’čuk, Clas e Polguère (1995). Contudo, Welker (2004) critica essa concepção de microestrutura, pois afirma que não é possível que haja uma padronização da microestrutura para todos os verbetes dicionarizados em uma obra lexicográfica.

Consequentemente, Welker (2004) defende que, se há diferentes tipos de lemas, precisa haver diversas microestruturas. Como exemplo, o autor cita o fato de que a microestrutura do verbete de uma interjeição não precisa ser a mesma destinada à descrição lexicográfica de um verbo. Assim, para o autor, deve haver, na verdade, vários padrões de microestrutura, a fim de que o consulente perceba que há uma organização lógica de verbetes, mas não é necessário que haja apenas um.

³⁵ “[...] *um artigo de dicionário possui uma estrutura onde os elementos [que a compõem] são dados lexicográficos; essa estrutura é chamada de microestrutura do dicionário [...]*”. (MEL’ČUK; CLAS; POLGUÈRE, 1995: 32, grifo dos autores, tradução nossa)

Conforme Welker (2004: 110-11), por fim, diferentes elementos poderão compor a microestrutura de um verbete: a cabeça do verbete (que contém o lema e as informações anteriores à definição, como equivalentes – no caso de dicionários bilíngues –, variantes ortográficas, pronúncia, categoria gramatical, informações flexionais e/ou sintáticas, etimologia, marcas de uso); a definição (lexicográfica) ou definições, quando houver mais de uma acepção para o lema; as marcas de uso (que dão conta das variações – espaciais, sociais – de uso para um mesmo lema); as informações sintáticas; as colocações – as quais, segundo o autor, são definidas como a coocorrência lexical); os exemplos/abonações; os fraseologismos idiomáticos (ou, conforme o autor, “sintagmas mais ou menos fixos”); e, ainda, as remissões e informações paradigmáticas. Estas últimas, como veremos de forma mais detalhada mais adiante, para o autor, fazem parte, mais precisamente, da medioestrutura de um dicionário.

A definição da microestrutura é evidente nas caracterizações até aqui apresentadas: parece haver maior consonância entre os autores na definição de microestrutura do que na de macroestrutura. De fato, a definição de Polguère (2018: 248, grifo do autor) parece resumir todos os pontos apresentados pelos autores Haensch (1982b), Mel’čuk, Clas e Polguère (1995) e Welker (2004): “[...] o padrão de organização interna dos artigos de vocábulos é chamado **microestrutura do dicionário**”. Consequentemente, para Polguère (2018), dizem respeito à microestrutura, a padronização das informações que irão compor o artigo dicionarístico, a forma como se estrutura um vocábulo polissêmico, ou seja, como as acepções são organizadas e ranqueadas, e a forma como certos tipos de informação são apresentadas, tais como: a datação, as marcas de uso, a definição, os exemplos, entre outras informações possíveis.

Por fim, de igual forma ao que fizemos na seção anterior, registraremos o ponto de vista de Selistre (2010), tendo em vista sua importante contribuição para a caracterização de dicionários *on-line*. Para a autora, a microestrutura é composta, geralmente, por informações sobre a forma (ou significante) do lema, parte da microestrutura chamada pelos teóricos que a linguista cita de “comentário de forma”; também se compõe de informações a respeito do significado da lexia sendo lematizada, isto é, o “comentário semântico”.

Quanto aos componentes que fazem parte da microestrutura, Selistre (2010) lista, primeiramente, aqueles que aparecem no comentário de forma:

No comentário de forma [...] qualquer que seja o suporte, comumente temos indicações de ortografia (grafia convencional do item), de divisão silábica (menos comum), de variantes ortográficas, de pronúncia e informações gramaticais (categoria gramatical e, quando é o caso, apresentação das formas flexionadas não previsíveis). (SELISTRE, 2010: 63).

No que concerne ao comentário semântico, Selistre (2010: 63) afirma que tal comentário apresenta “[...] *definições (nos dicionários monolíngues), equivalentes (nos dicionários bilíngues), marcas de uso, desambiguadores semânticos e, em algumas entradas, podem apresentar ilustrações*”.

Há ainda, inseridos na microestrutura, os exemplos/abonações do vocábulo que está sendo descrito. Conforme Selistre (2010), o exemplo pode pertencer ao comentário de forma, mas também ao comentário semântico. Para a autora, quando um exemplo desempenha a função de exemplificar o emprego sintático de um lema, tal exemplo se insere no comentário de forma; caso o exemplo tenha como principal objetivo contribuir para o entendimento do significado do lema, esse exemplo faz parte do comentário semântico.

Para além do comentário de forma e do comentário semântico, Selistre (2010: 63) declara que ainda podem fazer parte da microestrutura os “fraseologismos” (“*expressões idiomáticas, fórmulas situacionais, frases feitas, provérbios e colocações, etc.*”) que acarretam a identificação de três tipos³⁶ de microestrutura: a integrada, a não-integrada e a parcialmente integrada.

Na microestrutura integrada, os fraseologismos são registrados após cada uma das acepções, ou seja, nas palavras da autora: “*integrada – as respectivas informações sintagmáticas são apresentadas após cada acepção*”. (SELISTRE, 2010: 63, *itálico da autora*).

Quanto à microestrutura não-integrada, todos os fraseologismos são registrados à parte, ao final do verbete, em um bloco único de estruturas construídas com o item lexical lematizado:

[...] as informações sintagmáticas são separadas das diversas acepções, aparecendo no final do verbete, às vezes, num bloco à parte (em alguns casos, esses sintagmas recebem números que se referem à acepção à qual pertencem, permitindo assim melhor identificação. (SELISTRE, 2010: 63).

Por fim, Selistre (2010) apresenta a microestrutura parcialmente integrada, de acordo com a qual algumas construções sintagmáticas são colocadas após a acepção a que pertencem e alguns fraseologismos são colocados em um bloco que fica ao final do verbete, por não se saber precisamente a acepção em que se insere esta ou aquela construção.

Na próxima seção, apresentaremos as definições de “medioestrutura”.

³⁶ Selistre (2010) toma como referência teórica para a tipologia da microestrutura, conforme sua apresentação dos fraseologismos, a obra de Werner (1991) citada por Carvalho (2001).

2.3.3 A medioestrutura

Como vimos, Welker (2004), ao apresentar os elementos que constituem a microestrutura dos verbetes, afirma que as remissões e as informações paradigmáticas estão relacionadas com a medioestrutura. Para o autor,

Macroestrutura e microestrutura são termos comuns na metalexigrafia. Entre essas duas “estruturas” – que se referem à organização do dicionário inteiro e dos verbetes, respectivamente – há uma outra “estrutura”, denominada, às vezes, *medioestrutura* [...]. Trata-se de um sistema de remissões (ou referências cruzadas [...]), isto é, maneiras de se remeter o usuário de um lugar para outro. (WELKER, 2004: 177, grifos do autor).

Polguère (2018) reflete sobre o fato de que, inseridas à microestrutura, há informações a respeito de um vocábulo ou lexia que fazem referência a outros vocábulos ou lexias, isto é, levam o consulente de uma a outra parte do dicionário, fazendo uma ligação de diferentes tipos de informações: “[...] a microestrutura dos dicionários está saturada de referências cruzadas, isto é, de apontadores que partem do artigo de uma determinada lexia e levam conceitualmente a outros artigos de vocábulos ou de lexias” (POLGUÈRE, 2018: 248).

Em vista disso, o autor afirma existir, interna à estrutura dos dicionários, algo como uma “*grade complexa de conexões interartigos*”, isto é, referências cruzadas que estabelecem relações entre diferentes artigos, em diferentes localizações dentro dos dicionários. (POLGUÈRE, 2018: 249).

Consoante Selistre (2010: 63), que toma como referência Bugueño Miranda (2003)³⁷, a medioestrutura de um dicionário de língua consiste no sistema de remissões desse dicionário, isto é, o princípio que leva o consulente de uma parte do dicionário para outra e no material complementar. Nos dicionários de língua *on-line*, o sistema de remissões é proeminente, dada a sua grande capacidade de interatividade: “*Nos dicionários on-line, dada a possibilidade de hiperconexões (hiperlinks), o cruzamento de referências é muito mais abrangente do que nos dicionários impressos*”. (SELISTRE, 2010: 63).

O material complementar, por sua vez, para Selistre (2010: 64), é um conjunto de itens diversos: a introdução ou prefácio que informa o consulente sobre a elaboração do dicionário; o guia que informa o consulente sobre tudo que se faz relevante para a sua pesquisa na obra; informações adicionais como listas de verbos irregulares, de nomes de países e de nacionalidades, tabelas de pesos e medidas, apêndices gramaticais, minidicionários ilustrados.

³⁷ BUGUEÑO, F. Cómo leer y qué esperar de un diccionario monolingüe (con especial atención a los diccionarios del español). *Revista de Lengua e Literatura*, Frederico Westphalen, v. 8/9, p. 97-114, 2003.

No caso dos dicionários *on-line*, conforme a autora, além dos itens comumente já constituintes do material complementar, ainda podemos encontrar jogos interativos, *links* para outros dicionários e atividades fotocopiáveis.

Para refletir sobre a elaboração dos dicionários, assim como das partes que constituem tais obras, tomamos como um dos pontos de referência o estudo de Selistre (2010), que apresenta a medioestrutura e o material complementar (expostos logo acima) e a macroestrutura e a microestrutura dos dicionários *on-line* para aprendizes de inglês. Em sua pesquisa, a autora analisa quatro dicionários, dois bilíngues (português e inglês) e dois monolíngues (apenas inglês). No que diz respeito aos tipos de dicionários analisados, o estudo de Selistre (2010) se afasta deste, pois a autora investiga dicionários para aprendizes de língua inglesa, ao passo que esta dissertação se dedica apenas aos dicionários gerais de língua portuguesa *on-line*.

No entanto, para analisar as partes que constituem os dicionários *on-line*, levaremos em conta, de maneira particular, o trabalho de Selistre (2010), pois tanto os dicionários analisados pela autora quanto os dicionários estudados neste trabalho são armazenados em plataforma *on-line*, o que os torna próximos quanto ao meio de apresentação.

Enfim, nesta seção procuramos mostrar como alguns autores apresentam as partes constitutivas de um dicionário. Vimos que a macroestrutura se caracteriza como o conjunto de entradas dos dicionários, como a definição dos tipos de unidades lexicais a serem lematizadas, a disposição das informações, assim como o método de acesso à macroestrutura. A microestrutura, por sua vez, diz respeito à organização interna do verbete, desde o lema, parte enunciativa do verbete, até às informações a respeito da unidade lexical (variantes, pronúncia, classe da palavra, informações flexionais e sintáticas, dados etimológicos e marcas de uso), aos exemplos e fraseologismos. Por fim, vimos que a medioestrutura concerne aos elementos interativos do dicionário, isto é, ao cruzamento de referências, às remissões.

Na próxima seção, procuraremos caracterizar como ocorre a abordagem metalexigráfica de obras dicionarísticas e como os verbos polissêmicos são tratados em dicionários de língua.

2.4 A METALEXICOGRAFIA: UMA FORMA DE CONTRIBUIR COM A PRÁTICA LEXICOGRÁFICA

Nesta seção, objetivamos mostrar ao leitor o que se entende por metalexigrafia e apresentar alguns estudos que, no âmbito da metalexigrafia, realizaram reflexões sobre

como os verbos polissêmicos, os fenômenos da polissemia e da homonímia e a ordem de acepções polissêmicas são tratados em dicionários de língua.

Como dissemos na introdução, a presente dissertação constitui uma pesquisa de caráter metalexigráfico, pois nos propomos a analisar registros lexicográficos de um verbo polissêmico, o verbo TOMAR, em dicionários de língua *on-line*. Desta forma, ao analisar os verbetes desses dicionários e tecer considerações sobre a forma como as diferentes acepções desse verbo são apresentadas, faremos o que se chama de atividade metalexigráfica.

Welker (2006) apresenta a metalexigrafia como a lexicografia teórica, em oposição à lexicografia prática, entendida, esta última, como a ciência técnica responsável pela produção de dicionários, definição já apresentada mais acima por Barbosa (1990), Lorente (2004), Krieger e Finatto (2004) e Lara (2004), na seção que trata especialmente da lexicografia, como viés prático da lexicologia. Para o autor, o caráter teórico da metalexigrafia está centrado na reflexão crítica aos dicionários. Welker (2006) assim explica a distinção entre lexicografia prática e teórica:

Por *lexicografia* entende-se, por um lado, a ciência, técnica, prática ou mesmo arte de elaborar dicionários. Se essa é a chamada *lexicografia prática*, há, por outro lado, uma outra acepção, a saber, a *lexicografia teórica*, ou *metalexigrafia*. Esta abrange o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários [...] e o estudo tipológico. (WELKER, 2006: 69, grifos do autor).

O autor entende, desta forma, que a metalexigrafia é o viés teórico da atividade prática. Esse viés busca contribuir com o fazer lexicográfico desenvolvendo um método de reflexão e de análise dos dicionários como obras de pesquisa e referência. Essas reflexões podem versar sobre a obra lexicográfica inteira, sobre parte dela, como a macroestrutura, a medioestrutura ou a microestrutura, ou ainda sobre a forma como determinado fenômeno linguístico está refletido no dicionário. No presente estudo, as reflexões metalexigráficas que faremos – ou a lexicografia teórica que faremos – objetivam contribuir com o registro de palavras polissêmicas em obras dicionarísticas de português *on-line*.

Para tanto, vamos apresentar o ponto de vista de alguns estudiosos que já trataram metalexigraficamente do registro de palavras polissêmicas. De maneira geral, os estudiosos não se restringem a analisar as tomadas de posição dos lexicógrafos ao tratarem um item como polissêmico ou homonímico, mas também como as acepções polissêmicas foram apresentadas nos dicionários de língua portuguesa. Os estudos que serão objeto de nossa atenção neste momento são os seguintes: Biderman (2000), Biderman (2004) e Bugueño Miranda (2016).

Como vimos no Capítulo 1, o fenômeno da polissemia tem causado grande discussão a respeito de seu tratamento e sua classificação nos estudos linguísticos, e sua abordagem em diferentes teorias semânticas. No âmbito dos estudos metalexiconográficos, muitos estudiosos têm se dedicado ao assunto. Começemos por Biderman (2000).

Biderman (2000) realiza uma análise do dicionário geral de língua portuguesa *Aurélio*. A partir desse dicionário, a linguista reflete sobre muitos aspectos, como a nomenclatura e os critérios de seleção de palavras a serem lematizadas, assim como sobre as características microestruturais, isto é, sobre as características internas ao verbete. Nos que diz respeito ao que é relevante para este trabalho, Biderman (2000) apresenta como o dicionário *Aurélio* tratou a polissemia e a homonímia.

Como primeira crítica ao tratamento polissêmico/homonímico de lexias no *Dicionário Aurélio*, Biderman (2000) aponta para o fato de que, seguindo o *Dicionário da Real Academia Espanhola*, o *Aurélio* considera como homônimas apenas as palavras que apresentaram origem em étimos diferentes. Os exemplos apresentados pela linguista para corroborar sua opinião são as três entradas do dicionário para *canto* e as duas entradas para *ponto*:

Assim Aurélio separou em três entradas *canto*¹ [do gr. kanthós, pelo lat. canthu] X *canto*² [do lat. cantu.] X *canto*³ [de origem incerta]. Inversamente *ponto*¹ [do lat. punctu] foi tratado como polissêmico com 44 acepções e 141 sintagmas lexicalizados ou cristalizados X *ponto*² [do grego pontos, pelo lat. pontu]. (BIDERMAN, 2000: 32, grifos da autora).

Para a linguista, o critério etimológico acarretou problemas metodológicos no que diz respeito ao âmbito do significado de palavras com o mesmo significante. Biderman (2000) critica o fato de não se separar palavras que, nitidamente, não possuem parentescos de significado, caso de *ponto*, assim como entende que as três entradas para *canto*, apesar de possuírem, cada uma, uma origem diferente, não necessariamente precisariam figurar em entradas separadas, já que, no plano do sentido, há certa aproximação entre elas.

De acordo com Biderman (2000), ao adotar o critério etimológico como norteador de sentidos polissêmicos para um item lexical, o *Aurélio* acabou também por admitir a manutenção de acepções que já caíram em desuso, e não necessitariam figurar nos sentidos polissêmicos da entrada lexical *ponto*, por exemplo:

O critério identificador de unidades léxicas para distinguir homônimos, a saber, tomar o étimo como discriminador, levou Aurélio a cometer impropriedades semânticas. Em primeiro lugar, julgo que o dicionarista deve descrever o léxico ao nível da sincronia, e não da diacronia. Além disso, a inclusão dessa segunda entrada *ponto*² parece anacrônica e irrelevante. Não encontrei um só registro de tal

significado em nossas imensas bases textuais do português contemporâneo [...]. (BIDERMAN, 2000: 32, grifo da autora).

Percebe-se claramente que Biderman (2000) defende a ideia de que a tomada de posição em relação aos homônimos deveria levar em conta o sentido, e não os critérios etimológicos: “*Como a moderna lexicografia, também considero que se devem distinguir os homônimos com base na semântica e não na etimologia*” (BIDERMAN, 2000: 32).

Nessa mesma linha, Biderman (2000) afirma que, assim como a homonímia, a polissemia nos dicionários deve ser tratada a partir de critérios semânticos. Segundo a linguista, considerar a proximidade ou afastamento dos significados das acepções de determinadas palavras, para se determinar se estamos diante do fenômeno da homonímia ou da polissemia, seria a tomada de posição mais acertada. Nas palavras da autora:

O critério semântico da similaridade/dissimilaridade entre os significados é o critério mais adequado para a distinção entre a polissemia e a homonímia. E a análise sêmica seria o procedimento mais correto, na medida que devemos distinguir a existência de semas comuns aos diversos significados de uma mesma palavra para identificar um fenômeno de polissemia. A existência ou não de semas específicos comuns (pelo menos um) estabeleceria a linha divisória entre a polissemia e homonímia. Ao nível da teoria lexicológica, temos que manter essa distinção/oposição e servir-nos dela para discriminar homônimas de palavras polissêmicas e assim dicionarizar os lemas com um ou outro perfil. (BIDERMAN, 2000: 33).

Como se pode observar, Biderman (2000) defende que a análise através de traços distintivos de significado seria um caminho possível para a tomada de decisão acerca de palavras polissêmicas e homonímicas. No entanto, como veremos no próximo capítulo, há outras formas de diferenciar entre os dois fenômenos partindo também da análise do sentido. De qualquer forma, concordamos com a autora quando ela apresenta o critério semântico, e não etimológico, para decidir se estamos diante de uma palavra polissêmica ou homonímica.

Outra crítica pertinente apresentada por Biderman (2000) é o fato de que, no dicionário *Aurélio*, muitos verbetes parecem mostrar que certas entradas lexicais registram uma polissemia bastante extensa não porque essas entradas tenham efetivamente muitos significados diferentes, ainda que aparentados, mas por haver particularidades de significados muito pequenas, emergidas no contexto. Dada essa diferenciação de sentido muito pequena, não haveria, para Biderman (2000), a necessidade de se separar um espaço no verbete para novas acepções, já que, na verdade, se trataria de apenas modificações finas de sentido, ratificadas pelo contexto:

Quando a palavra tem vários sentidos, um problema muito complicado é isolar os principais sentidos sem se deixar levar pelas conotações resultantes do contexto, isto é, individualizar apenas significados básicos em que, de fato, se pode reconhecer semas diferentes. Creio que, muitas vezes, essa constitui uma fragilidade do Aurélio. Em vez de tentar fazer esse esforço de separação e ordenação, ele prefere ir expandindo o verbete e acrescentando mais e mais acepções quando várias dentre elas poderiam ser incluídas em outras. (BIDERMAN, 2000:48-9).

Para Biderman (2000) um fator que faz com que esse registro exacerbado de acepções ocorra, particularmente com verbos polissêmicos, é que a descrição é feita não só pelas especificações finas de significado conforme os diferentes contextos, mas também porque o lexicógrafo se vale da sintaxe como fator determinante para estabelecer quais são as acepções que um verbo pode veicular. Nesse sentido, em relação ao verbo *deixar*, a autora diz que o *Dicionário Aurélio*

[...] detalhou muito e de modo inadequado. Julgo que a opção que fez (imitando Francisco Fernandes) de identificar e separar as acepções a partir da sintaxe do verbo não foi a melhor decisão. De fato, em se tratando de lexicografia, a semântica deve comandar e a sintaxe vir em segundo lugar mesmo no caso do verbo. Isso porque a primeira coisa que um consulente quer saber é qual é o significado das palavras. Não é que a sintaxe não seja importante, claro que é. Contudo, frequentemente esse critério obrigou Aurélio a idas e vindas no estabelecimento das acepções porque deu prioridade a forma sintática, repetindo o mesmo valor semântico, com uma pequena nuance, fenômeno que ocorre quando muda a regência do verbo. (BIDERMAN, 2000: 50-1).

Deste modo, na concepção da autora, várias acepções de um item lexical polissêmico poderiam ser agrupadas em acepções mais abrangentes, que não fossem tão específicas, ou seja, que apenas trouxessem características manifestas no contexto, nem que privilegiassem a sintaxe em detrimento do sentido.

Além dessas primeiras observações realizadas por Biderman (2000), a autora chama a atenção para, ainda, mais um fator determinante na listagem de acepções polissêmicas de uma unidade lexical: o fato de que parece haver uma falta de ordenamento das acepções, que muitas vezes são apresentadas sem que se identifique um fio condutor entre elas. Isso ocorre porque o lexicógrafo parece privilegiar o comportamento sintático da unidade lexical e não o seu sentido. Outra observação que Biderman faz, ainda, é sobre o registro de acepções que estão em desuso, ou seja, não são de fato produzidas em atos comunicativos por falantes da língua portuguesa contemporânea:

Pode-se constatar que muitas acepções listadas por ele [Aurélio] podem ser incluídas em outras [...], poderiam ser fundidas numa só dando maior abrangência para a definição. [...] Outras deveriam ser eliminadas [...]. Alguns dentre esses casos são repetições de versões lexicográficas tradicionais desde o Aulete que os nossos

corpora não registram; talvez tenham sido usos do português europeu. (BIDERMAN, 2000: 52).

Para a autora, um lexicógrafo deve apresentar critérios claros que justifiquem as inúmeras acepções de um item lexical polissêmico e deve priorizar o vocabulário em uso no Brasil, logo, as acepções que, de fato, são reconhecidas pelos falantes de português brasileiro, o que pode não acontecer ao se realizar um apanhado de acepções minuciosas em razão da sintaxe ou da etimologia, ou mesmo quando há a manutenção de acepções utilizadas ao longo da história da língua portuguesa, mas não no contexto atual de língua.

Em texto publicado em 2004, Biderman analisa os dicionários eletrônicos *Houaiss* e *Aurélio*, a respeito de diferentes fatores, dentre eles, a lematização de palavras polissêmicas e homônimas. A linguista conclui que, em ambos os dicionários, o tratamento das palavras polissêmicas e das palavras homônimas é problemático, pois, nos tais dicionários, os lexicógrafos optam por tratar as entradas, geralmente, como polissêmicas, reservando o registro homonímico apenas para as unidades lexicais que possuem formas iguais, mas fontes etimológicas diferentes. Os lexicógrafos poderiam ter tomado outra decisão, como bem explica Biderman (2004):

Tanto o AURÉLIO como o HOUAISS deram primazia à *polissemia* versus *homonímia* no processo de identificação das entradas. Isso teve consequências importantes no estabelecimento de suas *macroestruturas*, visto como consideraram como homônimos apenas os vocábulos que têm um étimo diferente. É o caso de *andar* verbo e *andar* sub., *direito*, adj., sub., adv. Consideraram, pois, tais unidades léxicas como polissêmicas. Poderiam ter-lhes dado outro tratamento considerando-as como homônimas e assim teríamos no primeiro caso *andar*¹ verbo, *andar*², substantivo; *direito*¹, adjetivo, *direito*², advérbio e *direito*³, substantivo. Assim o critério etimológico se sobrepôs ao semântico-lexical e sintático. (BIDERMAN, 2004: 192, grifos da autora).

A reflexão da linguista mostra que o critério etimológico e a preferência por um tratamento polissêmico de formas de palavra com mais de um sentido levaram tanto o *Aurélio* quanto o *Houaiss* a colocar em uma mesma entrada unidades lexicais pertencentes a diferentes classes de palavras.

Segundo Biderman (2004), a supremacia do critério etimológico para a identificação das palavras homônimas não é um critério que se possa considerar como decisivo para determinar que uma mesma forma deva ter mais de uma entrada no dicionário. A autora defende seu ponto de vista da seguinte forma:

A língua portuguesa não possui estudos confiáveis sobre a história de seu léxico em seu conjunto para que se possam fazer afirmações categóricas para um número considerável de palavras do nosso vocabulário. Com exceção dos dicionários

etimológicos/históricos de Antenor Nascentes, José Pedro Machado e Antônio Geraldo da Cunha, não possuímos muitas fontes para pesquisar esse tipo de informação. E essas obras não são isentas de incorreções, além de não cobrirem toda a imensidão do léxico. Em um número significativo de casos suas lições têm que ser revistas e reformuladas. (BIDERMAN, 2004: 198).

Considerando o resultado das análises de Biderman (2004), pode-se concluir que a adoção do critério etimológico para distinguir entre palavras polissêmicas e palavras homônimas pode acarretar outros problemas, para além de agrupar itens de classes de palavras diferentes e/ou de inserir em um mesmo verbete acepções que não se aproximam umas das outras no plano semântico. No centro desses problemas está o fato de que não há estudos conclusivos sobre a etimologia das palavras portuguesas.

Ao analisar o *Houaiss*, Biderman (2004) afirma que a proposta de ter como base de estruturação do verbete a datação das palavras acarreta problemas. Em verbetes de palavras polissêmicas, por exemplo, a ordem das acepções é estabelecida com base na datação da acepção e não com base no sentido mais típico, ou aquele que é o mais comum ao consulente. Conseqüentemente, a primeira acepção de uma palavra polissêmica trará o primeiro significado desta palavra em uma dimensão temporal, isto é, o primeiro registro localizado daquela palavra; no inventário de acepções da entrada lexical do item em um dicionário estará listado primeiramente o seu primeiro sentido, e não o seu sentido mais usual. De acordo com a autora,

[...], um consulente comum do HOUAISS, desconhecedor da diacronia da língua, ficará surpreso ao constatar que o sentido mais comum na atualidade pode aparecer em 2º, 3º ..., 8º lugar na sucessão histórico-hierárquica dos sentidos. (BIDERMAN, 2004:199, grifo da autora).

Levando em consideração o fato de que, ao abrir um dicionário, o consulente não especialista de língua (já que se trata de um dicionário de língua geral, portanto com público-alvo abrangente) normalmente procura os sentidos usuais da palavra, a organização das acepções a partir de dados diacrônicos acaba por atrapalhar este consulente.

Outro estudioso que trata do registro lexicográfico de palavras polissêmicas e homonímicas é Félix Bugueño Miranda. O autor atenta para o fato de que não há, sequer, consenso sobre a existência efetiva dos fenômenos polissemia e homonímia, dado o fato de haver teorias que negam a existência de um ou de outro desses fenômenos. Nas palavras do autor:

Nos estudos léxicos, um tema que ainda desperta polêmica entre os especialistas é o da homonímia e polissemia. Por um lado, não há um acordo sobre se esses

fenômenos são de pertinência linguística, na medida em que algumas teorias negam um ou outro. Do ponto de vista da lexicografia, por outro lado, o panorama tampouco oferece soluções completamente satisfatórias, já que o agrupamento de definições em torno a um único signo-lemma ou a sua distribuição em dois ou mais signos-lemma com idêntica estrutura fonológico-ortográfica nem sempre obedece a critérios linguísticos. (BUGUEÑO MIRANDA, 2016: 121).

Como observado por Bugueño Miranda, não há acordo sobre a definição do fenômeno da polissemia, assim como da homonímia, em função de que não há consenso sobre os critérios linguísticos que possam diferenciá-los. O fato de não haver um meio bem estabelecido para se determinar e diferenciar os fenômenos em questão, também foi constatado por Perini (2004) e Lyons (1979), como mostramos no primeiro capítulo deste trabalho. Para Perini (2004), são utilizados critérios heterogêneos, logo, não consensuais, para se determinar se está diante de um vocábulo polissêmico ou itens homonímicos; já, para Lyons (1979), os critérios podem ser arbitrários e, até, indeterminados.

Levando em conta o quadro de palavras polissêmicas e homonímicas e considerando o fato de que não há consenso sobre como tratar palavras que apresentam diversos significados, Bugueño Miranda (2016) apresenta as diferentes posições encontradas nos dicionários em relação à polissemia e à homonímia³⁸: para o autor, os lexicógrafos lançam mão das chamadas “soluções polissêmicas” e “soluções homonímicas” (em dicionários semasiológicos). Com base nesses dois tipos de soluções, Bugueño Miranda (2016: 129-134), verificou quatro diferentes perspectivas para se tratar um significante que possui muitos significados. São elas:

1. Solução polissêmica por base etimológica única
2. Solução homonímica por bases etimológicas diferentes
3. Solução polissêmica não etimológica
4. Solução homonímica não etimológica
 - 4.1 de base semântica
 - 4.2 de base morfológica.

No que diz respeito à polissemia, o autor intitula de “Solução polissêmica por base etimológica única” (BUGUEÑO MIRANDA, 2016: 129-134) os posicionamentos que levam em conta apenas a etimologia (caso dos exemplos que o autor apresenta para justificar sua proposta: dicionários *Aurélio* (2000, VERBETE *enegrecer*); *Larousse Cultural Dicionário da Língua Portuguesa* (1992, VERBETE *chapa*); *Dicionário de la langue française* (1995, VERBETE *note*)). De acordo com esse posicionamento, agrupam-se acepções provenientes de uma única fonte etimológica, o que acaba por colocar em um único verbete acepções que

³⁸ O autor analisou dicionários de diferentes línguas e tradições lexicográficas. Assim, em seu trabalho não só há exemplos de dicionários da língua portuguesa, como espanhola, alemã e inglesa.

não são nem sequer próximas no que diz respeito ao significado que veiculam. Nesse caso, independentemente do número de acepções vinculadas a uma mesma origem, todas serão abarcadas em uma única entrada.

O autor também explica o que denomina “Solução polissêmica não etimológica” (BUGUEÑO MIRANDA, 2016: 137:44), de acordo com a qual todas as acepções veiculadas por um mesmo significante são agrupadas em um único verbete. Nesse tipo de solução, mesmo que haja étimos diferentes, isto é, mesmo que haja palavras que possuíssem origens diferentes e que, ao longo da história da língua, convergiram fonologicamente para significantes idênticos, estas palavras serão agrupadas em uma única entrada. Esse tipo de solução o autor encontrou nos dicionários: *Oxford Mini Dictionary Thesaurus & Wordpower Guide* (2002, VERBETE *bank*); *Sopena Diccionario Ilustrado de la Lengua Española* (1965, VERBETE *costa*); *Diccionario del Español Moderno* (1979, VERBETE *gama*); *Dicionário Essencial da Língua Portuguesa* (2004, VERBETE *manga*); *Neues Deutsches Wörterbuch* (2007, VERBETE *ball*); *Children’s Dictionary* (2009, VERBETE *fit*). Nesse caso, como previamente evidenciado, quando os dicionários optam por uma solução chamada pelo autor de “solução polissêmica não etimológica”, mesmo que haja bases etimológicas distintas e não haja qualquer ponto comum de sentido, ainda assim, as acepções serão agrupadas no mesmo verbete.

Quanto à homonímia, Bugueño Miranda (2016: 134:36) apresenta, primeiramente, o que chama de “Solução homonímica por bases etimológicas diferentes”. Nessa perspectiva, os lexicógrafos optam por separar palavras com significantes iguais, isto é, unidades lexicais que convergem quanto à forma fonológica e forma ortográfica, mas que possuem étimos diferentes. Essa solução foi encontrada por Bugueño Miranda (2016) nos dicionários: *Diccionario de Uso del Español de América y España* (2003, VERBETE *realista*); *Störig Großes Wörterbuch der deutschen Sprache* (1990, VERBETE *druse*); *English Dictionary* (1998, VERBETE *gore*).

Sobre soluções homonímicas não etimológicas, Bugueño Miranda (2016) apresenta duas tomadas de posição diferentes: a “Solução homonímica não etimológica de base semântica” e a “Solução homonímica não etimológica de base morfológica”.

No primeiro caso, Bugueño Miranda (2016: 144-145) afirma que as “soluções homonímicas não etimológicas de base semântica” optam por separar itens que, embora possuam um mesmo étimo, no que diz respeito à língua contemporânea, não compartilham uma relação aproximada no plano do sentido. Por isso, os lexicógrafos, ignorando que haja um étimo comum para diferentes acepções, separam tais acepções em itens homônimos no

dicionário, cada um com sua entrada, já que os sentidos veiculados por esse mesmo significante não compartilham qualquer componente comum.

No segundo caso, conforme Bugueño Miranda (2016: 145-147), as “*soluções homonímicas não etimológicas de base morfológica*” apartam lexias que, embora também possam um mesmo étimo, como no primeiro caso, são separadas nos dicionários em entradas diferentes. Verifica-se que, nas línguas em que há mudança de classe morfológica, sem que haja mudança de forma, os lexicógrafos tendem a apresentar uma entrada separada para cada item lexical de mesmo significante que pertençam a classes de palavra distintas.

A pesquisa de Bugueño Miranda (2016) mostra que não há um consenso no tratamento lexicográfico que devem receber essas unidades lexicais que apresentam o mesmo significante com múltiplos sentidos. Desta forma, estabelecer de maneira adequada e precisa quando estamos diante de um vocábulo polissêmico, isto é, uma única palavra que veicula muitos sentidos, ou quando estamos diante de itens homonímicos, logo, unidades lexicais distintas que apenas apresentam uma coincidência de formas, ainda é um problema que está longe de ser solucionado.

RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo teve como objetivo abordar a lexicografia, a técnica responsável pela elaboração de obras lexicográficas, e a metalexicografia, disciplina responsável pela teorização e reflexão sobre o “fazer lexicográfico”, bem como sobre produtos lexicográficos.

Para tanto, na seção 2.1, fizemos a apresentação da disciplina lexicografia, sendo esta a disciplina prática que orienta a produção das obras lexicográficas. Observamos que, enquanto a lexicologia reflete sobre o léxico na sua totalidade, tendo em vista um plano teórico que pode colaborar com a prática lexicográfica, a lexicografia realiza a construção propriamente dita das obras lexicográficas.

Na seção 2.2, expusemos os diferentes tipos de dicionários, apontando como é problemática a classificação de obras lexicográficas, dados os tantos parâmetros que podem ser levados em consideração na classificação de uma obra de referência, não adentrando, porém, na imensa discussão sobre as diferentes classificações existentes. Destacamos especialmente os critérios de classificação propostos por Welker (2004) e Svensén (2009). A partir do ponto de vista destes teóricos, identificamos que os dicionários de língua portuguesa *on-line*, os quais servirão de suporte de recolha do nosso *corpus* de pesquisa, são dicionários

de língua, gerais, eletrônicos, semasiológicos, contemporâneos sincrônicos, normativos, e para consulta.

Na seção 2.3, discorreremos sobre a estrutura dos dicionários, ou seja, evidenciamos as partes que constituem esse tipo de obra lexicográfica, especialmente no que diz respeito à macro e à microestrutura, mas não deixando de mencionar a medioestrutura.

Por fim, na seção 2.4, ao apresentar o que se entende por metalexigrafia, adentramos nas discussões que são feitas acerca do registro lexicográfico de palavras polissêmicas e palavras homônimas em trabalhos de natureza metalexigráfica. Para tanto, apresentamos os pontos de vista de Biderman (2000, 2004) e Bugueño Miranda (2016), os quais problematizaram o tratamento da polissemia e da homonímia nos dicionários de língua, apontando as tomadas de posição dos lexicógrafos frente a palavras que apresentam uma mesma forma e mais de um significado, e as consequências das “soluções” comumente adotadas pelos lexicógrafos.

No próximo capítulo, com o objetivo de apresentar os pressupostos teóricos que fundamentam nosso trabalho de pesquisa, faremos a exposição da Teoria Sentido-Texto, que tem como ramificação prática o Modelo Sentido-Texto. Apresentaremos os postulados básicos da teoria, evidenciando o fato de a Teoria Sentido-Texto, a TST, ser uma teoria lexicográfica que tem como seu principal produto o *Dicionário Explicativo Combinatório* (DEC). Também discorreremos sobre o Modelo Sentido-Texto, entendido como a ferramenta prática capaz de modelizar as relações lexicais existentes. Por fim, apresentaremos a polissemia e a homonímia na perspectiva da TST.

3 A TEORIA SENTIDO-TEXTO: ABORDAGEM TEÓRICA LEXICOGRÁFICA

Visto que a presente dissertação tem por objetivo estudar a apresentação do verbo polissêmico TOMAR nos dicionários *on-line* de língua portuguesa e, a partir do levantamento dos sentidos de TOMAR nos dicionários examinados, analisar as combinatórias sintáticas e as combinatórias lexicais - por meio das funções lexicais - que tais sentidos podem evocar, a fim de verificar se todos os sentidos arrolados pelos dicionaristas são de fato polissêmicos, neste capítulo faremos a apresentação do referencial teórico que será aplicado em nossas análises: a Teoria e o Modelo Sentido-Texto. Este último é a parte aplicada da Teoria Sentido-Texto (TST), capaz de representar as relações lexicais. Iniciaremos este capítulo apresentando os pressupostos da TST.

Conforme Polguère (1998: 2), a primeira publicação relativa à TST ocorreu em 1965 e é de autoria de Žolkovskij e Mel'čuk. Nessa primeira publicação, os autores apresentaram os princípios fundamentais da TST. Para Polguère (1998: 2-3), cinco são os aspectos que se destacam nesta Teoria 1) ela dá conta das associações linguísticas que todo Locutor pode realizar entre o sentido que ele quer expressar e o conjunto de enunciados que podem expressar esse sentido; 2) ela é universal, ou seja, trata-se de uma teoria capaz de ser aplicada a qualquer língua; 3) ela é capaz de servir de subsídio, a partir dos seus princípios básicos e gerais, para criação de outros modelos linguísticos específicos para uma dada língua; 4) ela permite construir modelos calculáveis, no sentido de poderem ser formalizados e, portanto, constituir sistemas lógicos computacionais; 5) por fim, ela é formal, isto é, utiliza linguagem simbólica para representar enunciados linguísticos e codificar regras que expressam as relações linguísticas.

No que se refere ainda à teoria, a TST defende a ideia de que a língua se manifesta por um sistema de regras extremamente complexo, que é codificado no cérebro do falante. Mais especificamente, para Mel'čuk (1997: 1), esse sistema de regras permite ao Locutor falar, ou seja, expressar um sentido através de um texto, e compreender a fala, isto é, identificar todos os sentidos que podem ser expressos por um texto e escolher aquele que melhor se adapta ao ato de fala que está sendo realizado.

Como princípios fundamentais, a TST assume três postulados, conforme o que aponta Mel'čuk (1997): **(i)** seu objeto de estudo, a língua natural, é concebida como a correspondência multívoca entre o sentido que se quer exprimir, e os textos capazes de fazê-lo (MEL'ČUK, 1997: 4); **(ii)** seu modelo funcional da língua, o Modelo Sentido-Texto (MST), é concebido como uma ferramenta de descrição das línguas, que descreve a correspondência

Sentido↔Texto por meio de um dispositivo lógico que pretende reproduzir, da melhor maneira, a correspondência entre o sentido que o Locutor quer expressar e os textos capazes de expressá-lo; tal modelo é elaborado e apresentado seguindo a direção Sentido ⇔ Texto. (MEL'ČUK, 1997:5); e (iii) a palavra e a frase são as unidades básicas para descrição linguística; mais precisamente, tem-se a frase e a forma de palavra como as unidades máxima e mínima, respectivamente, da fala, as suas unidades autônomas universais (MEL'ČUK, 1997: 6).

É possível identificar que os princípios fundamentais da TST se aplicam diretamente ao modelo proposto por ela, sobre o qual nos ateremos na próxima seção.

Como primeiro princípio, a TST concebe a língua como uma correspondência entre um determinado sentido que um Locutor deseja expressar, e todos os textos capazes de expressar esse sentido. Esse princípio se materializa por meio da ferramenta de análise e de representação linguística do modelo: é através da modelização das funções lexicais que é possível representar, em primeiro lugar, uma determinada lexia, e, em segundo lugar, todo o conjunto de correlatos semânticos que se relacionam com esta primeira lexia, ou seja, todos os textos que poderiam ter sido expressos no seu lugar.

A TST tem, como segundo princípio, a ideia de que o Modelo Sentido-Texto é um instrumento de representação e reflexão da língua em funcionamento, o que evidencia a correlação patente entre teoria e modelo: a teoria subsidia a metodologia prática de análise linguística, possível através da aplicação modelo.

Por fim, a ideia de que a forma de palavra e a frase são as unidades autônomas da fala, como um dos princípios centrais da teoria, se aplica ao modelo de maneira clara quando, ao se descrever uma unidade lexical, o MST possibilita que se represente simbolicamente seu esquema de regime³⁹. Assim, para o MST é imprescindível apontar quais as maneiras e como se comporta uma determinada lexia no interior de uma oração, isto é, apontar o seu possível comportamento sintático.

Acima de tudo, a TST é uma teoria linguística de caráter lexicográfico. Polguère (1998) afirma que a TST enxerga o dicionário como a parte central do modelo de uma língua. De acordo com o autor:

³⁹ O esquema de regime do MST é apresentado em cada artigo do DEC (*Dicionário Explicativo Combinatória*) na zona da combinatória sintática. Na próxima seção, que tratará mais pontualmente do MST, desdobramos a seção na zona de combinatória lexical e na zona de combinatória sintática para, justamente, mostrar como operam essas duas zonas no âmbito da descrição lexicográfica.

Contrairement à la plupart des approches modernes en linguistique formelle, la TST voit le dictionnaire d'une langue comme le cœur du modèle de cette langue. Cela est en partie une conséquence de l'orientation sémantique de l'approche Sens-Text, puisque le dictionnaire est avant tout le répertoire des significations de la langue. Il existe bien entendu des significations non lexicales – c'est-à-dire des significations grammaticales (temps grammatical, etc) – qui doivent être décrites dans la grammaire de la langue ; mais les significations linguistiques se retrouvent pour la plupart dans l'ensemble des significations lexicales de la langue et sont décrites dans le dictionnaire. Le «linguiste Sens-Texte» est donc nécessairement un lexicographe. (POLGUÈRE, 1998: 17)⁴⁰.

Como observa Polguère (1998), o dicionário, para a teoria, é uma “consequência” da abordagem Sentido-Texto, visto que tal obra é entendida como o objeto capaz de conter o produto de uma reflexão linguística baseada no sentido e no texto: o dicionário contém as significações gramaticais de uma língua, bem como as suas significações lexicais.

3.1 O MODELO SENTIDO-TEXTO

De acordo com Mel'čuk (1997: 4), o modelo Sentido-Texto surgiu também na década de 60, em Moscou, criado por Alexander Žolkovskij, Jurij Apresjan e Igor Mel'čuk, entre outros estudiosos.

A diferença entre a TST e o MST, como já apontado, reside no fato de este último ser o viés prático da teoria. Enquanto a TST reflete teoricamente sobre a língua, o MST representa de maneira formal as relações linguísticas realizadas pelo Locutor. Para uma determinada unidade lexical, o MST pode retratar, de maneira formal/simbólica, todas as unidades lexicais que se relacionam com a unidade lexical previamente selecionada, independente do eixo linguístico, se sintagmático ou se paradigmático, de relação.

O que o MST pretende é, justamente, ser um sistema de expressões simbólicas capaz de representar o funcionamento da língua (MEL'ČUK, 1997: 3). Nesta perspectiva, Mel'čuk (1997) afirma que o MST é um modelo funcional, isto é, um modelo em que o pesquisador analisa o seu objeto de estudo por meio de seu funcionamento efetivo. Não há a pressuposição de que exista um falante ideal (e um receptor ideal), mas há a recolha de textos reais, em diferentes contextos de uso. É, ainda, um modelo funcional global da língua, não se atendo, portanto, a um aspecto apenas do seu funcionamento.

⁴⁰ Contrariamente à maioria das abordagens modernas em linguística formal, a TST vê o dicionário de uma língua como o coração do modelo dessa língua. Isto é em parte uma consequência da orientação semântica da abordagem Sentido-Texto, uma vez que o dicionário é, acima de tudo, o repertório de significações de uma língua. Há, certamente, significações não-lexicais - isto é, significações gramaticais (tempo gramatical etc.) - que devem ser descritos na gramática da língua; mas as significações linguísticas são encontradas em grande parte no conjunto de significados lexicais da língua e são descritos no dicionário. O "linguista sentido-texto" é necessariamente um lexicógrafo. (POLGUÈRE, 1998: 17).

Vale ressaltar que se trata de um modelo que prioriza a produção de fala, mais precisamente, os processos desencadeados pelo Locutor, nos atos de fala. O MST se organiza a partir do sentido para o texto; é a chamada síntese, em que a preocupação é descrever a produção da fala e não a análise, ou seja, a compreensão da fala:

Autrement dit, le MST suit le parcours onomasiologique, modélisant avant tout l'activité langagière du LOCUTEUR, considérée comme plus linguistique que celle du destinataire. Construire un texte pour un sens donné présuppose essentiellement l'exercice de connaissances purement linguistiques, alors que l'extraction du sens d'un texte donné exige, dans une bien plus grande proportion, une connaissance du monde assez poussée et des capacités logiques. (MEL'ČUK, 1997: 5, grifos do autor).⁴¹

Como se pode observar através do excerto extraído de Mel'čuk (1997), o MST considera a produção de fala, logo, a atividade linguística do Locutor, um processo “mais linguístico” do que aquele produzido pelo destinatário. O modelo, sendo um modelo funcional, que prioriza a língua em uso, não como entidade abstrata que possui um Locutor/interlocutor ideal, mas como uma língua observável através da sua utilização efetiva pelo falante, prioriza o ponto de vista do Locutor, a sua produção e interpretação.

Assim como a TST, o MST também apresenta, conforme descreve Mel'čuk (1997) em sua aula inaugural no Collège de France, três postulados básicos.

O primeiro postulado ressaltado pelo autor é que se trata de um modelo equativo ou tradutivo, ou seja, no MST não há a preocupação com a maneira com que as estruturas sintáticas são criadas na mente do falante, por exemplo, mas como ocorre a correspondência entre um sentido requerido pelo Locutor no nível da Representação Semântica até a sua produção efetiva, no nível de Representação Fonológica:

Un MST est purement ÉQUATIF, ou TRADUCTIF ; à la différence de beaucoup de ses contemporains, ce n'est pas un modèle génératif. Il ne génère rien (comprenant le terme générer au sens strictement mathématique, c'est-à-dire, (spécifier un ensemble de ...), ce que font les grammaires génératives); mais il fait correspondre à chaque

⁴¹ Dito de outra maneira, o MST segue o percurso onomasiológico, modelizando acima de tudo a atividade linguageira do LOCUTOR, considerada como mais linguística do que aquela do destinatário. Construir um texto para um dado sentido pressupõe essencialmente o exercício de conhecimentos puramente linguísticos, mais do que a extração de sentido exige, em uma proporção bastante maior, um conhecimento de mundo bastante extenso e capacidade lógica”. (MEL'ČUK, 1997: 5, grifos do autor, tradução nossa)

RSém toutes les RPhon qui peuvent l'exprimer dans une langue donnée ; c'est pourquoi il est qualifié d'«équatif». (MEL'ČUK, 1997: 6, grifo do autor)⁴².

Sendo um modelo tradutivo, o MST procura se aproximar da maneira como o próprio Locutor de uma língua atua na sua comunicação que, em momentos de fala não vigiados, naturalmente não se preocupa em gerar construções gramaticais mais ou menos aceitáveis, mas em estabelecer correspondências entre os sentidos que quer exprimir e os textos capazes de expressá-los. Tal característica fundamental do modelo é, precisamente, o experimento que realizamos neste trabalho. Não pretendemos observar as construções mais ou menos gramaticais com o verbo TOMAR, ou mesmo mapear os sentidos mais prototípicos e mais aceitáveis do verbo; antes, pretendemos traduzir por meio de dois tipos de representações formais disponibilizados pelo modelo (combinatória sintática e combinatória lexical), as construções dicionarizadas de TOMAR (retiradas das acepções dos verbetes de TOMAR em dicionários *on-line* de língua portuguesa). Esse procedimento, no nosso entender, nos possibilitará apontar quando há, de fato, entre os sentidos de TOMAR, relações polissêmicas ou se este ou aquele sentido é um caso de homonímia.

Como segundo postulado, o MST dá um papel muito importante ao sistema de parafraçamento. O próprio modelo atua por meio da sinonímia de enunciados, uma vez que parte da Representação Semântica, isto é, de um sentido que se queira produzir, para apresentar todas as paráfrases possíveis que esse sentido pode apresentar na Representação Fonológica. Isso porque, nos termos do modelo, a competência do Locutor consiste na capacidade de produzir para certo sentido todos os textos capazes de expressar esse sentido, assim como o Locutor também é capaz de escolher, entre todos os textos possíveis, aquele que melhor se encaixará em sua determinada situação de comunicação. (MEL'ČUK, 1997: 6).

Por fim, como um postulado determinante do MST, também há o fato de que se trata de um modelo global, como já previamente indicado, ou seja, um modelo integrado da língua. O MST entende que a língua é um todo indivisível, não procurando descrever isoladamente apenas um de seus fragmentos, como sua semântica ou sua morfologia, por exemplo.

Algumas características do modelo, que são extremamente importantes, ainda restam ser examinadas. É o que faremos a partir deste momento.

⁴²Um MST é puramente EQUATIVO, ou TRADUTIVO; diferente de muitos de seus contemporâneos, não é um modelo gerativo. Ele não gera nada (compreendendo o termo gerar no seu sentido estritamente matemático, isto é, 'especificar um conjunto de ...', o que as gramáticas gerativas fazem); mas ele faz correspondência entre cada RSem e todas as RPhon que podem exprimi-las em uma dada língua; é por isso que ele é qualificado como <<equativo>>". (MEL'ČUK, 1997: 6, grifo do autor, tradução nossa)

Mel'čuk (1997) apresenta o MST como um modelo estratificado, que se dá por níveis de representação. Segundo o autor, todos os níveis de representação linguística (nível semântico, nível sintático, nível morfológico e nível fonológico) são divididos, à exceção do nível semântico, em dois outros níveis: o nível profundo e o nível de superfície. Mel'čuk (1997: 7) nos ensina que o nível profundo é orientado pelo sentido, tem como tarefa exprimir todas as distinções semânticas pertinentes ao seu nível; já o nível de superfície é orientado pelo texto: tem como tarefa apontar todas as distinções formais pertinentes ao seu nível. Assim, para um dado enunciado, há sete representações subjacentes a esse enunciado, cada nível com sua finalidade bem determinada.

Essas representações, como sua nomenclatura já indica, “representam” as etapas por que passa um sentido dado (aquele sentido que um Locutor quer exprimir) até um de seus textos correspondentes e possíveis (aquele que o Locutor efetivamente produziu em seu momento da fala).

No nível semântico, que é indivisível, segundo Mel'čuk (1997: 9), tem-se toda a família de paráfrases capazes de veicular a proposição desejada pelo Locutor. Como o autor assinala, no nível semântico estão todas as frases quase sinônimas que podem exprimir o sentido selecionado pelo Locutor.

A seguir, temos o nível sintático profundo que é responsável por representar as relações sintáticas universais, assim como pela seleção dos lexemas plenos que compõem a proposição a ser expressa pelo Locutor, sem as determinações gramaticais incluídas (como a regência, a pronominalização e as marcas flexionais), visto que estes assentamentos são objeto do nível sintático de superfície, ou seja, é no nível sintático de superfície que aparecem as regras sintáticas particulares de uma língua.

No nível morfológico profundo há um conjunto de formas de palavra que constituem a frase matriciada pelo Locutor. Conforme Mel'čuk (1997: 13), na morfologia profunda a forma de palavra representa o lexema, contendo, por exemplo, seus valores flexionais e de regência pertinentes para a língua em que o Locutor se comunica. Já no nível morfológico de superfície, as formas de palavras são representadas pelos morfemas que efetivamente as constituem.

Por fim, no nível fonológico profundo estão todas as representações fonêmicas possíveis para a estrutura linguística que se quer produzir; já no nível fonológico de superfície estão as distinções fônicas pertinentes para a produção dos sons que compõem a estrutura linguística efetivamente produzida pelo Locutor, após a passagem por todos os componentes.

Em síntese, o MST como um modelo que considera a língua de forma estratificada, entende, por exemplo, que cada vez que um Locutor qualquer utiliza em um enunciado o verbo *tomar*, esse enunciado passou por um processo estratificado, subdividido em níveis de representação, que começou na Representação Semântica, com o sentido que ele pretendeu exprimir, até chegar à Representação Fonológica de superfície, onde é pronunciado.

Ainda, no MST, para Mel'čuk (1997), toda a atividade linguageira se dá, precisamente, a partir de dois eixos: o eixo paradigmático, que corresponde à seleção, ou escolha lexical, e o eixo sintagmático, que dá conta da combinação de lexias:

[...] l'activité langagière se déroule selon deux axes: l'axe PARADIGMATIQUE, ou «vertical», où le locuteur fait des choix à partir des unités qui s'opposent et s'excluent («Soit X, soit Y» — lequel choisir ?) ; et l'axe SYNTAGMATIQUE, ou «horizontal», où le locuteur combine des unités déjà sélectionnées («X et Y» — peut-on les mettre ensemble?). Autrement dit, il s'agit des CHOIX LEXICAUX et de la COOCCURRENCE LEXICALE. (MEL'ČUK, 1997 : 21, grifos do autor)⁴³.

A título de exemplo, vamos retomar um pouco o que vimos no Capítulo 1, seção 1.2, a respeito de verbos polissêmicos como o verbo TOMAR. Tais verbos apresentam uma variedade de significados estabelecidos pela sua combinatória lexical nas construções criadas pelos falantes da língua. Pode-se, por exemplo, no caso do verbo TOMAR, inferir que esse verbo pode expressar o sentido de BEBER quando se combina com um complemento que apresenta características de ser um líquido (i.e. TOMAR *água, refrigerante, suco, etc.*), neste caso, temos a expressão de uma relação paradigmática entre os verbos TOMAR e BEBER; já no caso de *tomar* combinar-se com o lexema BANHO, manifesta-se um aspecto eventivo, e o verbo TOMAR acaba por se realizar esvaziado de sentido, um verbo-suporte; neste caso, TOMAR e BANHO são unidades lexicais que estabelecem uma relação sintagmática, há um coocorrência lexical para a expressão de um sentido.

O MST preocupa-se, ainda, com as chamadas unidades lexicais complexas, cuja dicionarização tem se mostrado um problema na tradição lexicográfica. De acordo com o modelo, toda expressão, composta por mais de uma forma de palavra, mais ou menos congelada, insere-se no âmbito da “fraseologia”. Para Mel'čuk (2008), a fraseologia ocupa um papel importante na língua visto que, frequentemente, na construção de textos, os falantes

⁴³ “[...] a atividade linguageira se desenrola segundo dois eixos: o eixo PARADIGMÁTICO, ou «vertical», onde o locutor faz escolhas a partir das unidades que se opõem e se excluem («Se X, se Y» — qual escolher?); e o eixo SINTAGMÁTICO, ou «horizontal», onde o locutor combina as unidades já selecionadas («X et Y» — podemos colocá-los juntos?). Dito de outra forma, estas são a ESCOLHA LEXICAL e a COOCCORRÊNCIA LEXICAL”. (MEL'ČUK, 1997: 21, grifos do autor, tradução nossa)

recorrem a expressões complexas (unidades lexicais complexas ou expressões que apresentam a coocorrência frequente de leixias). De acordo com o autor,

[...] un texte pris au hasard regorge d'expressions multilexémiques plus ou moins « figées ». Par conséquent, elle doit occuper une des places centrales dans la linguistique et, plus spécifiquement, dans le dictionnaire de la langue. Le mot phraséologie est pris ici dans l'acception 'ensemble de phrasèmes' [...]. (MEL'ČUK, 2008: 1, grifos do autor)⁴⁴.

No que diz respeito a este trabalho, não nos ateremos à problemática da dicionarização dos frasemas. Tal discussão é bastante longa, assim como a bibliografia a respeito. Tendo em vista o escopo do presente trabalho, que é a modelização dos sentidos do verbo TOMAR, a fim de compreender como os sentidos expressos em suas acepções se associam ou não, importa-nos apenas caracterizar quais são os tipos de frasemas descritos no âmbito do modelo. Para Mel'čuk (1995), os usuários de língua não se comunicam através de palavras, mas de frasemas: “*I would like to begin with my basic tenet: People do not speak in words, they speak in phrasemes*” (MEL'ČUK, 1995: 2)⁴⁵. Nessa perspectiva, segundo Mel'čuk (1995), as unidades fraseológicas estão abundantemente presentes no léxico:

In journalistic texts, their proportion is still higher. But where phrasemes really abound is in the lexicon: in all dictionaries, under one word you find, as a rule, many different expressions with this word. In the lexicon, phrasemes are more numerous than words by a ratio of at least 10 to 1. The phrasemes thus constitute an extremely important fragment of the set of linguistic items to be studied and described. (MEL'ČUK, 1995: 2-3)⁴⁶.

Uma caracterização homogênea do que possam ser os frasemas, objetos da fraseologia, é difícil de ser encontrada. Mel'čuk (1995) ressalta que a literatura sobre o tema é imensa. Dado esse quadro, pode-se inferir que é difícil encontrarmos um tratamento uniforme sobre esse assunto. Mais precisamente, a própria aceitabilidade das construções que possam ser frasemas (ou não) é problemática: “*Acceptability judgments concerning phrasemes are*

⁴⁴ “[...] um texto tomado aleatoriamente está cheio de expressões mais ou menos «congeladas». Por consequência, deve ocupar um dos lugares centrais da linguística e, mais especificamente, no dicionário de língua. A palavra fraseologia é tomada aqui na acepção ‘conjunto de frasemas’ [...]”. (MEL'ČUK, 2008: 1, grifos do autor, tradução nossa)

⁴⁵ Eu gostaria de começar com meu princípio básico: Pessoas não falam por palavras, elas falam por frasemas. (MEL'ČUK, 1995: 2, tradução nossa).

⁴⁶ Em textos jornalísticos, sua proporção é ainda alta. Mas, onde frasemas realmente abundam é no léxico: em todos os dicionários, sob uma palavra você encontra, geralmente, muitas expressões com essa palavra. No léxico, frasemas são mais numerosos do que palavras por uma proporção de pelo menos 10 para 1. Os frasemas constituem, assim, um fragmento extremamente importante do conjunto de itens linguísticos a serem estudados e descritos. (MEL'ČUK, 1995: 2-3, tradução nossa).

notoriously difficult: in a language, phrasemes constitute a zone where hesitations and disagreement among speakers are the strongest". (MEL'ČUK, 1995: 4)⁴⁷.

Mel'čuk (2013) apresenta e caracteriza o que são os frasemas, bem como propõe uma tipologia para classificar as unidades fraseológicas. Segundo o autor, os frasemas são enunciados multilexêmicos não livres. "Multilexêmicos" por serem construídos com dois, ou mais lexemas. "Não livres" por apresentarem restrições de seleção no eixo paradigmático, isto é, ao ser realizada a escolha pelo falante de pelo menos um item que compõe essa construção, essa seleção não ocorre de maneira livre, mas de maneira restrita, em função do significado que o falante deseja expressar, ou mesmo em função do primeiro lexema já previamente escolhido. Isso implica, logicamente, que alguns lexemas de um frasema não podem ser substituídos na construção ou combinados com outros termos, exatamente por não serem livres.

A partir do eixo paradigmático (que diz respeito às restrições de seleção de seus componentes, as quais se dividem em restrições lexicais e restrições semântico-lexicais) e do eixo sintagmático (que se refere às restrições de combinação dos seus componentes, e faz emergir as leituras composicionais e não composicionais), Mel'čuk (2013) propõe três grandes classes de frasemas: locuções, colocações e clichês.

A primeira classe de frasemas apresentada por Mel'čuk (2013) é a classe das "locuções". A locução é um frasema não composicional, em que as lexias que compõem a locução não contribuem para o seu sentido, assim como, no que diz respeito às suas restrições de seleção e combinação, trata-se de um frasema lexical, pois a seleção de seus componentes é restrita apenas no âmbito linguístico, e não no âmbito pragmático. Polguère afirma que as locuções são "[...] *sont des lexies de la langue à part entière, même si leur signifiant dans la phrase est une construction linguistique et non un mot-forme*". (POLGUÈRE, 2005 : 2)⁴⁸ Assim, as locuções constituem unidade lexical, apesar de serem formadas por duas ou mais formas de palavra. No português, tem-se como exemplo de locuções: PASSAR A MÃO (= roubar); TOMAR JEITO (= comportar-se); DAR O PEITO (= amamentar).

A segunda classe apresentada por Mel'čuk (2013) é a classe de frasemas chamada "colocações". As colocações são frasemas composicionais, lexicais. Segundo Mel'čuk (2013):

⁴⁷ Julgamentos de aceitação relativos aos frasemas são notoriamente difíceis: em uma língua, frasemas constituem uma zona onde hesitações e discordâncias entre os falantes são as mais fortes. (MEL'ČUK, 1995: 4, tradução nossa).

⁴⁸ [...] lexias da língua por direito, mesmo se seu signifiante na sentença é uma construção linguística e não uma forma de palavra. (POLGUÈRE, 2005 : 2, tradução nossa).

Une collocation est un phrasème lexical semi-contraint: une de ses composantes est sélectionnée librement, juste pour son sens; c'est l'autre qui doit être choisie en fonction du sens à exprimer et de la première composante. La première composante s'appelle la base de la collocation (imprimée en petites majuscules), et l'autre est le collocatif (souligné). (MEL'ČUK, 2013: 138)⁴⁹.

Assim, no caso das colocações, há sempre uma lexia que é selecionada livremente pelo Locutor, a chamada “base”, e uma segunda lexia, chamada “colocado”, cuja seleção não se dá de maneira livre, mas em função do sentido que se quer exprimir, bem como da base, já previamente selecionada. Como exemplos de colocações em português (apresentadas de acordo com a notação da TST – base em versalete e colocado sublinhado) pode-se ter: CORRER rapidamente; tomar ATITUDE; CAFÉ preto.

Por fim, a última classe de frasesmas indicada por Mel'čuk (2013) é a dos frasesmas conhecidos como “clichês”. Estes são frasesmas semântico-lexicais composicionais. Isso quer dizer que, enquanto composicional, as lexias que compõem o clichê contribuem para o sentido total da expressão; enquanto semântico-lexical, as unidades lexicais que compõem o clichê, bem como o seu sentido, são selecionadas de maneira restrita pelo conteúdo conceitual a ser descrito, isto é, a situação de comunicação interfere na seleção da construção.

Como aponta Mel'čuk (2012: 40), as construções conhecidas como “clichês” são selecionadas em bloco pela situação de comunicação; tanto o conteúdo conceitual que se quer exprimir, como também as lexias para se exprimir tal sentido são determinadas pelo ato comunicativo. Para exemplificar esse tipo de frasesma, Mel'čuk compara exemplos de línguas diferentes, tais como: em inglês, para se questionar a idade de um interlocutor, o Locutor precisa selecionar o clichê “What is your name?” (literalmente “Qual é seu nome?”); já em russo, a construção precisa ser “Kak vas zovut?” (literalmente “Como eles te chamam?”).

Tendo apresentado, grosso modo, o funcionamento da TST e do MST, além de suas unidades de análise, é importante enfatizar que, de acordo com esse referencial teórico, o léxico de uma língua é um conjunto de lexias (= unidade lexical). As lexias, por sua vez, podem se apresentar como lexemas (uma única forma de palavra) ou como locuções (um tipo de frasesma não-composicional). Em um dicionário, são as lexias de uma língua que são descritas, ou seja, são as entradas lexicais. Ressaltamos também, como ocorre na TST a classificação e caracterização dos fraseologismos, que são sequências que podem ser fixas e não-composicionais como as locuções, ou podem apresentar uma base de livre escolha do

⁴⁹ Uma colocação é um frasesma lexical semi-restrito: um de seus componentes é selecionado livremente, apenas por seu sentido; é o outro que deve ser escolhido em função do sentido a exprimir e do primeiro componente. O primeiro componente se chama base da colocação (grafada em versalete), e o outro é o colocado (sublinhado). (MEL'ČUK, 2013: 138, tradução nossa)

falante e um colocado que é selecionado de maneira restrita, ou seja, selecionado em função da base, e, por fim, os clichês que dependem da situação de comunicação.

Na próxima seção, mostraremos como são divididas as zonas de descrição lexicográfica no DEC (*Dicionário Explicativo Combinatório*).

3.2 ZONAS DE DESCRIÇÃO LEXICOGRÁFICA

No âmbito do arcabouço teórico que estamos apresentando, um artigo de dicionário (ou seja, um verbete) consiste na descrição completa da lexia (lexema ou locução) que se pretende descrever. Assim, o artigo precisa conter todas as informações a respeito da lexia, bem como daquelas que caracterizem o comportamento da lexia descrita.

Segundo Elnitsky (1984: 19-25), autor responsável pela apresentação das zonas de descrição do DEC, para cada artigo do dicionário, a lexia dicionarizada deverá ser descrita de acordo com cinco zonas:

1. Zona de introdução (que contém a expressão vedete, ou forma de palavra da lexia descrita; informações morfológicas e informações sintáticas).
2. Zona semântica (onde há construções propositivas exemplificativas da unidade lexical; a definição e possíveis sentidos conotados).
3. Zona de combinatória sintática (onde aparece o esquema de regime sintático da lexia e as suas restrições).
4. Zona de combinatória lexical (onde são colocadas as funções lexicais que formalizam todos os correlatos semânticos e exemplos que ilustram o uso da unidade lexical).
5. Zona da fraseologia (em que são colocadas as expressões congeladas – locuções, expressões idiomáticas, ditos populares e provérbios) construídas a partir da unidade lexical sendo dicionarizada. (DEC, 1984, 19-25).

Para este trabalho, já que, diferentemente do DEC, dicionário voltado para especialistas de língua, o presente estudo procura refletir sobre um modo de caracterizar adequadamente os diferentes sentidos veiculados pelo verbo TOMAR, a fim de contribuir com a sua lematização em dicionários *on-line* de língua portuguesa, apenas descreveremos duas das cinco zonas consideradas no DEC: a zona da combinatória sintática e a zona da combinatória lexical.

Apresentar a combinatória lexical do verbo TOMAR faz com que possamos, através do levantamento das funções lexicais inerentes aos sentidos expressos por TOMAR, modelizar suas acepções. Já a combinatória sintática é relevante para evidenciar os diferentes esquemas de regimes que o verbo TOMAR pode apresentar por meio de seus actantes, como veremos na próxima seção.

3.2.1 Zona da combinatória sintática

Na zona da combinatória sintática, o *DEC* apresenta o esquema de regime da lexia que está sendo dicionarizada, isto é, um quadro esquemático que evidencia o número de variáveis semânticas da lexia. Apresentar as variáveis semânticas de uma lexia significa representar o seu número de actantes, e o número de maneiras que cada um dos actantes pode se realizar no nível da superfície oracional. Os actantes, por sua vez, são participantes do sentido da lexia que está sendo dicionarizada: termos que contribuem para o sentido total da lexia.

Há, também, a apresentação das restrições do esquema de regime. As restrições apresentam proposições lógicas que evidenciam as unidades lexicais que podem estar sintaticamente relacionadas à lexia lema, da mesma forma em que exhibe a incompatibilidade ou impossibilidade de realizar ou combinar determinados actantes.

Por fim, a zona de combinatória sintática, segundo o *DEC*, deve apresentar exemplos ilustrativos do esquema de regime das restrições existentes, para cada lexia-vedete⁵⁰, assim como modificações sintáticas possíveis dessa lexia.

A combinatória sintática tem como fundamento o fato de existirem diferentes tipos de lexias, caracterizadas de acordo com a completude do seu sentido, isto é, para o modelo, existem lexias que selecionam outras unidades lexicais para atualizarem o seu sentido. Tendo em vista uma caracterização que leve em conta este critério, isto é, que verifique quais lexias selecionam outras unidades lexicais para preenchimento de seu sentido, o modelo realiza o apontamento de três tipos diferentes de lexias: os nomes semânticos, os predicados semânticos e os quase-predicados semânticos.

As noções semânticas de *predicado*, *quase-predicado* e *nome semântico* são explicadas, entre outros, por Mel'čuk e Polguère (2008). Seguiremos esses autores para apresentar os três tipos de lexias aqui consideradas.

⁵⁰ A lexia vedete é definida por Mel'čuk, Clas e Polguère (1995: 33) como a lexia a qual um determinado artigo de dicionário é dedicado. Dito de outro modo, a lexia vedete é a lexia “cabeça de verbete”, aquela que está sendo definida por um determinado verbete.

A primeira categoria diz respeito aos *nomes semânticos*. Tais lexias denotam entidades e não fatos. Uma vez que apontem entidades, estas não selecionarão actantes, ou seja, posições a serem preenchidas para que seu sentido se complete. Um nome semântico pode designar um objeto, uma substância, um ser, um número, um lugar, entre outros. (MEL'ČUK; POLGUÈRE, 2008: 3).

A categoria chamada *predicado semântico* é definida por denotar um fato. Assim, há palavras que denotam fatos e, justamente por denotarem fatos, necessitam de actantes, isto é, participantes do fato expresso pela lexia, como já anteriormente indicado. Podem ser predicados semânticos lexias que denotem: uma ação, um estado, uma atividade, uma propriedade, um processo, uma relação, uma quantidade, entre outras (MEL'ČUK E POLGUÈRE, 2008: 2).

Consoante Mel'čuk e Polguère (2008: 6-7), *quase-predicado* é uma noção semântica que considera que há palavras que não são fatos, na verdade denotam entidades, mas essas entidades são capazes de selecionar actantes. Há diferentes tipos de quase-predicados, como apontam Mel'čuk e Polguère (2008):

1. Indivíduo que o Locutor avalia como P (ex. *idiota, gênio*).
2. Indivíduo que possui a propriedade P (ex. *francês, canhoto*).
3. Indivíduo que está em uma relação P com outrem (ex. *mãe, vizinho*).
4. Indivíduo que faz ou fez uma ação P (ex. *salvador, assassino*).
5. Indivíduo que tem uma atividade P (ex. *caminhante, ministro*).
6. Conjunto de indivíduos que compartilham uma atividade comum P (ex. *equipe, gabinete*).
7. Meio de transporte que alguém faz funcionar (P₁) para transportar qualquer coisa (P₂) (ex. *carro, trem*).
8. Instrumento utilizado por qualquer um para fazer P (ex. *martelo, espada*).
9. Instituição onde alguém se ocupa de alguma outra pessoa (ex. *clínica, restaurante*).
10. Animal de estimação que pertence a alguém (ex. *gato, galinha*).
11. Parte de qualquer coisa (ex. *peça, migalha, estômago, pé*).
12. Conjunto, quantidade P de alguma coisa (ex. *pilha* (de entulho), *colherada* (de rum), *multidão* (de estudantes). (MEL'ČUK; POLGUÈRE, 2008: 6-7).

Em nossa análise, que será apresentada mais adiante, vamos nos valer desses tipos de lexia categorizados pelo modelo, a fim de verificar a combinatória sintática do verbo TOMAR em cada uma das acepções participantes de nosso *corpus*, pois, como já mencionado anteriormente, trata-se de um fator determinante na lematização de acepções de verbos polissêmicos, influenciando diretamente na organização das paráfrases de um verbete cuja cabeça lexical é uma unidade que apresenta muitos sentidos.

3.2.2 Zona da combinatória lexical

Como dito, nossa análise também levará em conta a zona da combinatória lexical, a fim de podermos modelizar as combinatórias lexicais manifestas nos sentidos expressos nas diferentes acepções do verbo TOMAR, isto é, todas as acepções que constam em nosso *corpus*. Essa modelização se dará por meio das funções lexicais, que nos facultam evidenciar a proximidade dos sentidos das paráfrases que podem ser modelizadas pela mesma função lexical, ou o distanciamento destes, quando esses sentidos não forem capazes de compartilhar uma única função lexical.

3.2.2.1 Funções lexicais

A ferramenta da qual se vale o MST para modelizar a combinatória lexical de uma lexia, ou seja, sua derivação semântica (antônimos, sinônimos, conversos, entre tantos outros possíveis derivativos semânticos de uma dada unidade lexical) são as Funções Lexicais (FLs).

Mel'čuk (2015) apresenta a definição do que é “função lexical” exibindo sua caracterização formal, bem como uma descrição de sua funcionalidade. O autor também estabelece uma tipologia das funções e, até, lista todas as funções *standard* que o MST estabelece.

Mel'čuk (2015: 166, tradução nossa) afirma que “*The core idea of lexically functions is to represent lexically bound expression of some meanings*” (MEL'ČUK, 2015: 166)⁵¹, isto é, as funções lexicais têm como principal meta ser uma ferramenta capaz de representar expressões ligadas lexicalmente, que exprimem determinados significados. Por exemplo, pode-se representar o fato de que em português é possível intensificar o sentido de um verbo como *correr* por meio de sua combinatória com o advérbio *rapidamente*, acarretando a

⁵¹ A ideia central das funções lexicais é representar expressões lexicais ligadas por alguns significados. (MEL'ČUK, 2015: 166, tradução nossa).

colocação *correr rapidamente*, através do acréscimo da função lexical *Magn* (intensificadora) ao verbo *correr*: (*Magn (correr) = rapidamente*).

Com o objetivo de apurar a apresentação do que são as funções lexicais, Mel'čuk (2015) formaliza a definição de uma função lexical (FL) como:

Formally, an LF f is a function that associates with a given LU L a set $\{L'i\}$ of lexical expressions that express, contingent on L , the meaning ' f ' associated with f and bearing on the meaning ' L ': $f(L) = \{L'i\}$, such that ' $f \Leftrightarrow L'i$ '. L is called the argument, or keyword, of f ; $f(L)$ —the set $\{L'i\}$ —is the value of f applied to L ; and an $L'i$ is an element of this value. (MEL'ČUK, 2015: 166.)⁵².

Como se pode observar, uma FL f é uma função que associa a uma unidade lexical (UL) L um conjunto $\{L'i\}$ que expressa uma construção lexical, possível em uma determinada língua L ; assim, o significado ' f ' é associado a f e modifica L . Desta forma, a notação de uma função lexical associada a uma lexia ocorre através da formalização de Mel'čuk (2015: 166): $f(L) = \{L'i\}$. A palavra-chave, que é a lexia sendo associada à função, é o argumento da função lexical e essa associação entre a palavra-chave e sua função acarretará o resultado, ou o valor da aplicação da função.

De maneira a simplificar a sua definição de função lexical, Mel'čuk (2015) esclarece: *“Informally, an LF f corresponds to a meaning ' f ' coupled with a deep-syntactic role, such that its expression is not free (in contrast to all “normal” meanings), but depends on the LU to which this meaning applies”*. (MEL'ČUK, 2015: 166, grifos do autor).⁵³ Dito de outra maneira, uma função lexical é a representação de um significado sendo associado (ou “acoplado”) a uma determinada lexia, tendo em vista o tipo de relação que essa lexia evoca quando combinada com outra(s) lexia(s).

Mel'čuk (2015) afirma ainda que as funções lexicais são ferramentas cujo objetivo é, como já dito, representar relações lexicais. Segundo o autor, uma função lexical representa, de maneira sistemática e formal, relações lexicais já convencionadas em uma determinada língua. Para Mel'čuk (2015: 166), essas relações lexicais são recorrentes em uma língua; logo, são regulares e aparecem com diferentes pares lexicais de uma língua, assim como são relações que apresentam determinadas propriedades formais e combinatórias.

⁵² Formalmente, uma FL f é uma função que associa a uma dada UL L um conjunto $\{F'i\}$ de expressões que expressam, contingente em L , o significado ' L ' associado a f e tendo o significado ' L ': $f(L) = \{L'i\}$, tanto que ' $f \Leftrightarrow L'i$ '. L é chamado de argumento, ou palavra-chave, de f ; $f(L)$ — o conjunto $\{L'i\}$ — é o valor de f aplicado a L ; e $L'i$ é um elemento desse valor. (MEL'ČUK, 2015: 166, tradução nossa).

⁵³ Informalmente, uma FL f corresponde a um significado ' f ' acoplado com um papel sintático profundo, tal que a sua expressão não é livre (em contraste com todos os significados “normais”) mas depende da FL para a qual esse significado se aplica. (MEL'ČUK, 2015: 166, grifos do autor, tradução nossa).

As funções lexicais são capazes de representar, nas diferentes línguas, como um sentido foi – ou pode ser – acrescido a uma determinada lexia e, mais ainda, como o produto dessa operação efetivamente acontece nas diferentes línguas, visto que, para um mesmo sentido que se queira exprimir, a construção ou realização desse sentido se dá de diferentes formas, conforme cada língua.

O MST classifica as Funções Lexicais de acordo com diferentes parâmetros. Há cinco parâmetros propostos pelo modelo para considerar as Funções Lexicais (FLs), conforme Mel'čuk (2015: 177):

1. FLs paradigmáticas vs. FLs sintagmáticas
2. FLs *standard* vs. FLs não-*standard*
3. FLs simples vs. FLs complexas vs. FLs mistas
4. FLs nominais vs. verbais vs. adjetivais vs. adverbiais
5. Grupos semânticos de FLs.

O primeiro parâmetro proposto pelo modelo é a oposição correspondente entre as relações de correlatos de uma lexia. Nas relações paradigmáticas, de correlatos de uma lexia, está envolvido o processo de escolha/seleção lexical de um Locutor. Entre um paradigma de possíveis unidades lexicais para se nomear algo, por exemplo, o Locutor é capaz de realizar a seleção daquela unidade lexical que melhor contempla a sua situação linguística. Nas relações sintagmáticas, de correlatos de uma lexia, está envolvido o processo de combinação de lexias, realizado pelo Locutor. Em um processo de combinação de lexias, o Locutor é capaz de perceber as possíveis combinações de formas de palavras, bem como eliminar aquelas que não respeitem as restrições que uma lexia previamente escolhida pode apresentar. Assim, caso se leve em consideração uma unidade lexical como MENINO, por exemplo, uma FL paradigmática como a função *Syn* (sinônimo), acrescida da lexia, oferecerá uma outra lexia para se expressar o mesmo significado: *Syn*(menino) = garoto, guri, piá [...]. Já uma FL sintagmática, para a mesma lexia, apresentará com “o que” a unidade lexical pode ser combinada, por exemplo: *Magn*(menino) = ~ (~ = menino) grande.

O segundo parâmetro para se diferenciar FLs apresentado por Mel'čuk (2015) é o fato de haver funções *standard*, ou padrão, que seriam funções capazes de serem generalizadas, ou seja, de se agregarem a um número muito grande de palavras-chave. Um exemplo de uma FL *standard* poderia ser a função *Anti* (função que, ao se aplicar a uma palavra-chave, tem

como resultado o antônimo dessa lexia). As funções *standard* também recebem nomes preestabelecidos (a nomenclatura é proveniente do latim, *synonymus* = *syn*, por exemplo). Já as funções lexicais não *standard* se aplicam a um número muito pequeno de palavras-chave, até mesmo a apenas uma e, diferentemente das funções *standard*, não têm uma nomenclatura previamente instituída, são especificadas por suas definições lexicográficas; as funções não *standard* apresentam-se em situações muito específicas. Um exemplo de função não *standard* é ‘sem adição de um produto laticínio’, acrescida à lexia CAFÉ, em português, cujo resultado é a colocação “café preto”.

O próximo parâmetro de classificação das funções lexicais, conforme Mel’čuk (2015), está relacionado com a possibilidade de união de FLs. Quando o sentido que se quer exprimir pode ser alcançado através da união de apenas uma FL a uma palavra-chave, tem-se uma FL simples, como, por exemplo, ao se almejar expressar o que está em relação conversa (conversividade) com a lexia PROFESSOR, tem-se a função: *Conv* (professor) = aluno. Por outro lado, há sentidos que podem ser expressos através da união de duas FLs *standard* (caso das FLs complexas) ou da união de funções *standard* e não *standard* (caso das FLs mistas). Para conferir o sentido oposto dado à lexia MENINO com o acréscimo de *Magn* (*menino grande*), por exemplo, é possível acrescentar a essa unidade lexical a função complexa *AntiMagn* (*menino*) = menino pequeno.

Como quarto parâmetro para a classificação das FLs, Mel’čuk (2015) discorre sobre a diferenciação das funções lexicais de acordo com a parte do discurso da palavra-chave a que uma função se associa ou a parte do discurso em que o resultado da função se insere. Dessa forma, as funções lexicais podem ser Substantivas, Verbais, Adjetivais, Adverbiais e Oracionais. Como exemplo, é possível observar a função *S_o* que realiza a operação derivacional de gerar um substantivo: *S_o*(viajar) = viagem. Já uma função como, por exemplo, *S_{instr}* gerará um substantivo relacionado ao instrumento que realiza a ação descrita pela palavra-chave: *S_{instr}*(atirar) = arma de fogo.

Por fim, como quinto parâmetro de classificação das FLs, Mel’čuk (2015) afirma que as FLs *standard* simples podem ser distinguidas por grupos semânticos. No MST, as funções lexicais podem ainda ser divididas em:

1. FLs Básicas: *Syn* (sinonímia) [menino-garoto]; *Anti* (antonímia) [grande-pequeno]; *Conv* (conversividade) [professor-aluno].
2. FLs contrastivas e genéricas: *Contr* (contrastividade) [dia-noite]; *Gener* (genericidade) [melancia-fruta]; *Figur* (metafórica) [chama da paixão].

3. FLS derivativas semânticas, subdivididas em dois grupos:
 - a) Derivadas estruturais: S_o (nominalização) [vender-venda]; A_o (adjetivação) [beleza-bela]; Adv_o (adverbialização) [paz-pacificamente]; V_o (verbalização) [ataque-atacar].
 - b) Derivadas de significação: S₁ (substantivo agente) [venda-vendedor]; S₂ (substantivo paciente) [venda-produto]; A₁ (adjetivo ativo) [construir- em construção]; A₂ (adjetivo passivo) [construir-sob construção]; S_{loc} (substantivo locativo) [luta-ringue]; S_{instr} (substantivo relativo a instrumento) [atirar-arma de fogo]; Able₁ (adjetivo potencialmente ativo) [variar-variável]; Able₂ (adjetivo potencialmente passivo) [confiar-confiável]; Sing (singular) [água-gota]; Mult (coletivo) [estrela-constelação].
4. FLS modificadoras: Epit (epíteto) [dia-ensolarado]; Magn (intensificadora) [chuva-torrencial]; Plus (aditivo de intensidade) [dólar-alta]; Minus (diminutivo de intensidade) [dólar-queda]; Ver (qualificador objetivo) [alimentação-saudável]; Bon (qualificador subjetivo) [comportamento-excelente].
5. FLS semi-auxiliares: para verbos suporte ou leves – Oper (operacional, com L como seu objeto direto) [fazer-exame]; Func (funcativo, com L como seu sujeito) [ocorrer-mudança]; Labor (“que trabalha”, com L como seu objeto indireto) [submeter-interrogatório].
6. FLS de fase: para verbos que denotam aspecto – Incep (começo) [início-dar]; Fin (fim) [voo-aterrissar]; Cont (continuação) [continuidade-dar].
7. FLS causativas: verbos que denotam os três tipos possíveis de causalidade – Caus (causalidade da existência) [confusão-criar]; Liqu (causalidade da não-existência) [confusão-evitar]; Perm (não causalidade da não-existência) [confusão-não criar].
8. FLS realizacionais: verbos que denotam a realização do requisito contido no significado da palavra-chave – Real (real, com L como seu objeto direto) [carro-dirigir]; Fact (factual, com L como seu sujeito) [filme-transmitir]; Labreal (híbrido de Labor e Real, com L como seu objeto indireto) [asfalto-cobrir de].
9. FLS diversas: verbos e expressões verbais com diferentes significados: Prox (L está perto) [desastre-estar eminente]; Involv (L envolve Y) [rio-inundar]; Son (L produz o típico som) [dedos-estalar]; Imper (imperativo); Degrad (L é degradante); Manif (L manifesta em si Y); Obstr (L é obstruído); Sympt (um sintoma de L).

Apresentadas as classificações propostas por Mel'čuk (2015) para caracterizar os diferentes tipos de funções lexicais, é importante salientar mais uma vez que, neste trabalho,

observaremos os diferentes sentidos do verbo TOMAR a partir de sua combinatória lexical e de sua combinatória sintática. Assim sendo, ênfase especial será dada às funções lexicais sintagmáticas e paradigmáticas, ou seja, observaremos a escolha lexical, isto é, as unidades lexicais que poderiam ser utilizadas no lugar da unidade lexical previamente escolhida, representada pelas funções paradigmáticas; e também a combinação sintática, ou seja, as unidades lexicais que podem aparecer em conjunto com a unidade lexical previamente selecionada, relação modelizada pelas funções sintagmáticas.

3.3 O TRATAMENTO DAS LEXIAS POLISSÊMICAS NO ÂMBITO DA TST

Uma vez que a presente dissertação busca analisar a combinatória lexical e a combinatória sintática de acepções recolhidas de dicionários *on-line* de língua portuguesa, é importante apresentar como o fenômeno da polissemia é retratado e caracterizado no escopo da TST.

Para tanto, nesta seção abordaremos os autores que tratam da polissemia no quadro teórico eleito. Assim como fizemos no Capítulo 1 deste trabalho, em que destacamos os trabalhos de Lyons (1976, 1979), Palmer (1976), Ullmann (1977), Kempson (1989) e Perini (2004) para caracterizar a polissemia mediante sua aproximação e distanciamento do fenômeno homonímia, há estudos no âmbito da TST em que a caracterização da polissemia é feita em analogia direta com a homonímia. Nesta seção, vamos nos concentrar nesses trabalhos para mostrar o tratamento que a polissemia recebe no âmbito da TST. Esses trabalhos são os seguintes: Polguère (2002) e Mel'čuk e Milicévic (2014).

Polguère (2002) afirma que um vocábulo pode conter um conjunto de lexias que estão vinculadas ao mesmo significante, mas que apresentam um cruzamento significativo de sentido. Trata-se, pois, da caracterização do fenômeno da polissemia na perspectiva da TST, ou seja, o fato de um mesmo vocábulo se desdobrar em muitas lexias (unidades lexicais) expressas pelo mesmo significante, mas que apresentam uma linha de sentido que pode ser reconhecida, apesar de serem lexias distintas. Para exemplificar o fenômeno da polissemia, Polguère se vale do registro dicionarístico do vocábulo francês PORC [*porco*] constante no dicionário *Nouveau Petit Robert*:

Dans les dictionnaires, dans les travaux de recherche en lexicologie et lexicographie, etc., il est de coutume de numéroter les lexies d'un même vocable. Par exemple, le Nouveau Petit Robert décrit le vocable français PORC comme étant constitué de quatre lexies : PORC1 (animal domestique...), PORC2 (individu sale ...), PORC3

(viande de porc1 ...) et PORC4 (peau du PORC1 ...). (POLGUÈRE, 2002: 40, grifo do autor).⁵⁴

Observa-se, através do exemplo apresentado por Polguère (2002), que as diferentes lexias de um mesmo vocábulo formam o conjunto de acepções desse vocábulo. Nesta perspectiva, a polissemia se traduz na possibilidade de um vocábulo congregar mais de uma lexia. Em termos de registro lexicográfico, as diferentes acepções são registradas na entrada lexical correspondente ao vocábulo, justamente porque há entre elas algum compartilhamento de sentido relevante. É importante, neste momento, chamar a atenção para o fato de que as lexias ou acepções de um vocábulo quando descritas em um verbete não devem ser meramente uma lista de sentidos possíveis do vocábulo, mas, como lexias que são, devem ser registradas em toda a sua completude no interior do verbete, ou seja, para cada acepção de um vocábulo, devem ser descritas as propriedades semânticas, relacionais e combinatórias pertinentes.

Polguère (2002) também comenta as particularidades do tratamento que o fenômeno da homonímia recebe nos dicionários. No caso dos itens homonímicos, o autor menciona a metodologia amplamente difundida de fazer com que cada ocorrência da lexia seja registrada individualmente como entrada lexical independente, visto se tratar apenas de uma coincidência de formas de palavras:

Il peut arriver que deux lexies distinctes soient associées aux mêmes signifiants alors qu'elles n'entretiennent aucune relation de sens ; il s'agit d'un cas d'HOMONYMIE. Les dictionnaires distinguent fréquemment les lexies homonymes par des numéros mis en exposant, et c'est aussi la notation adoptée en lexicologie explicative et combinatoire. (POLGUÈRE, 2002: 40, grifos do autor).⁵⁵

Em relação à distinção entre os fenômenos polissemia e homonímia, Polguère (2002) procura evidenciar que, no que diz respeito à metodologia de abordagem desses dois tipos de fenômenos, no âmbito da TST, será privilegiado sempre o eixo sincrônico da língua para uma tomada de decisão:

[...] nous devons nous baser sur la présence ou l'absence d'un lien sémantique en français (en anglais, etc.) contemporain pour décider si nous sommes en présence

⁵⁴Nos dicionários, nos trabalhos de pesquisa em lexicologia e lexicografia etc., é costume numerar as lexias de um mesmo vocábulo. Por exemplo, o Nouveau Petit Robert descreve o vocábulo francês PORCO como sendo constituído por quatro lexias: PORCO1 (animal doméstico...), PORCO2 (indivíduo vendido...), PORCO3 (carne de porco1...) e PORCO4 (pele do PORCO1). (POLGUÈRE, 2002: 40, grifo do autor, tradução nossa).

⁵⁵Pode acontecer de duas lexias distintas serem associadas aos mesmos significantes ainda que eles não mantenham alguma relação de sentido; este é um caso de HOMONÍMIA. Os dicionários distinguem frequentemente as lexias homonímicas por números colocados em expoente, e, assim, também é a notação adotada em lexicologia explicativa e combinatória. (POLGUÈRE, 2002: 40, grifos do autor, tradução nossa).

d'homonymes ou de lexies d'un même vocable. S'il existe un lien étymologique mais que ce lien n'est plus concrétisé par une relation de sens couramment perçue par les locuteurs, nous devons l'ignorer. (POLGUÈRE, 2002: 40).⁵⁶

Como se vê, o fator importante para distinguir entre polissemia e homonímia no âmbito da TST é o julgamento do Locutor. Se o Locutor não reconhece uma ligação etimológica, mesmo que ela exista, não podemos adotar como critério uma informação diacrônica, mas, antes, a “presença ou ausência de ligação semântica”; a presença de uma ligação semântica acontecerá entre lexias de um mesmo vocábulo, no caso da polissemia; a ausência de uma ligação semântica se dará em lexias distintas que possuem, apenas, uma coincidência de significante, no caso da homonímia.

Por fim, Mel'čuk e Milicévic (2014), ao tratarem do fenômeno da ambiguidade lexical, comentam brevemente o caso da polissemia e da homonímia. Os autores consideram a homonímia como a identidade de significantes de signos em que os significados desses homônimos não possuem componentes comuns; já a polissemia é caracterizada como identidade de significantes dos signos em que esses tais signos partilham certos componentes dos seus significados:

L'ambiguïté lexicale, ou l'identité des signifiants des unités lexicales, peut être de deux types : l'homonymie (= identité des signifiants des signes dont les signifiés n'ont pas de composantes communes assez importantes) et la polysémie (= identité des signifiants des signes dont les signifiés partagent certaines composantes assez importantes). (MEL'ČUK; MILICÉVIC, 2014: 47).⁵⁷

Resta claro que, para Mel'čuk e Milicévic (2014), assim como para Polguère (2002), a homonímia se caracteriza por meio da identidade dos significantes, mas não de significado; a polissemia, por sua vez, também se caracteriza pela identidade dos significantes, mas existe um compartilhamento de componentes do sentido que é evidente.

No que diz respeito aos trabalhos apresentados nesta seção, comparativamente aos pontos de vista dos teóricos que expusemos no Capítulo 1, seção 1.1, acerca da polissemia (e da homonímia), há uma proximidade entre o que argumenta Ullmann (1977) e Perini (2004) sobre a contribuição da polissemia para as línguas: na TST também há a ideia de que o

⁵⁶ [...] devemos nos basear na presença ou ausência de uma ligação semântica em francês (inglês etc.) contemporânea para decidir se estamos na presença de homônimos ou de lexias de um mesmo vocábulo. Se existe uma ligação etimológica, mas esse laço não pode mais ser concretizado por uma noção de sentido comumente percebida pelos locutores, nós devemos ignorá-la. (POLGUÈRE, 2002: 40, tradução nossa).

⁵⁷ A ambiguidade lexical, ou identidade dos significantes das unidades lexicais, pode ser de dois tipos: a homonímia (= identidade dos significantes dos signos em que os significados não possuem componentes comuns muito importantes) e a polissemia (= identidade dos significantes dos signos em que os significados compartilham componentes muito importantes). (MEL'ČUK; MILICÉVIC, 2014: 47, tradução nossa).

fenômeno da polissemia é um mecanismo linguístico que contribui, de maneira prática, para um mecanismo de economia linguística, nas diferentes línguas, já que se vale do uso de formas de palavras que já existem, para nomear novos sentidos (mesmo que ainda aparentados), evitando uma sobrecarga de signos linguísticos. Também há proximidade quanto à caracterização efetiva do fenômeno da polissemia, entre a TST e os apontamentos de Lyons (1979). Na TST, assim como para Lyons (1979), a polissemia dá conta de significados diferentes para um mesmo item, mas estes significados não estão completamente distantes, estão, antes de tudo, conectados.

Por fim, a partir da apresentação do fenômeno da polissemia sob a ótica da perspectiva Sentido-Texto, entende-se que a tomada de posição da teoria em relação à caracterização do fenômeno polissêmico se afasta das propostas que levam em conta apenas a origem etimológica da palavra, uma vez que a TST prioriza que o fenômeno seja tratado a partir do ponto de vista do Locutor, ou seja, a partir de um enfoque sincrônico de língua.

Outro fator importante levantado por Polguère (2002) é que precisa haver uma intersecção de sentidos entre o conjunto de lexias (ou acepções, como denominam os lexicógrafos) de um vocábulo polissêmico. Como consequência dessa afirmação, a partir da perspectiva Sentido-Texto, para uma tomada de decisão acerca do registro lexicográfico desse tipo de unidade lexical, devem ser evitadas soluções que separem em entradas lexicais independentes lexias que apresentam a mesma forma e sentidos aproximados, assim como também devem ser evitadas soluções que coloquem no mesmo verbete acepções que não tenham, no plano do sentido, relação alguma do ponto de vista sincrônico.

RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo teve como objetivo apresentar o *modus operandi* da Teoria Sentido-Texto, linha teórico-lexicográfica adotada nesta dissertação. Também se ateuve à exposição do funcionamento do Modelo Sentido-Texto e da ferramenta de análise linguística conhecida como função lexical.

Na seção 3.1, expusemos os pressupostos teóricos principais do MST e como este pretende ser um modelo de expressões simbólicas que representam as relações linguísticas (paradigmáticas e sintagmáticas) presentes em cada produção de fala de um Locutor. Nesta mesma seção, apresentamos a definição de fraseologismo, enquanto expressão composta por mais de uma única forma de palavra, e que possui determinadas restrições de seleção e

combinação; também mostramos os três diferentes tipos de fraseologismos, chamados no âmbito do MST de “frasemas” (locações, colocações e clichês).

Na seção 3.2, mostramos como ocorre o registro lexicográfico em um dicionário que tem como base os fundamentos da TST e do MST, ou seja, que se organiza por meio da *Lexicologia Explicativa e Combinatória*. Nessa perspectiva, mostramos quais são as zonas de descrição lexicográfica do DEC (*Dicionário Explicativo Combinatório*). Como o nosso objetivo não é propor a redação de um artigo nos moldes do DEC, para o registro das diferentes acepções do verbo TOMAR, apresentamos de forma mais detalhada apenas o funcionamento de duas, das cinco zonas de descrição lexicográfica consideradas no DEC: a zona da combinatória sintática (seção 3.2.1) e a zona da combinatória lexical (3.2.2), as quais serão fundamentais para a análise que faremos das acepções do verbo TOMAR recolhidas dos dicionários *on-line* de língua portuguesa que constituem o nosso *corpus*. Considerando que a descrição da zona da combinatória lexical se dá a partir das Funções Lexicais, desdobramos a seção 3.2.2 para apresentar as Funções Lexicais, ferramenta de análise que usaremos para a descrição da combinatória lexical.

Por fim, na seção 3.3, ao apresentarmos como a TST descreve o fenômeno da polissemia, mais particularmente, como analisa o registro de itens lexicais homônimos e polissêmicos em dicionário de língua, constatamos que a TST, ao defender que as lexias de um vocábulo polissêmico devem apresentar intersecção de sentido perceptível ao Locutor, e que tais sentidos devem ser descritos em todas as propriedades que cada uma das lexias do vocábulo apresentam (semânticas, formais e combinatórias), se soma ao ponto de vista dos teóricos apresentados no Capítulo 1, seções 1.2 e 1.3, de acordo com os quais verbos polissêmicos se caracterizam por meio da permuta de campos semânticos, o que acaba por acarretar que as acepções apresentem diferentes combinatórias sintáticas restritas.

No próximo capítulo, com o objetivo de apontar as acepções do verbo TOMAR recolhidas dos dicionários *on-line* de língua portuguesa, faremos a exposição dos procedimentos metodológicos adotados na presente pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como dito nos capítulos anteriores, o objetivo principal deste trabalho é analisar o registro lexicográfico do verbo TOMAR, um verbo polissêmico, em dicionários gerais *on-line* de língua portuguesa. Tendo esse objetivo no horizonte, no presente capítulo, nos propomos a apresentar os procedimentos metodológicos adotados para a seleção e recolha dos dados analisados nesta pesquisa.

Para tanto, na seção 4.1, mostramos os critérios eleitos para a seleção dos dicionários *on-line* de língua portuguesa, dos quais foram recolhidas as diferentes acepções do verbo TOMAR, objeto de nossa atenção nesta pesquisa; na seção 4.2, tratamos, com base nos critérios propostos por Welker (2004) e Svensén (2009), da configuração tipológica dos dicionários selecionados para a recolha das acepções; na seção 4.3, analisamos a macro e a microestrutura dos dicionários *on-line* de língua portuguesa que serviram de fonte para a recolha das acepções, em conformidade com os apontamentos, principalmente, de Selistre (2010); na seção 4.4, apresentamos como ocorreu a seleção e recolha das múltiplas acepções do verbo TOMAR nos dicionários, ou seja, mostramos como o *corpus* propriamente dito desta pesquisa foi constituído; por fim, na seção 4.5, elencamos os critérios adotados para a análise das múltiplas acepções do verbo TOMAR, que, como já dito, terá como base a modelização dos sentidos por meio da descrição da combinatória sintática e da combinatória lexical, duas das cinco zonas lexicográficas que compõem um artigo do DEC.

4.1 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS DICIONÁRIOS *ON-LINE* DE LÍNGUA PORTUGUESA ANALISADOS NESTA PESQUISA

Esta pesquisa procura observar o registro da informação lexicográfica de um verbo polissêmico, o verbo TOMAR, em dicionários gerais *on-line* de língua portuguesa. Para a seleção dos dicionários, utilizamos os seguintes procedimentos: (i) no campo próprio para busca da página do *Google*, digitamos primeiramente “dicionário de língua portuguesa *on-line*”. Essa busca exibiu aproximadamente 7.540.000 resultados; entre eles, encontramos dicionários de sinônimos, de antônimos, de rimas, de locuções, analógicos, ortográficos, etimológicos etc. Para excluir esses casos, realizamos nova pesquisa, especificando o tipo de dicionário objeto desta pesquisa, ou seja, “geral”. Pesquisamos no *Google*, então, “dicionário geral de língua portuguesa *on-line*”. Nesta nova busca, obtivemos aproximadamente 24.500.000 resultados. A partir daí, selecionamos os dicionários cujos *links* remetiam a um

endereço na *Web*, ou seja, que apresentassem um *link* com <https://www>. A seguir, acessamos o *link* de cada um dos dicionários, a fim de verificar se o dicionário estava, de fato, disponível na *Web*.

Como resultado dessa pesquisa, foram encontrados oito dicionários que apresentam as características que julgamos relevantes para este trabalho: (i) estar disponibilizado na *Web*; (ii) ser de domínio público; (iii) ser um dicionário geral de língua; e (iv) ser um dicionário de língua portuguesa. Entre os oito dicionários que atendiam aos critérios estabelecidos, encontramos dois que poderiam gerar algum problema em nossa análise, pois registram a variedade europeia da língua portuguesa: o *Dicionário Aberto* e o *Infopédia Dicionário Porto Editora*. Tentando abarcar o maior número possível de informações sobre o registro lexicográfico do verbo TOMAR, e considerando que os dicionários brasileiros e os portugueses costumam assinalar com uma marca de uso quando há acepções que são tipicamente portuguesas ou brasileiras, decidimos manter esses dois dicionários em nossa seleção.

Além disso, verificamos que o *Dicionário Priberam* também se dirige ao público que utiliza a variedade do português europeu. No entanto, esse dicionário oferece a possibilidade de o usuário selecionar a variedade que se quer pesquisar: português europeu ou português brasileiro. Por essa razão, também inserimos esse dicionário no conjunto de dicionários selecionados para análise.

Com base nesses critérios e nas justificativas expostas acima, são oito os dicionários gerais *on-line* de língua portuguesa em cujos verbetes pesquisaremos as acepções do verbo TOMAR, conforme especificado no quadro abaixo.

Quadro 6 - Dicionários selecionados para recolha do *corpus* desta pesquisa

Dicionário <i>on-line</i>	Variante principal
Dicionário Aberto	Português europeu
Dicionário Aurélio de Português Online	Português brasileiro
Dicionário Aulete Digital	Português brasileiro
Grande Dicionário Houaiss	Português brasileiro
Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa	Português brasileiro
Dicionário Online de Português	Português brasileiro
<i>Dicionário Priberam da Língua Portuguesa</i>	Português europeu e português brasileiro
<i>Infopédia Dicionário Porto Editora.</i>	Português europeu

Fonte: Elaborado pela autora.

Para entender como esses dicionários são organizados, na próxima seção, mostraremos sua tipificação e suas partes constitutivas. Cumpre ressaltar que, neste momento, não nos preocuparemos em mostrar exatamente como os verbetes são construídos em cada um dos dicionários⁵⁸. Nossa intenção na próxima seção é apenas mostrar as acepções do verbo TOMAR listadas em cada um dos oito dicionários.

4.2 TIPOLOGIA DOS DICIONÁRIOS SELECIONADOS

No Capítulo 2, mais especificamente na seção 2.2, apresentamos os critérios de tipificação de obras lexicográficas propostos por Welker (2004) e por Svensén (2009). Com base nesses critérios, apresentaremos a tipologia dos oito dicionários que servirão de suporte para a recolha das acepções constantes nos verbetes do verbo TOMAR. Nesta seção, abordamos de maneira geral as características dos dicionários *on-line*, ancorando nossa descrição nos critérios supramencionados. Após, tecemos considerações mais pontuais sobre as diferenças entre obras lexicográficas impressas e eletrônicas, dando especial atenção aos dicionários eletrônicos disponíveis em plataforma *on-line*.

De acordo com o que vimos na seção 2.2, em conformidade com os critérios propostos por Welker (2004), os oito dicionários selecionados para a recolha dos verbetes do verbo *tomar* – o *Dicionário Aberto (Aberto)*; o *Dicionário Aurélio de Português Online (Aurélio)*; o *Dicionário Aulete Digital (Aulete)*; o *Grande Dicionário Houaiss (Houaiss)*; o *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (Michaelis)*; o *Dicionário Online de Português (Online)*; o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (Priberam)*; e o *Infopédia Dicionário Porto Editora (Porto)* – estão inseridos, enquanto obras de consulta, na classe dos *dicionários de língua*. Ainda conforme a classificação de Welker (2004), esses dicionários são do tipo *computadorizado*, porque foram consultados a partir de seu endereço de plataforma *on-line*. No que se refere ao número de línguas, são *monolíngues*, porque tanto a língua utilizada nas descrições, explicações e exemplos, quanto a língua objeto é apenas a língua portuguesa. Por fim, entre dicionários gerais e especiais, os oito dicionários selecionados são dicionários *gerais* e, mais ainda, *gerais extensos*, porque não registram apenas palavras utilizadas na língua comum, mas também apresentam termos técnico-científicos.

Os dicionários selecionados para esta pesquisa também apresentam outras propriedades além das descritas acima. Nos termos de Svensén (2009), os dicionários *on-line* de língua portuguesa são *semasiológicos*, porque partem do signo linguístico, isto é, da

⁵⁸ Para uma visão real da disposição dos artigos/verbetes de cada dicionário, ver Apêndice.

unidade lexical para o conceito, para a definição; também são *contemporâneos sincrônicos*, porque não objetivam elencar palavras em desuso na língua portuguesa (o *Grande Dicionário Houaiss Online*, por exemplo, afirma em sua apresentação “*Pretender captar totalmente as nuances de significados das palavras de uma língua viva*”), nem oferecer um panorama etimológico da língua portuguesa, embora apresentem, em seus verbetes, comentários etimológicos, como a datação do primeiro registro da entrada lexical, caso também do *Grande Dicionário Houaiss*, por exemplo. Ainda, são dicionários *normativos*, pois se valem da norma culta do português brasileiro para o registro lexicográfico.

Ainda em conformidade com os critérios propostos por Svensén (2009), em relação ao número de verbetes, temos a seguinte situação: *Aurélio* (200.000 verbetes), *Aulete* (em torno de 818.000 verbetes), *Houaiss* (em torno de 230.000 verbetes), *Michaelis* (aproximadamente 167.000 verbetes), *Online de Português* (em torno de 400.000 verbetes). Os dicionários *Aberto*, *Priberam* e *Infopédia* não informam o número de verbetes disponibilizados aos consulentes.

Considerando apenas os cinco dicionários que informam o número de verbetes que constituem a obra lexicográfica, poderíamos afirmar, em concordância com a classificação de Svensén (2009), que são dicionários voltados para especialistas da língua, visto que todos apresentam mais de 70.000 verbetes. Entretanto, como não estamos tratando de dicionários impressos, esta classificação não se aplica. Os dicionários selecionados para esta pesquisa são disponibilizados em plataforma *on-line* e estão disponíveis a qualquer consulente; portanto, não são destinados a especialistas da língua.

No que concerne aos critérios estruturais, os dicionários selecionados não apresentam uma lista das entradas lexicais em ordem alfabética (salvo o *Dicionário Aberto* que oferece a opção de listas de palavras, conforme o critério “letra inicial”). Majoritariamente, a pesquisa de uma palavra nos dicionários se dá de maneira muito mais simplificada: há sempre uma caixa de diálogo em que o consulente digita o item lexical que deseja consultar e pressiona o botão “buscar” ou “pesquisar” no *site*, ou mesmo a tecla “*enter*” do seu teclado, e, então, a palavra será pesquisada.

Relativamente ao uso, à função, à organização e ao público-alvo, os dicionários de língua portuguesa *on-line* são: quanto ao uso, tendem a ser utilizados para *consulta* em detrimento da leitura; quanto à função, esta pode ser tanto *receptiva* quanto *produtiva*; quanto à organização, os dicionários abordam apenas uma língua, portanto não recebem a classificação monoscopal (lemas em uma língua e equivalentes em outra) ou biscopal (lemas em duas línguas), e, quanto ao público-alvo, não há especificação do tipo de consulente para

quem os dicionários são destinados. Para além de não haver uma especificação de um público específico, qualquer usuário, independentemente de sua idade, escolaridade ou grau de instrução, pode acessar os dicionários na plataforma *on-line*.

Podemos afirmar que os dicionários *on-line* de língua portuguesa possuem função tanto receptiva quanto produtiva, porque são dicionários de língua portuguesa, voltados para falantes de língua portuguesa. Isso porque, como vimos anteriormente através das contribuições de Svensén (2009), nos dicionários monolíngues para falantes nativos pode estar imbricada qualquer uma das atividades linguísticas dos consulentes: fala, escuta, escrita ou leitura.

Os critérios organizacionais de Svensén (2009), que dividem os dicionários em monoscópicos ou bilingües, não se aplicam aos dicionários *on-line* de língua portuguesa porque, nestes dicionários, há uma só língua objeto que coincide com a língua de descrição, não havendo equivalentes em línguas estrangeiras, pois não são dicionários bilíngues.

Sobre o público-alvo, como já mencionado anteriormente, os dicionários *on-line* de língua portuguesa não especificam, em suas páginas, um público pretendido. Considerando que são disponibilizados em plataforma *on-line*, podemos inferir que seu público é bastante abrangente, dado o fato de que podem ser consultados tanto por crianças quanto por jovens e adultos, podem ser acessados por estudantes de ensino básico ou universitários que realizam tarefa de casa, ou mesmo nos laboratórios escolares ou universitários, durante atividades educativas, por exemplo, entre tantas outras possibilidades.

Por fim, como apresentamos no Capítulo 2, Welker (2004) e Svensén (2009) chamam a atenção para o fato de que é preciso que se distinga entre os tipos de dicionários no que diz respeito ao meio de armazenamento e à distribuição. Lembramos que Welker (2004) chamou de “convencionais” as obras de consulta impressas.

Além da longa tradição de dicionários impressos, planejados desde a sua concepção até a sua impressão, os dicionários gerais versão impressa têm, a seu favor, para além de serem, por excelência, a obra que vem à mente dos usuários quando se pensa em um dicionário de língua⁵⁹, o fato de serem de livre acesso em qualquer ambiente e não dependerem de tecnologias, as quais podem ser imprevisíveis, como a *internet* e os próprios objetos tecnológicos (computadores, *tablets* e *smartphones*). Conforme aponta Welker (2004):

⁵⁹ Segundo Welker (2004: 77): “O dicionário geral é aquele em que o usuário pensa quando se fala em dicionário, a saber, um dicionário cujos verbetes estão organizados em ordem alfabética e consistem em, pelo menos, lema e definição, a não ser no caso dos bilíngues, onde a definição é substituída pelo equivalente”.

Quanto aos dicionários online, o usuário pode ficar irritado com a lentidão do acesso à internet, preferindo consultar um dicionário impresso. E há situações de leitura – por exemplo, em bibliotecas – nas quais não se pode consultar um dicionário eletrônico. (WELKER, 2004: 226-7).

O dicionário geral impresso é, portanto, um dicionário, de certa forma, universal, porque pode ser utilizado por qualquer consulente, sem distinção de faixa etária, escolaridade, ou finalidade de uso, caso levemos em consideração apenas seu meio de armazenamento, e não o número de verbetes, por exemplo.

No que diz respeito aos dicionários versão *on-line*, para Welker (2004: 225), eles estão inseridos no grupo dos dicionários eletrônicos. Nessa categoria, “dicionários eletrônicos”, Welker (2004) inclui também: os dicionários usados no processamento da linguagem natural; os dicionários disponibilizados em CD-ROM; os dicionários *on-line* (acessados via *internet*) e os dicionários portáteis.

Sobre os dicionários *on-line*, Welker (2004) afirma que esse tipo de dicionário geralmente é acessado pelo consulente por meio do pagamento de uma taxa de adesão. De qualquer modo, há dicionários *on-line* que necessitam, conforme o autor, apenas de que o consulente faça sua inscrição (registro por meio de *e-mail*, por exemplo), ou não há a cobrança de taxa por, pelo menos, um período experimental de uso. No que diz respeito aos dicionários selecionados para a presente pesquisa, o *Houaiss* é o único dicionário que solicita o ingresso à plataforma por meio de uma conta⁶⁰ *Uol* (plataforma digital descrita como “*empresa brasileira de conteúdo, serviços digitais e tecnologia*”, como *e-mail* e site de notícias); os outros sete dicionários permitem acesso irrestrito, sem necessidade de criação de conta/e-mail, sem taxa e sem período limitado de acesso.

Inicialmente, Welker (2004) apresenta, para os dicionários *on-line*, uma primeira tipologia (dicotômica), retirada dos autores Storrer e Freese (1996)⁶¹. Segundo o autor, Storrer e Freese (1996) dividem os dicionários *on-line* em dois tipos: 1) “dicionários prontos”, grupo no qual estão inseridos: a) os dicionários que simplesmente foram transportados da plataforma impressa para a *on-line*; e b) os dicionários que foram concebidos desde a sua criação para valer-se dos benefícios do hipertexto); 2) “dicionários em construção”, grupo no qual se inserem a) os dicionários que estão sendo elaborados pelo(s) autor(es) e, ao mesmo tempo, são disponibilizados *on-line*; e b) os dicionários construídos por colaboradores voluntários.

Em relação a essa caracterização apresentada pelo autor, podemos afirmar que todos os dicionários selecionados nesta pesquisa estão agrupados na primeira classificação: são

⁶⁰ Essa conta é produzida de maneira gratuita pelo usuário, através da criação de um e-mail *Uol*.

⁶¹ STORRER, Angelika; FREESE, Katrin. Wörterbücher im internet. Deutsche Sprache, 1996.

dicionários prontos. Dado o fato de que essa classificação ainda é dividida em outras duas, temos as seguintes observações a fazer: os dicionários *Aberto*, *Aulete*, *Michaelis*, *Priberam* e *Porto* assinalam, em suas páginas destinadas à apresentação do dicionário, que foram adaptados de dicionários impressos. O dicionário *Houaiss* não sinaliza, em sua página de abertura, o fato de ser uma adaptação do célebre dicionário impresso, de mesmo nome. Entretanto, o site *Uol*, responsável pela disponibilização do conteúdo *on-line*, dedicou matéria própria para a divulgação e apresentação do dicionário em seu serviço de *web*. O dicionário *Online* indica que houve, desde a sua concepção, a ideia de construção do dicionário para ser disponibilizado em plataforma digital; por fim, o dicionário *Aurélio* não assinala se houve a adaptação de dicionário impresso para este que se encontra disponível *on-line*, nem se sua construção foi, desde o princípio, pensada para o meio digital. Não há qualquer menção de que tenha havido uma adaptação do dicionário impresso para a plataforma digital, assim como não há qualquer semelhança na construção dos verbetes entre os dicionários em questão (o *Aurélio on-line* e o *Aurélio* impresso).

Em seguida, Welker (2004) apresenta outras particularidades dos dicionários *on-line* que devem ser aqui consideradas, para que se possa ter uma caracterização adequada desse tipo de dicionário.

A primeira característica apresentada pelo autor para diferenciar entre tipos de dicionários *on-line* é a presença, ou não, de hipermídia. Segundo Welker (2004: 228), os dicionários *on-line* que apresentam textos e *links* (por exemplo, um item “*linkado*” apresentará remissões ou outras informações quando se clicar sobre ele) possuem hipertexto, mas não hipermídia. Dicionários que apresentam hipermídia têm, para além dos textos, imagens e sons. No caso dos dicionários gerais *on-line* de língua portuguesa, há a presença, de forma majoritária, de hipertexto, mas não de hipermídia, restrita a apenas alguns dicionários, como veremos na seção 4.3.

Outra particularidade dos dicionários *on-line* é a forma de busca por lemas, apontada em Selistre (2010) como a “estrutura de acesso”. A forma mais usual de busca por itens lexicais nos dicionários *on-line* é a digitação do lexema que se quer consultar, ou a escolha do item a partir de uma lista de palavras, por ordem alfabética. Consoante Welker (2004), ainda é possível que alguns dicionários ofereçam buscas lexicais através de uma parte da palavra (quando o consulente não se lembra do restante da palavra), ou através de listas de palavras de acordo com a classe gramatical, por exemplo, ou por meio de outras marcas linguísticas. O autor ainda acrescenta que alguns dicionários *on-line* apresentam a vantagem de possibilitar ao consulente a busca de um item lexical mesmo que o consulente tenha digitado esse item de

maneira incorreta. Além dessa vantagem, o autor também destaca que muitos dicionários *on-line* admitem a busca por unidades fraseológicas.

Ainda sobre a busca lexical nos dicionários *on-line*, Welker (2004) chama a atenção para o fato de alguns dicionários fornecerem *links*, da lexia que se consulta, para exemplos que não estejam apresentadas no verbete, para mais elucidações gramaticais, para palavras relacionadas etc. Essas são algumas das vantagens, entre tantas possíveis, facilitadas pela interatividade de um dicionário disponível em plataforma digital.

Dadas as características apontadas por Welker (2004), especialmente no que diz respeito aos dicionários *on-line*, podemos depreender que os dicionários gerais versão *on-line* configuram, assim, uma importante fonte de pesquisa de lexias. Graças ao seu suporte (página de *web*), as facilidades de busca e a apresentação de conteúdo podem contribuir para um aprendizado interativo por meio de acesso a níveis de informação diversos (a aquisição de conteúdo pode se dar de forma animada, visual, auditiva, interativa). No caso dos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa selecionados para esta pesquisa, por exemplo, não há custo para que se tenha acesso aos dicionários. Deste modo, caso o consulente não possua em sua casa um dicionário versão impressa, ou não possua o valor necessário para adquirir um, tendo uma plataforma de acesso (computador, *notebook*, *tablet*, *smartphone*), é possível consultar um dos oito dicionários de língua portuguesa disponibilizados de forma gratuita na *internet*.

4.3 CARACTERÍSTICAS MACRO E MICROESTRUTURAIS DOS DICIONÁRIOS SELECIONADOS

No Capítulo 2 desta dissertação, refletimos sobre a Lexicografia como a ciência prática que se ocupa da construção das obras de referência, entre as quais estão os dicionários. Especificamente na seção 2.3, apresentamos o processo de elaboração dos dicionários, no que diz respeito, principalmente, às partes que os constituem. A partir dos estudos de Rey (1977), Haensch (1982ab), Mel'čuk, Clas e Polguère (1995), Welker (2004), Selistre (2010) e Polguère (2018), foram apresentadas as partes que constituem os dicionários de língua e que julgamos importantes para nossa pesquisa, visto que refletimos sobre um verbo polissêmico, enquanto lema. De maneira particular, os dicionários *on-line* de língua foram caracterizados, quanto às suas partes constituintes, por Selistre (2010). Assim, realizaremos o arrolamento das características macro e microestruturais dos dicionários de língua portuguesa *on-line*, conferindo especial atenção aos apontamentos desta última estudiosa.

A macroestrutura dos dicionários *on-line*, segundo Selistre (2010), dá conta das unidades lexicais que serão arroladas no dicionário; também apresenta como característica particular a sua estrutura de acesso.

No que se refere aos tipos de unidades lexicais arroladas em sua macroestrutura (considerando os itens passíveis de serem lematizados em um dicionário de língua apontados por Selistre (2010)), os dicionários *Aberto*, *Aurélio*, *Aulete*, *Houaiss*, *Michaelis*, *Online*, *Priberam* e *Porto* apresentam as características listadas a seguir.

1. Todos os dicionários arrolam lexias simples, em suas formas canônicas, isto é, suas formas básicas.

2. Quanto às formas não-canônicas, como as formas flexionadas⁶², apenas o *Infopédia Dicionário Porto Editora* apresentou formas flexionadas (como participípios) com definição própria. Por exemplo, o *Dicionário Houaiss* e o *Priberam* apresentam, no fim da página de “dado”, o verbete do verbo “dar”, o que não configura a participação de formas flexionadas na macroestrutura desses dicionários, mas na medioestrutura, isto é, ao se pesquisar uma forma flexionada, há uma remissão para os verbetes que correspondem às formas infinitivas dos verbos. O dicionário *Aurélio* apresenta, de forma indiscriminada, qualquer forma flexionada do verbo que se procure, com as mesmas acepções da forma infinitiva do verbo correspondente. Desse modo, esse dicionário apresenta sempre um conjunto bastante grande de acepções para cada verbete, onde são listados muitos sentidos, de forma não discriminada: quando se pesquisa o verbo *dar*, flexionado no participípio passado – *dado* –, por exemplo, é possível identificar acepções que dizem respeito ao substantivo “dado”, ou seja, apontam para o objeto (substantivo masculino) em forma de cubo, mas também acepções que apontam para o próprio participípio passado, listadas umas após as outras, de forma não organizada (ou separada). O dicionário *Online* apresenta no fim da página do verbete (após todas as acepções) uma parte que chama de “definição”. No verbete de “dado” há a especificação “Flexão do verbo *dar* no participípio”, em que o item *dar* é um *link* para o verbete do verbo; ou seja, mais uma vez, trata-se de medioestrutura, isto é, remissão, sem arrolamento da forma nas nomenclaturas dos dicionários. O dicionário *Michaelis*, o *Aberto* e o *Aulete* não apresentam possibilidade de se realizar a busca de formas flexionadas. Por exemplo, nos verbetes *dado*, *cabido*, *trazido*, *dou*, *estou*, *caibo*, *trago*, *dei*, *estive*, *coube*, *trouxe*, *darei*, *estarei*, *caberei*, *trarei* (formas que utilizamos para a pesquisa de palavras flexionadas) não há remissão à

⁶² Utilizou-se os verbos irregulares *dar*, *estar*, *caber* e *trazer* (por poderem compreender formas flexionadas ditas não previsíveis) conjugados no participípio passado e nos tempos verbais presente, pretérito perfeito e futuro do presente, do modo indicativo, para verificar a lematização ou não de tais formas flexionadas.

palavra de origem, a página resultado da pesquisa de uma forma de palavra flexionada geralmente apresenta uma mensagem, que anuncia ao consulente que a busca foi “inválida”.

3. Os dicionários *on-line* de língua portuguesa apresentam lexias compostas⁶³ (como *guarda-roupa, beija-flor, dedo-duro, copo-de-leite*).

4. No que diz respeito às lexias complexas, ou fraseologismos (termo adotado por Selistre (2010)), não foi possível encontrar, através do mecanismo “busca”, lexias complexas. Esse tipo de lexia aparece dentro do verbete de sua palavra base, não sendo arrolado na macroestrutura dos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa. Entretanto, parece haver, utilizando o dicionário *Houaiss* como exemplo, o arrolamento de lexias complexas, já que, ao digitarmos uma palavra, aparecem opções para se clicar em frases e adentrar em seus verbetes. O fato é que, se a estrutura de acesso de um dicionário se dá por digitação da palavra em uma caixa de diálogo, esperávamos ser possível utilizar o mesmo mecanismo de busca para encontrar também as lexias complexas, mas não foi o caso.

5. As formas truncadas pesquisadas⁶⁴ foram contempladas, pelo menos uma, por seis, dos oito dicionários analisados. O dicionário *Aberto* e o dicionário *Aurélio* não contemplaram nenhuma das formas truncadas pesquisadas. No entanto, os dicionários *Online* e *Aulete* são os únicos dicionários que arrolam o termo *foto*, por exemplo, e o definem. Os dicionários *Houaiss, Michaelis, Priberam* e *Porto* arrolam formas truncadas, mas não há definições nesses verbetes, apenas remissões para as palavras de origem. Esse quadro parece ser diferente daquele visto nas formas flexionadas. As formas truncadas, neste caso, são arroladas nas macroestruturas, isto é, elas são cabeças de verbetes, no entanto, não há definições de acepções, mas remissão para a forma da palavra de origem; já no caso das formas flexionadas, estas não configuram lema nos dicionários, como vimos.

6. Em relação às siglas, apenas o dicionário *Aberto* não apresenta tais formas. Os outros sete dicionários analisados apresentaram pelo menos uma das siglas pesquisadas (CBF, MEC, CPF, IPVA, ONG).

7. As formas contraídas existem, por exemplo, em línguas como o inglês, em que se unem dois termos (um verbo principal e um auxiliar; um verbo e um advérbio de negação). Os exemplos de Selistre (2010: 62) são: *ain't* e *won't*. No português, utilizamos as formas

⁶³ Realizando um adendo à presença de lexias compostas nos dicionários *online* é preciso apontar o fato de que no caso do *Dicionário Aberto* houve relativa falta de presença de lexias compostas. Das lexias buscadas (*guarda-roupa, beija-flor, dedo-duro, copo-de-leite*), o dicionário apresentou apenas *guarda-roupa*.

⁶⁴ Foram pesquisadas nos dicionários *on-line* de português as formas truncadas: *foto* (fotografia), *moto* (motocicleta); *bici* (bicicleta); *ceva* (cerveja); *refri* (refrigerante); *curta* (curta-metragem). Tomamos como exemplos de truncamento tais itens tomando como ponto de partida a definição de truncamento realizada por GONÇALVES (2004: 13), para o qual o truncamento é um “processo de formação de palavras que [...] consiste na diminuição do corpo fônico da palavra derivante.

contraídas “deste”, “neste”, “numa”, “desse”, “naquele”, “daquilo”, para realizar a pesquisa nos dicionários *on-line*. Todos os dicionários apresentaram, em maior ou menor número, dentre os itens pesquisados, formas contraídas. Os dicionários *Aulete*, *Houaiss* e *Online* apresentaram todas as seis contrações pesquisadas; os dicionários *Aurélio*, *Michaelis*, *Priberam* e *Porto* não apresentaram apenas a contração “numa”; e, por sua vez, o dicionário *Aberto* não apresentou as construções “deste” e “desse”.

8. No que concerne à lematização de abreviaturas, todos os dicionários apresentaram pelo menos uma das abreviaturas⁶⁵ buscadas, sendo a mais recorrente entre elas “etc.”.

9. Quanto aos nomes próprios de cidade, lugar, território (os topônimos), mais da metade dos dicionários (cinco deles) não apresentaram os exemplos pesquisados. Foram utilizados como exemplos de busca: *Brasil*, *Portugal*, *Lisboa*, *Brasília* e *Rio de Janeiro*. Os dicionários *Aberto* e *Online* apresentaram, entre os exemplos, apenas *Brasil*; e o dicionário *Priberam* apresentou apenas *Lisboa*.

10. A fim de encontrar antropônimos nos dicionários *on-line* de língua portuguesa, procuramos nomes próprios como: *Shakespeare*, *Napoleão*, *Sócrates*, *Hitler*, *Aristóteles*. Nenhum dos dicionários arrolou os antropônimos pesquisados.

11. As unidades lexicais consideradas por Selistre (2010) como “marcas registradas” apareceram em três dos oito dicionários analisados: os dicionários *Aulete*, *Houaiss* e *Michaelis*. No dicionário *Aulete* apareceu apenas a marca *Durex*, para fita adesiva, e nos dicionários *Houaiss* e *Michaelis* somente a marca *Band-Aid*, para pequeno curativo.

12. Por fim, pesquisamos, nos dicionários, os afixos: *a*, *ante*, *anti*, *pós*, *pré*, *pre*, *ado*, *mente*, *in*, *inho*. Apenas o dicionário *Aulete* e o dicionário *Porto* não apresentaram nenhum dos afixos procurados. O dicionário *Aurélio*, embora sempre apresente uma definição para o elemento prefixal ou sufixal pesquisado, não menciona que se trata de um afixo.

A partir das unidades lexicais passíveis de serem dicionarizadas, apontadas por Selistre (2010), tendo em vista os dicionários *on-line* de língua portuguesa selecionados para nossa pesquisa, propomos o seguinte quadro que resume as considerações feitas até aqui:

⁶⁵ A fim de encontrar, inseridas nos dicionários, abreviaturas, pesquisamos os seguintes itens: “Etc”, para *et cetera*; “col”, para colégio; “prof”, para professor; “cia”, para companhia; e “cód” para código.

Quadro 7 - Características macroestruturais dos dicionários *on-line* de língua portuguesa:
lexias passíveis de serem dicionarizadas

Tipos de lexias passíveis de serem arroladas na macroestrutura	<i>Aberto</i>	<i>Aurélio</i>	<i>Aulete</i>	<i>Houaiss</i>	<i>Michaelis</i>	<i>Online</i>	<i>Priberam</i>	<i>Porto</i>
Lexias simples - formas canônicas	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Lexias simples - formas não canônicas	x	✓	x	x	X	✓	X	✓
Lexias compostas	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Lexias complexas	x	x	x	x	X	✓	X	x
Formas truncadas	x	x	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Siglas	x	x	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Formas contraídas	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Abreviaturas	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Nomes próprios - topônimos	✓	x	x	x	X	✓	✓	x
Nomes próprios - antropônimos	x	x	x	x	X	x	X	x
Marcas registradas	x	x	✓	✓	✓	x	X	x
Afixos	✓	✓	x	✓	✓	✓	✓	x

Fonte: Elaborado pela autora.

Relativamente aos meios de acesso à nomenclatura dos dicionários *on-line*, Selistre (2010) apresenta quatro alternativas para estrutura de acesso à macroestrutura de dicionário eletrônicos. Segundo a autora, pode-se acessar a macroestrutura de um dicionário *on-line* através das opções de pesquisa: *browsing*, busca direta, *fuzzy search* e *wildcards*.

O acesso via “busca direta” é disponibilizado aos usuários nos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa em estudo. Todos os dicionários oferecem uma caixa de digitação, na qual o usuário digita o termo que procura e diretamente tem acesso ao conteúdo total do verbete em uma nova página.

A *fuzzy search*, que é a busca por uma palavra escrita de forma incorreta, a partir da qual o dicionário oferece uma lista de palavras que se aproximem da palavra digitada incorretamente, não está disponível nos dicionários *Aurélio* e *Aulete*. No caso do dicionário *Michaelis* ela está, mas não parece ser o caso de que as palavras apresentadas por meio do mecanismo de busca se aproximem da palavra digitada de forma incorreta. Nos dicionários *Houaiss*, *Online*, *Priberam* e *Porto*, ao se digitar uma palavra incorretamente, é oferecida uma pequena lista de palavras próximas para que o usuário possa localizar a palavra que deseja pesquisar, isto é, ao se digitar uma palavra incorretamente, um conjunto de palavras próximas

a essa é ofertado, entre elas a própria palavra que o usuário deseja pesquisar, o que acaba por assinalar que, pelo menos em tais dicionários, o mecanismo de acesso *fuzzy search* é eficiente⁶⁶.

O dicionário *Aberto* é o único que apresenta a opção de busca *browsing*. Este dicionário oferece ao consulente listas de palavras (para cada letra do alfabeto), a fim de facilitar a realização da consulta.

Por fim, a busca *wildcard*, apontada por Selistre (2010) como a busca em que o usuário, por não ter conhecimento da grafia de uma palavra, substitui letras por símbolos, apresenta resultados diferentes, conforme o dicionário. Utilizando exemplos como as palavras “caixa”, “vizinho” e “visita”, considerando uma situação hipotética em que o usuário (um indivíduo com pouca escolaridade ou uma criança em nível inicial de ensino) poderia ter dúvidas sobre quais letras comporiam tais palavras, fizemos a substituição de algumas delas por símbolos como “*” ou “?”, os resultados mostraram o que segue:

- a) Os dicionários *Aurélio* e *Aulete* não utilizam a modalidade de busca *wildcards*. Nos dois dicionários, ao se digitar “vi*inho”, “vi*ita” e “cai*a”, por exemplo, aparecem como resultado apenas as mensagens “sem resultados” e “verbete não encontrado”, respectivamente.
- b) O dicionário *Aberto* mostra uma mensagem de alerta comunicando ao usuário que a palavra não foi encontrada, mas apresenta também a mensagem “Será que queria dizer:”, e as palavras sugeridas são, exatamente, “vizinho”, “visita” e “caixa”.
- c) O dicionário *Houaiss* apresenta opções para as pesquisas realizadas, mas, como é a sílaba anterior ao símbolo que é considerada para a determinação da lista de palavras sugeridas, entre as sugestões, não se encontram as palavras “vizinho”, “visita” e “caixa”.
- d) O dicionário *Michaelis* se aproxima do *Houaiss*, pois, apesar de oferecer uma lista de palavras como sugestão para a continuidade da pesquisa, tais palavras não se aproximam em nada das palavras buscadas. Quando pesquisamos “vi*inho”, por exemplo, as palavras sugeridas pelo dicionário foram “fanho”, “fino”, “áfono”, “faina”, “fano”, “fauno”, “faxina”, “feno”, “fauna”, palavras que, claramente, não se aproximam em nada do item buscado.

⁶⁶ Quando digitamos incorretamente “vizita”, “visinho” e “caicha”, nas listas geradas pelos dicionários *Houaiss*, *Online*, *Priberam* e *Porto*, as palavras “visita”, “vizinho” e “caixa” estavam presentes.

- e) Os dicionários *Online*, *Priberam* e *Porto* apresentaram listas de sugestão de palavras, entre as quais sempre estiveram presentes as palavras “vizinho”, “visita” e “caixa”, as quais usamos para testar o mecanismo de busca *Wildcard*.

Para sintetizar, a partir das opções de acesso à macroestrutura dos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa, elaboramos o seguinte quadro.

Quadro 8 - Características macroestruturais dos dicionários *on-line* de língua portuguesa – opções de acesso à macroestrutura

Opções de acesso à macroestrutura	Aberto	Aurélio	Aulete	Houaiss	Michaelis	Online	Priberam	Porto
Busca direta	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
<i>Browsing</i>	✓	x	x	x	X	x	X	x
<i>Fuzzy search</i>	✓	x	x	✓	✓	✓	✓	✓
<i>Wildcards</i>	✓	x	x	✓	✓	✓	✓	✓

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro 6 revela que, em relação às opções de acesso à macroestrutura, apenas o mecanismo “busca direta” é disponibilizado em todos os oito dicionários *on-line* de língua portuguesa. Os mecanismos *Fuzzy search* e *Wildcards* são disponibilizados em seis dicionários; e o mecanismo *Browsing* apenas no dicionário *Aberto*.

Feitas essas observações sobre a macroestrutura dos dicionários *on-line* de língua portuguesa, passamos a tratar da microestrutura desses dicionários.

A microestrutura, como vimos na seção 2.3, é definida – pelos diferentes autores que apresentamos – como a parte do dicionário que contém as informações que dizem respeito ao lema. As informações registradas na microestrutura podem ser, segundo Selistre (2010), de diferentes tipos: indicações de grafia convencional do lema, divisão silábica, variantes ortográficas, pronúncia, categoria gramatical, formas flexionadas não previsíveis etc.

Relativamente aos dicionários selecionados e analisados em nossa pesquisa, todos os oito apresentam indicação da classe de palavra a que o lema pesquisado pertence. No entanto, em relação a outra informação gramatical, como a apresentação de formas conjugadas não previsíveis para verbos, por exemplo, nenhum dos oito dicionários apresentou tal informação. Há, ainda assim, dicionários que oferecem o paradigma flexional do verbo: os dicionários *Aurélio* e *Online* apresentam o verbo conjugado nos diferentes modos e tempos verbais ao final da página; os dicionários *Houaiss*, *Priberam* e *Porto* disponibilizam ao consulente um *link* para acessar a conjugação completa do verbo. Quanto a informações gramaticais

nominais, todos os dicionários evidenciam o gênero do lema, mas apenas os dicionários *Aulete*, *Houaiss* e *Online* apresentam outras informações de caráter nominal, como o grau.

Em relação à divisão silábica, os dicionários *Aurélio*, *Aulete*, *Michaelis*, *Online*, *Priberam* e *Porto* apresentam a separação silábica do lema. Em contrapartida, no que diz respeito à pronúncia do lema, apenas o dicionário *Porto* registra essa informação.

Com relação à indicação de variantes ortográficas, os dicionários *Michaelis*, *Online*, *Priberam* e *Porto* indicam na microestrutura a existência de forma ortográfica alternativa. No caso dos dicionários *Aberto*, *Aurélio*, *Aulete* e *Houaiss*, há a remissão ao verbete do lema com a ortografia mais usual.

Ainda sobre a microestrutura, na parte do comentário semântico, que se caracteriza por apresentar informações a respeito do significado do verbete lematizado, para Selistre (2010), essa parte pode conter: definições (no caso dos dicionários monolíngues), exemplos/abonações, marcas de uso, desambiguadores semânticos e ilustrações.

Todos os oito dicionários apresentam definições no interior da microestrutura dos verbetes. O dicionário *Aurélio* não registra exemplos. Já nos dicionários *Aulete*, *Houaiss*, *Michaelis* e *Online*, observa-se um cuidado especial com a seleção dos exemplos: cada acepção vem acompanhada de um exemplo. O dicionário *Aberto*, o *Priberam* e o *Porto* apresentam pelo menos alguns exemplos para determinadas acepções do item lexical pesquisado. No entanto, os dicionários *Priberam* e *Porto*⁶⁷ não apresentam exemplos de forma sistemática em todos os seus lemas. De fato, há verbetes que nem sequer contêm exemplo, e há outros em que os exemplos estão presentes.

As marcas de uso como *antigo*, *coloquial*, entre outras, estão contempladas nos dicionários *Aberto*, *Aulete*, *Houaiss*, *Michaelis*, *Priberam* e *Porto*. Apenas os dicionários *Aurélio* e *Online* não apresentam marcas de uso.

Em relação a ilustrações e figuras, dos oito dicionários *on-line* pesquisados, apenas o dicionário *Aulete* e o dicionário *Priberam* fazem uso de tal recurso.

É importante ressaltar que há outras características que aparecem nos oito dicionários *on-line* examinados, as quais não foram mencionadas por Selistre (2010). Por exemplo, nos dicionários examinados não encontramos recursos de natureza sonora/auditiva. No entanto, alguns dicionários se valem de recursos visuais que contribuem para a visualização das partes que constituem o verbete. Alguns exemplos da utilização desses recursos visuais que, de certa

⁶⁷ Para verificar a presença ou a ausência de exemplos, pesquisamos nesses dicionários quatro verbos polissêmicos: *tomar*, *seguir*, *achar* e *partir*. No primeiro dicionário, há apenas exemplos nos verbetes de *seguir* e *partir*; no segundo, há exemplos apenas em *seguir*.

maneira, estão presentes na microestrutura do verbete, poderiam ser: o uso de fonte maior, de negrito ou de itálico para o registro do lema, o uso de cores para, justamente, diferenciar as informações adicionais que compõem o verbete – o campo semântico a que pertence a palavra, os exemplos, a separação de sílabas – das definições, geralmente não destacadas, isto é, estas aparecem em fonte com tamanho menor, em cores discretas, como preto ou cinza.

Dado o fato de que os dicionários *on-line* estão armazenados em plataforma digital e não em formato papel, a facilidade para se fornecer diferentes informações torna-se evidente, já que podem ser listadas muitas informações adicionais, e essas não tornarão o dicionário mais “pesado”, nem maior em número de páginas, o que dificultaria seu manuseio. Como consequência, os oito dicionários *on-line* de língua portuguesa apresentam, ainda, diferentes elementos internos à sua microestrutura.

Os dicionários *Houaiss*, *Online* e *Priberam* apresentam sinônimos e antônimos. Os dicionários *Aberto* e *Aurélio* apresentam apenas sinônimos; os dicionários *Aulete* e *Michaelis* apresentam, por sua vez, apenas antônimos; já o dicionário *Porto* não registra nem sinônimos, nem antônimos.

Os dicionários *Houaiss*, *Aulete*, *Michaelis*, *Online* e *Porto* procuram fornecer informações etimológicas sobre a unidade lexical lematizada.

Há, por fim, na microestrutura, particularidades típicas de cada dicionário, por exemplo: o dicionário *Aberto* apresenta, no fim do verbete, uma lista de palavras que contêm o mesmo prefixo da entrada lexical; o dicionário *Online* traz uma série de informações a respeito da entrada lexical (citações e pensamentos célebres, trechos de matérias do jornal *Folha de São Paulo*, número de letras, de vogais e de consoantes, a palavra escrita ao contrário e palavras que rimam); o dicionário *Priberam* apresenta uma série de palavras que considera “relacionadas”, “parecidas” e “vizinhas”, além de textos retirados de *blogues*; por fim, o dicionário *Porto* lista, no fim do verbete, *links* de outros dicionários, nos quais se pode encontrar a unidade lexical objeto de busca.

Para facilitar a visualização dos elementos que compõem a microestrutura dos oito dicionários *on-line* aqui descritos, elaboramos o quadro a seguir.

Quadro 9 - Características microestruturais dos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa

Elementos microestruturais	<i>Aberto</i>	<i>Aurélio</i>	<i>Aulete</i>	<i>Houaiss</i>	<i>Michaelis</i>	<i>Online</i>	<i>Priberam</i>	<i>Porto</i>
Classe de palavra	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Formas verbais irregulares	x	x	x	x	x	x	x	x
Paradigma flexional verbal	x	✓	x	✓	x	✓	✓	✓
Informações gramaticais nominais	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Aumentativo/diminutivo	x	x	✓	✓	x	✓	x	x
Divisão silábica	x	✓	✓	x	✓	✓	✓	✓
Pronúncia	x	x	x	x	x	x	x	✓
Variantes ortográficas	x	x	x	x	✓	✓	✓	✓
Definições / acepções	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Exemplos/Abonações	✓	x	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Marcas de uso	✓	x	✓	✓	✓	x	✓	✓
Ilustrações	x	x	✓	x	x	x	✓	x
Sinônimos	✓	✓	x	✓	x	✓	✓	x
Antônimos	x	x	✓	✓	✓	✓	✓	x
Etimologia	x	x	✓	✓	✓	✓	x	✓
Homônimos / Parônimos	x	x	✓	✓	x	x	x	x

Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda com relação à microestrutura, Selistre (2010) afirma que há três tipos de microestrutura: a *integrada*, a *não integrada* e a *parcialmente integrada*⁶⁸. De acordo com a autora, a microestrutura integrada é aquela que contém os fraseologismos (“expressões idiomáticas, fórmulas situacionais, frases feitas, provérbios e colocações”) (SELISTRE, 2010: 63) interiores à acepção que eles pertencem; já na microestrutura não integrada, as expressões complexas são dispostas logo após a listagem de acepções; por fim, a microestrutura parcialmente integrada contém fraseologismos internos às acepções, mas também apresenta um bloco à parte com construções fraseológicas, por não se saber ao certo de quais acepções estes fraseologismos fazem parte.

Com relação a esses diferentes tipos de microestrutura, no que diz respeito ao registro de expressões fraseológicas, o dicionário *Aurélio* apresenta essas expressões inseridas nos

⁶⁸ Tendo como referência os apontamentos dos autores Hausmann e Werner (1991), Selistre (2010) afirma que: “Além do comentário de forma e do comentário semântico, a microestrutura acomoda os fraseologismos [...]. A forma de organizar esses fraseologismos pode diferir de um dicionário para outro”. (SELISTRE, 2010: 63). Assim, conforme a maneira como são acomodados os fraseologismos, no interior do verbete, a microestrutura é classificada como integrada, não integrada ou parcialmente integrada. Essa classificação decorre dos apontamentos de Hausmann e Werner (1991),

verbetes; no entanto, essas fraseologias são dispostas de forma indiscriminada e aparecem “misturadas” com as acepções, isto é, não separadas em blocos e não internas às acepções a que pertencem. Assim, não foi possível classificar esse dicionário como pertencendo a um dos três diferentes tipos de microestrutura, conforme as definições apresentadas por Selistre (2010). Já os dicionários *Aberto* e *Online* não apresentam claramente, ou seja, em uma parte especial, fraseologismos; no entanto, em certas acepções, os dicionários apresentam exemplos e, dentre eles, constam locuções. Não há, porém, uma explicação sobre o fato de que esse tipo de construção apresenta a característica de ser congelada.

Os dicionários *Aulete*, *Houaiss* e *Priberam* apresentam, após as acepções de seus lemas, blocos separados com expressões construídas a partir do lema do verbo. Acontece que, internamente às acepções, há exemplos e, dentre estes exemplos, também estão presentes locuções. Entretanto, assim como os dicionários *Aberto* e *Online*, os dicionários *Aulete*, *Houaiss* e *Priberam* não informam ao leitor que, na verdade, estamos diante de uma fraseologia. Analisando, no entanto, tais exemplos internos às acepções como construções frasêmicas, há, deste modo, microestruturas parcialmente integradas, ou seja, os dicionários *Aulete*, *Houaiss* e *Priberam* parecem apresentar fraseologias tanto após as acepções, quanto em blocos separados, ao final do verbo.

Enfim, os dicionários *Michaelis* e *Porto* apresentam microestruturas não integradas. Todas as fraseologias aparecem em um bloco separado, após a listagem de acepções.

A partir dos três tipos de microestruturas propostos por Selistre (2010), no que diz respeito aos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa, elaboramos o quadro abaixo, que resume as considerações tecidas até aqui sobre os tipos de microestruturas.

Quadro 10 - Tipos das microestruturas dos dicionários de língua portuguesa *on-line*

Tipos de Microestrutura	<i>Aberto</i>	<i>Aurélio</i>	<i>Aulete</i>	<i>Houaiss</i>	<i>Michaelis</i>	<i>Online</i>	<i>Priberam</i>	<i>Porto</i>
Integrada	✓	—	—	—	—	✓	—	—
Não-integrada	—	—	—	—	✓	—	—	✓
Parcialmente integrada	—	—	✓	✓	—	—	✓	—

Fonte: Elaborado pela autora.

Fundamentando-se no quadro a respeito dos diferentes tipos de microestruturas adotados pelos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa, é possível observar que não há um consenso entre os lexicógrafos, ou pelo menos um tipo de microestrutura mais recorrente, nesses dicionários. Isto fica evidenciado no fato de que, entre os oito dicionários analisados, dois fizeram uso da microestrutura integrada, dois apresentaram microestruturas não-

integradas e três evidenciaram microestruturas parcialmente integradas. Por fim, há, inclusive, um dicionário que não apresenta fraseologias em seus verbetes, o dicionário *Aurélio*.

Nesta seção vimos que a microestrutura dos verbetes dos dicionários examinados apresenta alguns elementos mais recorrentes, isto é, grande parte dos dicionários analisados se vale de elementos em comum para a organização da microestrutura, tais como: classe de palavra, paradigma flexional verbal, definições, marcas de uso, sinônimos, antônimos, entre outros elementos, observáveis no quadro 7. No entanto, há também elementos que são específicos deste ou daquele dicionário, como citações célebres, trechos de textos jornalísticos, *links* para remissão a outras páginas.

Vimos também que a macroestrutura dos dicionários *on-line* arrola diferentes tipos de unidades lexicais, como lexias simples, compostas, afixos, entre outros, mas não antropônimos. Também pudemos verificar que o mecanismo de acesso mais frequente nos dicionários é a “busca direta”, único tipo de busca presente em todos os dicionários.

Na próxima seção, mostraremos como ocorreu a recolha, a seleção e a organização do nosso *corpus*, que será constituído dos sentidos veiculados pelas acepções constantes no verbete de TOMAR dos dicionários que investigamos.

4.4 SELEÇÃO E RECOLHA DOS DADOS: AS MÚLTIPLAS ACEPÇÕES DO VERBO *TOMAR*

Passamos agora a apresentar os sentidos expressos nas acepções do verbo TOMAR, objeto de análise da presente pesquisa, em cada um dos dicionários selecionados para a recolha dos dados que constituirão nosso *corpus*, o qual será analisado no próximo capítulo. A apresentação dos sentidos expressos nas acepções constantes em cada um dos dicionários será feita em subseções, a fim de que se possa visualizar com clareza as convergências e as divergências de registro das acepções de TOMAR nos oito dicionários.

4.4.1 Dicionário Aberto

O *Dicionário Aberto* apresenta um total de 25 acepções, ou 25 sentidos, que o verbo TOMAR pode expressar; entretanto, não arrola, após as acepções, qualquer tipo de fraseologia. Abaixo, é possível observar as 25 acepções listadas pelo *Dicionário Aberto* no verbete de TOMAR:

Quadro 11 - Acepções de TOMAR no *Dicionário Aberto*

Dicionário Aberto	
1	Agarrar; pegar em; segurar.
2	Suspender.
3	Conquistar.
4	Roubar.
5	Capturar.
6	Servir-se de.
7	Recolher.
8	Absorver; beber; engolir.
9	Ocupar; preencher.
10	Alcançar.
11	Abranger.
12	Impedir.
13	Aceitar.
14	Dirigir-se, seguir por.
15	Adoptar.
16	Assumir.
17	Mostrar que tem.
18	Puxar para si.
19	Escolher.
20	Desejar.
21	Avaliar.
22	Tomar o Sol, tomar a altura do Sol, com o astrolábio ou com instrumento idêntico.
23	Deixar-se possuir, deixar-se dominar; ser invadido.
24	Impregnar-se.
25	Embebedar-se um pouco; embriagar-se.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do verbete TOMAR do *Dicionário Aberto*.

4.4.2 Dicionário Aurélio de Português Online

O *Dicionário Aurélio de Português Online* apresenta no verbete do verbo TOMAR 38 acepções; entre estas acepções, constam duas construções consideradas locuções: TOMAR DE MÃOS e LANÇAR MÃO DE. Também compreende, como acepções, sentidos que são, na verdade construções com verbo-suporte (*ter em conta de* e *dar mostras de*) ou construções com valor causativo (*fazer perder*).

Quadro 12 - Acepções de TOMAR no *Dicionário Aurélio de Português Online*

Dicionário Aurélio de Português Online	
1	Pegar em.
2	Segurar; agarrar.
3	Conquistar.
4	Confiscar.
5	Comprar, ficar com.
6	Tirar, arrematar, roubar.
7	Lançar mão de, servir-se de, utilizar.
8	Acometer, invadir, assaltar.
9	Adotar.
10	Ocupar.
11	Atingir, alcançar.
12	Fazer perder.
13	Atacar.
14	Observar.
15	Surpreender.
16	Aceitar.
17	Comer, beber.
18	Usar, gastar.
19	Aspirar.
20	Alugar.
21	Entrar em.
22	Contrair.
23	Ter em conta de.
24	Receber.
25	Prover-se de.
26	Assumir, dar mostras de, apresentar em si.
27	Encarregar-se.
28	Escolher, preferir.
29	Interpretar.
30	Considerar.
31	Atalhar, tolher.
32	Ser assaltado por.
33	Dirigir-se, encaminhar-se.
34	Agastar-se, ofender-se.
35	Ser assaltado, ser invadido.
36	Deixar-se dominar ou persuadir.
37	Embebedar-se.
38	Tomar de mãos.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do verbete TOMAR do *Dicionário Aurélio de Português Online*.

4.4.3 Dicionário Aulete Digital

O *Dicionário Aulete Digital* registra 29 acepções para o verbo TOMAR e arrola, após o registro de cada uma das acepções, quatro locuções construídas com o verbo TOMAR. Essas construções foram colocadas separadamente, grafadas com cores diferentes, com suas

próprias numerações, evidenciando que se trata de um novo bloco de informações, ou seja, após a listagem de acepções e exemplos do verbo em si, há um bloco separado para o registro de fraseologia, neste caso, locuções.

Quadro 13 - Acepções de TOMAR do *Dicionário Aulete Digital*

Dicionário Aulete Digital	
1	Apoderar-se pela força.
2	Ingerir (alimento, líquido ou sólido, remédio).
3	Ingerir conteúdo de (copo, prato etc.).
4	Usar (meio de transporte).
5	Pôr (algo) em prática; adotar.
6	Segurar para dar proteção; agarrar por baixo.
7	Passar a apresentar; adotar; assumir.
8	Consumir, exigir tempo.
9	Ocupar (espaço).
10	Seguir (caminho, direção etc.).
11	Pedir emprestado (algo, dinheiro) (a alguém ou instituição).
12	Julgar, considerar.
13	Ser invadido por (sentimento); encher-se.
14	Atribuir (algo) a si.
15	Receber, levar (bronca, surra, tapa etc.).
16	Ser alvo de; expor-se a.
17	Pedir ou exigir (explicação, satisfação) a.
18	Agir a favor de.
19	Contratar, alugar (apartamento ou serviço).
20	Receber, acatar, aceitar (ordem).
21	Receber (ordem eclesiástica).
22	Impregnar-se de; fixar em si; embeber-se.
23	Atrair (ar, pó) aos pulmões; aspirar; sorver.
24	Ter na conta de; interpretar.
25	Ter preferência por (algo ou alguém); escolher.
26	Escolher (alguém) como (amigo, companheiro, marido, mulher etc.).
27	Cobrir-se com roupa; vestir.
28	Criar impedimento ou obstáculo a; estorvar; impedir.
29	Receber (aula, instrução).
Loc.	Tomar a si.
Loc.	Tomar dentro.
Loc.	Tomar por.
Loc.	Tomar sobre si.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do verbete TOMAR do *Dicionário Aulete Digital*.

4.4.4 Grande Dicionário Houaiss

O *Grande Dicionário Houaiss* inventaria 48 acepções do verbo TOMAR e, ainda, lista mais quatro sentidos como desdobramentos de algumas das acepções apresentadas, totalizando 52 acepções do verbo TOMAR. A página do dicionário *Houaiss* oferece cinco abas

para a consulta das informações constantes no verbete: a primeira aba é a “principal”, contendo as 52 acepções; ao lado, aparecem as abas “conjugação”, “locuções”, “etimologia” e “gramática”, nesta ordem. Estão incluídas na aba “locuções” sete locuções que contêm o verbo TOMAR.

Quadro 14 - Acepções de *tomar* no *Grande Dicionário Houaiss*

Grande Dicionário Houaiss	
1	Tirar (algo) de (alguém) e apossar-se desse algo; subtrair, arrebatrar, usurpar.
1.1	Apropriar-se de; assumir, avocar.
2	Promover a conquista ou a invasão de.
3	Realizar a apreensão ou a prisão de; apoderar-se de; capturar.
4	Prender (algo), segurando, geralmente para utilizá-lo; empunhar, pegar.
5	Segurar com as mãos, geralmente para tornar próximo o que se segura ou para dar firmeza; agarrar, sustentar.
6	Lançar mão de; fazer uso, utilizar.
7	Receber (ser vivo) junto a si; oferecer refúgio, cuidados a; adotar, acolher, recolher.
8	Manifestar preferência por (alguém ou algo); escolher.
9	Ingerir (alimentos líquidos ou sólidos, medicamentos).
9.1	Consumir (bebida alcóolica) em excesso; embebedar-se, embriagar-se.
10	Atrair (o ar, algum pó) aos pulmões; aspirar, sorver.
11	Manifestar apoio a; sustentar.
12	Pedir ou exigir (explicação, satisfação) [a alguém].
13	Atribuir a si; Arrogar-se, usar de.
14	Preencher, ocupar (espaço, local).
15	Criar bloqueio ou obstáculo a; estorvar.
16	Consumir, fazer uso de (tempo).
17	Instalar-se em (imóvel) pagando aluguel; alugar.
18	Contratar serviços de.
19	Escolher (alguém) como (companheiro, marido, sócio).
20	Deixar-se penetrar gradualmente por (cheiro, líquido); impregnar(-se), embeber(-se).
21	Sentir-se assaltado ou invadido por (impressão, sentimento) [com relação a].
21.1	Ser surpreendido por (forte emoção ou impressão); levar.
21.2	Invadir o espírito de (alguém), dominando-o; apoderar-se de, assaltar, avassalar.
22	Levar (algo) em consideração; refletir sobre.
23	Fazer uso de (meio de transporte), ocupar (veículo) para seguir viagem.
24	Ser atingido por; apanhar, expor-se.
25	Cair sobre.
26	Seguir ou encaminhar-se por; continuar avançando por.
27	Retirar (algo) de (algum lugar).
28	Ter êxito nos esforços enviados para a conquista de (objetivo); alcançar, conquistar, atingir.
29	Decidir-se por; escolher, preferir.
30	Ter como modelo; imitar, seguir.
31	Passar a ter, a apresentar (determinada proporção, feição, aspecto); adquirir, assumir.
32	Cobrir-se com (qualquer roupa); vestir.
33	Colocar junto (o que se encontrava disperso); recolher, reunir, juntar.
34	Encontrar (alguém) [em determinada situação, local ou condição]; apanhar, flagrar, surpreender.
35	Receber (maus-tratos físicos ou morais); ser vítima de (pancada, surra); levar.
36	Sofrer penetração sexual.

37	Responsabilizar-se por.
38	Receber como recompensa, favor, merecimento; aceitar.
39	Receber (ordem eclesiástica).
40	Receber (ordem, prescrição) de (alguém).
41	Ser alvo de (homenagem, crítica, aplauso, vaia), geralmente imprevisível ou enfadonho.
42	Ter na conta de; considerar, interpretar.
43	Ter conhecimentos sobre (alguma arte ou ciência).
44	Receber (aula, instrução).
45	Determinar dimensão, altura etc.) de; calcular, medir.
46	Fazer emitir em favor próprio (promissória, letra de câmbio).
47	Pedir emprestado.
48	Perder dinheiro.
Loc.	Toma lá dá cá.
Loc.	Tomar a bem.
Loc.	Tomar a si.
Loc.	Tomar dentro.
Loc.	Tomar para si.
Loc.	Tomar por.
Loc.	Tomar sobre si.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do verbete TOMAR do *Grande Dicionário Houaiss*.

4.4.5 Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa

O *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* apresenta um total de 46 acepções para o verbo TOMAR. Ao fim de sua listagem de acepções, aparecem três locuções construídas com este verbo, as quais são separadas das acepções e são rotuladas como “expressões”.

Quadro 15 - Acepções de TOMAR no *Michaelis Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*

Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa	
1	Pegar ou segurar algo com um objeto definido.
2	Agarrar para que não caia ou não se solte; segurar.
3	Segurar por baixo; aguentar, suspender, sustentar.
4	Apoderar-se por meio de força ou violência; conquistar.
5	Apossar-se de algo alheio; arrebatar, furtar.
6	Fazer a apreensão de algo; apoderar-se, confiscar.
7	Puxar para si; apanhar, colher.
8	Lançar mão de; servir-se, utilizar-se.
9	Tirar algo de algum lugar; retirar.
10	Ingerir bebida, comida ou remédio; beber, comer.
11	Absorver por inalação; aspirar, sorver.
12	Reclamar de modo veemente; exigir, pedir.
13	Ser acometido por emoções ou sentimentos desagradáveis.
14	Dar preferência a alguém ou alguma coisa; escolher, preferir.
15	Deixar-se dominar ou persuadir.
16	Assumir, dando proteção e acolhimento; recolher.
17	Surpreender alguém no momento de uma ocorrência; flagrar.

18	Fazer uso ou lançar mão de.
19	Recolher, retendo em si; absorver, impregnar(-se) de.
20	Ser surpreendido por uma forte emoção; levar.
21	Assumir algo como responsabilidade sua; encarregar-se.
22	Alcançar um determinado lugar; atingir.
23	Ocupar um determinado espaço ou tempo; encher.
24	Servir de obstáculo à circulação; estorvar, impedir, obstruir.
25	Escolher um determinado percurso ou uma certa direção; seguir.
26	Encaminhar-se para um lugar específico; seguir.
27	Entrar na posse de; aceitar, receber.
28	Adquirir o direito de uso de imóvel, por meio de contrato de aluguel.
29	Contratar alguém para a realização de um determinado trabalho ou serviço.
30	Usar o tempo; consumir.
31	Vir a ter ou alcançar; adquirir, assumir, atingir.
32	Copiar alguém ou alguma coisa; imitar, seguir.
33	Apresentar em si ou dar mostras de; assumir.
34	Entender algo de um certo modo; interpretar.
35	Formar uma ideia ou concepção; considerar.
36	Ter conhecimentos em alguma arte ou ciência.
37	Fazer cálculo de altura, comprimento, largura etc.
38	Ocupar o lugar de; arrebatara, usurpar.
39	Pedir e usar alguma coisa que pertence a outra pessoa, para devolvê-la depois.
40	Ser vítima de agressão moral ou física; levar.
41	Assumir a responsabilidade por algo.
42	Dar mostras de; exibir.
43	Pôr peça de roupa; vestir.
44	Ter aula ou receber instrução.
45	Ficar embriagado por excesso de bebida; embebedar-se.
46	Usar um meio de transporte para ir a algum lugar.
Expr.	Tomar a si.
Expr.	Tomar por.
Expr.	Toma lá dá cá.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do verbete TOMAR do *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*.

4.4.6 Dicionário Online de Português

O *Dicionário Online de Português* apresenta apenas 12 acepções para o verbo TOMAR, não registrando no verbete⁶⁹ nenhuma locução ou expressão que contenha esse verbo.

⁶⁹ Apresenta, no entanto, uma segunda entrada com expressão formada com o verbo TOMAR: a expressão “tomar partido”.

Quadro 16 - Acepções de TOMAR no *Dicionário Online de Português*

Dicionário Online de Português	
1	Pegar em; agarrar; segurar.
2	Apanhar.
3	Apoderar-se de; furtar; arrebatat; conquistar; usurpar.
4	Ocupar; preencher (o tempo).
5	Contratar.
6	Ingerir.
7	Receber.
8	Dirigir-se; encaminhar-se.
9	Deixar-se envolver ou dominar-se.
10	Assumir.
11	Adotar.
12	Embriagar-se.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do verbete TOMAR do *Dicionário Online de Português*.

4.4.7 Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

O *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* apresenta um total de 37 acepções para o verbo TOMAR; após a listagem das acepções, aparece registrada uma construção com esse verbo, não sendo indicado o estatuto dessa construção, no caso, a locução TOMAR DE MÃOS:

Quadro 17 - Acepções de TOMAR no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa	
1	Dirigir-se, encaminhar-se.
2	Pegar em.
3	Segurar, agarrar.
4	Conquistar.
5	Confiscar.
6	Comprar, ficar com.
7	Tirar, arrematar, roubar.
8	Lançar a mão de, servir-se de, utilizar.
9	Acometer, invadir, assaltar.
10	Adotar.
11	Ocupar.
12	Atingir, alcançar.
13	Fazer perder.
14	Atacar.
15	Observar.
16	Surpreender.
17	Aceitar.
18	Comer, beber.
19	Usar, gastar.
20	Aspirar.
21	Alugar.
22	Entrar em.
23	Contrair.

24	Ter em conta de.
25	Receber.
26	Prover-se de.
27	Assumir, dar mostras de, apresentar em si.
28	Encarregar-se de.
29	Escolher, preferir.
30	Interpretar.
31	Considerar.
32	Atalhar, tolher.
33	Ser assaltado por.
34	Agastar-se, ofender-se.
35	Ser assaltado, ser invadido.
36	Deixar-se dominar ou persuadir.
37	Ingerir bebida alcóolica em excesso, embebedar-se, embriagar-se.
	Tomar de mãos.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do verbete TOMAR do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.

4.4.8 Infopédia Dicionário Porto Editora

Por fim, o *Infopédia Dicionário Porto Editora* lista 22 acepções para o verbo TOMAR e um total de seis expressões construídas com esse verbo. As expressões são destacadas por meio do uso de uma cor diferente daquela utilizada no registro das acepções, e não são identificadas como locuções. Também não há alguma indicação que diferencie a frase interjetiva “Toma!” de uma locução como TOMAR A DIANTEIRA, por exemplo.

Quadro 18 - Acepções de TOMAR no *Infopédia Dicionário Porto Editora*

Infopédia Dicionário Porto Editora	
1	Pegar em; agarrar.
2	Apanhar (ar).
3	Conquistar (território).
4	Prover-se de.
5	Apoderar-se de.
6	Ficar com.
7	Ingerir (alimento, bebida, medicamento)
8	Confiscar; apreender.
9	Roubar.
10	Escolher; optar por.
11	Adotar.
12	Assumir; adquirir (aspecto, estado).
13	Utilizar.
14	Receber, aceitar.
15	Ocupar.
16	Gastar; consumir.
17	Fazer perder.
18	Considerar; julgar.

19	Interpretar.
20	Ser possuído (por sentimento, emoção).
21	Embebedar-se.
22	Agastar-se.
Expr.	Tomar a dianteira.
Expr.	Tomar à letra.
Expr.	Tomar a peito.
Expr.	Tomar a sério.
Expr.	Tomar de ponta.
Interj.	Toma!

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do verbete TOMAR do Infopédia Dicionário Porto Editora.

Apresentadas as acepções registradas no verbete do verbo TOMAR em cada um dos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa, nas seções que seguem indicaremos como realizamos a seleção das acepções que, por fim, farão parte do *corpus* de análise efetivo desta dissertação.

4.4.9 As acepções de TOMAR registradas nos dicionários *on-line* de língua portuguesa

A partir da recolha de todas as acepções e expressões registradas nos verbetes de TOMAR, nos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa analisados nesta pesquisa, elaboramos a tabela abaixo, que mostra comparativamente o número de acepções e de construções listadas em cada um dos dicionários examinados.

Tabela 1 - Comparativo das acepções e construções com o verbo TOMAR constantes no verbete do verbo nos dicionários *on-line* examinados

Dicionários	Nº de acepções	Nº de construções
Dicionário Aberto	25	0
Dicionário Aurélio de Português Online	37	1
Dicionário Aulete Digital	29	4
Grande Dicionário Houaiss	52	7
Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa	46	3
Dicionário Online de Português	12	0
Dicionário Priberam da Língua Portuguesa	37	1
Infopédia Dicionário Porto Editora	22	6
Total de acepções e construções	260	22

Fonte: Elaborado pela autora.

Dada a recolha de todas as acepções do verbo TOMAR registradas nos oito dicionários que servem de fonte documental para a recolha do *corpus* deste trabalho, foram localizadas 260 acepções do verbo TOMAR e 22 construções com esse verbo, totalizando 282 registros. Desse total, foram selecionadas para a presente pesquisa as acepções que são, de alguma

forma, recorrentes nos oito dicionários. Assim, selecionamos, primeiramente, a acepção que aparece registrada nos oito dicionários; depois, aquelas que aparecem em sete dos oito dicionários; a seguir, aquelas que aparecem seis dos oito dicionários, e assim sucessivamente.

A partir da aplicação desse critério, foram selecionadas 72 acepções, 72 sentidos para o verbo TOMAR, independentemente de esse sentido aparecer em apenas um, dos oito dicionários, ou ter sido registrada nos oito dicionários pesquisados. No quadro a seguir, é possível observar as 72 acepções que estão registradas nos oito diferentes dicionários *on-line*.

Quadro 19 - Total de acepções coincidentes

Todas as acepções do verbo <i>tomar</i>	
1	Utilizar; fazer uso (de); servir-se (de); lançar mão (de).
2	Agarrar; pegar (em); segurar; prender; empunhar; sustentar; segurar; agarrar por baixo (para dar proteção).
3	Recolher; reunir; juntar.
4	Puxar para si; apanhar; colher.
5	Atribuir algo a si; arrogar-se (de); usar (de).
6	Tirar algo de algum lugar; retirar.
7	Comprar; ficar com.
8	Pedir emprestado (algo).
9	Roubar; arrematar; tirar (algo) de alguém; apossar-se (de); arrebatat; furtar; subtrair; usurpar.
10	Ocupar o lugar (de); arrebatat; usurpar.
11	Apropriar-se (de); assumir; avocar.
12	Capturar; confiscar; realizar/fazer a apreensão ou prisão (de); apreender; apoderar-se (de).
13	Conquistar (território); apoderar-se (de) (por força/violência); promover a conquista ou a invasão (de).
14	Acometer; invadir; assaltar; apoderar-se (de); avassalar; invadir o espírito (de alguém).
15	Absorver; beber; engolir; comer; ingerir (alimento, líquido ou sólido, medicamento).
16	Consumir bebida alcóolica em excesso; embebedar-se; embriagar-se.
17	Aspirar; apanhar (ar); sorver; absorver por inalação; atrair (ar, pó) aos pulmões.
18	Impregnar-se; embeber-se; reter/recolher em si; absorver.
19	Contrair.
20	Dirigir-se; encaminhar-se; seguir (por caminho ou direção); continuar avançando (por); escolher determinado percurso ou direção.
21	Atalhar; tolher.
22	Entrar em.
23	Usar, apanhar, ocupar meio de transporte.
24	Consumir, exigir, usar, gastar tempo.
25	Ocupar, preencher lugar, espaço.
26	Abranger.
27	Adotar; receber junto a si (ser vivo); oferecer refúgio/cuidados; acolher; recolher.
28	Escolher alguém como companheiro (marido/mulher/amigo/sócio).
29	Escolher; ter/manifestar/dar preferência (por/a); preferir; decidir-se (por).
30	Manifestar apoio (a); sustentar.
31	Agir a favor (de).
32	Fazer emitir em favor próprio (promissória/letra de câmbio etc.)
33	Contratar serviços.
34	Contratar; adquirir o direito de uso (de); instalar-se em imóvel; alugar.

35	Alcançar; atingir; ter êxito; vir a ter ou alcançar; adquirir; assumir; conquistar.
36	Assumir; dar mostras (de); apresentar em si; exhibir; adquirir (aspecto/estado).
37	Pôr algo em prática; adotar.
38	Ser surpreendido por emoção; levar.
39	Deixar-se envolver/possuir; deixar-se dominar ou persuadir; ser assaltado/invadido; ser possuído (por sentimento/emoção).
40	Ser alvo (de); expor-se (a); ser atingido (por); apanhar.
41	Pôr, cobrir-se com roupa; vestir.
42	Aceitar; receber (recompensa/favor/merecimento).
43	Receber, aceitar ordem eclesiástica.
44	Receber, aceitar, acatar ordem/prescrição.
45	Receber, levar maus-tratos (físicos e/ou morais); ser vítima de agressão.
46	Ser alvo de homenagem/crítica/aplauso/vaia, geralmente imprevisível ou enfadonho.
47	Sofrer penetração sexual.
48	Ter ou receber aula/instrução.
49	Interpretar; ter em conta (de); considerar; entender algo (de uma certa forma).
50	Julgar; formar uma ideia/concepção; levar algo em consideração.
51	Exigir ou pedir satisfação/explicação (a); reclamar veementemente.
52	Impedir; estorvar; obstruir; servir de obstáculo.
53	Cair sobre.
54	Atacar.
55	Fazer perder.
56	Surpreender.
57	Encarregar-se (de); responsabilizar-se (por).
58	Prover-se de.
59	Usar, gastar.
60	Observar.
61	Surpreender/encontrar alguém em determinado momento/situação; apanhar; flagrar.
62	Imitar; seguir; copiar alguém/algo; ter como modelo.
63	Agastar-se; ofender-se.
64	Ter conhecimento sobre ciência/arte.
65	Calcular; medir; determinar (altura, dimensão, comprimento etc.).
66	Suspender.
67	Tomar encargos.
68	Mostrar que tem.
69	Desejar.
70	Avaliar.
71	Tomar o sol; tomar a altura do sol. (Antigo).
72	Perder dinheiro.

Fonte: Elaborado pela autora.

Essa ato de verificação de quais acepções eram listadas por quais dicionários serviu para: (i) apontar o número total de sentidos do verbo TOMAR (tendo em conta as acepções que se repetiram ou não nos oito dicionários, encontramos um total de 72 sentidos/acepções); e (ii) apontar as acepções que foram registradas em todos os dicionários, em sete dos dicionários, em seis dos dicionários, até chegar aquelas que foram registradas em apenas um dos dicionários; o objetivo deste apontamento foi selecionar as acepções que foram registradas por, no mínimo, seis dos oito dicionários.

É importante considerar algumas tomadas de decisões no que diz respeito à metodologia que utilizamos para reunir essas 72 acepções do verbo TOMAR.

Como se pode observar nos quadros relativos às acepções de TOMAR em cada dicionário, há casos em que uma única acepção aparece registrada nos oito dicionários, como, por exemplo, a acepção 2 (do quadro 17 de acepções totais de TOMAR), que veicula o sentido “*Agarrar; pegar (em); segurar; prender; empunhar; sustentar; segurar*”. Entretanto, há acepções que foram registradas em apenas um dos dicionários, como as acepções “*Fazer perder*” e “*Tomar encargos*”, encontradas somente no *Dicionário Aberto*; ou a acepção “*Perder dinheiro*”, registrada apenas pelo dicionário *Houaiss*. Deste modo, e como já mencionado, o quadro de acepções totais do verbo TOMAR contém as acepções do verbo assinaladas (a partir da união de acepções que parecem ser paráfrases verdadeiras umas das outras) constantes, no mínimo, em dois dos oito dicionários; até aquelas acepções que foram assinaladas por apenas um, dos oito dicionários.

Além disso, é preciso considerar que determinadas acepções foram agrupadas com base nos exemplos que evidenciavam aproximação de sentidos. Isso porque alguns dicionários contêm acepções vagas em relação ao seu real significado. Como exemplo desse tipo de caso, podemos citar a acepção de TOMAR, constante em alguns dos dicionários, que apenas registra como acepção o verbo *adotar*. Nesses casos, de acepções vagas, precisamos lançar mão do exame dos exemplos para entender exatamente o sentido desse tipo de acepção. Efetivamente no que diz respeito ao nosso *corpus*, na acepção 27 (do quadro 17), que veicula o sentido “*Adotar; receber junto a si (ser vivo); oferecer refúgio/cuidados; acolher; recolher.*”, foram agrupadas as acepções dos dicionários *Houaiss* e *Michaelis* que, já em suas próprias paráfrases, evidenciam o sentido correspondente à acepção 27 de nosso *corpus*. No entanto, também foram agrupadas nesta mesma acepção as acepções dos dicionários *Aberto*, *Aurélio*, *Online*, *Priberam* e *Porto* que trazem como uma das acepções de TOMAR o verbo “*adotar*”. Para a realização desse agrupamento, recorreremos, como dito, ao exame dos exemplos e, em último caso, quando o dicionário não traz exemplos (caso dos dicionários *Priberam* e *Aurélio*, por exemplo) tivemos que tomar uma decisão arbitrária, com base na suposição de que o sentido da acepção ‘*adotar*’ nesses dicionários é o mesmo que se percebe nos exemplos dos demais dicionários examinados.

Registradas todas as acepções do verbo TOMAR, isto é, recolhidas as 72 acepções encontradas nos dicionários *on-line*, conforme os critérios apresentados nesta seção, que configuraram um número total de 72 sentidos para esse verbo, passamos, na próxima seção, ao detalhamento de como a organização do *corpus* e desta pesquisa se configurou.

4.4.10 Critérios para a organização do *corpus* de análise

Como vimos na seção anterior, podemos chegar a 72 sentidos do verbo TOMAR observando as acepções registradas nos dicionários *on-line*. No entanto, examinar todos esses sentidos registrados nas 72 acepções identificadas com base no critério da coincidência não assegura a análise dos sentidos mais recorrentes de TOMAR. Então, para abarcar apenas os sentidos que de fato são registrados na maior parte dos dicionários, optamos por selecionar apenas as acepções que fizessem parte do verbete de TOMAR de, no mínimo, seis dos oito dicionários examinados. Deste modo, o *corpus* da presente pesquisa será composto por 18 acepções que são validadas por, pelo menos, seis dos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa analisados. As acepções que compõem o *corpus* desta pesquisa estão arroladas no quadro abaixo:

Quadro 20 - Acepções do verbo TOMAR a serem analisadas nesta pesquisa

Acepções do verbo TOMAR selecionadas para o <i>corpus</i>	
1	Utilizar no sentido de fazer uso (de); servir-se (de); lançar mão (de).
2	Agarrar no sentido de pegar (em); segurar; prender; empunhar; sustentar; segurar.
3	Roubar no sentido de arrematar; tirar (algo) de alguém; apossar-se (de); arrebatado; furtar; subtrair; usurpar.
4	Confiscar no sentido de capturar; apreender.
5	Conquistar (território) no sentido de apoderar-se (de) (por força/violência); promover a conquista ou a invasão (de).
6	Absorver no sentido de beber; engolir; comer; ingerir (alimento, líquido ou sólido, medicamento).
7	Embebedar-se no sentido de consumir bebida alcoólica em excesso; embriagar-se.
8	Aspirar no sentido de apanhar (ar); sorver; absorver (por inalação); atrair (ar, pó) aos pulmões.
9	Dirigir-se no sentido de encaminhar-se; seguir (por caminho ou direção); continuar avançando (por); escolher determinado percurso ou direção.
10	Ocupar no sentido de preencher lugar, espaço.
11	Adotar no sentido de receber junto a si (ser vivo); oferecer refúgio/cuidados; acolher; recolher.
12	Escolher no sentido de ter/manifestar/dar preferência (por/a); preferir; decidir-se (por).
13	Assumir no sentido de apresentar em si; exhibir; adquirir (aspecto/estado).
14	Deixar-se dominar ou persuadir no sentido de ser assaltado/invadido; ser possuído (por sentimento/emoção).
15	Aceitar no sentido de receber (recompensa/favor/merecimento).
16	Receber no sentido de levar maus-tratos (físicos e/ou morais); ser vítima de agressão.
17	Interpretar no sentido de considerar; entender algo (de uma certa forma).
18	Julgar no sentido de formar uma ideia/concepção; levar algo em consideração.

Fonte: Elaborado pela autora.

Dado o fato de que nenhuma das locuções encontradas nos dicionários *on-line*, que servem de fonte documental para a pesquisa das acepções do verbo TOMAR, foi legitimada

por, pelo menos, seis dos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa, as locuções ou construções encontradas no levantamento dos dados não fazem parte do *corpus* do presente trabalho.

Apresentado o critério para a seleção e organização do *corpus*, passamos a apresentar os critérios que serão utilizados na análise das 18 acepções discriminadas acima.

4.5 CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Como vimos no Capítulo 3, no MST, descrever uma unidade lexical, ou *lexia*, significa apontar todos os correlatos semânticos desta unidade. Também é necessário apontar a combinatória sintática da unidade lexical, visto que apenas apontar a classe de palavra de uma *lexia*, por exemplo, não permite que o consulente saiba como acontece o uso efetivo dessa unidade lexical.

Deste modo, como já anunciado, utilizaremos em nossa análise as informações relativas à combinatória sintática e à combinatória lexical de *lexias*, conforme descritas no MST. Mais precisamente, levaremos em conta a apresentação da Zona de Combinatória Sintática e da Zona de Combinatória Lexical constantes no *Dicionário Explicativo Combinatório* (DEC) para a realização de nossa análise.

Como vimos no Capítulo 3, no *Dicionário Explicativo Combinatório*, a zona de combinatória sintática é apresentada através do que se convencionou chamar “esquema de regime”. No esquema de regime da *lexia* descrita, há o apontamento dos actantes que são obrigatórios ou, pelo menos, desejáveis. Todas as informações de natureza sintática, semântica ou morfológica que entram em ação para expressar esses actantes, bem como as informações que mostram a compatibilidade ou incompatibilidade de actantes, são representadas, logo abaixo ao quadro do esquema de regime, nas “*Restrições sobre o esquema de regime*”. (ELNITSKY, 1984: 20).

As restrições sobre o esquema de regime são dadas, assim como o próprio esquema de regime, sob a forma de proposições lógicas, as quais evidenciam as formas que podem estar ligadas à *lexia-vedete*, isto é, ao *lexema* ou locução que está sendo registrado no DEC. As restrições também evidenciam as incompatibilidades existentes entre a *lexia* e as maneiras de expressão de seus actantes. (ELNITSKY, 1984: 21). Um exemplo, retirado do DEC, de como se apresenta o esquema de regime de uma *lexia* segue abaixo, reproduzido de forma fiel.

Quadro 21 - Esquema de regime da lexia “admiração”, no DEC

Modelização da combinatória sintática da lexia <i>admiração</i>								
1. <i>Atitude emocional</i> [<i>a admiração de Pierre pelos vencedores</i>] 2. <i>Objeto de admiração</i> [<i>Sua grande admiração é Pierre</i>]								
Esquema de regime	<table border="1"> <thead> <tr> <th>1 = X</th> <th>2 = Y</th> <th>3 = Z</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. de N 2. A_{poss} 3. A</td> <td>1. de N 2. por N 3. frente N 4. diante N</td> <td>1. por N</td> </tr> </tbody> </table>		1 = X	2 = Y	3 = Z	1. de N 2. A _{poss} 3. A	1. de N 2. por N 3. frente N 4. diante N	1. por N
1 = X	2 = Y	3 = Z						
1. de N 2. A _{poss} 3. A	1. de N 2. por N 3. frente N 4. diante N	1. por N						
Restrições do esquema de regime	<p>1) C_{2.4} : N designa uma pessoa</p> <p>2) C₃ sem C₂ } : impossível</p> <p>3) C₁ + C_{2.1} }</p> <p>4) C_{2.2} + C₃ }</p> <p>Exemplos:</p> <p>C₁ : a admiração de Pierre, sua admiração, a admiração nacional</p> <p>C₂ : admiração de <pelos> pinturas antigas, a admiração por <diante> Jacques, a admiração frente o sucesso de Jacques</p> <p>C_{1.1} + C₂ : a admiração de Pierre < sua admiração> por <diante, frente> os vencedores, a admiração nacional por <diante, frente> os vencedores</p> <p>C_{1.2} + C₂ + C₃ : a admiração de Pierre < sua admiração> diante Jacques por sua coragem, a admiração nacional frente os vencedores por sua coragem</p>							

Fonte: Elnistky (1984: 54)

Na seção de análise dos dados, que trata especificamente do esquema de regime das acepções de TOMAR (seção 5.2, mais especificamente, subseção 5.2.1, são apresentadas de forma detalhada as notações utilizadas no DEC para o registro dos esquemas de regime. Para que se possa entender o quadro acima, no entanto, introduzimos já aqui o significado das notações passíveis de serem observadas na figura acima:

- na primeira linha de cada coluna do quadro que ilustra o “esquema de regime” aparecem os números 1, 2 e 3 que correspondem aos três actantes possíveis para o verbo que está sendo dicionarizado;

- as variáveis X, Y, Z , que aparecem junto aos números na primeira linha de cada coluna do quadro, representam os actantes (1=X, 2=Y, 3=Z);
- a letra C que aparece nas restrições do esquema de regime é a forma abreviada da palavra “complemento” e representa as diferentes formas que um actante pode apresentar;
- o primeiro número subscrito que acompanha C (C₁) representa a seleção do actante pela lexia, e o segundo número subscrito (C_{2,4}) representa as formas com que esse actante se apresenta, ou seja (C_{2,4}) significa que o complemento é o segundo actante em sua quarta possibilidade de realização (Y = diante de N).

Por fim, os exemplos da aplicação das restrições do esquema de regime evidenciam particularidades de uso da lexia sendo dicionarizada.

Ainda como mostramos no Capítulo 3, quanto à zona de combinatória lexical, Mel’čuk (2015: 157) estabelece que a atividade linguística do locutor acontece a partir da escolha lexical.

Assim,

Na produção textual, o falante enfrenta o problema muito conhecido da escolha lexical: a fim de ir de uma Representação Semântica [=RSem] para uma correspondente Representação Sintática Profunda [RSintP] da sentença que ele pretende proferir, o falante tem que selecionar as unidades lexicais [=ULs] – os lexemas [≈ palavras] e os idiomatismos – que ele irá usar na sentença. A partir dessa perspectiva, dois tipos de ULs devem ser distinguidas. (MEL’ČUK, 2015: 155-156, tradução nossa)⁷⁰.

Segundo Mel’čuk (2015), toda atividade comunicativa de um falante envolve “escolha lexical”. Deste modo, ao se realizar a escolha de um item lexical específico, o Locutor esteve em contato (tendo como ponto de partida a representação semântica que pretende exteriorizar) com os seus correlatos lexicais do nível paradigmático, antes de realizar a sua escolha final (que estará presente na representação sintática profunda), que mais se adequa ao que quer expressar, bem como ao seu contexto de fala, por exemplo.

Mel’čuk (2015) distingue, neste caso, entre as unidades lexicais livres e as unidades lexicais restritas, distinção essa que aponta as diferentes características apresentadas pelas unidades lexicais no processo de escolha lexical.

As unidades lexicais livres, conforme Mel’čuk (2015: 156), são a grande maioria das unidades lexicais. Estes itens são lexias que, no processo de escolha lexical, são selecionadas

⁷⁰ In text production, the Speaker faces the well-known problem of lexical choice: in order to go from a given Semantic Representation [= SemR] to a corresponding Deep-Syntactic Representation [= DSyntR] of the sentence he intends to utter, the Speaker has to select the lexical units [=LUs] – the lexemes [≈ words] and idioms – that he will use in his sentence. From this perspective, two kinds of LUs have to be distinguished. (MEL’ČUK, 2015 : 155-156).

de maneira livre no léxico mental do falante, única e estritamente por seu significado, sem restrição de seleção relacionada a qualquer outra escolha lexical já feita, ou ainda por fazer.

As unidades lexicais restritas, para Mel'čuk (2015: 156), são selecionadas no processo de escolha lexical com base em outras unidades lexicais já previamente eleitas. Essa escolha lexical restrita é realizada, por sua vez, de acordo com dois eixos linguísticos – o paradigmático e o sintagmático.

A escolha lexical paradigmática é uma escolha do locutor que se dá pela seleção, a partir de um conjunto dado de unidades, daquela que melhor expressa o sentido alvo (aquele inserido na representação semântica). Já a escolha lexical sintagmática é uma escolha que considera quais elementos podem aparecer juntos, isto é, dada a escolha de uma determinada unidade lexical, uma escolha sintagmática irá considerar quais unidades lexicais podem aparecer em conjunto com a primeira unidade já previamente selecionada.

Todas as unidades lexicais que se relacionam com a lexia lematizada, tanto no eixo paradigmático (que podem substituir esta) quanto no eixo sintagmático (que podem acompanhar esta) são seus correlatos lexicais. No caso do verbo TOMAR, o que parece estabelecer sua expressiva polissemia, conforme o ponto de vista de autores que estudaram a polissemia verbal (no Capítulo 1, seção 1.2) e segundo os autores que estudaram a própria polissemia do verbo TOMAR (no Capítulo 1, seção 1.3), é a combinatória que esse verbo estabelece com seus possíveis actantes. Esse quadro configura a união de uma determinada unidade lexical com os seus correlatos lexicais no eixo sintagmático. Assim, a análise dos sentidos expressos pelo verbo TOMAR a partir do MST deve ser uma análise que leve em consideração a relação desse verbo com os seus actantes.

Destarte, para modelizar as 18 acepções polissêmicas do verbo TOMAR que compõem o *corpus* da presente pesquisa, é preciso levar em conta os correlatos lexicais sintagmáticos do verbo. Tais relações são passíveis de serem modelizadas através das funções lexicais sintagmáticas, conforme vimos no Capítulo 3.

As funções lexicais são, como afirma Mel'čuk (2015: 157), ferramentas compactas e formais capazes de descrever e simbolizar as relações sintagmáticas e paradigmáticas estabelecidas pelas unidades lexicais. Para análise e modelização das acepções do verbo TOMAR, as funções lexicais sintagmáticas que modelizam os correlatos lexicais emergidos no eixo sintagmático serão consideradas em nossa análise. De qualquer forma, eventualmente, funções paradigmáticas podem ser necessárias, no caso de a modelização da acepção exigir a apresentação de funções complexas, por exemplo.

São, ao todo, listadas por Mel'čuk (2015), 38 funções lexicais sintagmáticas, classificadas pelo autor de acordo com as classes de palavras da sintaxe profunda, entre outros fatores. Portanto, como mostramos no Capítulo 3, tais funções lexicais sintagmáticas podem ser nominais, adjetivais, adverbiais e proposicionais, podem ser *standard* (aplicáveis a inúmeras lexias), não *standard* (restritas a uma ou duas lexias), simples, compostas ou mistas (dependendo do número de funções e da natureza das funções agrupadas) conforme também descrito no Capítulo 3 desta dissertação.

Isto posto, utilizaremos na análise dos nossos dados a metodologia que diz respeito à apresentação da combinatória sintática e lexical emergidas das 18 acepções do verbo TOMAR, que fazem parte do *corpus* desta pesquisa.

A partir desta análise, pretendemos mostrar as convergências e as divergências dos sentidos expressos nas acepções de TOMAR que fazem parte de nosso *corpus*. Esperamos que o resultado de nossa análise aponte para um ordenamento das acepções deste verbo polissêmico ou, quiçá, para o reconhecimento de uma situação de homonímia.

RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, procuramos evidenciar os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Na seção 4.1, destacamos os critérios utilizados para a escolha dos dicionários de onde foram recolhidos os verbetes de TOMAR: os dicionários de língua portuguesa disponíveis em plataforma *on-line*. Na seção 4.2 levamos em consideração a apresentação das tipologias dicionarísticas expostas no Capítulo 2, ou seja, as propostas de classificação apresentadas por Welker (2004) e Svensén (2009), para caracterizar os oito dicionários *on-line* de língua portuguesa no âmbito das obras lexicográficas.

Considerando as partes que constituem os dicionários de língua, procuramos colocar em evidência aquelas que são mais significativas para os dicionários *on-line* e, na seção 4.3, apresentamos as características macro e microestruturais dos dicionários: sua estrutura de acesso, os tipos de palavras dicionarizadas, a estrutura interna dos verbetes e os diferentes tipos de microestrutura.

Os verbetes do verbo TOMAR, contendo a lista de acepções do verbo, dos oito dicionários *on-line* examinados, foram exibidos na seção 4.4. Nesta mesma seção, também evidenciamos como ocorreu a seleção das acepções que efetivamente compõem o *corpus* desta pesquisa. Por fim, nesta última seção, 4.5, apresentamos os critérios que serão empregados na análise dos dados. Em especial, evidenciamos os procedimentos adotados no

Modelo Sentido-Texto para apresentar a combinatória sintática e a combinatória lexical no DEC, tendo em vista que faremos uso desses procedimentos em nossa análise das 18 acepções do verbo TOMAR que constituem nosso *corpus*.

No próximo capítulo, realizaremos a análise dos dados, a partir da modelização das 18 acepções do verbo TOMAR de acordo com a combinatória sintática e com a combinatória lexical que emergirem dos sentidos veiculados por essas acepções. O objetivo desta modelização é, a partir dos resultados de nossa análise, propor uma hierarquização das acepções de TOMAR tendo em conta a proximidade ou o distanciamento de seus múltiplos sentidos, em detrimento de uma organização puramente etimológica ou sintática do verbete.

5 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS DA PESQUISA

Este capítulo objetiva apresentar a análise das 18 acepções do verbo TOMAR selecionadas através dos procedimentos metodológicos mencionados no capítulo anterior. A análise ocorrerá em três etapas: na seção 5.1, refletimos sobre o registro lexicográfico do verbo polissêmico TOMAR em dicionários *on-line* de língua portuguesa, conforme pressupostos teóricos apresentados nos Capítulos 1, seção 1.1, sobre polissemia e homonímia, e Capítulo 2, seção 2.4, que trata dos trabalhos metalexográficos que refletiram sobre como os verbos polissêmicos, os fenômenos da polissemia e da homonímia e a ordem de acepções polissêmicas são tratados em dicionários de língua; na seção 5.2, apresentamos a modelização das 18 acepções do verbo TOMAR por meio de sua combinatória sintática e de sua combinatória lexical; por fim, na seção 5.3, trazemos sugestões para o registro lexicográfico das acepções de TOMAR em dicionários *on-line* de língua portuguesa tendo em conta uma sugestão polissêmica e em 5.4 apresentamos uma sugestão homonímica.

5.1 REGISTRO LEXICOGRÁFICO DO VERBO *TOMAR* EM DICIONÁRIOS *ON-LINE* DE LÍNGUA PORTUGUESA

Como vimos no Capítulo 1, entre os estudiosos há um consenso bem estabelecido sobre a distinção entre palavras polissêmicas e palavras homônimas. Autores como Ullmann (1977) e Kempson (1989) entendem que a *polissemia* resulta do fato de uma palavra apresentar vários sentidos aparentados; já a *homonímia* resulta de palavras diferentes, com sentidos que não são próximos, e que, por motivos morfofonológicos, apresentam coincidência de forma.

Entretanto, no que concerne ao tratamento dado à polissemia e à homonímia nas obras lexicográficas, vimos nos Capítulos 1 e 2, (seções 1.1 e 2.4, respectivamente) por meio dos pontos de vista de Palmer (1976), Lyons (1979), Biderman (2000, 2004), Perini (2004) e Bugueño Miranda (2006), que a decisão de lematizar uma unidade lexical que apresenta mais de um sentido (sendo estes sentidos aparentados ou não) não é consensual entre os lexicógrafos, o que acarreta um tratamento não homogêneo em muitos casos.

Isso se dá porque, como mostramos nos capítulos e seções supramencionados, há vários critérios que são utilizados pelos lexicógrafos para determinar se uma unidade lexical que apresenta uma forma, mas mais de um sentido é um item polissêmico ou homonímico. Entre esses critérios, podemos citar: (i) o critério etimológico (a identificação de apenas um

étimo evidencia que a unidade lexical é polissêmica; a identificação de dois ou mais étimos aponta para palavras homônimas); (ii) o critério morfológico (a mesma forma de palavra pode pertencer a mais de uma classe de palavra, o que justifica a postulação de mais de uma entrada lexical no dicionário; portanto, estamos diante de itens lexicais homonímicos); e (iii) o critério semântico (caso o lexicógrafo entenda que há uma proximidade entre os sentidos expressos pela unidade lexical – polissemia –, lematizará apenas uma entrada lexical com várias acepções; ao contrário, caso o lexicógrafo entenda que a forma é a mesma, mas os sentidos veiculados são completamente diferentes – homonímia –, lematizará entradas lexicais separadas para cada sentido, acarretando um aumento de entradas lexicais na nomenclatura do dicionário).

Percebe-se, então, que os critérios para uma tomada de decisão acerca do registro de unidades lexicais polissêmicas e de unidades lexicais homônimas são heterogêneos, como bem assinala Perini (2004), cujos argumentos apresentamos no Capítulo 1 (seção 1.1).

O levantamento que fizemos dos verbetes de TOMAR nos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa comprova o ponto de vista expresso em trabalhos de cunho metalexigráfico, como, por exemplo, os de Biderman (2000, 2004) e o de Bugueño Miranda (2006), apresentados no Capítulo 2 (seção 2.4); assim como corrobora os apontamentos de Palmer (1976), de Lyons (1979) e de Perini (2004) sobre o tratamento da polissemia e da homonímia em dicionários de língua, conforme vimos no Capítulo 1 (seção 1.1).

Como mostramos, Palmer (1976) e Lyons (1979) contestam a aplicação do critério etimológico, tendo em vista que esse tipo de conhecimento não é relevante para o uso e a interpretação de uma língua do ponto de vista sincrônico, ou seja, em um contexto atual de fala. Na presente pesquisa, verificamos que os oito dicionários examinados adotam o tratamento convencional, ou seja, o etimológico, para o registro lexicográfico do verbo TOMAR, pois todos os sentidos veiculados pelo verbo são listados em um único verbete. Desse modo, os oito dicionários *on-line* de língua portuguesa perpetuam o costume de recorrer ao étimo da palavra e agrupam todos os sentidos que o verbo TOMAR pode manifestar em um único verbete. Como mostramos no Capítulo 1 (seção 1.1), essa é a metodologia mais usual na prática lexicográfica.

O problema em utilizar o critério etimológico para o tratamento lexicográfico do verbo TOMAR, ou de qualquer verbo polissêmico, é que, além de o consulente não ter conhecimento sobre a origem desse verbo (portanto, um critério inócuo do ponto de vista do usuário), estudos têm mostrado que determinar o étimo de uma palavra não é fácil e muito menos consensual. Santos (2011), por exemplo, como vimos no Capítulo 1 (seção 1.3), diz que, em

função dessas incertezas, muitos sentidos podem ser agrupados em um verbete como se tivessem a mesma fonte etimológica, mas necessariamente pode não ser este o caso. Particularmente em relação ao verbo TOMAR, Santos (2011) registra que há quem defenda que esse verbo se origina da palavra francesa *tomber*, e há quem afirme que sua origem é latina, do verbo *atumare*. Além disso, de acordo com Santos (2011:77-8), há ainda estudiosos de etimologia, como Antenor Nascentes (1966)⁷¹, Antônio Geraldo da Cunha (1986)⁷² e José Pedro Machado (1967)⁷³, que dizem que a origem do verbo TOMAR é desconhecida, duvidosa. Portanto, levar em consideração apenas o étimo das palavras para determinar se estamos diante de polissemia ou de homonímia pode acarretar o agrupamento equivocado de palavras, já que há dúvidas sobre sua etimologia.

Ainda em relação ao registro lexicográfico de unidades lexicais homônimas ou polissêmicas, vale lembrar, como apresentamos nos Capítulos 1 e 2 (seções 1.1 e 2.4, respectivamente), que Lyons (1979), Biderman (2000, 2004) e Bugueño Miranda (2006) chamam a atenção para o fato de que usar apenas a etimologia ou apenas o sentido para decidir entre lematizar uma unidade lexical como polissêmica ou como homônima, ou ainda, aplicar uma metodologia no tratamento das paráfrases polissêmicas de um item que priorize a sintaxe em detrimento do sentido, pode acarretar sérios problemas, entre eles:

1. agrupamento de sentidos que não estão relacionados de maneira clara para o consulente;
2. manutenção de sentidos que já caíram em desuso, como sentidos polissêmicos de uma palavra;
3. criação de novas acepções muito detalhadas que, na verdade, poderiam figurar em uma acepção mais abrangente;
4. apresentação de uma listagem de sentidos polissêmicos de acordo com dados cronológicos, e não de acordo com os sentidos sincrônicos mais usuais;
5. separação de acepções mais próximas, conferindo uma linha descontínua de sentidos polissêmicos; e
6. discrepância entre classificações para as mesmas formas em diferentes dicionários.

⁷¹ NASCENTES, Antenor. Dicionário etimológico resumido. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, Ministério da Educação e Cultura, 1966.

⁷² CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

⁷³ MACHADO, José Pedro. Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos vocábulos estudados. Lisboa: Confluência, 1967.

Na perspectiva dos autores, tratar a unidade lexical como polissêmica tomando como base o critério etimológico pode acarretar uma espécie de “amontoamento” de acepções, as quais, para o consulente, podem não estar diretamente relacionadas. Em consequência, um falante de língua portuguesa, ao consultar o verbete de TOMAR, pode não identificar relações de sentido entre acepções do tipo ‘*apoderar-se pela força*’ (‘*O ladrão tomou a bolsa da moça*’. cf. VERBETE TOMAR, acepção 1, *Dicionário Aulete Digital*) e do tipo ‘*usar meio de transporte*.’ (‘*tomar um ônibus / um trem*’. cf. VERBETE TOMAR, acepção 4, *Dicionário Aulete Digital*). Também será difícil para o consulente estabelecer uma relação entre a acepção ‘*manifestar preferência por alguém ou algo; escolher*’ e a acepção ‘*ingerir alimentos líquidos ou sólidos, medicamentos*’ (acepções 8 e 9 do *Grande Dicionário Houaiss on-line*); ou ainda, entre acepções como ‘*dirigir-se, encaminhar-se*’ e ‘*agastar-se, ofender-se*’ (acepções 33 e 34 do *Dicionário Aurélio de Português Online*).

Um fato interessante, tendo em conta esta primeira análise mais geral do tratamento do verbo polissêmico TOMAR, nos dicionários *on-line* de língua portuguesa, são as acepções 3 e 4 de TOMAR no verbete do dicionário Houaiss *on-line*, as quais trazem indicações de uso no século XIII, mas exemplos claramente passíveis de serem utilizados nos dias de hoje: ‘(sXIII) *realizar apreensão ou a prisão de; apoderar-se de; capturar*’. (‘*A polícia tomou o contrabando de cocaína*’. cf. VERBETE TOMAR, acepção 3, *Grande Dicionário Houaiss on-line*); e ‘(sXIII) ‘*prender algo, segurando, geralmente para utilizá-lo; empunhar, pegar*’. (‘*Tomou da bengala e saiu à rua*’. cf. VERBETE TOMAR, acepção 4, *Grande Dicionário Houaiss on-line*). Neste caso específico do dicionário Houaiss, não se trata de um registro de acepções que já caíram em desuso – um dos problemas levantados pelo tratamento de polissemia a partir de critérios etimológicos –, mas de uma indicação desnecessária, já que não há em nenhuma outra acepção a mesma indicação. Caso a indicação de datação servisse apenas para registrar o surgimento dessas acepções, seria preciso indicar a datação nas demais acepções do verbete também, o que não acontece.

Como vimos, Biderman (2000) afirma que um dicionário geral de língua precisa estar atualizado e registrar os usos efetivos da língua. Entretanto, no que diz respeito a alguns dos oito dicionários examinados, não é exatamente isso o que ocorre. No *Dicionário Aberto on-line*, por exemplo, encontramos a acepção 22 que traz a marca de uso “antigo”: ‘*Antigo. Tomar o Sol, tomar a altura do Sol, com o astrolábio ou com instrumento idêntico*’. (cf. VERBETE TOMAR, acepção 22, *Dicionário Aberto on-line*). Esse fato indica que o lexicógrafo pode acabar por inserir no verbete acepções que já caíram em desuso, contrariamente ao que recomenda Biderman (2000). O registro desse uso “antigo” é uma das

consequências da lematização de acepções a partir da etimologia, ou seja, registrar sentidos que já caíram em desuso acaba por comprometer a atualização dos registros por meio do uso efetivo, conforme nos ensina Biderman (2000).

Na análise das acepções do verbo TOMAR extraídas dos oito dicionários *on-line* examinados nesta dissertação, foi possível constatar que TOMAR é um verbo altamente polissêmico. De fato, o *Grande Dicionário Houaiss on-line* chega a registrar até 52 acepções, seguido pelo *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa on-line*, que apresenta 46 acepções. Porém, nem sempre essa quantidade de acepções é necessária para que se possa registrar de forma adequada os múltiplos sentidos de um verbo polissêmico. Nesta perspectiva, Biderman (2000: 48-9), ao analisar o dicionário *Aurélio*, nos diz que, em vez de registrar inúmeras acepções com sentidos extremamente detalhados, o dicionarista poderia ter agrupado esses sentidos em acepções com definições mais básicas, capazes de terem o seu sentido particularizado em seus contextos de uso. Essa situação também poderia ser aplicada a algumas das acepções de TOMAR, registradas nos dicionários *on-line* de língua portuguesa.

Neste sentido, percebe-se que as acepções 25 e 26 do *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa on-line*: ‘*Escolher um determinado percurso ou uma certa direção; seguir*’ e ‘*Encaminhar-se para um lugar específico; seguir*’, respectivamente, poderiam ser consideradas paráfrases uma da outra, com pequena nuance de significado, perceptível no contexto de uso. Essas acepções do *Michaelis on-line* parecem, na verdade, fazer parte de uma acepção mais abrangente, já que, como as próprias acepções evidenciam, um mesmo verbo foi utilizado para expressar o sentido das duas acepções: o verbo *seguir*.

Um tratamento etimológico de um item polissêmico também motiva uma organização do verbete com as acepções sendo elencadas de acordo com seus aparecimentos na história de uma língua, e não de acordo com uma proximidade de sentido entre elas, nem com a frequência de uso desta ou daquela acepção. Biderman (2004: 199) afirma que dicionários que primam por critérios etimológicos podem oferecer ao consulente um ordenamento das acepções no interior do verbete que não está de acordo com a acepção mais usual do item lexical. Isso ocorre porque a acepção mais usual hoje poderia aparecer, na sucessão de sentidos pesquisados pelo consulente, em segundo, terceiro, ... oitavo lugar, e não em primeiro lugar. Assim, em um verbete de palavra polissêmica, nem sempre a primeira acepção é a que reflete o momento sincrônico da língua, o uso mais frequente.

Também é o caso (nesse mesmo tratamento etimológico que motiva a organização de um verbete de palavra polissêmica, ou também que priorize a sintaxe, em detrimento do significado) de, muitas vezes, não se ter uma linha coerente de sentidos que assinale a

sucessão, justamente, desses sentidos. Sentidos mais próximos, às vezes, são registrados separadamente, de maneira descontínua, e não agrupados. Este último seria um modo mais adequado porque evidenciaria uma linha lógica de sentidos que se seguem, isto é, uma sequência coerente de sentidos em que ficasse clara a relação que há entre eles. Esse pode ser o caso, por exemplo, do *Grande Dicionário Houaiss (on-line)*, que apresenta as acepções de 1 a 5 da seguinte forma:

- 1) Tirar (algo) de (alguém) e apossar-se desse algo; subtrair, arrebatar, usurpar.
 - a. Apropriar-se de; assumir, avocar.
- 2) Promover a conquista ou a invasão de.
- 3) Realizar a apreensão ou a prisão de; apoderar-se de; capturar.
- 4) Prender (algo), segurando, geralmente para utilizá-lo; empunhar, pegar.
- 5) Segurar com as mãos, geralmente para tornar próximo o que se segura ou para dar firmeza; agarrar, sustentar.

Essas cinco acepções de TOMAR podem sugerir ao consulente que há um ordenamento semântico na disposição das acepções ao longo do verbete. No entanto, após a sexta acepção (*Lançar mão de, fazer uso, utilizar*), o *Grande Dicionário Houaiss on-line* registra acepções como: *‘Ingerir alimentos líquidos ou sólidos, medicamentos’*; *‘Atrair o ar, algum pó aos pulmões; aspirar, sorver’*; *‘Criar bloqueio ou obstáculo a; estorvar’*; *‘Ser surpreendido por forte emoção ou impressão; levar’*, ou seja, acepções que não parecem manter, de maneira clara, sentidos aproximados aos sentidos expressos nas cinco primeiras acepções.

Na acepção 27, no entanto, o dicionário volta a apresentar uma acepção aparentada com as cinco primeiras: *‘Retirar (algo) de (algum lugar)’*. Obviamente, as acepções de 1 a 5 e a acepção 27 não são as mesmas, mas há uma proximidade de sentido entre estas seis acepções (1-5 e 27) já que todas poderiam ser substituídas em um contexto de uso qualquer por um verbo sinônimo de sentido mais genérico: PEGAR. Esse verbo não dá conta das particularidades de sentido de cada uma das acepções, mas pode estar em relação de sinonímia menos específica, que contém em si os outros sentidos; em contrapartida, os verbos que aparecem nas acepções seriam sinônimos mais específicos em relação ao verbo PEGAR.

Por fim, com relação ao critério semântico, recurso também utilizado pelos lexicógrafos para diferenciar entre itens polissêmicos e itens homônimos, Lyons (1979) chama atenção para o fato de que este critério é arbitrário e incerto já que, em última instância, quem decide se há proximidade ou afastamento de sentidos veiculados pelo item

lexical é o lexicógrafo. No caso dos oito dicionários *on-line* pesquisados nesta dissertação, quanto ao tratamento de polissemia ou de homonímia em relação ao verbo TOMAR, não houve discrepância de classificação. Todos os oito dicionários contêm apenas um verbete para o registro de TOMAR, com muitas acepções. Deste modo, os lexicógrafos entendem que os sentidos que o verbo TOMAR pode assumir nos usos da língua em alguma medida são mais ou menos aproximados, mas, ainda assim, relacionados; portanto, os oito dicionários analisados consideram que estamos diante de um verbo polissêmico.

Feita essa reflexão de cunho mais geral sobre como ocorre o registro lexicográfico do verbo polissêmico TOMAR nos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa, o objetivo agora é descrever as 18 acepções do verbo TOMAR, selecionadas de acordo com os critérios apresentados no capítulo anterior (seção 4.4.10), por meio da expressão de sua combinatória sintática e da expressão de sua combinatória lexical. Seguiremos, como já anunciado, os pressupostos do MST.

5.2 DESCRIÇÃO DAS ACEPÇÕES DO VERBO *TOMAR* POR MEIO DA COMBINATÓRIA SINTÁTICA E DA COMBINATÓRIA LEXICAL SEGUNDO O MST

A análise das 18 acepções do verbo TOMAR nesta dissertação consiste na apresentação da combinatória sintática de TOMAR, já que a descrição do esquema de regime de um verbo contribui para a organização dos sentidos, e na modelização da combinatória lexical de TOMAR, por meio da aplicação das Funções Lexicais (FL) que, no âmbito do MST, constituem o meio formal de se evidenciar os sentidos que um determinado item lexical pode realizar. Entendemos que a apresentação desses dois tipos de combinatória poderá auxiliar na realização dos nossos propósitos, que são:

- 1) unir acepções muito próximas que estão separadas nos verbetes de TOMAR dos dicionários *on-line* de língua portuguesa, mas que poderiam ser representadas por uma acepção mais abrangente;
- 2) reorganizar o verbete de TOMAR, objetivando estabelecer um *continuum* de sentidos, sem que haja a separação de acepções que são claramente mais próximas em termos do sentido que expressam;
- 3) verificar a existência de sentidos homônimos do verbo TOMAR, uma vez que através da modelização das acepções de TOMAR por meio das FLs pode ser

possível defender um distanciamento expressivo entre alguns dos sentidos veiculados por esse verbo.

No *Dicionário Explicativo Combinatório*, o DEC, todas as informações relevantes acerca de uma lexia (lexema⁷⁴ ou locução) são apresentadas em um “artigo”. No caso dos vocábulos⁷⁵, este é apresentado em um “superartigo”. Todo artigo ou superartigo do DEC é lematizado em cinco zonas: a *zona de introdução* (que contém a expressão vedete do lexema, informações morfológicas e informações sintáticas); a *zona semântica* (que apresenta formas proposicionais, a título de exemplificação, definições e sentidos conotados expressos pelo lexema); a *zona de combinatória sintática* (que expõe o esquema de regime do lexema bem como as suas restrições de organização); e a *zona fraseológica* (que evidencia as expressões congeladas construídas com o lexema do artigo que é a base da fraseologia).

Como dito no final do Capítulo 3, no caso do presente trabalho, interessa-nos duas zonas específicas de lematização: a *zona de combinatória sintática* e a *zona de combinatória lexical*. Isso porque essas duas zonas de descrição lexicográfica são imprescindíveis para a caracterização dos sentidos possíveis que uma lexia pode veicular.

Compreender o tipo de combinatória sintática que um verbo polissêmico apresenta pode contribuir, como bem mostrou Biderman (2000), para a organização das acepções no verbete. Além de Biderman (2000), tanto os autores que tratam da polissemia verbal quanto aqueles que, mais especificamente, abordam as características polissêmicas do verbo TOMAR, como mostramos no Capítulo 1 (seções 1.2 e 1.3), atentaram para o fato de que o contexto (sintático/combinatório) é de suma importância para a compreensão dos diferentes sentidos que um verbo polissêmico pode veicular. Autores como Oliveira (1989), Matos (2006) e Camargos e Faria (2011) (v. Capítulo 1, seção 1.2, desta dissertação) estudaram profundamente o fenômeno da polissemia na classe dos verbos e concluíram que o complexo sintático em que um verbo polissêmico se insere influi diretamente na expressão de seu sentido. Ainda, os estudos de Pederneira (2014) e Merlo (2015) (v. Capítulo 1 (seção 1.3) desta dissertação)) acerca da polissemia do verbo TOMAR também evidenciam que é o contexto sintático como um todo, em conjunto com o verbo, que confere múltiplas acepções a

⁷⁴ *Lexema* é a unidade lexical que se materializa através da forma de palavra, ou seja, das suas formas flexionadas, é representada, assim, através da combinação do significante com o significado (POLGUÈRE, 2010: 6).

⁷⁵ *Vocábulo* é um grupo de unidades lexicais, lexemas ou idiomatismos, que possuem significados distintos, mas relacionados; e que são expressos pela mesma forma. (POLGUÈRE, 2010: 6).

esse verbo. Para os autores, é a natureza dos argumentos selecionados pelo verbo que contribui para a expressão de seus diversos sentidos.

No quadro teórico adotado na presente pesquisa, a caracterização sintática se dá por meio da apresentação do esquema de regime e das restrições que atuam em sua organização, conforme o esquema actancial que o verbo apresenta; a caracterização semântica ocorre por meio da modelização das funções lexicais implicadas na expressão desse ou daquele sentido.

Nessa perspectiva, acreditamos que a apresentação das zonas da combinatória sintática e da combinatória lexical (segundo os pressupostos teóricos da TST, e tendo como parâmetro sua aplicação, o MST, que sustenta a elaboração do DEC) poderá contribuir para a descrição das características polissêmicas do verbo TOMAR, e, principalmente, poderá nos auxiliar a propor a organização de um verbete para o registro das diferentes acepções de TOMAR em dicionários *on-line* de língua portuguesa, a qual será apresentada ao final deste capítulo.

5.2.1 As acepções de TOMAR e sua combinatória sintática

Como vimos no Capítulo 3, no *Dicionário Explicativo Combinatório* a zona de combinatória sintática é apresentada através do que a teoria convencionou chamar de “esquema de regime”. No esquema de regime da lexia (lexema ou locução) descrita, há o apontamento de seus actantes obrigatórios. Um exemplo apresentado por Polguère (2018), para evidenciar o fato de haver lexias que selecionam actantes⁷⁶ obrigatoriamente é o verbo *dar*. Este verbo, de modo obrigatório, deve se combinar com: 1. aquele que dá; 2. aquilo que se dá; 3. aquele a quem se dá. (POLGUÈRE, 2018: 142). O esquema de regime, deste modo, apresenta os participantes obrigatórios selecionados por uma lexia que denota um fato ou, pelo menos, os seus actantes desejáveis; neste caso, por exemplo, em português, o verbo *sair* é classificado na gramática normativa como um verbo intransitivo, ou seja, um verbo que seleciona apenas um actante, o qual exerce a função sintática de sujeito. Assim, de acordo com a gramática normativa, o verbo *sair* se combina obrigatoriamente com um actante, 1. *aquele que sai*; mas não necessariamente com 2: *de onde se sai*. No entanto, poderíamos argumentar que, pelo menos no que diz respeito ao MST, o participante “lugar de onde se sai” é um actante desejável, já que se costuma adicionar após o verbo *sair* um adjunto adverbial de lugar que acaba por ser um “elemento de sentido⁷⁷” que contribui para o significado de uma

⁷⁶ O termo *actante* é caracterizado literalmente como: “participante do fato” (POLGUÈRE, 2018: 143) denotado por um predicado. Assim, predicados são, conseqüentemente, lexias que denotam fatos.

⁷⁷ Polguère (2018: 142) chama de “elemento de sentido” aquilo que é pedido por uma lexia para formar a mensagem que se quer transmitir.

oração que tem como núcleo do predicado o verbo *sair*. Assim, no caso de uma determinada lexia denotar um fato (diferente de denotar uma entidade, logo, um nome semântico que não seleciona actantes) esta selecionará participantes necessários para expressar o sentido pleno do fato, e esses participantes obrigatórios são chamados, no MST, de actantes. (ELNITSKY, 1984: 20).

Todo esquema de regime de uma lexia apresenta restrições. Essas restrições são retratadas, assim como o próprio esquema de regime, sob a forma de proposições lógicas, as quais evidenciam as formas que podem estar ligadas à lexia-vedete, isto é, ao lexema/locução que está sendo lematizado. Assim, exemplificando como se apresenta essa proposição, novamente para o verbo *dar*, teríamos como primeiro actante um N (para substantivo), ou seja, “aquele que dá”; como segundo actante teríamos novamente um N (“aquilo que se dá”); já, para o terceiro actante, a proposição deve evidenciar que, pelo menos no que diz respeito ao português, este actante se liga à lexia (o verbo DAR) por meio de preposição, portanto temos que explicitar qual ou quais preposições cumprem o papel de ligar o terceiro actante: “*para* N” ou “*a* N”. As restrições também evidenciam as incompatibilidades existentes entre a lexia e as maneiras como seus actantes podem ser expressos. Por exemplo, o último actante de *dar* poderia ter como forma de restrição de ligação ao verbo a impossibilidade de ocorrência de outras preposições que não *para* ou *a*, como, por exemplo, **com* N”, **sobre* N”, isto é, o terceiro actante de *dar* não pode aparecer sob essas formas. (ELNITSKY, 1984: 21).

Assim, grosso modo, as restrições de um esquema de regime de uma determinada lexia-vedete apresentam como a estrutura oracional pode ou não pode acontecer, como os actantes se combinam com essa lexia. Neste caso, após o esquema de regime, o DEC especifica estas restrições. Por exemplo, para *dar*, teríamos a seguinte restrição:

C_1 sem C_2 e C_3 = impossível.

As notações utilizadas no DEC representam: o actante (C = complemento) e o primeiro número subscrito representa cada actante que a lexia-vedete seleciona, na ordem em que os actantes são selecionados (caso haja um segundo número subscrito para um mesmo actante, por exemplo, $C_{1.1}$ e $C_{1.2}$, isto significa que este mesmo actante possui duas maneiras diferentes de ser representado (por ex., o actante primeiro de *dar* pode ser $C_{1.1}$ (= N – *João, O menino*, etc.) ou $C_{1.2}$ (= Pronome pessoal/Pronome de tratamento – *Ele, Você, Vossa Excelência*). Deste modo, como já apontado, o verbo *dar* não pode aparecer apenas com um actante (C_1) que representa *aquele que dá*. Como restrição, tal verbo possui o fato de não ser possível anular os outros actantes = “aquilo que se dá” (C_2) e “aquele a quem se dá” (C_3).

Esclarecendo de forma mais aprofundada como se descreve a combinatória sintática de uma lexia no DEC, vamos lançar mão das explicações apresentadas por Mel'čuk, Clas e Polguère (1995). Os autores enfatizam que a combinatória sintática de lexia consiste em, principalmente, apresentar seus actantes. Na perspectiva teórica que estamos adotando, uma lexia apresenta actantes (os participantes obrigatórios do fato denotado pela lexia) tanto no nível sintático de superfície quanto no nível sintático profundo. A sintaxe de superfície é o nível sintático em que são apresentados os “actantes de superfície”, isto é, os complementos já tradicionalmente conhecidos: sujeito e objetos (MEL'ČUK, CLAS e POLGUÈRE, 1995: 17). No entanto, há, conforme Mel'čuk, Clas e Polguère (1995), os actantes sintáticos profundos que, nas palavras dos autores, “*ASynt profonds, qui jouent un rôle crucial dans la lexicologie [...]78*” (MEL'ČUK, CLAS e POLGUÈRE, 1995: 17, tradução nossa). No DEC, são considerados actantes todos os sintagmas que dependem da lexia-vedete em um contexto sintático no qual a lexia pode estar inserida. Nas palavras dos autores: “*Nous appelons actant syntaxique profond [= ASyntP] de la lexie L un syntagme qui dépend de L syntaxiquement et en exprime un actant sémantique*”. (MEL'ČUK; CLAS; POLGUÈRE, 1995: 117).⁷⁹

Deste modo, para a TST, e segundo os autores Mel'čuk, Clas e Polguère (1995), há palavras que, como vimos, denotam predicados semânticos. Como definição para predicados semânticos (e quase predicados) os autores determinam que são “significados que possuem buracos”, isto é, precisam de outros elementos para completar seus significados. Os predicados, em vista disso, denotam: ações, eventos, processos, estados, propriedades, relações. Um exemplo é uma palavra que denota um fato e, para a sua caracterização, implica necessariamente a presença de participantes. Todos os elementos que vão completar o sentido de um predicado são os seus actantes. (MEL'ČUK; CLAS; POLGUÈRE, 1995: 76).

A definição de actante semântico, conforme os autores comentam, está ligada ao conceito conhecido como argumento. Para os autores, chama-se “[...] *actant sémantique [= ASém] de la lexie L une expression qui correspond à un argument du prédicat (A, A2, ..., An); cette expression est soit un sens, soit une variable dans la définition de L*”. (MEL'ČUK; CLAS; POLGUÈRE, 1995: 76).⁸⁰

⁷⁸ « desempenham um papel crucial na lexicologia » (MEL'ČUK; CLAS; POLGUÈRE, 1995: 117, tradução nossa).

⁷⁹ Nós chamaremos actante sintático profundo [=ASinP] da lexia L um sintagma que depende de L sintaticamente e exprime um actante semântico”. (MEL'ČUK; CLAS; POLGUÈRE, 1995: 117, grifo dos autores, tradução nossa).

⁸⁰[...] actante semântico [ASem] da lexia L uma expressão que corresponde a um argumento do predicado (A, A2, ..., An); essa expressão é um sentido, uma variável da definição de L”. (MEL'ČUK; CLAS; POLGUÈRE, 1995: 17, grifo dos autores, tradução nossa).

É seguindo essa linha de pensamento que o DEC apresenta, como actantes semânticos, verbos no infinitivo, por exemplo, como complementares do sentido de uma lexia, ou orações completivas introduzidas por conjunções como *que*. O sentido de actante é expandido para aquilo que é selecionado por um predicado semântico. Para exemplificar, com base na análise do verbo francês *aider* [*ajudar*] realizada por Mel'čuk, Clas e Polguère (1995: 122-3), apresentamos os actantes do verbo português *assistir*. Tal como os autores indicam para *aider*, o verbo *assistir* apresenta os seguintes actantes: 1) um sintagma nominal introduzido pela preposição *a* (*Assistimos assustados ao acidente rodoviário*); 2) um sintagma verbal introduzido pela preposição *a* (*Assistimos o doutor por dias sem fim a curar doentes*); 3) um sintagma nominal introduzido pela preposição *em* (*A felicidade assiste em seu coração*); 4) construções com *por* seguidas por um nome (*Assiste-lhe também por piedade*). A partir dos exemplos apresentados, vemos que o actante é efetivamente aquilo que complementa o sentido da lexia.

Com a intenção de mostrar como ocorre a representação da combinatória sintática de uma lexia, bem como as restrições de seu esquema de regime, reproduzimos a seguir o verbete da lexia ADMIRAR (*admirer*⁸¹) que é apresentado no DEC como um superartigo, um vocábulo que possui mais de uma acepção (neste caso, duas).

A primeira acepção de *admirar* apresentada no DEC, de acordo com MEL'ČUK et al. (1984: 56-57), é:

1. X admira Y por Z = X tem admiração por Y por causa de Z.

O quadro que exemplifica o esquema de regime da lexia *admirar*, na acepção 1, é:

Regime

1 = X	2 = Y	3 = Z
1. N	1. N 2. <i>que</i> PROP _{subj.} 3. <i>como</i> PROP obrigatório	1. <i>por</i> N

No quadro, as variáveis X, Y, Z representam os actantes; estas aparecem numeradas a fim de identificar o actante que se quer representar, ou seja, o primeiro actante de *admirar* é

⁸¹ O verbete *admirer* está dicionarizado no primeiro volume do DEC: MEL'ČUK I., ARBATCHEWSKY-JUMARIE N., ELNITSKY L., IORDANSKAJA L., LESSARD A. **Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain**. Recherches lexico-sémantiques. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 1984.

“1 = X, *aquele que admira*”. Na segunda linha da segunda coluna do quadro, aparecem também sequencialmente os números 1, 2, 3, que representam as diferentes maneiras como esses actantes se apresentam nas construções oracionais. Assim, o primeiro actante (1 = X) pode se apresentar como um sintagma nominal (1. N) [*João admira*]. O segundo actante (2 = Y) pode se apresentar de três maneiras: 1. um sintagma nominal (1. N) [*João admira sua amiga*]; 2. uma proposição (PROP) regida pela conjunção *que*, cujo modo verbal geralmente é o subjuntivo (2. *que* PROP_{subj.}) [*João admira que sua amiga seja tão inteligente*]; e 3. uma proposição regida pela preposição *como* (3. *como* PROP) [*João admirava como sua amiga arrumava a casa rapidamente*]. Note-se que este segundo actante, independentemente da forma como se apresenta, é obrigatório para a expressão do sentido do verbo ADMIRAR. Por fim, o terceiro actante de *admirar* se apresenta como um nome regido pela preposição *por* (1. *por* N) [*João admira sua amiga sobretudo por sua inteligência*].

As restrições do esquema de regime da primeira acepção de *admirar*, no DEC, são apresentadas da seguinte maneira:

- | | |
|--|--|
| 1) C _{2.3} | : emprega-se muito no sentido irônico. |
| 2) C _{2.2} ; 2.3 + C ₃ | : impossível |
| C ₁ + C ₂ | : João admira sua amiga. [...] |
| C ₁ + C ₂ + C ₃ | : João admira a colega por sua mente aberta. [...] |

Deste modo, as restrições de *admirar* dizem respeito ao número de actantes que esse verbo demanda para preencher suas lacunas e ao tipo de combinatória que esse verbo admite em relação aos seus actantes (como já dito, os actantes são representados pela letra C, de complemento, no DEC); os números subscritos representam, respectivamente: o actante de quem se fala e a forma como esse actante se manifesta, por isso os pares de números subscritos. Após as restrições efetivas [1) e 2)] são apresentados exemplos (C₁ + C₂; C₁ + C₂ + C₃).

A segunda acepção de *admirar* apresentada no DEC por MEL'ČUK et al. (1984: 57) é:

2. X admira Y = X contempla Y em admiração.

O quadro que exemplifica o esquema de regime da lexia *admirar*, na acepção 2, é:

1 = X	2 = Y
1. N	1. N obrigatório

O esquema de regime mostra que tanto o primeiro actante do verbo *admirar* (X) quanto o segundo (Y) são expressos por um sintagma nominal. Há, ainda, indicado no esquema de regime que o segundo actante é obrigatório. O exemplo é indicado pela soma de C₁ e C₂ como se vê abaixo.

C₁ + C₂ : João admira essa estátua.

Antes da apresentação do esquema de regime (ou da combinatória sintática) das 18 acepções de TOMAR que constituem o *corpus* desta pesquisa, faz-se necessário retomar o sistema notacional utilizado no DEC, que será adotado na descrição da combinatória sintática das acepções que constituem o nosso *corpus*. Em decorrência de adotarmos a metodologia empregada no DEC para a apresentação da zona de combinatória sintática, usaremos também um quadro para representar o esquema de regime (da lexia sendo dicionarizada) com o número de colunas correspondente ao número de actantes obrigatórios ou desejáveis. Nesse quadro, na segunda linha de cada coluna, serão registradas, quando for o caso, as abreviações das formas que os actantes podem assumir. Também para o registro dessas formas, usaremos o sistema de notação do DEC⁸², conforme reproduzido abaixo:

Quadro 22 - Notações presentes no esquema de regime das acepções de TOMAR

Notação	Forma do actante
N	Sintagma nominal regular
Loc.Adj	Locução adjetiva
NA	Nome necessariamente adjetivado
de N	Nome antecedido por preposição <i>de</i>
a N	Nome antecedido pela preposição <i>a</i>
para N	Nome antecedido pela preposição <i>para</i>

⁸² É importante ressaltar que as notações são elencadas com base nas notações apresentadas no DEC. No artigo escrito por Léo Elnitsky (1984: 20-1), constante nas páginas introdutórias do DEC, são apresentadas notações como *N*, *de N*, *contre N*, *vis-à-vis de*, *comme PROP* (entre tantas outras), isto é, notações que modelizam a combinatória sintática das lexias em francês. Realizamos, aqui, um espelhamento dessas notações adaptando-as ao português.

por N	Nome antecedido pela preposição <i>por</i>
para V _{inf}	Oração encaixada composta da conj. <i>para</i> + verbo no infinitivo
para A _{poss} N	Adjetivo possessivo (também para os pronomes adjetivos) antecedido da preposição <i>para</i> seguido de Nome
A _{poss} N	Adjetivo possessivo (também para os pronomes adjetivos) seguido de Nome
para PROP	Oração encaixada (PROP) antecida por <i>para</i>
que PROP	Oração encaixada (PROP) antecida pela conjunção <i>que</i>
Cl _{acus}	Pronome oblíquo que exerce a função de complemento de objeto direto
Cl _{dat}	Pronome oblíquo que exerce a função de complemento de objeto indireto
Cl _{pron}	Clítico pronominal (para verbos pronominais)
para Pron _{reflex}	Pronome reflexivo regido pela preposição <i>para</i>
obrigatório	Ao final da coluna, para evidenciar a necessidade de expressão do actante
PROP	Proposição

Fonte: Elaborado pela autora.

Também chamamos a atenção do leitor para o fato de que a combinatória sintática das 18 acepções TOMAR será descrita tendo como base o uso dessas acepções, ou seja, os exemplos registrados nos dicionários *on-line* de língua portuguesa analisados nesta dissertação.

Estamos cientes de que para uma modelização de todas as formas de combinatória sintática de TOMAR que podem ser realizadas pelos falantes de língua portuguesa seria necessária a realização de um extenso levantamento de todos os usos possíveis em *corpora* diversificados, o que consistiria em um trabalho minucioso de pesquisa com o objetivo de evidenciar todas as diferentes formas de combinatória sintática de TOMAR, e não apenas as registradas nos dicionários *on-line* de língua portuguesa. Como nosso objetivo aqui consiste na descrição da combinatória sintática das 18 acepções de TOMAR selecionadas para esta pesquisa, de acordo com os critérios apresentados no Capítulo 4, a fim de contribuir com a organização das acepções no verbete de TOMAR, vamos nos valer apenas dos usos atestados nos oito dicionários *on-line* aqui examinados.

O DEC se vale de um sistema de notação bastante formal para que a apresentação das combinatórias, tanto lexical quanto sintática, se dê de forma organizada e compacta. Isso é possível porque o DEC não é direcionado a falantes em geral, mas, sim, a especialistas da linguagem: tradutores, linguistas, professores etc.

Em nossa análise, no caso da combinatória sintática, faremos uso do sistema notacional do DEC tanto na descrição da combinatória sintática quanto na descrição da

combinatória lexical que o verbo TOMAR pode apresentar. Estamos cientes de que esse tipo de notação não deve constar na microestrutura de um dicionário *on-line* de língua portuguesa dirigido ao público em geral, pois a utilização dessa notação não propiciaria a redação de um verbete que seja simples e prático para o consulente de dicionários *on-line* de língua portuguesa, que, como vimos, pode ser qualquer pessoa com acesso à *internet*. Utilizamos o método de registro da combinatória sintática de uma lexia de acordo com o DEC para que a descrição do esquema de regime de TOMAR, e de sua organização nas diversas acepções, possa ser compreendida em um nível mais profundo de análise. A partir dessa descrição, faremos uma proposta de organização das acepções de TOMAR considerando a descrição tanto da combinatória lexical quanto da combinatória sintática.

Esclarecidos esses pontos, passamos à apresentação efetiva da combinatória sintática das 18 acepções de TOMAR que fazem parte do *corpus* desta pesquisa.

A primeira acepção de TOMAR constante em nosso *corpus* é *Utilizar no sentido de fazer uso (de); servir-se (de); lançar mão (de)*. Temos como esquema de regime da acepção o seguinte quadro:

Quadro 23 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 1 do *corpus*.

Modelização da combinatória sintática da acepção 1 de TOMAR								
1.1 X utiliza Y								
1.2 X utiliza Y pela razão/ para certo fim/ para beneficiar Z								
Esquema de regime	<table border="1"> <thead> <tr> <th>1 = X</th> <th>2 = Y</th> <th>3 = Z</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. N</td> <td>1. N 2. Cl_{acus} obrigatório</td> <td>1. que PROP 2. para N 3. para V_{inf}PROP</td> </tr> </tbody> </table>		1 = X	2 = Y	3 = Z	1. N	1. N 2. Cl _{acus} obrigatório	1. que PROP 2. para N 3. para V _{inf} PROP
1 = X	2 = Y	3 = Z						
1. N	1. N 2. Cl _{acus} obrigatório	1. que PROP 2. para N 3. para V _{inf} PROP						
Restrições do esquema de regime	1) C ₁ : designa pessoa (pode ser elidido no PB) 2) C ₂ : designa objeto ou pessoa 3) C ₂ : como pessoa, precisa designar serventia 4) C ₁ sem C ₂ : impossível 5) C _{2.2} + C _{3.1} , C _{3.2} , C _{3.3} , C _{3.4} : desejável 6) C ₂ + C _{3.1} : impossível Exemplos: C ₁ + C _{2.1} : O aluno tomou o lápis. C _{1.1} + C _{2.1} + C _{3.1} : Tomou a montaria que lhe pareceu melhor. C _{2.1} + C _{3.3} + C _{4.2} : Tomou um guarda-sol para proteger sua pele. C _{1.1} + C _{2.2} + C _{3.2} : Tomei-o para criado.							

--	--

Fonte: Elaborado pela autora

Na combinatória sintática apresentada acima, vemos que o verbo TOMAR pode selecionar três actantes. Há um primeiro actante que exerce a função de sujeito do verbo; no caso do português, esse sujeito pode ser elidido (ex. *Tomou a montaria que lhe pareceu melhor*); quando realizado foneticamente na oração, é representado por um sintagma nominal (ex. *Os voluntários tomaram as roupas usadas [...]*). Há um segundo actante, de representação obrigatória na oração (por meio de sintagma nominal ou pronome clítico regido pelo verbo, por exemplo: *Tomei-o para meu criado*), que é a pessoa ou objeto que sofrerá a ação expressa pelo verbo. Por fim, como se trata de uma acepção de TOMAR que expressa o sentido de *utilizar, servir-se de algo; fazer uso de*, pode aparecer, na construção frasal, uma oração encaixada que vai expressar a finalidade para a qual ocorreu a “tomada” do objeto/pessoa, por exemplo: *Os voluntários tomaram as roupas usadas para vestir os desabrigados*. Pode também aparecer um terceiro actante que expressa o beneficiário da ação designada pelo verbo. Este actante se apresenta como um sintagma nominal introduzido pela preposição *para* (por exemplo: *Tomou os donativos para os sem-teto*).

A segunda acepção de TOMAR do nosso corpus é: *Agarrar no sentido de pegar (em); segurar; prender; empunhar; sustentar; segurar*. Como esquema de regime e restrições dessa acepção temos:

Quadro 24 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 2 do corpus

Modelização da combinatória sintática da acepção 2 de TOMAR							
2. X agarra/ segura/ prende/ empunha/ sustenta Y pela razão Z							
Esquema de regime	<table border="1"> <thead> <tr> <th>1 = X</th> <th>2 = Y</th> <th>3 = Z</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. N</td> <td>1. N 2. Cl_{acus} 3. de N obrigatório</td> <td>1. por N 2. em PROP 3. para V_{inf} 4. para PROP 5. de N</td> </tr> </tbody> </table>	1 = X	2 = Y	3 = Z	1. N	1. N 2. Cl _{acus} 3. de N obrigatório	1. por N 2. em PROP 3. para V _{inf} 4. para PROP 5. de N
	1 = X	2 = Y	3 = Z				
1. N	1. N 2. Cl _{acus} 3. de N obrigatório	1. por N 2. em PROP 3. para V _{inf} 4. para PROP 5. de N					
Restrições do esquema de regime	1) C ₁ : designa pessoa (pode ser elidido em PB) 2) C ₂ : designa objeto ou pessoa 3) C ₂ : como pessoa carrega a ideia de ser “ajudado” 4) C ₁ sem C ₂ : impossível 5) C _{2,3} sem C _{3,3} ou C _{3,4} : impossível						

Exemplos:	
$C_1 + C_{2.1} C_{3.4}$: Ana tomou o braço da mãe para ajudá-la.
$C_{2.1}$: Tomou o dicionário.
$C_{2.1} + C_{3.5}$: Tomou as rédeas da situação.
$C_{2.1} + C_{3.2}$: Tomou armas em defesa de uma causa.
$C_{2.2} + C_{3.1}$: Tomou-o pelo braço.
$C_{2.3} + C_{3.3}$: Tomou da caneta para escrever.
C_1 sem C_2	: * O João tomou.

Fonte: Elaborado pela autora

Na segunda acepção, o verbo TOMAR pode, assim como na acepção 1, selecionar três actantes. O primeiro actante apareceu nos exemplos expresso por meio de sintagma nominal ou elidido, recuperado através da desinência de número e pessoa do verbo (exs. *A avó tomou a criança; Tomou a bolsa e saiu*). O segundo actante do verbo TOMAR, nesta acepção, apareceu expresso por sintagma nominal (ex. *Tomou as rédeas da situação*), pronome clítico regido pelo verbo (*Tomou-o pelo braço*), ou nome regido pela preposição *de* (*Tomou da caneta*). Neste último caso, parece haver uma preferência para a expressão obrigatória da “finalidade com que se tomou de algo” (como evidencia a restrição: 1) $C_{2.3}$ sem $C_{3.3}$ ou $C_{3.4}$: impossível, isto é, *Tomou da caneta* sem *para escrever* parece impossível). Por fim, a terceira posição pode ser ocupada para expressar a finalidade ou o motivo com que se tomou algo (ex. *Ana tomou o braço da mãe para ajudá-la*); ou, ainda, evidenciar um terceiro actante que representa quem sofre a ação expressa pelo verbo ou para indicar como o “tomar alguma coisa ou pessoa” aconteceu (“por N” = *Tomou o filho pela mão*).

A terceira acepção de TOMAR expressa o seguinte sentido: *Roubar no sentido de arrematar; tirar (algo) de alguém; apossar-se (de); arrebatou; furtar; subtrair; usurpar*. Temos, como esquema de regime desta acepção, o seguinte quadro:

Quadro 25 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 3 do *corpus* (1º Esquema de regime da acepção 3)

Modelização da combinatória sintática da acepção 3 de TOMAR			
3.1 X rouba/tira/ arremata/arrebata/furta/subtrai/usurpa Y de/para Z			
Esquema de regime	1 = X	2 = Y	3 = Z
		1. N	1. N 2. Cl_{acus} 3. A_{possN} obrigatório

Restrições do esquema de regime	1) C ₁	: designa pessoa (pode ser elidido em PB)
	2) C ₂	: designa objeto
	3) C ₁ sem C ₂	: impossível
	Exemplos:	
	C _{3.1} + C _{2.1}	: Tomou da irmã parte da herança.
	C _{2.2} + C _{3.2}	: Tomou-o para si.
	C _{1.1} + C _{2.3}	: João tomou nossos brinquedos.

Fonte: Elaborado pela autora.

No primeiro esquema de regime da acepção 3 de TOMAR temos um actante que exerce a função de sujeito, representado por um sintagma nominal que pode ser elidido, como ocorre com o sujeito em PB (ex. *O bandido tomou o pacote [...]; Tomou a herança da irmã*). Há um segundo actante, complemento direto do verbo, que se materializa nos exemplos apresentados pelos dicionários como um sintagma nominal (artigo+N) ou um sintagma nominal em que o substantivo é antecedido por pronome possessivo adjetivo (*Tomou a herança; Tomou nossos brinquedos*). Por fim, pode aparecer um terceiro actante, materializado como um nome regido pela preposição *de* (ex. *Tomou a herança da irmã*); esse actante pode se realizar, ainda, como um pronome reflexivo que aponta para o próprio sujeito, como beneficiário da ação do verbo; este pronome será regido pela preposição *para*, (ex. *Tomou para si*); ou uma evidenciação da finalidade com que se realizou a ação do verbo, através de um nome regido pela preposição *para* (como no exemplo *Tomou os ingressos para o concerto*).

No segundo esquema de regime da acepção 3, passível de ser observado abaixo, está a maneira como a terceira acepção de TOMAR pode ser.

Quadro 26 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 3 do corpus (2º Esquema de regime)

Modelização da combinatória sintática da acepção 3 de TOMAR									
3.2 X rouba/arremata/arrebata/furta/subtrai/usurpa Y para a finalidade Z									
Esquema de regime	<table border="1"> <thead> <tr> <th>1 = X</th> <th>2 = Y</th> <th>3 = Z</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. N</td> <td>1. N 2. Cl_{acus} 3. A_{possN} Obrigatório</td> <td>1. para PROP</td> </tr> </tbody> </table>			1 = X	2 = Y	3 = Z	1. N	1. N 2. Cl _{acus} 3. A _{possN} Obrigatório	1. para PROP
	1 = X	2 = Y	3 = Z						
1. N	1. N 2. Cl _{acus} 3. A _{possN} Obrigatório	1. para PROP							
Restrições do esquema	1) C ₁	: designa pessoa (pode ser elidido em PB)							
	2) C ₂	: designa objeto							

de regime	3) C ₁ sem C ₂ : impossível
	Exemplos:
	C _{1.1} + C _{2.1} + C _{3.1} : O bandido tomou a carteira para roubá-la.
	C _{2.1} + C _{3.2} : Tomou os ingressos para o concerto.

Fonte: Elaborado pela autora.

Neste segundo quadro para modelização da sintaxe das acepções há, assim como o primeiro quadro apresenta: um actante sujeito externo (*O João trabalhou a manhã toda.*); um actante complemento objeto direto (O bandido tomou a carteira); por fim, há a finalidade que expressa o objetivo com que se tomou em alfo aqui: (*O bandido tomou a carteira para roubá-la*).

No terceiro esquema de regime da acepção três de TOMAR, tem-se o seguinte quadro:

Quadro 27 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 3 do *corpus* (3º Esquema de regime da acepção 3)

Modelização da combinatória sintática da acepção 3 de TOMAR									
3.3 X se apossa (verbo pronominal) de Y = X toma posse de Y									
Esquema de regime	<table border="1"> <thead> <tr> <th>1 = X</th> <th>2 = Y</th> <th>3 = Z</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. N</td> <td>1. N obrigatório</td> <td>1. de N</td> </tr> </tbody> </table>			1 = X	2 = Y	3 = Z	1. N	1. N obrigatório	1. de N
	1 = X	2 = Y	3 = Z						
1. N	1. N obrigatório	1. de N							
Restrições do esquema de regime	1) C ₁ : designa pessoa (pode ser elidido em PB)	2) C ₂ : designa objeto	3) C ₁ sem C ₂ : impossível						
	Exemplos:								
	C _{1.1} + C _{2.1} + C _{3.1} : O herdeiro tomou posse da herança.								

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro acima, evidencia-se que a acepção 3 de TOMAR no *corpus* desta pesquisa atualiza o sentido de tomar posse. Há um primeiro actante, sujeito do verbo, igualmente aos outros casos desta acepção. Há um actante complemento objeto direto do verbo TOMAR que indicará a posse retida pelo sujeito. Por fim, há um terceiro actante responsável por expressar aquilo que será possuído.

A quarta acepção de TOMAR, em nosso *corpus*, se desdobra em: *Confiscar no sentido de capturar; apreender*. Como esquema de regime construído a partir da combinatória sintática evidenciada pelos exemplos dessa acepção temos:

Quadro 28 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 4 do *corpus*

Modelização da combinatória sintática da acepção 4 de TOMAR												
4.1 X captura/apreende Y por Z (O policial prendeu/capturou o ladrão por roubo)												
4.2 X confisca Y de Z												
Esquema de regime		<table border="1"> <thead> <tr> <th>1 = X</th> <th>2 = Y</th> <th>3 = Z</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. N</td> <td>1. N</td> <td>1. de N 2. por N</td> </tr> <tr> <td>desejável</td> <td>obrigatório</td> <td>desejável</td> </tr> </tbody> </table>	1 = X	2 = Y	3 = Z	1. N	1. N	1. de N 2. por N	desejável	obrigatório	desejável	
1 = X	2 = Y	3 = Z										
1. N	1. N	1. de N 2. por N										
desejável	obrigatório	desejável										
Restrições do esquema de regime	1) C ₁ : designa pessoa, grupo de pessoas, instituição, grupo policial (desejável estar expresso) 2) C ₂ : designa objeto ou pessoa/grupo 3) C ₁ sem C ₂ : impossível	Exemplos:										
	C ₁ + C ₂ + C ₃ : A polícia tomou o contrabando dos bandidos.											
	C ₁ + C ₂ : A patrulha tomou os detentos.											
	C ₁ + C ₃ + C ₂ : A polícia tomou dos ladrões a mercadoria.											

Fonte: Elaborado pela autora.

No primeiro esquema de regime desta acepção de TOMAR, o verbo pode selecionar até três actantes. O primeiro é o sujeito do verbo; como já mencionado anteriormente, no português o sujeito pode ser ocultado (e recuperável pela desinência verbal), sendo, no entanto, como evidenciado pelos exemplos que ilustram esta acepção, de expressão desejável na oração (ex. *A polícia tomou toda a mercadoria roubada*). Há o segundo actante, complemento objeto direto do verbo, que constitui obrigatoriedade de representação na oração, através de sintagma nominal (ex. *A polícia tomou o contrabando*). Por fim, o terceiro actante é um elemento desejável nesta acepção de TOMAR, pois representa o complemento objeto indireto do verbo, que, como vimos no exemplo do quadro, pode aparecer antes de C₂

(complemento objeto direto), Ou seja, tanto podemos ter *A polícia tomou a mercadoria roubada dos bandidos* quanto *A polícia tomou dos bandidos a mercadoria roubada*.

A quinta acepção de TOMAR do *corpus* desta pesquisa se configura como: *Conquistar (território) no sentido de apoderar-se (de) (por força/violência); promover a conquista ou a invasão (de)*. Tem, tal acepção, como esquema de regime e restrições de uso o que se vê no quadro a seguir:

Quadro 29 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 5 do *corpus*

Modelização da combinatória sintática da acepção 5 de TOMAR												
5.1 X conquista Y de maneira/por meio de Z												
5.2 X apodera-se (pronominal)/ promove a conquista ou a invasão de Y por meio de Z												
Esquema de regime	<table border="1"> <thead> <tr> <th>1 = X</th> <th>2 = Y</th> <th>3 = Z</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. N</td> <td>1. N</td> <td>1. de N</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Obrigatório</td> <td></td> </tr> </tbody> </table>			1 = X	2 = Y	3 = Z	1. N	1. N	1. de N		Obrigatório	
	1 = X	2 = Y	3 = Z									
1. N	1. N	1. de N										
	Obrigatório											
Restrições do esquema de regime	1) C ₁ : pessoa ou grupo 2) C ₂ : propriedade (geralmente território) 3) C ₁ sem C ₂ : impossível Exemplos: C ₁ + C ₂ + C ₃ : Os invasores tomaram a cidade dos cidadãos. C ₁ + C ₂ : Os piratas somalis tomaram várias naus.											

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesta acepção de TOMAR, a combinatória sintática pode ter preenchidas três posições actantes na estrutura da oração em que o verbo se encontra. Há um primeiro actante, sujeito do verbo, de preenchimento obrigatório, mas capaz de ser ocultado e expresso através da desinência verbal (ex. *Os invasores tomaram a cidade*). O segundo actante de TOMAR, nesta acepção, é de preenchimento obrigatório e, como indicado em todas as acepções retiradas dos dicionários, tende a ser expresso (essa expressão é realizada por sintagma nominal, ex. *Tomaram uma cidadela*). Por fim, há uma terceira posição que pode ser preenchida ou não; quando preenchida, o actante é concretizado na oração como um complemento objeto indireto do verbo, aqui regido pela preposição *de* (ex. *Os invasores tomaram a cidade dos cidadãos*).

A acepção seis de TOMAR, do *corpus* desta pesquisa, tem como forma: *Absorver no sentido de beber; engolir; comer; ingerir (alimento, líquido ou sólido, medicamento)*. Quanto ao seu esquema de regime, isto é, a sua combinatória sintática, temos o quadro seguinte:

Quadro 30 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 6 do *corpus*

Modelização da combinatória sintática da acepção 6 de TOMAR					
7. X absorve/beber/ engole/ come/ingere Y (alimento, líquido ou sólido, medicamento).					
Esquema de regime	<table border="1"> <thead> <tr> <th>1 = X</th> <th>2 = Y</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. N</td> <td>1. N obrigatório</td> </tr> </tbody> </table>	1 = X	2 = Y	1. N	1. N obrigatório
1 = X	2 = Y				
1. N	1. N obrigatório				
Restrições do esquema de regime	<p>1) C₁ : pessoa (pode ser elidido em PB)</p> <p>2) C₂ : alimento ou remédio, líquidos ou sólidos</p> <p>3) C₁ sem C₂ : impossível</p> <p>Exemplos:</p> <p>C₁ + C₂ : Ele tomou uma limonada.</p> <p>C₂ : Tomou chá.</p>				

Fonte: Elaborado pela autora.

Na acepção seis de TOMAR, temos apenas dois actantes, claramente atualizados no sentido de *beber/comer algo*. Neste caso, há o sujeito, representado pelo sintagma nominal (ex. *O padre costumava tomar as refeições na varanda*), e o complemento objeto direto do verbo, representado também por um sintagma nominal, que evidencia o objeto ingerido (ex. *Tomou uma limonada*). Quando está presente o sentido de *ingerir o conteúdo de* (*Tomou um copo de água*) também temos apenas dois actantes, pois o que se ingere não é o recipiente, mas o conteúdo.

A sétima acepção de TOMAR tem como sentido: *Embebedar-se no sentido de consumir bebida alcoólica em excesso; embriagar-se*. O esquema de regime evidenciado pelos exemplos retirados dos dicionários *on-line* de língua portuguesa pesquisados, pode ser visto no quadro a seguir.

Quadro 31 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 7 do *corpus*

Modelização da combinatória sintática da acepção 7 de TOMAR					
7. X embriagar-se/embebedar-se (verbo pronominal) = X consumir Y (=bebida alcoólica) em excesso					
Esquema de regime	<table border="1"> <thead> <tr> <th>1 = X</th> <th>2 = Y</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. N 2. Pron</td> <td>1. de N obrigatório</td> </tr> </tbody> </table>	1 = X	2 = Y	1. N 2. Pron	1. de N obrigatório
1 = X	2 = Y				
1. N 2. Pron	1. de N obrigatório				
Restrições do esquema de regime	<p>5) C₁ : pessoa (pode ser elidido em PB)</p> <p>6) C₂ : bebida alcóolica</p> <p>7) C₁ sem C₂ : impossível</p> <p>Exemplos:</p> <p>C_{1.1} + C₂ : Ele tomou-se de cachaça</p> <p>C_{1.2} + C₂ : Tomou-se de cerveja.</p>				

Fonte: Elaborado pela autora.

Na sétima acepção de TOMAR, há a presença de dois actantes. No que diz respeito ao primeiro actante, trata-se de um substantivo ou de um pronome do caso reto que exerce a função de sujeito. A materialização desse actante se dá por meio da desinência verbal e por meio dos verbos pronominais *embriagar-se* e *embebedar-se*, os quais se conjugam juntamente com o pronome oblíquo átono “se”, que se refere, obrigatoriamente, à mesma pessoa do sujeito; além disso, esse actante pode também estar elidido, quando não há sujeito exposto (ex. *Tomar-se de rum*), mas se sabe por meio do verbo pronominal que a ação recai sobre o próprio sujeito. Quanto ao segundo actante, tem-se um complemento indireto obrigatório, portanto regido pela preposição *de* (ex. *Tomar-se de rum*).

A oitava acepção de TOMAR expressa o seguinte sentido: *Aspirar no sentido de apanhar (ar); sorver; absorver (por inalação); atrair (ar, pó)*. Relativamente ao esquema de regime desta acepção temos:

Quadro 32 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 8 do *corpus*

Modelização da combinatória sintática da acepção 8 de TOMAR					
8.X aspira/ apanhar / sorver/ absorver (por inalação) Y (= ar, pó etc.)					
Esquema de regime	<table border="1"> <thead> <tr> <th>1 = X</th> <th>2 = Y</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. N</td> <td>1. N Obrigatório</td> </tr> </tbody> </table>	1 = X	2 = Y	1. N	1. N Obrigatório
1 = X	2 = Y				
1. N	1. N Obrigatório				
Restrições do esquema de regime	<p>1) C₁ : pessoa (pode ser elidido em PB) 2) C₂ : ar ou substância em formato de pó 3) C₁ sem C₂ : impossível</p> <p>Exemplos:</p> <p>C₁ + C₂ : Ela tomou um ar. C₂ : Tomou rapé.</p>				

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesta acepção temos dois actantes selecionados pelo verbo TOMAR: um sujeito e um complemento da ação expressa pelo verbo. Os dois actantes aparecem na estrutura sintática dos exemplos encontrados nos dicionários pesquisados como sintagmas nominais.

A nona acepção de TOMAR veicula os seguintes sentidos: *Dirigir-se no sentido de encaminhar-se; seguir (por caminho ou direção); continuar avançando (por); escolher determinado percurso ou direção.* Como esquema de regime capaz de representar a combinatória sintática dessa acepção temos o quadro abaixo:

Quadro 33 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 9 do *corpus*

Modelização da combinatória sintática da acepção 9 de TOMAR					
9. X dirigir-se/ encaminha-se/ segue/ continua avançando em direção a Y (Y=direção ou caminho)					
Esquema de regime	<table border="1"> <thead> <tr> <th>1 = X</th> <th>2 = Y</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. N</td> <td>1. N 2. por N 3. para N Obrigatório</td> </tr> </tbody> </table>	1 = X	2 = Y	1. N	1. N 2. por N 3. para N Obrigatório
1 = X	2 = Y				
1. N	1. N 2. por N 3. para N Obrigatório				
Restrições	1) C ₁ : pessoa, grupo ou condução (pode ser elidido em				

do esquema de regime	PB)	
	2) C ₂	: localização / caminho físico ou abstrato
	3) C ₁ sem C ₂	: impossível
	Exemplos:	
	C1 + C2.1	: O jovem tomou um rumo.
	C1 + C2.2	: Os excursionistas tomaram por uma trilha.
	C1 + C2.3	: Os romeiros tomaram para o Santuário.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como a combinatória sintática mostra, na expressão do sentido da acepção 9, o verbo seleciona dois actantes. O primeiro diz respeito ao sujeito da oração; tal actante aparece na oração representado por um sintagma nominal (ex. *O jovem tomou um rumo ignorado*). Como a nona acepção de TOMAR apresenta o verbo com sentido locativo (literal ou figurado), o segundo actante vai indicar a localização: pode estar ligado de forma direta ao verbo por meio de um sintagma nominal apenas (ex. *Tomou a estrada real*); ou de forma indireta, isto é, um nome ligado ao verbo por meio de preposições que veiculam o sentido de “direção” ou “lugar determinado”, como as preposições *para* e *por*, que se vê, respectivamente, nas orações *Os romeiros tomaram para o santuário* e *Os excursionistas tomaram por uma trilha*.

A décima acepção de TOMAR em nosso *corpus* de pesquisa apresenta o seguinte sentido: *Ocupar no sentido de preencher lugar, espaço*. O esquema de regime dessa acepção e suas restrições estão representados no seguinte quadro:

Quadro 34 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 10 do *corpus*

Modelização da combinatória sintática da acepção 10 de TOMAR				
10.X ocupa/, preenche Y. (Y= lugar, espaço)				
Esquema de regime	1 = X		2 = Y	
	1. N		1. N	
	obrigatório		obrigatório	
Restrições do esquema de regime	1) C ₁	: objeto, pessoa, grupo ou evento		
	4) C ₂	: espaço/local/lugar		
	2) C ₁ sem C ₂	: impossível		
	3) C ₂ sem C ₁	: impossível		
	Exemplos:			
	C ₁ + C ₂	: A cama tomou o quarto.		

	C ₁ + C ₂	: A festa tomou a praça.
--	---------------------------------	--------------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesta acepção de TOMAR, o verbo seleciona dois actantes que, necessariamente, precisam aparecer expressos na construção sintática. Assim, TOMAR, neste caso, seleciona um actante sujeito, que se realiza como um sintagma nominal (ex. **O piano tomou todo o quarto**). O segundo actante é um complemento direto do verbo, que se materializa na estrutura oracional também como um sintagma nominal (ex. **O povo tomou inteiramente a praça**).

A décima primeira acepção de TOMAR é *Adotar no sentido de receber junto a si (ser vivo); oferecer refúgio/cuidados; acolher; recolher*. Tal acepção apresenta seu esquema de regime de acordo com o quadro a seguir:

Quadro 35 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 11 do *corpus*

Modelização da combinatória sintática da acepção 11 de TOMAR			
11.X adota/ receber; oferece (refúgio/cuidados)/ acolher/ recolher Y (=ser vivo) para Z			
Esquema de regime		1 = X	2 = Y
		1. N	1. N obrigatório
			3 = Z
			1. para Pron _{reflex} 2. para PROP 3. para V _{inf} PROP
Restrições do esquema de regime	1) C ₁	: pessoa / família	
	2) C ₂	: ser vivo (pessoal ou animal de estimação)	
	3) C ₁ sem C ₂	: impossível	
	Exemplos:		
	C ₁ + C ₂	: A senhora tomou uma criança.	
	C ₂ + C _{3.1}	: Tomou a criança para si.	
	C ₁ + C ₂ + C _{3.2}	: A família tomou um órfão para criá-lo.	
	C ₁ + C ₂ + C _{3.3}	: A avó tomou um cachorro para alegrar os netos.	

Fonte: Elaborado pela autora.

Esta acepção, assim como as primeiras, pode vir a ter três actantes selecionados pelo verbo TOMAR. O primeiro actante, sujeito da oração, representado, como os exemplos evidenciam, por um sintagma nominal (no caso de ser expresso na frase: **A boa senhora tomou algumas crianças**). O segundo actante é um complemento objeto direto, representado na combinatória sintática como um sintagma nominal (**Tomou o órfão**). No caso dos

exemplos efetivos dos dicionários *on-line* de língua portuguesa analisados, a estrutura frasal do verbo TOMAR foi completada, ainda, por mais formas para o terceiro actante, como uma oração encaixada como “*para V_{inf}PROP*” (*Tomaram um cachorro para alegrar os netos*).

A décima segunda acepção de TOMAR, modelizada quanto à sua combinatória sintática, é a seguinte: *Escolher no sentido de ter/manifestar/dar preferência (por/a); preferir; decidir-se (por)*. Tem como esquema de regime:

Quadro 36 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 12 do *corpus*

Modelização da combinatória sintática da acepção 12 de TOMAR				
12.1 X escolhe/prefere Y para a função Z				
12.2 X tem/ dá preferência a Y por alguma razão Z				
12.3 X decide-se por Y para a função				
Esquema de regime		1 = X	2 = Y	3 = Z
		1. N	1. N 2. Cl _{acus} 3. Cl _{dat} obrigatório	1. como N 2. por N 3. para N
Restrições do esquema de regime	1) C ₁			: pessoa / grupo
	2) C ₂			: pessoa / atitude
	3) C ₃			: pode ser para
	adjetivação (figurada), mas não só			
	4) C ₁ sem C ₂			: impossível
	5) C _{2.2} ou C _{2.3} sem C _{3.1} , C _{3.2} ou C _{3.3}			: não desejável
	Exemplos:			
	C ₁ + C _{2.2} + C _{3.1}			: A juíza tomou-o como testemunha.
	C _{2.3} + C _{3.2}			: Tomou-lhe para Cristo.
	C _{2.1} + C _{3.2}			: Tomou-o por bode expiatório.
	C ₁ + C _{2.1} + C _{3.3}			: O professor tomou para medianoiro o diretor da escola..

Fonte: Elaborado pela autora.

Relativamente aos exemplos constantes nos dicionários *on-line* de língua portuguesa analisados neste trabalho, esta acepção apresenta: um actante sujeito do verbo, representado na estrutura oracional como sintagma nominal (ex. *O pintor tomou outro ajudante*) ou de forma elíptica no verbo; um segundo actante, exibido como sintagma nominal ou o pronome clítico acusativo ou o dativo (exs. *Tomou uma resolução*; *Tomei-o como/por testemunha*, *Tomou-lhe para Cristo*). Por fim, uma terceira posição foi ocupada, por vezes, na oração, por

um actante que expressa a função/razão pela qual os segundos actantes foram “escolhidos/preferidos”: “*como N*” (*Tomaram-no como bode expiatório*); “*para N*” (*Tomaram-lhe para Cristo*) ou “*por N*” (*Tomei-o por testemunha*).

A décima terceira acepção de TOMAR é *Assumir no sentido de apresentar em si; exhibir; adquirir (aspecto/estado)*. Como esquema de regime de sua combinatória sintática temos:

Quadro 37 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 13 do *corpus*

Modelização da combinatória sintática da acepção 13 de TOMAR					
13.X assume/apresenta (em si)/exibe/adquire Y (aspecto/estado)					
Esquema de regime	<table border="1"> <thead> <tr> <th>1 = X</th> <th>2 = Y</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. N 2. A_{poss}N</td> <td>1. A 2. Loc Adj. obrigatório</td> </tr> </tbody> </table>	1 = X	2 = Y	1. N 2. A _{poss} N	1. A 2. Loc Adj. obrigatório
1 = X	2 = Y				
1. N 2. A _{poss} N	1. A 2. Loc Adj. obrigatório				
Restrições do esquema de regime	<p>1) C₁ : pessoa / objeto 2) C₂ : estado / aspecto 3) C₁ sem C₂ : impossível</p> <p>Exemplos:</p> <p>C_{1.2} + C₂ + C_{3.1} : Seu rosto tomou um ar de gravidade. C_{1.1} + C₂ + C_{3.2} : A tarde tomava um aspecto cinzento. C_{1.1} + C₂ + C_{3.1} : O caso tomava proporções de escândalo.</p>				

Fonte: Elaborado pela autora.

Relativamente à acepção 13, o verbo TOMAR possui dois actantes: um primeiro, que é o sujeito e se apresentou (na estrutura oracional dos exemplos constantes nos dicionários *online*) como sintagma nominal constituído de artigo + substantivo ou constituído de substantivo antecedido por pronome possessivo adjetivo (exs. *A tarde tomava um aspecto cinzento*; *Seu rosto tomou um ar de gravidade*), e um segundo actante que funciona como um caracterizador do sujeito da frase (ex. *Tomou ares de rico*). Este actante aparece nos exemplos por um nome adjetivado (um nome seguido de um adjetivo ou de uma locução adjetiva).

A décima quarta acepção de TOMAR no *corpus* desta pesquisa é a seguinte: *Deixar-se dominar ou persuadir no sentido de ser assaltado/invadido; ser possuído (por sentimento/emoção)*. O esquema de regime e as restrições de utilização dessa acepção são:

Quadro 38 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 14 do *corpus*

Modelização da combinatória sintática da acepção 14 de TOMAR									
14.1 X deixa-se (verbo pronominal) dominar ou persuadir por Y (Y= sentimento, emoção,) na situação Z 14.2 X é assaltado/invadido/possuído por Y (Y = sentimento/emoção) na situação Z									
Esquema de regime	<table border="1"> <thead> <tr> <th>1 = X</th> <th>2 = Y</th> <th>3 = Z</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. N 2. Pron</td> <td>1. N 2. de N 3. Pron_{cl} Obrigatório</td> <td>1. de N 2. a N 3. por N 4. diante de N</td> </tr> </tbody> </table>			1 = X	2 = Y	3 = Z	1. N 2. Pron	1. N 2. de N 3. Pron _{cl} Obrigatório	1. de N 2. a N 3. por N 4. diante de N
	1 = X	2 = Y	3 = Z						
1. N 2. Pron	1. N 2. de N 3. Pron _{cl} Obrigatório	1. de N 2. a N 3. por N 4. diante de N							
Restrições do esquema de regime	1) C ₁ : pessoa 2) C ₂ : sentimento, emoção 3) C ₃ : situação 4) C ₁ sem C ₂ 5) C _{1,2} + C _{2,1} 6) C _{2,2} + C _{3,1} ou C _{3,2}								
	} impossível Exemplos: C _{1,1} + C _{2,1} + C _{3,1} : A criança tomou pavor de escuridão. C _{1,1} + C _{2,1} + C _{3,2} : Acabou tomando ódio à mulher. C _{1,1} + C _{2,3} : O ódio tomou-a. C _{1,2} + C _{2,2} : Tomar-se de susto. C _{1,2} + C _{2,2} + C _{3,3} : T.-se de amores pelo visitante. C _{1,1} + C _{2,2} + C _{3,4} : O rapaz tomou-se de dúvida diante da indiferença da jovem.								

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os exemplos constantes nos dicionários, esta acepção do verbo TOMAR parece apresentar a possibilidade de preenchimento de três posições actanciais: temos um primeiro actante, um sujeito que pode se apresentar como um sintagma nominal (*A criança tomou pavor de escuridão*) ou ser identificado através do verbo pronominal ([alguém] *Tomar-se de susto*). TOMAR apresenta também um segundo actante, que representa a experiência sensorial (emoção, sentimento) sofrida pelo sujeito. Esse actante foi representado por um sintagma nominal (*Acabou tomando ódio à mulher*) ou por um pronome clítico (exs. *O ódio tomou-a*); quando houve a pronominalização do verbo TOMAR, o actante tomou como forma um nome regido por preposição, como *de* (*Tomou-se de coragem*). Por fim, uma terceira

posição pode ser ocupada, evidenciando um actante também preposicionado: *Tomou ódio à/da mulher*, representado, assim, por um nome antecedido por preposição (no caso dos exemplos, preposições *a* ou *de*). Há, ainda, outras complementações verificadas como terceiros actantes nos exemplos de TOMAR na acepção 14, como, por exemplo, *Deixar-se envolver/possuir por sentimento “diante de determinada situação”* (“diante de N”).

A décima quinta acepção de TOMAR tem como expressão de sentido: *Aceitar no sentido de receber (recompensa/favor/merecimento)*. Como esquema de regime e suas restrições de uso, temos o que segue.

Quadro 39 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 15 do *corpus*

Modelização da combinatória sintática da acepção 15 de TOMAR									
15.X aceitar/ recebe Y (Y= recompensa/favor/merecimento) de Z									
Esquema de regime	<table border="1"> <thead> <tr> <th>1 = X</th> <th>2 = Y</th> <th>3 = Z</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. N</td> <td>1. N 2. NLoc Adj obrigatório</td> <td>1. de N</td> </tr> </tbody> </table>			1 = X	2 = Y	3 = Z	1. N	1. N 2. NLoc Adj obrigatório	1. de N
	1 = X	2 = Y	3 = Z						
1. N	1. N 2. NLoc Adj obrigatório	1. de N							
Restrições do esquema de regime	1) C ₁ : pessoa 2) C ₂ : objeto 3) C ₃ : pessoa ou grupo 4) C _{2.1} + C ₃ : desejável 5) C ₁ sem C ₂ : impossível 6) C _{2.2} + C ₃ : impossível								
	Exemplos: C ₁ + C ₂ + C ₃ : O rapaz tomou os donativos do benfeitor. C ₁ + C ₂ + C ³ : O rapaz tomou hábitos de monge.								

Fonte: Elaborado pela autora.

Para expressar o sentido manifesto na acepção 15, TOMAR pode seleccionar até três actantes. Na combinatória sintática desta acepção, temos, em uma oração como *O rapaz tomou os donativos do benfeitor*, um primeiro actante, sujeito da oração, representado na construção oracional por meio de um sintagma nominal, quando expresso foneticamente; há também um segundo actante, de carácter obrigatório, complemento objeto direto do verbo, representado também por sintagma nominal (ex. *Tomou o donativo*); por fim, há um terceiro actante que se realiza por um nome regido pela preposição *de* (ex. *Tomou o donativo do*

benfeitor). Em uma construção como *O rapaz tomou hábito de monge*, um dos exemplos constantes nos dicionários examinados, TOMAR seleciona apenas dois actantes, um sujeito materializado por meio de um sintagma nominal, e um segundo actante, complemento objeto direto do verbo, que se apresenta na construção oracional como um sintagma nominal, cujo núcleo é um substantivo; este, por sua vez, seleciona um sintagma preposicionado que assume função adjetiva, pois especifica, qualifica, o nome a que se refere: *Tomou hábito de monge*.

A décima sexta acepção de TOMAR se constrói com o sentido: *Receber no sentido de levar maus-tratos (físicos e/ou morais); ser vítima de agressão*. Esta acepção tem como esquema de regime de sua combinatória sintática:

Quadro 40 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 16 do *corpus*

Modelização da combinatória sintática da acepção 16 de TOMAR									
16.1 X recebe, leva Y (Y= maus-tratos físicos e/ou morais)									
16.1 X recebe, leva Y (Y= maus-tratos físicos e/ou morais) pela razão Z.									
Esquema de regime	<table border="1"> <thead> <tr> <th>1 = X</th> <th>2 = Y</th> <th>3 = Z</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. N</td> <td>1. N 2. N+Loc.Adj. obrigatório</td> <td>1. por V_{inf} PROP</td> </tr> </tbody> </table>			1 = X	2 = Y	3 = Z	1. N	1. N 2. N+Loc.Adj. obrigatório	1. por V _{inf} PROP
	1 = X	2 = Y	3 = Z						
1. N	1. N 2. N+Loc.Adj. obrigatório	1. por V _{inf} PROP							
Restrições do esquema de regime	1) C ₁ : pessoa 2) C ₂ : tipo de agressão 3) C ₃ : razão ou motivo 4) C ₁ sem C ₂ : impossível 5) C ₂ + C _{3.1} : desejável Exemplos: C ₁ + C ₂ + C _{3.1} : O menino tomou um beliscão do coleguinha. C ₂ : Tomou uma surra. C ₂ + C _{3.2} : Tomou uma carraspana por ter chegado tarde.								

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesta acepção, temos TOMAR como um verbo que pode selecionar até três actantes. O primeiro actante é o sujeito do verbo, realizado em um dos exemplos examinados como sintagma nominal (ex. *O bandido tomou uns tapas*). Como segundo actante, há um complemento objeto direto que aparece na oração também como sintagma nominal (ex. *Tomou uma surra*); este actante é de expressão obrigatória. Por fim, o terceiro actante pode se realizar quando está evidenciada a causa da agressão sofrida pelo sujeito (Z = por V_{inf} PROP, ex. *Tomou uma carraspana por chegar tarde*) ou como no exemplo *Tomou um beliscão do*

coleguinha, em que o sintagma preposicionado [*do coleguinha*] representa o actante objeto indireto, pois o sentido que o verbo TOMAR veicula nesse exemplo pode ser parafraseado por ‘receber, ser atingido por [algo] ou [alguém]’.

A décima sétima acepção de TOMAR, em nosso *corpus*, se configura como: *Interpretar no sentido de considerar; entender algo (de uma certa forma)*. Seu esquema de regime e suas restrições de uso são:

Quadro 41 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 17 do *corpus*

Modelização da combinatória sintática da acepção 17 de TOMAR									
17. X interpreta/ considera/entender Y de maneira Z.									
Esquema de regime	<table border="1"> <thead> <tr> <th>1 = X</th> <th>2 = Y</th> <th>3 = Z</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. N</td> <td>1. N 2. Cl_{acus} obrigatório</td> <td>1. em N 2. por N obrigatório</td> </tr> </tbody> </table>			1 = X	2 = Y	3 = Z	1. N	1. N 2. Cl _{acus} obrigatório	1. em N 2. por N obrigatório
	1 = X	2 = Y	3 = Z						
1. N	1. N 2. Cl _{acus} obrigatório	1. em N 2. por N obrigatório							
Restrições do esquema de regime	1) C ₁ : pessoa 2) C ₂ : pessoa ou objeto 3) C ₃ : avaliação psicológica/abstrata 4) C ₁ sem C ₂ e C ₃ : impossível Exemplos: C ₁ + C _{2,1} + C _{3,1} : O aluno tomou as frases em sentido figurado. C _{2,2} + C _{3,2} : Tomou-a por ingênua.								

Fonte: Elaborado pela autora.

Neste sentido expresso por TOMAR, defendemos a ideia de que o verbo seleciona um primeiro actante, que se apresenta por meio de um sintagma nominal o qual exerce a função de sujeito (ex. *O indivíduo tomou as palavras no seu sentido literal*); seleciona também um segundo actante, complemento objeto direto, que se realiza na oração como sintagma nominal ou como pronome clítico (ex. *Tomei essas palavras em acepção figurada; Tomei-a por ingênua*); por fim, seleciona um terceiro actante, responsável por expressar o sentido “de alguma maneira/ de certa forma”. Esse actante aparece na oração como um sintagma preposicionado: “em N” ou “por N” (ex. *Tomei sua frase em sentido figurado*).

A décima oitava e última acepção de TOMAR é a seguinte: *Julgar no sentido de formar uma ideia/concepção; levar algo em consideração*. Seu esquema de regime e restrições de uso, aqui modelizados a fim de evidenciar sua combinatória sintática, são:

Quadro 42 - Esquema de regime e restrições de TOMAR - acepção 18 do *corpus*

Modelização da combinatória sintática da acepção 18 de TOMAR											
18.X julga/considera Y de maneira Z											
Esquema de regime	<table border="1"> <thead> <tr> <th>1 = X</th> <th>2 = Y</th> <th>3 = Z</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. N</td> <td>1. N 2. Pron_{indef}</td> <td>1. como N 2. Adv</td> </tr> <tr> <td></td> <td>obrigatório</td> <td>obrigatório</td> </tr> </tbody> </table>		1 = X	2 = Y	3 = Z	1. N	1. N 2. Pron _{indef}	1. como N 2. Adv		obrigatório	obrigatório
1 = X	2 = Y	3 = Z									
1. N	1. N 2. Pron _{indef}	1. como N 2. Adv									
	obrigatório	obrigatório									
Restrições do esquema de regime	1) C ₁ : pessoa 2) C ₂ : pessoa ou objeto 3) C ₃ : avaliação psicológica/abstrata 4) C ₁ sem C ₂ e C ₃ : impossível Exemplos: C ₁ + C _{2.1} + C _{3.1} : A mulher tomou o gesto como ofensa. C _{2.2} + C _{3.2} : Toma tudo seriamente.										

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesta última acepção, o verbo TOMAR seleciona três actantes. O primeiro actante desta acepção de TOMAR exerce a função de sujeito e aparece na forma de um sintagma nominal ou implícito na desinência verbal. O segundo actante é o complemento objeto direto selecionado pelo verbo que se materializa nas construções oracionais como um sintagma nominal (ex. *Tomei o gesto como ofensa*). O terceiro actante aparece expresso por meio de um sintagma preposicional, encabeçado pela preposição *como* (*Tomei o gesto como ofensa*), por exemplo, ou como um advérbio que, no exemplo aqui examinado, é responsável por expressar a maneira como a análise psicológica que o sujeito faz de “tudo” acontece (ex. *Toma tudo seriamente*).

Finalizada a apresentação da combinatória sintática das 18 acepções do verbo polissêmico TOMAR, é importante lembrar, como vimos no Capítulo 2 (seção 2.4), que uma das críticas feitas por Biderman (2000: 51) ao dicionário *Aurélio* foi o fato de o lexicógrafo da obra ter priorizado a sintaxe em detrimento da semântica. Para a autora, uma vez estabelecido o critério sintático como o norteador principal para a descrição das acepções de uma palavra polissêmica, isto obrigou *Aurélio* “a idas e vindas no estabelecimento das acepções porque deu prioridade a forma sintática” (BIDERMAN, 2000: 51).

Por este motivo, tomaremos a combinatória sintática que acabamos de apresentar para as 18 acepções de TOMAR como um fator importante na nossa proposição de organização das acepções do verbete de TOMAR, mas, ainda assim, um fator secundário. Isto porque a combinatória lexical, como evidenciado na apresentação de nossa fundamentação teórica, desempenha um papel determinante para a compreensão dos múltiplos sentidos que podem emergir quando analisamos um verbo polissêmico. Em consequência disso, consideraremos a combinatória lexical como o primeiro fator para a proposição de uma nova organização do verbete do verbo TOMAR, visto que a combinatória lexical, por meio das funções lexicais, poderá sinalizar mais claramente quais acepções de TOMAR se aproximam, ou seja, mantêm um vínculo semântico aparente entre si, e quais as que se distanciam. O segundo fator que levaremos em conta será a combinatória sintática. As informações que acabamos de mostrar em relação ao esquema de regime e às suas restrições de uso serão fundamentais para organizar a disposição dos “grupos” aproximados pelos sentidos.

Feitas essas considerações antecipatórias em relação à proposta de organização do verbete de TOMAR que será mostrada mais adiante, passemos à apresentação da combinatória lexical das acepções aqui analisadas.

5.2.2 As acepções de TOMAR e sua combinatória lexical

Com o objetivo de aproximar ou distanciar as 18 acepções do verbo TOMAR que analisamos neste trabalho, apresentaremos nesta seção a modelização da combinatória lexical de cada uma das acepções. Esta modelização ocorrerá através da aplicação das funções lexicais, tal como foram apresentadas no Capítulo 3 (seção 3.2).

A fim de atingir este objetivo, primeiramente, retomaremos brevemente nesta seção os conceitos que envolvem a atividade linguística do Locutor, já apresentados no Capítulo 4 (seção 4.5). Na sequência, apresentaremos a modelização efetiva das acepções de TOMAR por meio das funções lexicais do MST.

Como vimos, segundo Mel'čuk (2015), toda unidade lexical possui dois tipos de correlatos lexicais (unidades lexicais que estão em contato com uma unidade lexical previamente selecionada): os derivados semânticos e os colocados.

Os derivados semânticos aparecem no eixo paradigmático, ou seja, quando em determinado paradigma o Locutor seleciona a unidade lexical que melhor se adéqua ao seu discurso. Os colocados, por sua vez, aparecem no eixo sintagmático, ou seja, levando em consideração a unidade lexical já selecionada, o Locutor escolhe entre as unidades lexicais

possíveis aquela com a qual a primeira pode se combinar para expressar este ou aquele sentido. Na seção 5.2.1 apresentamos o esquema de regime e as respectivas restrições que o verbo TOMAR impõe aos actantes sintáticos selecionados para expressar este ou aquele sentido. Esses actantes mapeiam as dependências sintáticas de uma unidade lexical (sujeito, complemento do verbo etc.).

No que diz respeito ao verbo TOMAR, o que parece estabelecer sua expressiva polissemia, ou pelo menos contribuir para o surgimento de suas múltiplas acepções, são, justamente, os elementos que acompanham o verbo TOMAR, que participam da combinatória que esse verbo pode estabelecer com outros lexemas.

A relação estabelecida entre TOMAR e as unidades lexicais que este verbo seleciona pode ser modelizada através das funções lexicais (FLs). Como afirma Mel'čuk (2015: 157), as FLs são ferramentas compactas e formais capazes de descrever e simbolizar as relações sintagmáticas e paradigmáticas estabelecidas entre as unidades lexicais. Tendo essa perspectiva em mente, passamos a apresentar a modelização da combinatória lexical dos sentidos expressos pelas 18 acepções de TOMAR que fazem parte do *corpus* desta pesquisa.

ACEPÇÃO 1

‘Utilizar no sentido de fazer uso (de); servir-se (de); lançar mão (de)’

Com relação à acepção 1, os dicionários *on-line* examinados nesta dissertação apresentam os exemplos listados no quadro a seguir.

No.	EXEMPLOS - ACEPÇÃO 1	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	Tomei -o para meu criado.	(<i>Aberto</i>)
2	Tomou a montaria que lhe pareceu melhor.	(<i>Houaiss</i>)
3	Os voluntários tomaram as roupas usadas para vestir os desabrigados.	(<i>Michaelis</i>)
4	Na praia, tomou um enorme guarda-sol para proteger sua pele nórdica.	(<i>Michaelis</i>)

As formas proposicionais, que representam os actantes semânticos (as variáveis X, Y, Z..., como mostramos no Capítulo 5, seção 5.2.1) de TOMAR na acepção 1, conforme os exemplos constantes no quadro acima, são apresentadas a seguir. É importante esclarecer que o símbolo “~” sinaliza o lugar em que o lexema que está sendo descrito aparece na forma proposicional.

No.	Formas proposicionais correspondentes ao sentido dos exemplos – acepção 1	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	A pessoa X [=N] ~ a pessoa Y [=N] com a finalidade Z (escravizar Y).	(Aberto)
2	A pessoa X [=N] ~ o objeto Y [=N] (montaria) em razão de Z (parecer melhor).	(Houaiss)
3	A pessoa X [=N] ~ o objeto Y [=N] (roupas usadas) com a finalidade Z (vestir os desabrigados).	(Michaelis)
4	A pessoa X [=N] ~ o objeto Y (enorme guarda-sol) com a finalidade Z (proteger sua pele nórdica) em um lugar W na praia.	(Michaelis)

Na acepção 1, TOMAR se realiza como um verbo pleno e expressa um sentido sinônimo ou quase sinônimo de *pegar*. Neste caso, o verbo TOMAR seleciona um actante que, conforme os exemplos dos dicionários, é um complemento direto do verbo; também há um segundo actante que, no caso do português, pode ser elidido (como vimos na seção 5.2.1). Como nesta acepção o sentido expresso por TOMAR é o de realização, sua modelização pode ser apresentada por meio de funções lexicais que caracterizam esse tipo de verbo. Os verbos de realização têm como palavra-chave um objeto qualquer. Nesse caso, é suposto ou esperado que alguém realize a ação de “tomar” ou “pegar” um objeto para fazer uso dele. Segundo Mel’čuk (2015: 228), porém, nomes concretos como palavras-chaves de verbos de realização são, necessariamente, quase-predicados. Como vimos no Capítulo 3, na seção 3.2.1, quando apresentamos como se organiza a zona de combinatória sintática, quase-predicados são unidades lexicais que denotam entidades e selecionam actantes.

Voltando à acepção 1 do *corpus* desta pesquisa, considerando as palavras-chave dos exemplos em questão (*montarias, roupas, guarda-sol*), pensamos ser possível expressar o sentido das palavras-chave lançando mão da definição do oitavo tipo de quase-predicado, identificado pelos autores, como “*instrumento utilizado por qualquer um para fazer P*”. Para Mel’čuk e Polguère (2008: 7), o oitavo tipo de quase-predicado é:

Qualquer nome de artefato (ou seja, um objeto fabricado ou transformado para um uso específico) necessariamente controla uma primeira posição actancial correspondente àquela que está trabalhando ou ativamente utilizando o artefato em questão. Um nome de artefato também pode controlar outras posições actanciais,

incluindo uma segunda posição para entidades às quais o artefato é aplicado. (MEL'ČUK E POLGUÈRE, 2008: 7, tradução nossa)⁸³.

Assim, para a acepção '*utilizar; fazer uso (de); servir-se (de); lançar mão (de)*', que denota claramente o sentido de "realização", a função lexical *standard* sintagmática que se aplica é *Real*, por tomar a sua palavra-chave (um quase-predicado) como seu complemento (objeto) direto:

Real (guarda-sol) = UTILIZAR, TOMAR [ART ~]

Dado o fato de que, além desta acepção de TOMAR selecionar como actantes objetos (roupas, guarda-sol etc.), TOMAR seleciona como actante também um indivíduo, uma pessoa (caso do primeiro exemplo: *Tomei-o para meu criado*), é preciso ainda indicar como tal sentido pode ser modelizado. Uma vez que o sentido desta acepção é *Utilizar no sentido de fazer uso (de); servir-se (de); lançar mão (de)*, podemos argumentar que se trata de uma acepção que veicula o sentido *Servir-se de uma pessoa que presta serviços domésticos em casa e/ou propriedade alheia; utilizar como empregado*. Neste caso, parece ser necessária a proposição de uma função não *standard* capaz de expressar a combinatória de TOMAR com *pessoa que presta serviços domésticos*, expressando a noção de *servir-se* (de alguém). Deste modo, temos como função lexical não *standard*:

Servir-se de Y (Y = pessoa que presta serviços domésticos em casa e/ou propriedade alheia : A pessoa X ~ a pessoa Y para o fato Z (ser um criado, um empregado doméstico).

A modelização desse exemplo, contido na acepção 1 de TOMAR, realizada por meio de uma função lexical não *standard*, torna mais evidente que se trata de um sentido particular desta acepção, porque envolve um indivíduo e não um objeto, como nos exemplos 2, 3 e 4. Entretanto, a função *Real* também poderia ser aplicada neste caso, pois é a função lexical que tipifica verbos de realização. Por essa razão, em nossa síntese dessa análise,

⁸³ Tout nom d'artefact (c'est-à-dire d'objet fabriqué ou transformé pour une utilisation particulière) contrôlé nécessairement une première position actancielle correspondent à celui qui fait fonctionner ou qui utilise activement l'artefact en question. Un nom d'artefact peut aussi contrôler d'autres positions actancielle, notamment une seconde position pour les entités auxquelles l'artefact est appliqué. (MEL'ČUK E POLGUÈRE, 2008a: 7).

consideraremos que esse sentido, assim como os demais sentidos veiculados nesta acepção, pode ser modelizado também por Real.

ACEPÇÃO 2

‘Agarrar no sentido de pegar (em); segurar; prender; empunhar; sustentar; segurar’

Ao todo foram localizados 15 exemplos, em quatro dos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa, que exemplificam o sentido expresso pela acepção 2, como se vê no quadro abaixo.

No.	EXEMPLOS - ACEPÇÃO 2	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	Ana tomou o braço da mãe para ajudá-la.	(<i>Aulete</i>)
2	No meio do tumulto, tomei a menina no colo.	(<i>Aulete</i>)
3	T. armas em defesa de uma causa.	(<i>Houaiss</i>)
4	Tomou da bengala e saiu à rua.	(<i>Houaiss</i>)
5	T. da caneta para escrever.	(<i>Houaiss</i>)
6	Para acompanhar o avô, tomou -lhe a mão.	(<i>Houaiss</i>)
7	Tomou o filho pela mão.	(<i>Houaiss</i>)
8	T. o dicionário (nas mãos).	(<i>Houaiss</i>)
9	“Aurélia examinou a conta corrente; tomou uma pena e fez com facilidade o cálculo dos juros. – Está exato”.	(<i>Michaelis</i>)
10	“A dois dias de regressar ao Rio, chegou um telegrama, o carimbo urgente. Tomou do envelope, suspirou, e disse, antes de passá-lo à secretária: nunca deixam em paz o homem de fortuna”.	(<i>Michaelis</i>)
11	O ladrão quis fugir, mas o policial tomou o seu braço com força.	(<i>Michaelis</i>)
12	A avó tomou a criança e a colocou no berço.	(<i>Michaelis</i>)
13	O bombeiro tomou nos braços o ferido.	(<i>Michaelis</i>)
14	Tomou a bolsa e saiu.	(<i>Online</i>)

A forma proposicional de cada um dos exemplos é apresentada, respectivamente, a seguir.

No.	Formas proposicionais correspondentes aos exemplos – acepção 2	Dicionários <i>on-line</i> de LP
1	A pessoa X [=N] ~ a parte do corpo Y [=N (o braço)] de Z [=N sua mãe]	(<i>Aulete</i>)

	com a finalidade W (ajudar Z)	
2	A pessoa X [= N] ~ a pessoa Y (a menina) em Z [<i>em</i> N (no colo)] na situação W (no meio do tumulto)	(<i>Aulete</i>)
3	[Alguém] X ~ o objeto Y (armas) em razão de Z (defesa de uma causa).	(<i>Houaiss</i>)
4	[Alguém] X ~ (d)o objeto Y (da bengala) e fez Z (X saiu à rua).	(<i>Houaiss</i>)
5	[Alguém] X ~ (d)o objeto Y (da caneta) com a finalidade Z (escrever).	(<i>Houaiss</i>)
6	A pessoa X [=N] ~ parte do corpo Y [=N (a mão)] de Z [= N (o avô)] com a finalidade W (para acompanhar)	(<i>Houaiss</i>)
7	A pessoa X [=N] ~ a pessoa Y [=N (a menina)] da maneira Z [= por N (pela mão)]	(<i>Houaiss</i>)
8	[Alguém] X ~ Y [=N (objeto= dicionário)] em Z (+locativo = nas mãos)	(<i>Houaiss</i>)
9	[Alguém] X ~Y (objeto = uma pena) e X fez Y (ação = o cálculo dos juros) de certa maneira Z [<i>com</i> N (com facilidade)]	(<i>Michaelis</i>)
10	A pessoa X ~ (d)o objeto Y (do envelope)	(<i>Michaelis</i>)
11	A pessoa X [=N] ~ a parte do corpo Y [=N (o braço)] da maneira Z (com força)	(<i>Michaelis</i>)
12	A pessoa X [=N] ~ a pessoa Y (a criança) com a finalidade Z (colocá-la no berço)	(<i>Michaelis</i>)
13	A pessoa X [=N] ~ a pessoa Y (o ferido) em Z [<i>em</i> N (nos braços)]	(<i>Michaelis</i>)
14	A pessoa X [=N] ~ o objeto Y (a bolsa)	(<i>Online</i>)

Nesta acepção, tem-se um sentido muito aproximado do sentido expresso na acepção 1. Trata-se de TOMAR como verbo que adota como complemento um objeto direto; este complemento pode denotar um objeto mais concreto, considerado, de acordo com Mel'čuk e Polguère (2008), como um quase-predicado ou, ainda dentro dos tipos de quase-predicado, o terceiro listado por Mel'čuk e Polguère (2008): (3.Indivíduo que está em uma relação P com outrem (ex. mãe, vizinho), que, pelo menos no que diz respeito aos exemplos elencados nos dicionários; apresenta este sentido. Poderia se afirmar que há, no entanto, uma elevação na intensidade do sentido, em relação à acepção 1, uma ideia de reforço do sentido de *pegar*. Deste modo, a modelização de tal acepção se dá, novamente, através da função *Real*, mas, para expressar esse sentido de intensificação da ação de TOMAR, precisamos lançar mão de uma função lexical complexa. Dá-se a união da função *Real* (por ter a palavra-chave como complemento direto) ou da função *Labreal* (quando a palavra-chave aparece como seu complemento indireto) com a função *Magn*, função adverbial intensificadora.

Assim, a modelização do sentido da acepção 2 pode ser como segue:

RealMagn (*dicionário*) = SEGURAR, TOMAR [ART ~]
 LabrealMagn (*caneta*) = SEGURAR, TOMAR [de ART ~]

ACEPÇÃO 3

‘Roubar no sentido de arrematar; tirar (algo) de alguém; apossar-se (de); arrebatado; furtar; subtrair; usurpar.’

Os exemplos da acepção 3 constantes em dois dos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa analisados nesta pesquisa são:

No.	EXEMPLOS - ACEPÇÃO 3	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	Costumava t. nossos brinquedos.	(<i>Houaiss</i>)
2	Fraudulentamente, tomou da irmã parte de sua herança.	(<i>Houaiss</i>)
3	Tomou , na surdina, todos os ingressos para o concerto.	(<i>Michaelis</i>)
4	O bandido tomou da pobre velhinha o pacote e fugiu.	(<i>Michaelis</i>)

A forma proposicional de cada um dos exemplos é apresentada, respectivamente, a seguir.

No.	Formas proposicionais correspondentes aos exemplos – acepção 3	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	[Alguém] X costumava ~ o objeto Y (brinquedos) de Z (Pron _{poss} = nossos).	(<i>Houaiss</i>)
2	[Alguém] X ~ o objeto Y (parte de sua herança) d(o) indivíduo Z (da irmã) de maneira W (fraudulentamente)	(<i>Houaiss</i>)
3	[Alguém] X ~ o objeto Y (todos os ingressos) para Z (N= o concerto) de maneira W (na surdina)	(<i>Michaelis</i>)
4	A pessoa X [=N] ~ o objeto Y (o pacote) de Z [= N (a pobre velhinha)]	(<i>Michaelis</i>)

Em consonância com as duas primeiras acepções, a acepção 3 ainda pode ter como sinônimo o verbo PEGAR ou, pelo menos, os sentidos de “realização” aproximados deste verbo. No caso desta acepção, porém, trata-se de pegar algo não apenas para empunhá-lo, segurá-lo ou sustentá-lo, mas para furtá-lo, para roubá-lo, ou seja, ‘pegar/tomar algo de forma

furtiva, fraudulenta”. Assim, deve-se indicar como palavra-chave genérica “objeto alheio”, isto é, ‘que é de outrem, que pertence a outrem’, porque, na acepção 3, trata-se de *tomar/pegar* algo de alguém, ou seja, um objeto “alheio”, de maneira fraudulenta. Isto significa que a palavra-chave “objeto alheio” designará o objeto roubado ou produto de roubo, que poderá ser discriminado na apresentação da função lexical, como se vê abaixo.

Real (*objeto alheio*) = ROUBAR, FURTAR, TOMAR [ART ~]
 Real (*relógio*) = ROUBAR, FURTAR, TOMAR [ART ~] (O bandido tomou o relógio de Ny)

Observe-se que a noção de ‘roubo’ é atualizada no contexto pela designação do indivíduo que realizou a ação (*bandido*) ou por uma estrutura adverbial de modo (‘*na surdina*’, *fraudulentamente*)⁸⁴.

ACEPÇÃO 4

‘*Confiscar no sentido de capturar; apreender*’

Os exemplos da acepção 4 constantes em dois dos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa analisados nesta pesquisa são:

No.	EXEMPLOS –ACEPÇÃO 4	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	A polícia tomou o contrabando de cocaína.	(<i>Houaiss</i>)
2	A patrulha rapidamente tomou os detentos fugidos.	(<i>Houaiss</i>)
3	A polícia tomou toda a mercadoria roubada.	(<i>Michaelis</i>)

A forma proposicional de cada um dos exemplos é apresentada, respectivamente, a seguir.

No.	Formas proposicionais correspondentes aos exemplos – acepção 4	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	A pessoa X [=N] ~ o objeto Y (N = o contrabando de cocaína)	(<i>Houaiss</i>)

⁸⁴ “No caso da expressão de modo acrescida ao verbo *tomar*, nesta acepção, *de maneira fraudulenta, fraudulentamente, na surdina*, não há necessariamente a imposição de que tal informação seja modelizada por meio de uma função lexical, pois esse tipo de informação adverbial pode ou não aparecer na construção frasal. Nesse sentido, nesta acepção específica, não se trata de uma informação adverbial indispensável para que se compreenda o sentido expresso pelo verbo (diferentemente de uma informação adverbial de *lugar* com o verbo *ir*, por exemplo). Inclusive, conforme Mel’čuk (2015): “A modificação não é tipicamente controlada pela valência do regente sintático [da sentença]; isso significa que os modificadores de uma forma de palavra *w* não são, geralmente, especificados na entrada lexical de *L(w)*”. (MEL’ČUK, 2015: 442, tradução nossa).

2	A pessoa X [=N] ~ o objeto Y (N = os detentos fugidos) de maneira Z (rapidamente)	(<i>Houaiss</i>)
3	A pessoa X [=N] ~ o objeto Y (N = toda a mercadoria roubada)	(<i>Michaelis</i>)

Ao observar os exemplos encontrados nos dicionários *on-line* de língua portuguesa para essa acepção, fica claro que as funções lexicais que modelizam o sentido dizem respeito aos verbos de realização, os quais, como vimos, têm, como palavra-chave de suas construções, nomes (abstratos ou concretos) que possuem em sua definição as ideias de “requerimento”, “suposto a”, no sentido de que espera-se que uma determinada ação seja feita a partir desta palavra-chave. Assim, tendo em conta as palavras-chave dos verbos realizacionais, os exemplos desta acepção se aproximam dessas palavras-chave, já que, a título de exemplificação, é esperado que um “contrabando”, um “bandido” e uma “mercadoria roubada” sejam apreendidos/tomados. As palavras-chave destes verbos são nomes de artefatos, instituições ou órgãos (MEL’ČUK, 2015: 227), e, no caso do primeiro exemplo em que a palavra-chave é “contrabando”, o que se supõe é que o contrabando seja: 1- praticado (pelos bandidos → roubado), 2- apreendido (pelos policiais → tomado). Por este motivo, o número 2 subscrito à função indica que se trata do segundo sentido para a palavra-chave. Assim, esta acepção aproxima-se das primeiras acepções (1, 2 e 3), por também ser modelizada pela função *Real*, devido ao sentido denotado pelo complemento do verbo TOMAR. Além disso, pelo fato de, mais uma vez, TOMAR ter como palavra-chave um complemento objeto direto e, sendo um nome concreto, ser um quase-predicado.

Real ₂ (<i>contrabando</i>) = CAPTURAR, CONFISCAR, TOMAR [ART ~]

ACEPÇÃO 5

‘Conquistar (território) no sentido de apoderar-se (de) (por força/violência); promover a conquista ou a invasão (de)’

Os exemplos da acepção 5 constantes em quatro dos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa analisados nesta pesquisa são:

No.	EXEMPLOS – ACEPÇÃO 5	Dicionário <i>on-line</i> de LP
-----	----------------------	---------------------------------

1	Os invasores tomaram a cidade.	(<i>Aulete</i>)
2	T. uma cidadela.	(<i>Houaiss</i>)
3	Piratas tomaram de assalto a nau.	(<i>Houaiss</i>)
4	Os piratas somalis já tomaram vários navios mercantes estrangeiros	(<i>Michaelis</i>)

A forma proposicional de cada um dos exemplos é apresentada a seguir.

No.	Formas proposicionais correspondentes aos exemplos – acepção 5	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	A pessoa X [=N _{plural}] ~ o objeto Y [= N cidade].	(<i>Aulete</i>)
2	[Alguém] X [=N] ~ o objeto Y [=N cidadela]	(<i>Houaiss</i>)
3	Piratas tomaram de assalto a nau.	(<i>Houaiss</i>)
4	A pessoa X [=N _{plural}] ~ o objeto Y (navios mercantes estrangeiros)	(<i>Michaelis</i>)

Essa acepção também apresenta o mesmo tipo de sentido das quatro primeiras acepções que acabamos de mostrar. Trata-se de um verbo que seleciona como complemento direto a sua palavra-chave. A palavra-chave desta acepção designa um território, uma cidade, uma posse habitável. Aproxima-se, tal acepção, da acepção 3 no sentido de ‘alguém violar uma propriedade que pertence a outro indivíduo’. Levando em consideração que, como apresentado nos exemplos analisados, esta acepção tem como palavra-chave um termo locativo (geralmente um território, como cidade), consideramos necessário apresentar duas funções lexicais para modelizar esta acepção de TOMAR, a função *Real* e a função *Loc*. Deste modo, a função responsável por representar a acepção 5 de TOMAR é uma função complexa. Assim, temos a seguinte modelização para este sentido de TOMAR:

$RealLoc$ (<i>território alheio</i>) = CONQUISTAR, INVADIR, TOMAR [ART ~] $RealLoc$ (<i>navio</i>) = CONQUISTAR, INVADIR, TOMAR [ART ~] $RealLoc$ (<i>cidade</i>) = CONQUISTAR, INVADIR, TOMAR [ART ~] (Os invasores tomaram a cidade deNy)

ACEPÇÃO 6

‘Absorver no sentido de beber; engolir; comer; ingerir (alimento, líquido ou sólido, medicamento)’

Os exemplos da acepção 6 constantes em quatro dos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa analisados nesta pesquisa são:

No.	EXEMPLOS - ACEPÇÃO 6	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	Tomar uma limonada.	(<i>Aberto</i>)
2	O padre costumava tomar as refeições na varanda.	(<i>Aulete</i>)
3	Só vai sair se tomar todo o copo de suco.	(<i>Aulete</i>)
4	T. uma refeição.	(<i>Houaiss</i>)
5	T. chá.	(<i>Houaiss</i>)
6	T. um xarope.	(<i>Houaiss</i>)
7	“Deu uma volta pela sala, foi ao aparador, tomou alguns goles de água e, procurando mudar de conversa, falou do baile que havia essa noite em casa do Melo”.	(<i>Michaelis</i>).
8	Tomou vários remédios.	(<i>Online</i>)

A forma proposicional de cada um dos exemplos é apresentada a seguir.

No.	Formas proposicionais correspondentes aos exemplos – acepção 6	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	[Alguém] X [=N] ~ um líquido N (limonada).	(<i>Aberto</i>)
2	A pessoa X [=N] ~ uma substância sólida N (refeição) no lugar Z (locativo = na varanda)	(<i>Aulete</i>)
3	A pessoa X [=N] ~ um líquido N (todo o copo de suco).	(<i>Aulete</i>)
4	[Alguém] X [=N] ~ uma substância sólida N (refeição).	(<i>Houaiss</i>)
5	[Alguém] X [=N] ~ um líquido N (chá).	(<i>Houaiss</i>)
6	[Alguém] X [=N] ~ um líquido N (xarope = medicamento)	(<i>Houaiss</i>)
7	A pessoa X [=N] ~ um líquido N (alguns goles de água)	(<i>Michaelis</i>).
8	A pessoa X [=N] ~ uma substância N (medicamento = vários remédios)	(<i>Online</i>)

Como se observa nos exemplos e nas respectivas paráfrases, a acepção 6 do nosso *corpus* parece se afastar, aparentemente, do sentido das cinco anteriores. Temos agora o sentido de ‘*absorver; beber; engolir; comer; ingerir (alimento, líquido ou sólido, medicamento)*’.

Esta acepção não carrega, como acontece com as acepções 1 a 5, as mesmas atualizações de sentido do verbo *pegar*, que também é polissêmico, quando designa “*utilizar*”,

“segurar”, “empunhar”, “roubar”, “confiscar”. Trata-se de um novo sentido, o qual carrega em si um significado próximo ao de *absorver*, *ingerir*. Ainda se trata, no entanto, de um verbo pleno que, dadas as construções exemplificativas desta acepção, não é esvaziado de sentido, mas capaz, até, de ser substituído por um sinônimo ou quase sinônimo (*beber*, *ingerir*, *absorver*).

O que diferencia formalmente, porém, tal acepção das anteriores, é o fato de que, para acompanhar um verbo de realização, a palavra-chave de tal construção precisa ser um quase-predicado (MEL'ČUK, 2015: 228), isto é, conforme Mel'čuk e Polguère (2008: 6), ser uma entidade que demanda actantes. No caso da construção com verbo TOMAR + *substância ingerível* isso não acontece. Neste caso, a palavra-chave da construção será um “nome semântico”, uma entidade, logo, um objeto que não demanda actantes; não se encaixa em tipos de quase-predicados, como os apontados nas palavras-chave de TOMAR das acepções 1 a 5; isso porque a palavra-chave de TOMAR, nesta acepção, não consiste em um determinado artefato construído para ser “utilizado por N para fazer algo”. A palavra-chave desta acepção (*água*, *chá*, *suco*, *sopa* etc.) será um objeto capaz de ser absorvido, ingerido, mas não utilizado.

Assim, não temos uma função lexical *standard* capaz de modelizar a acepção 6 deste *corpus*. Não se trata de uma função lexical para verbo suporte (porque o verbo TOMAR aqui não é esvaziado de sentido), nem para *phasal verbs* (verbos que, conforme Mel'čuk (2015), denotam aspectos temporais (fases) como *iniciar*, *continuar*, *cessar*); ou verbos de “causação” que, conforme Mel'čuk (2015: 224), indicam causa sem indicar resultado.

Nesta acepção, parece ser necessária a proposição de uma função não *standard*, capaz de expressar a combinatória de TOMAR com alimento ingerível, expressando a noção de *absorver* (*beber*, *comer*). Deste modo, temos como função lexical não *standard*:

Absorver Y [por via oral] (Y = alimento ou remédio, líquido ou sólido) : TOMAR ~

ACEPÇÃO 7

‘Embebedar-se no sentido de consumir bebida alcoólica em excesso; embriagar-se’

Os exemplos da aceção 7 constantes em quatro dos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa analisados nesta pesquisa são:

No.	EXEMPLOS - ACEPÇÃO 7	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	T.-se de cerveja.	<i>(Houaiss)</i>
2	O pobre homem toma-se de cachaça todos os dias.	<i>(Michaelis)</i>
3	O sujeito não parece bem, eu acho que ele tomou .	<i>(Priberam)</i>
4	Tomar-se de rum.	<i>(Priberam)</i>

A forma proposicional de cada um dos exemplos é apresentada, respectivamente, a seguir.

No.	Formas proposicionais correspondentes aos exemplos – aceção 7	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	A pessoa X [= N] ~ em excesso o líquido Y (cerveja)	<i>(Houaiss)</i>
2	A pessoa X [= N] ~ diariamente o líquido Y (cachaça)	<i>(Michaelis)</i>
3	A pessoa X [= N] ~	<i>(Priberam)</i>
4	A pessoa X [= N] ~ em excesso o líquido Y (rum)	<i>(Priberam)</i>

Na aceção 7 tem-se uma continuidade em relação à aceção 6, exceto por se tratar de um sentido que denota a maneira excessiva de se ingerir um líquido específico, neste caso, bebida alcoólica. Assim, sua descrição demanda a utilização de uma função complexa, isto é, composta por mais de uma função lexical, reunindo a função que modeliza a aceção 6 acrescida da função *Magn*, função lexical intensificadora, formando, assim, uma função lexical complexa *mista*, porque une uma função lexical *standard* e uma função lexical não *standard*:

Absorver Y [por via oral] Y + Magn(Y = bebida alcoólica :
TOMAR ~

ACEPÇÃO 8

‘Aspirar no sentido de apanhar (ar); sorver; absorver (por inalação); atrair (ar, pó) aos pulmões’

Os exemplos da acepção 8 constantes em três dos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa analisados nesta pesquisa são:

No.	EXEMPLOS - ACEPÇÃO 8	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	"...A outra era uma religiosa franciscana, que pedira para tomar ares...".	(<i>Aulete</i>)
2	T. rapé.	(<i>Houaiss</i>)
3	Sentia-se abafado naquele ambiente; por isso, decidiu sair para tomar um pouco de ar.	(<i>Michaelis</i>)

A forma proposicional de cada um dos exemplos é apresentada, respectivamente, a seguir.

No.	Formas proposicionais correspondentes aos exemplos – acepção 8	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	[Alguém] X pediu para ~ Y [Y= N (ar)]	(<i>Aulete</i>)
2	[Alguém] X ~ Y [Y= N(rapé ⁸⁵)]	(<i>Houaiss</i>)
3	[Alguém] X ~ Y [Y = N (um pouco de ar)]	(<i>Michaelis</i>)

A acepção 8 apresenta, como a 7 e a 9, a ideia de “*absorver*”, mas, neste caso, por não se tratar de uma substância em estado líquido ou sólido, bebível ou comestível, apresenta-se com o sentido que caracteriza uma substância gasosa, qual seja, “inalar”. Assim, a mesma função poderia ser utilizada, tendo como palavra-chave o nome semântico “*ar*”:

Absorver Y [por via nasal (ou oral) (Y = ar)] : TOMAR ~

⁸⁵ Segundo o Houaiss *on-line*, *rapé* significa: “pó resultante da trituração de folhas de tabaco torradas após fermentação, por vezes misturado a outros componentes, esp. aromáticos, us. para inalação ou para esfregar nas gengivas, e que provoca espirros [...]”. (HOUAISS, VERBETE RAPÉ).

ACEPÇÃO 9

‘Dirigir-se no sentido de encaminhar-se; seguir (por caminho ou direção); continuar avançando (por); escolher determinado percurso ou direção.’

Os exemplos da acepção 9 constantes em três dos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa analisados são:

No.	EXEMPLOS - ACEPÇÃO 9	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	Tomar a estrada real.	(<i>Aberto</i>)
2	Decidi tomar a estrada principal.	(<i>Aulete</i>)
3	Os excursionistas tomaram por uma trilha.	(<i>Aulete</i>)
4	T. a estrada da direita.	(<i>Houaiss</i>)
5	T. pelo trilho seria mais rápido	(<i>Houaiss</i>)
6	O jovem tomou um rumo ignorado.	(<i>Michaelis</i>)
7	Os policiais tomaram por um atalho para surpreender os criminosos.	(<i>Michaelis</i>)
8	Os romeiros tomaram para o santuário.	(<i>Michaelis</i>)
9	Tomou a direção certa.	(<i>Online</i>)

A forma proposicional de cada um dos exemplos é apresentada a seguir.

No.	Formas proposicionais correspondentes aos exemplos – acepção 9	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	[Alguém] X ~ o caminho Y [= N (o braço)]	(<i>Aberto</i>)
2	A pessoa X [= N] decide ~ o caminho Y [= N (a estrada principal)]	(<i>Aulete</i>)
3	A pessoa X [=N _{plural}] ~ por Y [= N (uma trilha)]	(<i>Aulete</i>)
4	[Alguém] X ~ o caminho Y [= N (a estrada da direita)]	(<i>Houaiss</i>)
5	[Alguém] X ~ o caminho Y [= N (o trilho (que é mais rápido))]	(<i>Houaiss</i>)
6	A pessoa X [= N] ~ o caminho Y [= N (um rumo ignorado)]	(<i>Michaelis</i>)
7	A pessoa X [=N _{plural}] ~ por Y [N= (um atalho)] para Z (= surpreender) W [= N (os criminosos)].	(<i>Michaelis</i>)
8	A pessoa X [=N _{plural}] ~ para o caminho Y [= N (o santuário)]	(<i>Michaelis</i>)
9	[Alguém] X ~ o caminho Y [= N (a direção certa)]	(<i>Online</i>)

Devido ao fato de que em uma construção como “*tomar determinada direção*” haveria um verbo pleno equivalente à construção total, como “*dirigir-se*” ou “*encaminhar-se*” (*tomou*

determinado caminho = encaminhou-se; tomou determinada direção = dirigiu-se), o verbo TOMAR nesta acepção poderia ser considerado como verbo-suporte⁸⁶.

No caso dos verbos- suporte, Mel'čuk (2015: 217) afirma que suas palavras-chaves são nomes cujos significados são ou incluem predicados, isto é, são fatos que selecionam actantes. Conforme o autor, a palavra-chave de uma função lexical para verbo-suporte é, de maneira geral, o nome de uma ação, estado, atividade, processo, propriedade ou relação, ou seja, as palavras-chaves de verbos-suporte são quase-predicados, e podem ser o nome de uma entidade concreta definida pelo papel que exerce em uma situação particular. Assim, nesta acepção, a palavra-chave de TOMAR poderia ser definida como a entidade que exerce um papel central em uma situação particular: no caso de uma pessoa decidir *tomar um determinado caminho*, a entidade “*caminho*” desempenha um papel fundamental.

No caso das palavras-chaves possíveis para esta acepção de TOMAR, “*caminho*” ou “*direção*”, trata-se de entidades que poderiam ser consideradas tanto abstratas, num sentido figurado, quanto, como ocorre na maioria das vezes, físicas, em um sentido literal. Uma vez que o uso a ser modelizado seja o uso figurado do verbo TOMAR com sentido de *seguir* ou *encaminhar-se*, pode-se realizar o acréscimo da função *Figur* à função que parece modelizar a combinatória do verbo nesta acepção.

Assim, as funções lexicais que modelizam esta acepção (considerando apenas o fato de o verbo TOMAR, nesta acepção, ser um verbo-suporte, esvaziado de seu sentido) são *Oper* (com palavra-chave como complemento direto) e *Labor* (com palavra-chave como complemento indireto) acrescidas da função *Loc_{in}*, função prepositiva que indica localização espacial física ou abstrata.

<p><i>OperLoc_{in}</i> (<i>caminho</i>) = TOMAR [ART ~]</p> <p><i>LaborLoc_{in}</i> (<i>caminho</i>) = TOMAR [para ART ~]</p>

⁸⁶ O verbo *tomar* pode participar de construções como um verbo pleno ou como verbo -suporte. É preciso ter cuidado para se observar exatamente qual o sentido que o verbo atualiza. Por exemplo, *Tomar uma trilha* pode não ser exatamente *trilhar*, assim como *Tomar um rumo* não é *rumar*, o que faria com que considerássemos aqui TOMAR como um verbo pleno e não um verbo-suporte. No entanto, nos apontamentos de Chishman e Abreu (2014), encontramos a seguinte explicação: “*Quanto à contribuição dos verbos-suporte para as construções, percebe-se que esses verbos aparentam ter alguma carga semântica, mas, não se pode negar, são verbos de significado mais esvaziado ou leve (por isso, verbos leves ou light verbs) que formam com a expressão nominal um significado global, geralmente correspondente ao significado de um verbo pleno³, como é o caso de dar um grito (= gritar), fazer um aceno (=acenar), tomar banho (banhar-se). No entanto, ocasionalmente, algumas construções com verbo-suporte não são correspondentes a verbos plenos, como, por exemplo, dar um pontapé e fazer uma experiência*”. (CHISHMAN; ABREU, 2014: 156). Com base nos argumentos das autoras, vamos considerar que nesta acepção TOMAR comporta-se como um verbo-suporte.

ACEPÇÃO 10

‘Ocupar no sentido de preencher lugar, espaço’

Os exemplos listados pelos dicionários para a acepção 10 são as seguintes:

No.	EXEMPLOS - ACEPÇÃO 10	Dicionário on-line de LP
1	Tomar lugar.	(<i>Aberto</i>)
2	O piano tomou todo o quarto.	(<i>Aulete</i>)
3	A cama tomava quase todo o quarto.	(<i>Houaiss</i>)
4	A festa tomou a praça inteira.	(<i>Houaiss</i>)
5	O povo tomou inteiramente a praça.	(<i>Michaelis</i>)

A forma proposicional dos exemplos da acepção 10 se dá da seguinte maneira:

No.	Formas proposicionais correspondentes aos exemplos – acepção 10	Dicionário on-line de LP
1	[Alguém] X ~ Y [= N (lugar)]	(<i>Aberto</i>)
2	O objeto X [= N] ~ por completo Y [= N (o quarto)]	(<i>Aulete</i>)
3	O objeto X [= N] ~ [quase todo]] Y [= N (o quarto)]	(<i>Houaiss</i>)
4	X [=N (a festa)] ~ Y [=N (a praça inteira)]	(<i>Houaiss</i>)
5	X [=N (o povo)]~ [inteiramente] Y [= N (a praça)]	(<i>Michaelis</i>)

Na acepção 10, tem-se o sentido de TOMAR manifesto pela função *Involv* que indica, conforme Mel’čuk (2015: 230): “X envolve Y”, sendo que Y não participa da ação, apenas é afetado. Há também a modelização através da função *Loc* (espacial), formando, assim, uma função *complexa*:

$\text{InvolvLoc} (\text{espaço}) = \text{TOMAR} [\text{ART} \sim]$ $\text{InvolvLoc} (\text{piano}) = \text{TOMAR} [\text{ART} \text{Ny}] (\text{O piano tomou todo o quarto})$
--

ACEPÇÃO 11

‘Adotar no sentido de receber junto a si (ser vivo); oferecer refúgio/cuidados; acolher; recolher’

Os exemplos que ilustram o sentido da acepção 11 constantes nos dicionários pesquisados são:

No.	EXEMPLOS - ACEPÇÃO 11	Dicionário on-line de LP
1	Tomaram um cachorro para alegrar os netos.	(<i>Houaiss</i>)
2	Tomou o órfão para criá-lo.	(<i>Houaiss</i>)
3	A boa senhora foi visitar um orfanato e acabou tomando algumas crianças.	(<i>Michaelis</i>)
4	Tomou uma criança.	(<i>Online</i>)

As formas proposicionais dos exemplos da acepção 11 são:

No.	Formas proposicionais correspondentes aos exemplos – acepção 11	Dicionário on-line de LP
1	[Alguém] X ~ Y [= N (um cachorro)] com o objetivo Z (alegrar) a W [= N (os netos)]	(<i>Houaiss</i>)
2	[Alguém] X ~ o indivíduo Y [= N (o órfão)] com a finalidade Z (criar Y)	(<i>Houaiss</i>)
3	A pessoa X [= N] ~ a pessoa Y [= N _{plural} (algumas crianças)]	(<i>Michaelis</i>)
4	[Alguém] X ~ Y [= N (uma criança)]	(<i>Online</i>)

Neste caso, as construções com TOMAR parecem carregar em si o sentido de *adotar*, *acolher*; conseqüentemente, exclui-se a ideia de o verbo poder ser modelizado através das funções lexicais que tipificam os verbos-suporte, isso porque, neste caso, TOMAR não está semanticamente esvaziado, mas carrega sentido próximo ao dos verbos citados (*adotar*, *recolher*).

As palavras-chaves do verbo TOMAR nesta acepção, de acordo com os exemplos, poderiam ser *órfão* e *animal de estimação*, o que exclui, em princípio, o uso das funções lexicais para verbos de realização, pois, com tais verbos, as palavras-chaves concretas são, conforme Mel'čuk (2015: 228), necessariamente nomes de artefatos, instituições ou órgãos que contêm em sua definição a etiqueta “designado para”, sendo, assim, quase-predicados. No entanto, quando descrevemos a noção de quase-predicado de acordo com Mel'čuk e Polguère (2008: 6-7) no Capítulo 3 desta dissertação (seção 3.2.1) vimos que os autores propõem um conjunto de tipos de quase-predicados mais abrangentes, com outros sentidos desdobrados, expressos por outros quase-predicados. Para facilitar o entendimento de nossa exposição,

retomaremos novamente aqui as doze categorias de quase-predicados apresentadas por Mel'čuk e Polguère (2008: 6-7). São elas:

- 1) Indivíduo que o locutor avalia como P (ex. idiota, gênio).
- 2) Indivíduo que possui a propriedade P (ex. francês, canhoto).
- 3) Indivíduo que está em uma relação P com outrem (ex. mãe, vizinho).
- 4) Indivíduo que faz ou fez uma ação P (ex. salvador, assassino).
- 5) Indivíduo que tem uma atividade P (ex. caminhante, ministro).
- 6) Conjunto de indivíduos que compartilham uma atividade comum P (ex. equipe, gabinete).
- 7) Meio de transporte que alguém faz funcionar (P1) para transportar qualquer coisa (P2) (ex. carro, trem).
- 8) Instrumento utilizado por qualquer um para fazer P (ex. martelo, espada).
- 9) Instituição onde alguém se ocupa de alguma outra pessoa (ex. clínica, restaurante).
- 10) Animal de estimação que pertence a alguém (ex. gato, galinha).
- 11) Parte de qualquer coisa (ex. peça, migalha, estômago, pé).
- 12) Conjunto, quantidade P de alguma coisa (ex. pilha (de entulho), colherada (de rum), multidão (de estudantes)).

No caso dos exemplos que ilustram o sentido da acepção 11, de maneira específica, é possível classificar as palavras-chaves de TOMAR por meio das categorias 2 e 10 de quase-predicados, entre as doze apresentadas acima:

2- '*Indivíduo que possui a propriedade P*', para a palavra-chave "órfão". Esta palavra-chave além de ser um adjetivo, pode ser um substantivo que denota propriedades específicas; no presente caso, não possuir pai ou mãe, estar vivendo em um orfanato.

10- '*Animal de estimação que pertence a alguém*', para a palavra-chave "animal de estimação".

Assim, a configuração da combinatória lexical de TOMAR na acepção 11 se apresenta como:

Real (órfão) = TOMAR [ART ~]
Real (animal de estimação) = TOMAR [ART ~]

ACEPÇÃO 12

‘Escolher no sentido de ter/manifestar/dar preferência (por/a); preferir; decidir-se (por)’

Para esta acepção, os exemplos apresentados pelos dicionários de língua portuguesa *on-line* são:

No.	EXEMPLOS - ACEPÇÃO 12	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	Tomei -o como/por testemunha.	(<i>Houaiss</i>)
2	Tomaram -lhe para Cristo.	(<i>Houaiss</i>)
3	T. uma resolução.	(<i>Houaiss</i>)
4	T. uma atitude.	(<i>Houaiss</i>)
5	O pintor tomou outro ajudante para aquele trabalho.	(<i>Michaelis</i>)
6	O professor tomou para medianoite o diretor da escola.	(<i>Michaelis</i>)

As formas proposicionais dos exemplos que ilustram a acepção 12 são apresentadas a seguir:

No.	Formas proposicionais correspondentes aos exemplos – acepção 12	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	[Alguém] X ~ Y [=N] como/por Z [=N (testemunha)]	(<i>Houaiss</i>)
2	[Alguém] X ~ Y [=N] para Z [=N (Cristo)]	(<i>Houaiss</i>)
3	[Alguém] X [=N] ~ Y [= N (uma resolução)]	(<i>Houaiss</i>)
4	[Alguém] X [=N] ~ Y [= N (uma atitude)]	(<i>Houaiss</i>)
5	A pessoa X [=N] ~ a pessoa Y [=N (outro ajudante)] para Z [=N (aquele trabalho)]	(<i>Michaelis</i>)
6	A pessoa X [=N] ~ a pessoa Y [=N (o diretor da escola)] para Z [=N (medianoite)]	(<i>Michaelis</i>)

A acepção 12 apresenta TOMAR como um verbo que, assim como na acepção 11, não está dessemantizado, mas possui componentes semânticos que se aproximam do sentido de “escolher”, “preferir”.

Deste modo, para esta acepção, a função lexical não modeliza um verbo-suporte, mas um verbo de realização. Isso porque, no que diz respeito às palavras-chave (por exemplo,

“*testemunha*”), estas poderiam ser encaixadas na categoria número 4 de quase-predicados, entre as doze categorias possíveis, vistas anteriormente:

4- ‘*Indivíduo que faz ou fez uma ação P*’.

Desta forma, a função lexical para verbos de realização capaz de modelizar a acepção 12 seria *Labreal*, porque TOMAR aqui seleciona como palavras-chaves quase-predicados e, como características sintáticas, estas palavras-chaves são actantes que possuem a propriedade de serem objetos indiretos, isto é, complementos que se ligam indiretamente ao verbo que os seleciona, por meio de preposição:

<p><i>Labreal (testemunha) = TOMAR [por ~]</i></p>
--

ACEPÇÃO 13

‘*Assumir no sentido de apresentar em si; exhibir; adquirir (aspecto/estado)*’.

Os exemplos elencados pelos dicionários *on-line* para a acepção 13 são:

No.	EXEMPLOS - ACEPÇÃO 13	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	Com os anos, tomara feições rudes.	<i>(Aulete)</i>
2	Seu rosto tomou um ar de gravidade.	<i>(Houaiss)</i>
3	A tarde tomava um aspecto cinzento.	<i>(Houaiss)</i>
4	O caso tomara proporções de escândalo.	<i>(Houaiss)</i>
5	Tomou um ar de constrangimento quando o garçom lhe cobrou o café que havia esquecido de pagar.	<i>(Michaelis)</i>
6	Depois da viagem ao exterior, tomou ares de rico.	<i>(Michaelis)</i>

As formas proposicionais dos exemplos da acepção 13 de TOMAR podem ser vistas a seguir:

No.	Formas proposicionais correspondentes aos exemplos – acepção 13	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	[Alguém] X [=N] ~ Y [=NComp] _{Nom} (feições rudes)]	<i>(Aulete)</i>

2	A parte do corpo X [= N (o rosto)] de Y [= N] ~ Z [=NCompl _{Nom} (um ar de gravidade)]	(<i>Houaiss</i>)
3	X [= N (a tarde)] ~ Y [=NCompl _{Nom} (um aspecto cinzento)]	(<i>Houaiss</i>)
4	X [= N (o caso)] ~ Y [=NCompl _{Nom} (proporções de escândalo)]	(<i>Houaiss</i>)
5	[Alguém] X [=N] ~ Y [=NCompl _{Nom} (ar de constrangimento)] na situação Z (quando o garçom lhe cobrou o café que havia esquecido de pagar)	(<i>Michaelis</i>)
6	[Alguém] X [=N] ~ Y [=NCompl _{Nom} (ares de rico)]	(<i>Michaelis</i>)

A aceção 13 pode ser modelizada através da função *Sympt* que significa, conforme Mel'čuk (2015: 233), uma reação corpórea como sintoma de um dado estado físico ou emocional. Geralmente, tal função é acrescida, segundo Mel'čuk (2015: 234), às funções *Obstr*, *Stop* ou *Excess*. No caso desta aceção, é a função *Excess* que caracteriza corretamente o sentido, pois nos exemplos apresentados pelos dicionários temos a expressão de um sentido de intensidade, daquilo que é excessivo. No caso de a aceção denotar os “sintomas” de entidades não humanas, como é o caso do exemplo 3, a função *Figur* poderia ser anexada para expressar essa particularização de sentido.

$Excess_2(rosto) - Sympt_2(gravidade) = ART \sim TOMAR [ar\ de] gravidade$ $Excess(tarde) - SymptFigur(cinzento) = ART \sim TOMAR ART [aspecto] cinzento$
--

ACEÇÃO 14

‘Deixar-se dominar ou persuadir no sentido de ser assaltado/invadido; ser possuído (por sentimento/emoção)’.

A aceção 14 de TOMAR é ilustrada nos dicionários *on-line* investigados por meio dos seguintes exemplos:

No.	EXEMPLOS - ACEÇÃO 14	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	Tomar -se de susto.	(<i>Aberto</i>)
2	A criança tomou pavor de escuridão.	(<i>Aulete</i>)
3	Tomou -se de coragem e foi falar com o advogado.	(<i>Aulete</i>)
4	Acabou tomando ódio à mulher.	(<i>Houaiss</i>)

5	T.-se de amores pelo visitante.	(<i>Houaiss</i>)
6	Tomou-se de coragem e enfrentou o adversário.	(<i>Houaiss</i>)
7	O ódio tomou-a , cegando-a completamente.	(<i>Michaelis</i>)
8	A criança tomou pavor do padrasto.	(<i>Michaelis</i>)
9	O rapaz tomou-se de dúvida diante da indiferença da jovem.	(<i>Michaelis</i>)
10	Não me tomei do conselho da minha irmã.	(<i>Michaelis</i>)
11	Tomou-se de paixão.	(<i>Online</i>)

A forma proposicional de cada um dos exemplos listados na acepção 14 de TOMAR estão apresentadas abaixo.

No.	Formas proposicionais correspondentes aos exemplos – acepção 14	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	[Alguém] X ~ (-se) de Y [=N (susto)]	(<i>Aberto</i>)
2	A pessoa X [=N] ~ Y [=N (pavor)] de Z [=N escuridão]	(<i>Aulete</i>)
3	[Alguém] X ~ (-se) de Y [=N (coragem)] para a finalidade W (falar com o advogado)	(<i>Aulete</i>)
4	A pessoal X [=N] [acabou] ~ Y [=N (ódio)] a Z [=N a mulher]	(<i>Houaiss</i>)
5	[Alguém] X ~ (-se) de Y [=N (amores)] por Z [=N (visitante)]	(<i>Houaiss</i>)
6	[Alguém] X ~ (-se) de Y [=N (coragem)] para a finalidade W (enfrentar o adversário)	(<i>Houaiss</i>)
7	X [=N (o ódio)] ~ alguém Y [=N]	(<i>Michaelis</i>)
8	A pessoa X [=N] ~ Y [=N (pavor)] de Z [=N o padrasto]	(<i>Michaelis</i>)
9	A pessoa X [=N] ~ (-se) de Y [=N (dúvida)] diante da situação Z (da indiferença da jovem)	(<i>Michaelis</i>)
10	[Alguém] X [não] ~ (-se) de Y [=N (o conselho)] de Z [=N (a irmã)]	(<i>Michaelis</i>)
11	[Alguém] X ~ (-se) de Y [=N (paixão)]	(<i>Online</i>)

Assim como na acepção anterior, esta acepção expressa a ideia de um ser (animado) apresentar sintomas ou manifestações causadas por sentimento ou emoção, o que poderia ser ilustrado pela acepção “apresentar sintoma de”, já que foi “invadido por”.

Deste modo, as funções que, novamente, poderiam modelizar a construção com o verbo TOMAR (pronominal) que veicula a manifestação de ser tomado por um sentimento ou por apresentar um sintoma desse sentimento são a função *Sympt*, que dá conta de expressar o fato de um ser apresentar algum sintoma (de um estado emocional ou físico), e a função *Excess*, que confere o grau de intensidade, de excesso, presente nesta acepção:

Excess (<i>corpo</i>) - Symp _t (<i>ódio</i>) = TOMAR-SE [de ~]

ACEPÇÃO 15

‘Aceitar no sentido de receber (recompensa/favor/merecimento)’

Localizamos nos dicionários *on-line* de língua portuguesa dois exemplos que ilustram o sentido veiculado pela aceção 15 de TOMAR.

No.	EXEMPLOS - ACEPÇÃO 15	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	Tomou o donativo das mãos do benfeitor.	(Houaiss)
2	O rapaz sonhava com o dia em que tomaria o hábito de monge.	(Michaelis)

As formas proposicionais dos exemplos que ilustram a aceção 15 de TOMAR são:

No.	Formas proposicionais correspondentes aos exemplos – aceção 15	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	O indivíduo X [=N] ~ o objeto Y (o donativo) de Z [=N as mãos do benfeitor)	(Houaiss)
2	O indivíduo X ~ Y [=N Compl _{Nom} (o hábito de monge)]	(Michaelis)

Para modelizar a aceção 15, podemos lançar mão da função lexical *Real*. Como vimos, esta função é capaz de modelizar sentidos em que TOMAR se manifesta como um verbo pleno, pois poderia ser substituído por sinônimos como *pegar*, *apanhar*, e mais precisamente, neste caso, por *receber*. Em seguida, pode-se argumentar que a palavra-chave de TOMAR, aqui, apresenta-se como um quase-predicado. Podemos classificar as palavras-chave dessa aceção de TOMAR, da mesma forma como caracterizamos as palavras-chave da aceção 4, isto é, segundo Mel’čuk (2015: 227), as palavras-chaves dos verbos de realização são quase-predicados, logo, nomes cujos significados incluem: “suposto a”, “tende a”, “designado para”. Tendo em conta a palavra-chave de um dos exemplos apresentados nesta aceção: um “donativo” tende a ser, é designado para 1- ofertado/entregue, 2- recebido/tomado.

A função lexical que se aplica a esta aceção é a *Real*, porque aqui TOMAR tem como palavra-chave um complemento objeto direto. O número subscrito 2 foi inserido na função

pelo fato de a palavra-chave constante no exemplo, “donativo”, expressar dois sentidos: um “donativo” poder ser 1- oferecido ou 2- recebido.

$$\text{Real}_2(\text{donativo}) = \text{TOMAR} [\text{ART } \sim]$$

ACEPÇÃO 16

‘Receber no sentido de levar maus-tratos (físicos e/ou morais); ser vítima de agressão’

As exemplificações da acepção 16 apresentadas pelos dicionários que analisamos foram:

No.	EXEMPLOS - ACEPÇÃO 16	Dicionário on-line de LP
1	Tomou uma surra.	(Aulete)
2	Tomou um beliscão do coleguinha.	(Aulete)
3	T. uma bronca	(Houaiss)
4	T. uma surra (do avô).	(Houaiss)
5	Tomou uma carraspana por ter chegado tarde.	(Michaelis)
6	O bandido tomou uns tapas de alguns populares exaltados.	(Michaelis)

As respectivas formas proposicionais dos exemplos da acepção 16 de TOMAR são:

No.	Formas proposicionais correspondentes aos exemplos – acepção 16	Dicionário on-line de LP
1	[Alguém] X [=N] ~ Y [=N (uma surra)]	(Aulete)
2	[Alguém] X [=N] ~ Y [=N (uma surra)] d(o) indivíduo Z (=N (coleguinha)]	(Aulete)
3	[Alguém] X [=N] ~ Y [=N (uma bronca)]	(Houaiss)
4	[Alguém] X [=N] ~ Y [=N (uma surra)] d(o) indivíduo Z (=N (avô)]	(Houaiss)
5	[Alguém] X [=N] ~ Y [=N (uma carraspana)] pela causa Z (ter chegado tarde)	(Michaelis)
6	A pessoa X [=N] ~ Y [=N (uns tapas)] de Z [=N (alguns populares exaltados)]	(Michaelis)

No que diz respeito a esta acepção, os exemplos evidenciam que a palavra-chave de TOMAR não é um quase-predicado, isto é, uma entidade que seleciona actantes, nem um nome semântico. Na acepção 16 estamos diante de um predicado semântico, ou seja, de um lexema que apresenta sentido predicativo. Conforme Mel'čuk e Polguère (2008):

La notion de prédicat sémantique est bien établie en linguistique : on considère que certaines lexies (unités lexicales) comme COMBATTRE, COMBAT, COMBATIF, etc. possèdent un sens prédicatif. Un sens prédicatif dénote un fait impliquant des participants qui correspondent aux arguments du prédicat en question. (MEL'ČUK; POLGUÈRE, 2008: 2).⁸⁷

No caso das palavras-chaves para esta acepção de TOMAR, “*surra*”, “*beliscão*”, etc., encontradas nos exemplos apresentados acima, podemos considerar que elas expressam um sentido predicativo (uma “*surra*”, por exemplo, implica um N_i que efetue a ação que dá origem ao “nome da ação” = *surra*; e um N_j que sofre a ação denotada pelo nome). Assim, as funções para verbos de realização não se aplicam neste caso, pois, como vimos, selecionam apenas quase-predicados. Já as funções lexicais que tipificam os verbos-suporte selecionam tanto quase-predicados como predicados semânticos, caso da acepção em questão. Segundo Mel'čuk (2015), a palavra-chave de um verbo-suporte é:

A noun whose meaning is or includes a predicate and thus presupposes actants. In other words, the keyword of these LFs is as a general rule the name of an action, an activity, a state, a process, a property, a relation, etc. (MEL'ČUK, 2015: 217).⁸⁸

As funções lexicais capazes de modelizar o sentido expresso por esta acepção de TOMAR são as que utilizamos para representar o sentido quando temos um verbo-suporte. Ou seja, neste caso o verbo TOMAR comporta-se como um verbo-suporte, pois parece estar esvaziado de sentido. Esta constatação pôde ser validada através das informações que constam nos próprios verbetes dos dicionários. As definições do verbo TOMAR, nesta acepção, foram construídas com outro verbo que parece ser (ou pelo menos estar), neste sentido, esvaziado de

⁸⁷A noção de predicado semântico está bem estabelecida na linguística: considera-se que certas lexias (unidades lexicais) como COMBATER, COMBATE, COMBATIVO etc. podem ter um sentido predicativo. Um sentido predicativo denota um fato que implica participantes que correspondem aos argumentos do predicado em questão. (MEL'ČUK; POLGUÈRE, 2008: 2, tradução nossa).

⁸⁸Um substantivo cujo significado inclui ou é um predicado e, portanto, pressupõe actantes. Em outras palavras, a palavra-chave dessas FLs é, geralmente, o nome de uma ação, uma atividade, um estado, um processo, uma propriedade, uma relação etc. (MEL'ČUK, 2015: 217, tradução nossa).

significado, por exemplo, o verbo “*levar*” (Caldas Aulete, Houaiss e Michaelis)⁸⁹. Outro motivo pelo qual tal acepção pode ser modelizada através das funções lexicais para verbos suporte é o fato de que, segundo Mel’čuk (2015: 217), os verbos-suporte selecionam predicados como suas palavras-chave.

Desta forma, é a função lexical Op_{er} que modeliza o sentido expresso nesta acepção, porque aqui a palavra-chave selecionada por TOMAR é seu complemento objeto direto. O número 2 subscrito aparece, mais uma vez, pelo mesmo motivo das acepções anteriores; nesta acepção de TOMAR temos duas possibilidades de sentido: uma “*surra*” pode ser: 1- dada ou 2- tomada/recebida:

$$Op_{er_2}(surra) = TOMAR [ART \sim]$$

ACEPÇÃO 17

‘Interpretar no sentido de considerar; entender algo (de uma certa forma)’

A acepção 17 é ilustrada nos dicionários que examinamos por meio dos seguintes exemplos:

No.	EXEMPLOS - ACEPÇÃO 17	Dicionário on-line de LP
1	Tomei essas palavras em acepção figurada.	(Aulete)
2	Tomou-a por ingênua.	(Houaiss)
3	Tomei sua frase em sentido figurado.	(Houaiss)
4	O indivíduo tomou as palavras no seu sentido literal.	(Michaelis)

As respectivas formas proposicionais dos exemplos da acepção 17 de TOMAR estão dispostas a seguir.

⁸⁹ Majoritariamente, esta acepção de TOMAR foi definida através de outro verbo esvaziado de sentido, como já mencionado, o verbo LEVAR, o que corrobora nossa hipótese de tal acepção de TOMAR poder ser modelizada através de uma função para verbos suporte. No entanto, outro verbo aparece nas acepções de TOMAR com sentido de “tomar surra, bronca, maus tratos”, o verbo receber, que não seria, neste caso, um verbo totalmente esvaziado. Acontece que poderia se pressupor que tal verbo aparece para que se expresse a conversividade que tal ação apresenta: há quem receba “maus tratos” e há que os dê; portanto precisa estar claro os dois inversos, neste caso, TOMAR está representando aquele que “recebe” os maus tratos.

No.	Formas proposicionais correspondentes aos exemplos – aceção 17	Dicionário <i>online</i> de LP
1	[Alguém] X ~ Y [=N (essas palavras)] (como) Z [=prepN (em aceção figurada)]	(Aulete)
2	[Alguém] X ~ a pessoa Y (como) Z [=prepN (por ingênuo)]	(Houaiss)
3	[Alguém] X ~ Y [=N (sua frase)] (como) Z [=prepN (em sentido figurado)]	(Houaiss)
4	A pessoa X ~ Y [=N (as palavras)] (como) Z [=prepN (no seu sentido literal)]	(Michaelis)

Esta aceção de TOMAR é classificada, sintaticamente, pelo dicionário *Houaiss* (para citar um exemplo concreto), como um “verbo transitivo direto predicativo”. Isto quer dizer que, neste caso, TOMAR seleciona um complemento direto (o objeto direto) e, este complemento, por sua vez, seleciona um predicativo (uma característica sua).

Nesta aceção, o sentido expresso por TOMAR aproxima-se dos verbos conhecidos como “verbos de atividade mental”, isto é, verbos que expressam a avaliação, o juízo, que o falante emite sobre determinada coisa, determinado acontecimento.

Neste caso, parece ser necessária a formulação de uma função lexical não-*standard* que veiculará a ideia de se ‘avaliar, interpretar’ a palavra-chave. O resultado da aplicação desta função lexical não-*standard* será a expressão do sentido que TOMAR veicula aqui: TOMAR Y (algo/alguém) como/por Z é considerar/interpretar que Y tem tais características.

Considerar / Interpretar Y (essas palavras, frases, a pessoa) como/por Z (sentido figurado, ingênuo (pessoa) : TOMAR ~ [como sentido figurado, por ingênuo]

ACEÇÃO 18

‘Julgar no sentido de formar uma ideia/concepção; levar algo em consideração’

Como última aceção de TOMAR, temos a aceção 18. Os exemplos apresentados pelos dicionários são os seguintes:

No.	EXEMPLOS - ACEPÇÃO 18	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	Tomei o gesto como ofensa.	(<i>Aulete</i>)
2	Toma tudo seriamente.	(<i>Houaiss</i>)
3	Tomou como injúria aquela alusão.	(<i>Michaelis</i>)

As formas proposicionais dos exemplos registrados nos dicionários *on-line* de língua portuguesa são apresentadas, para a aceção 18 de TOMAR, respectivamente, abaixo:

No.	Formas proposicionais correspondentes aos exemplos – aceção 18	Dicionário <i>on-line</i> de LP
1	[Alguém] X ~ Y [=N (o gesto)] (como) Z [=prepN (como ofensa)]	(<i>Aulete</i>)
2	[Alguém] X ~ Y [=Pron (tudo)] da maneira Z [=Adv (seriamente)]	(<i>Houaiss</i>)
3	[Alguém] X ~ Y [=N (aquela alusão)] (como) Z [=prepN (como injúria)]	(<i>Michaelis</i>)

Esta aceção parece expressar um sentido muito próximo daquele que descrevemos na aceção 17: “considera-se algo” de uma “certa forma”. Há, neste caso, veiculadas por TOMAR as ideias de ‘*julgar algo de uma determinada maneira*’, ‘*ter em consideração algo de uma certa forma*’. Podemos dizer que as aceções são, de certa forma, próximas, porque ambas expressam uma avaliação do falante frente a um fato/acontecimento (o falante interpreta/entende/considera/julga algo X, de uma determinada maneira Z). No entanto, na aceção 17 parece ser mais uma constatação do falante, ou seja, ele expressa sua reflexão sobre algo, pensa que algo é desta ou daquela maneira. Já na aceção 18, parece ser o caso em que o falante tem uma atitude mais ativa: ele “julga”, “avalia” o fato/ação como algo negativo. Consequentemente, podemos modelizar esta aceção com uma função lexical não *standard* próxima da aceção anterior, que apenas vai evidenciar a sua especificidade:

Julgar/ considerar Y (gesto, alusão) como/por Z (ofensa, injúria...) :

TOMAR ~ [como ofensa, seriamente, como injúria]

A modelização das 18 aceções do verbo TOMAR, realizada em nossa análise, mostramos a proximidade ou o afastamento dos sentidos expressos pelas aceções de TOMAR. Vimos que há sentidos que podem ser modelizados pelas funções Real (e RealMagn), Labreal (e LabrealMagn, LabrealFigur), InvolvLoc e Excess Symp (e

Excess SymptFigur) quando o verbo TOMAR se realiza como um verbo pleno; também há sentidos em que TOMAR está semanticamente esvaziado, nestes casos, as funções que entraram em cena foram Oper (e OperLoc) e LaborLoc; por fim, há sentidos que não puderam ser modelizados a partir de funções lexicais *standard*, porque são muito particulares, assim, funções lexicais não *standard* foram propostas para a descrição desses sentidos: (i) Absorver Y [por via oral] (Y = alimento ou remédio, líquido ou sólido); (ii) Absorver Y [por via oral] + Magn(Y = bebida alcoólica); Absorver Y [por via nasal (ou oral) Y = ar]; Considerar / Interpretar Y (essas palavras, frases, a pessoa) como/por Z (sentido figurado, ingênua (pessoa); Julgar/ considerar Y (gesto, alusão) como/por Z (ofensa, injúria...).

A síntese da modelização das 18 acepções pode ser vista no quadro abaixo.

Quadro 43 – Síntese da modelização da combinatória lexical de TOMAR

No.	Acepção	Função lexical
1	Utilizar no sentido de fazer uso (de); servir-se (de); lançar mão (de).	Real (guarda-sol) = TOMAR [ART ~]
2	Agarrar no sentido de pegar (em); segurar; prender; empunhar; sustentar; segurar	RealMagn (dicionário) = TOMAR [ART ~] LabrealMagn (caneta) = TOMAR [DE ART ~]
3	Roubar no sentido de arrematar; tirar (algo) de alguém; apossar-se (de); arrebatado; furtar; subtrair; usurpar.	Real (objeto alheio) = TOMAR [ART ~] Real (pacote) = TOMAR [ART ~]
4	Confiscar no sentido de capturar; apreender.	Real ₂ (contrabando) = TOMAR [ART ~]
5	Conquistar (território) no sentido de apoderar-se (de) (por força/violência); promover a conquista ou a invasão (de).	Real (território alheio) = TOMAR [ART ~] Real (cidade) = TOMAR [ART ~] ~
6	Absorver no sentido de beber; engolir; comer; ingerir (alimento, líquido ou sólido, medicamento).	Absorver Y [por via oral] (Y = alimento ou remédio, líquido ou sólido) : TOMAR ~
7	Embebedar-se no sentido de consumir bebida alcoólica em excesso; embriagar-se.	Absorver Y [por via oral] + Magn(Y = bebida alcoólica) : TOMAR ~
8	Aspirar no sentido de apanhar (ar); sorver; absorver (por inalação); atrair (ar, pó) aos pulmões.	Absorver Y [por via nasal (ou oral) Y = ar] : TOMAR ~
9	Dirigir-se no sentido de encaminhar-se; seguir (por caminho ou direção); continuar	OperLoc _{in} (caminho) = TOMAR [ART ~] LaborLoc _{in} (caminho) = TOMAR [para ART ~]

	<i>avançando (por); escolher determinado percurso ou direção.</i>	
10	<i>Ocupar no sentido de preencher lugar, espaço.</i>	InvolvLoc (espaço) = TOMAR [ART ~] InvolvLoc (piano) = TOMAR [ART Ny]
11	<i>Adotar no sentido de receber junto a si (ser vivo); oferecer refúgio/cuidados; acolher; recolher.</i>	Real (órfão) = TOMAR [ART ~] Real (animal de estimação) = TOMAR [ART ~]
12	<i>Escolher no sentido de ter/manifestar/dar preferência (por/a); preferir; decidir-se (por).</i>	Labreal (testemunha) = TOMAR [por ~] LabrealFigur (bode expiatório) = TOMAR [por ~] LabrealFigur (Cristo) = TOMAR [para ~]
13	<i>Assumir no sentido de apresentar em si; exibir; adquirir (aspecto/estado).</i>	Excess ₂ (rosto) – Symp ₂ (gravidade) = [ART ~] TOMAR [ar de] gravidade Excess (tarde) – Symp ₂ Figur (cinzento) = [ART ~] TOMAR [aspecto] cinzento
14	<i>Deixar-se dominar ou persuadir no sentido de ser assaltado/invadido; ser possuído (por sentimento/emoção).</i>	Excess (corpo) - Symp ₂ (ódio) = TOMAR-SE [de ~]
15	<i>Aceitar no sentido de receber (recompensa/favor/merecimento).</i>	Real ₂ (donativo) = TOMAR [ART ~]
16	<i>Receber no sentido de levar maus-tratos (físicos e/ou morais); ser vítima de agressão.</i>	Oper ₂ (surra) = TOMAR [ART _{indef} ~]
17	<i>Interpretar no sentido de considerar; entender algo (de uma certa forma).</i>	Considerar / Interpretar Y (essas palavras, frases, a pessoa) como/por Z (sentido figurado, ingênua (pessoa) : TOMAR ~ [como sentido figurado, por ingênua]
18	<i>Julgar no sentido de formar uma ideia/concepção; levar algo em consideração.</i>	Julgar/ considerar Y (gesto, alusão) como/por Z (ofensa, injúria...) : TOMAR ~ [como ofensa, seriamente, como injúria]

Os sentidos expressos nas acepções 1, 3, 4, 5, 11 e 15 são modelizados apenas através da função lexical *Real*. O sentido expresso na acepção 2 apresenta a função *Real* e a função *Labreal*, dependendo de como ocorre a ligação do verbo com seu complemento (o complemento se liga direta ou indiretamente ao verbo); e o sentido expresso na acepção 12 pode ser modelizado apenas pela função *Labreal*.

A semelhança entre todos esses sentidos está no fato de que são expressos pelo verbo TOMAR enquanto verbo de realização, ou seja, quando TOMAR atua em conjunto com sua palavra-chave para designar a realização do sentido desta palavra (a função lexical *Real* aplicada à palavra-chave donativo gera as possíveis combinatórias: receber donativo, aceitar

donativo, merecer donativo). É por isso que Mel'čuk (2015: 227) os chama de “*fulfillment verbs*” (verbos de cumprimento ou preenchimento). Outra semelhança está no fato de tomarem como suas palavras-chaves lexemas classificados como quase-predicados.

A diferença entre esses sentidos mencionados acima é representada pelas próprias funções lexicais: a função *Real* aplica-se quando a palavra-chave é o complemento objeto direto do verbo TOMAR; a função *Labreal* seleciona a sua palavra-chave de maneira indireta, por meio de preposição, e assim por diante.

Os sentidos expressos pelas acepções 6, 7 e 8 são modelizados por funções lexicais não *standard*, assim como também ocorre com os sentidos expressos pelas s acepções 17 e 18; isso significa que não houve, dentre as funções lexicais *standard* apontadas pelo MST, funções lexicais capazes de representar o sentido estabelecido entre o verbo TOMAR e seus respectivos complementos (palavras-chave de tais acepções). Assim, as funções lexicais não *standard* aplicadas a essas acepções dão conta de sentidos muitos particulares, já que estas funções são capazes de representar o sentido que se estabelece entre o verbo TOMAR e as palavras-chave que seleciona, mas não são aplicáveis a outros casos; por isso, são classificadas como não *standard*.

Os sentidos expressos pelas acepções 9 e 16 foram modelizados pela aplicação das funções lexicais *Oper* e *Labor*, ou seja, funções reservadas a verbos leves (ou suporte), com pouca ou nenhuma carga semântica, que possuem como palavras-chave, predicados. No que concerne especificamente ao sentido expresso pela acepção 9, esta foi modelizada pela aplicação das funções lexicais *Oper* e *Labor*, já que, nas construções de TOMAR com as palavras-chave ocorrem ligações tanto diretas (sem preposição), por isso *Oper*, quanto indiretas (com preposição), por isso *Labor*. A modelização do sentido expresso pela acepção 9 também se dá pelo acréscimo da função lexical *Loc*, já que, essa acepção veicula sistematicamente a ideia de localidade (*dirigir-se por um determinado caminho, escolher uma determinada direção*). No que atine ao sentido expresso pela acepção 16, a modelização ocorreu apenas com a aplicação da função lexical *Oper*, que modeliza verbos-suporte e também pelo fato de os exemplos recolhidos dos dicionários *on-line* representarem um tipo de construção oracional em que a ligação do verbo-suporte com o seu complemento se dá de forma direta.

Apenas o sentido expresso pela acepção 10 foi modelizado por meio da aplicação da função lexical *InvolvLoc*, que representa o fato de algo X envolver algo ou entidade Y; já a função complexa *Excess-Sympt* foi capaz de modelizar os sentidos expressos por duas

acepções, a 13 e a 14, e representa o fato de algo ou alguém apresentar em si, de forma excessiva, um sintoma causado por um determinado estado físico ou mental.

Com base nas análises dos sentidos expressos pelos exemplos recolhidos dos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa examinados nesta pesquisa, e considerando todas as reflexões apresentadas até aqui, na próxima seção apresentaremos a nossa proposta de tratamento lexicográfico para o verbo polissêmico TOMAR.

5.3 SUGESTÃO PARA O REGISTRO LEXICOGRÁFICO DO VERBO *TOMAR* EM DICIONÁRIOS *ON-LINE* DE LÍNGUA PORTUGUESA: “SOLUÇÃO POLISSÊMICA”

A partir da modelização das acepções de TOMAR na combinatória lexical e na combinatória sintática, é possível estabelecermos uma relação de maior proximidade entre certas acepções do verbo, do que em relação a outras menos aparentadas.

Vimos, a partir das considerações registradas em trabalhos metalexiconográficos, que palavras polissêmicas (e homonímicas) têm sido dicionarizadas, principalmente, a partir de critérios etimológicos e semânticos. Esses critérios podem contribuir para: (i) o agrupamento de sentidos que não parecem relacionados para o consulente; (ii) o estabelecimento de uma listagem de acepções que podem não seguir uma linha contínua de sentidos; e (iii) a separação de acepções muito específicas que, na verdade, poderiam figurar em uma única acepção mais abrangente.

Assim, a partir de nossa análise, defendemos que a organização do verbete de TOMAR em dicionários *on-line* de língua portuguesa pode ser orientada por uma metodologia formal. Com base na combinatória sintática e lexical das acepções de TOMAR, temos como resultado o verbete organizado e estruturado por uma linha de sentidos que é capaz de evidenciar uma sequência semântica, pelo menos entre as acepções que apresentam claramente proximidade de sentidos, como se se vê abaixo.

Quadro 44 – Sugestão para o ordenamento das acepções no verbete do verbo TOMAR

Ordenamento das acepções nos dicionários <i>on-line</i> de LP	Proposta de ordenamento das acepções no verbete	Acepção	Exemplo
Acepção 1 \Rightarrow	Acepção 1	<i>Utilizar no sentido de fazer uso (de); servir-se (de); lançar mão (de).</i>	Tomei-o para meu criado.
Acepção 2 \Rightarrow	Acepção 2	<i>Agarrar no sentido de pegar (em); segurar; prender; empunhar; sustentar; segurar.</i>	Tomou o filho pela mão. Tomou da caneta

			para escrever.
Acepção 3 ⇨	Acepção 3	<i>Roubar no sentido de arrematar; tirar (algo) de alguém; apossar-se (de); arrebatrar; furtar; subtrair; usurpar.</i>	O bandido tomou da pobre velhinha o pacote.
Acepção 4 ⇨	Acepção 4	<i>Confiscar no sentido de capturar; apreender</i>	A polícia tomou toda a mercadoria roubada.
Acepção 5 ⇨	Acepção 5	<i>Conquistar (território) no sentido de apoderar-se (de) (por força/violência); promover a conquista ou a invasão (de).</i>	Os invasores tomaram a cidade.
Acepção 15 ⇨	Acepção 6	<i>Aceitar no sentido de receber (recompensa/favor/merecimento).</i>	Tomou o donativo das mãos do benfeitor.
Acepção 16 ⇨	Acepção 7	<i>Receber no sentido de levar maus-tratos (físicos e/ou morais); ser vítima de agressão.</i>	Tomou um beliscão do coleguinha.
Acepção 11 ⇨	Acepção 8	<i>Adotar no sentido de receber junto a si (ser vivo); oferecer refúgio/cuidados; acolher; recolher.</i>	Tomou o órfão para criá-lo.
Acepção 12 ⇨	Acepção 9	<i>Escolher no sentido de ter/manifestar/dar preferência (por/a); preferir; decidir-se (por).</i>	O professor tomou para medianoiro o diretor da escola. Tomei-o como/por testemunha.
Acepção 10 ⇨	Acepção 10	<i>Ocupar no sentido de preencher lugar, espaço.</i>	A festa tomou a praça inteira.
Acepção 13 ⇨	Acepção 11	<i>Assumir no sentido de apresentar em si; exibir; adquirir (aspecto/estado).</i>	Seu rosto tomou um ar de gravidade.
Acepção 14 ⇨	Acepção 12	<i>Deixar-se dominar ou persuadir no sentido de ser assaltado/invadido; ser possuído (por sentimento/emoção).</i>	Tomou-se de amores pelo visitante.
Acepção 17 ⇨	Acepção 13	<i>Interpretar no sentido de considerar; entender algo (de uma certa forma).</i>	Tomei essas palavras em acepção figurada.
Acepção 18 ⇨	Acepção 14	<i>Julgar no sentido de formar uma ideia/concepção; levar algo em consideração.</i>	Tomei o gesto como ofensa.
Acepção 6 ⇨	Acepção 15	<i>Absorver no sentido de beber; engolir; comer; ingerir (alimento, líquido ou sólido, medicamento)</i>	Tomar uma limonada.
Acepção 7 ⇨	Acepção 16	<i>Embebedar-se no sentido de consumir bebida alcoólica em</i>	T.-se de cerveja. Eu acho que ele tomou.

		<i>excesso; embriagar-se.</i>	
Acepção 8 ⇨	Acepção 17	<i>Aspirar no sentido de apanhar (ar); sorver; absorver (por inalação); atrair (ar, pó) aos pulmões</i>	Decidiu sair para tomar um pouco de ar.
Acepção 9 ⇨	Acepção 18	<i>Dirigir-se no sentido de encaminhar-se; seguir (por caminho ou direção); continuar avançando (por); escolher determinado percurso ou direção.</i>	Os excursionistas tomaram por uma trilha. Tomou a estrada da direita.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como se observa no quadro acima, a partir da modelização da combinatória lexical das acepções de TOMAR por meio das funções lexicais, e da combinatória sintática, propomos o reordenamento das acepções no verbete de TOMAR dos dicionários *on-line* de língua portuguesa aproximando, na disposição das acepções no interior do verbete, as acepções que veiculam sentidos que podem ser modelizados pelas mesmas FLs e apresentam um esquema de regime mais próximo. Desta forma, estão sequenciadas primeiramente as acepções que compartilham a função lexical *Real* (com esquema de regime em que o verbo se liga diretamente a sua palavra-chave), seguida da função *Labreal* (cujo esquema de regime evidencia a palavra-chave sendo ligada indiretamente ao verbo), ou seja, quando o verbo TOMAR expressa os sentidos de *utilizar, receber, roubar, confiscar, conquistar, adotar, agarrar, escolher* e *aceitar* e pode ser modelizado através das funções para verbos de realização; a seguir, aparece listada a acepção com sentido de *ocupar, preencher*, modelizada pela função *InvolvLoc*; após, são elencadas as acepções modelizadas pela função *Excess-Sympt*, que representa o sentido de TOMAR como *assumir, dar mostras de, deixar-se dominar*; em sequência, aparecem as duas acepções de TOMAR que compartilham os sentidos próximos de *considerar, interpretar, julgar*, com função não *standard*; posteriormente, aparecem as acepções que dizem respeito a *absorver* [líquido/alimento/medicamento/bebida alcoólica em excesso/ar], modelizadas por função também não *standard* e, por fim, as acepções de TOMAR em nosso *corpus* terminam de ser listadas com o verbo como suporte, não totalmente esvaziado de sentido, de fato expressando *levar, receber, dirigir-se, encaminhar-se*, modelizado pelas funções *Oper* (com esquema de regime que evidencia o verbo ligando-se diretamente a sua palavra-chave) e *OperLoc* e *LaborLoc* (como verbo-suporte e acrescido do sentido de localidade).

Dispomos as acepções do verbo TOMAR nos moldes descritos acima com a finalidade de evidenciar uma linha sequencial lógica de sentido: sentidos mais próximos (modelizados

com as mesmas funções lexicais) foram dispostos em grupos que se aproximam, sem que haja a separação de sentidos mais aparentados. Dentro ainda desses grupos, e graças ao esquema de regime das acepções, colocamos em primeiro lugar a acepção do verbo em que este se liga diretamente a sua palavra-chave e, em seguida, a acepção em que o verbo se liga indiretamente, por meio de preposição, a sua palavra-chave.

Tendo como base a análise que fizemos da combinatória sintática e da combinatória lexical dos sentidos expressos pelas acepções de TOMAR, nesta seção foi possível propor a reorganização do verbete de TOMAR de maneira que as acepções apareçam agrupadas no interior do verbete tendo em vista: (i) o fato de veicularem sentidos de alguma maneira aproximados e (ii) o fato de apresentarem comportamento sintático semelhante. Esta sugestão enquadra-se no que configura uma “solução polissêmica” para a prática lexicográfica, ou seja, assumindo que os sentidos de TOMAR devem ser ordenados em um mesmo verbete mesmo que o consulente não consiga compreender uma vinculação aparente entre eles. De qualquer forma, de acordo com a proposta apresentada nesta seção, pelo menos o consulente poderá reconhecer um contínuo na disposição das acepções ao longo do verbete, reconhecendo que a ordem das acepções não é aleatória, antes há um princípio que orienta esse ordenamento: sentidos mais próximos são agrupados primeiramente (acepções 1 a 8) e os sentidos mais distantes são registrados nas últimas posições do verbete (acepções 9 a 18).

Na próxima seção, também considerando a análise que fizemos da combinatória sintática e da combinatória lexical dos sentidos expressos pelas acepções de TOMAR, apresentaremos uma proposta de “solução homonímica”, tendo em vista o fato de que muitos dos sentidos de TOMAR que examinamos não mostram qualquer vinculação em sua combinatória lexical e nem em sua combinatória sintática.

5.4 SUGESTÃO PARA O REGISTRO LEXICOGRÁFICO DO VERBO *TOMAR* EM DICIONÁRIOS *ON-LINE* DE LÍNGUA PORTUGUESA: “SOLUÇÃO HOMONÍMICA”

Como vimos neste trabalho, a TST e o MST possibilitam, por meio de seu aparato de descrição formal, que as relações que podem ser estabelecidas entre as unidades lexicais para que determinado sentido seja expresso sejam modelizadas por meio da combinatória sintática e da combinatória lexical, esta última com especial ênfase à aplicação das funções lexicais, que a palavra-chave pode apresentar. Por meio dessa modelização, podemos identificar uma aproximação ou um distanciamento, por exemplo, entre os múltiplos sentidos de um verbo que julgamos polissêmico.

Levando em consideração que autores como Ullmann (1977) e Kempson (1989) ensinam que a polissemia consiste em uma mesma palavra possuir diversos sentidos aparentados, e a homonímia consiste no fato de duas palavras possuírem formas iguais, mas sentidos diferentes, a análise que fizemos das combinatórias sintáticas e das combinatórias lexicais que o verbo TOMAR pode ensejar nos encoraja a defender que existem sentidos de TOMAR que são próximos, veiculam estados de coisas aparentados, e, portanto, devem figurar em um único verbete; e sentidos que são tão distantes que já se tornaram diferentes; logo, parecem espelhar um caso de homonímia.

Deste modo, como primeiro verbete a ser apresentado propomos um verbete que abarca os casos em que TOMAR apresentou as acepções do verbo que mostraram um sentido de experiência física vivenciada pelo primeiro actante selecionado pelo verbo, ou seja, seu sujeito. Tais acepções, assim como as anteriores, foram capazes de serem modelizadas apenas por funções lexicais não *standard*:

Quadro 45 – TOMAR¹

Acepção	Exemplos
Acepção 1 - <i>Absorver no sentido de beber; engolir; comer; ingerir (alimento, líquido ou sólido, medicamento).</i>	Tomar uma limonada.
Acepção 2 - <i>Embebedar-se no sentido de consumir bebida alcoólica em excesso; embriagar-se.</i>	T.-se de cerveja. Eu acho que ele tomou.
Acepção 3 - <i>Aspirar no sentido de apanhar (ar); sorver; absorver (por inalação); atrair (ar, pó) aos pulmões.</i>	Decidiu sair para tomar um pouco de ar.

Fonte: Elaborado pela autora.

Tendo constatado que um conjunto de acepções podem ter seu sentido modelizado pela aplicação de funções lexicais que tipificam verbos de realização (Real), e que, em alguma medida, mantêm uma vinculação semântica entre si (fato que se comprova pela possibilidade de TOMAR poder ser substituído por *pegar* em quase todos os contextos em que TOMAR se comporta como um verbo de realização), sugerimos que essas acepções sejam agrupadas em um mesmo verbete. Além desses, este verbete também pode abarcar as acepções em que TOMAR se atualiza como verbo-suporte, esvaziados de sentido, mas que têm como função ligar a realização de um actante semântico da palavra-chave com a própria palavra-chave (*tomar uma decisão = decidir, tomar parte em = participar*). Assim, a nossa sugestão é que a entrada lexical TOMAR², efetivamente polissêmico, seja como segue.

Quadro 46 – TOMAR²

Acepção	Exemplo
Acepção 1 - Utilizar no sentido de fazer uso (de); servir-se (de); lançar mão (de).	Tomei-o para meu criado.
Acepção 2 - Aceitar no sentido de receber (recompensa/favor/merecimento).	Tomou o donativo das mãos do benfeitor.
Acepção 3 - Roubar no sentido de arrematar; tirar (algo) de alguém; apossar-se (de); arrebatado; furtar; subtrair; usurpar.	O bandido tomou da pobre velhinha o pacote.
Acepção 4 - Confiscar no sentido de capturar; apreender.	A polícia tomou toda a mercadoria roubada.
Acepção 5 - Conquistar (território) no sentido de apoderar-se (de) (por força/violência); promover a conquista ou a invasão (de).	Os invasores tomaram a cidade.
Acepção 6 - Adotar no sentido de receber junto a si (ser vivo); oferecer refúgio/cuidados; acolher; recolher.	Tomou o órfão para criá-lo.
Acepção 7 - Agarrar no sentido de pegar (em); segurar; prender; empunhar; sustentar; segurar.	Tomou o filho pela mão. Tomou da caneta para escrever.
Acepção 8 - Escolher no sentido de ter/manifestar/dar preferência (por/a); preferir; decidir-se (por).	O professor tomou para medianoiro o diretor da escola. Tomei-o como/por testemunha.
Acepção 9 - Receber no sentido de levar maus-tratos (físicos e/ou morais); ser vítima de agressão.	Tomou um beliscão do coleguinha.
Acepção 10 - Dirigir-se no sentido de encaminhar-se; seguir (por caminho ou direção); continuar avançando (por); escolher determinado percurso ou direção.	Os excursionistas tomaram por uma trilha. Tomou a estrada da direita.

Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando que TOMAR, quando expressa o sentido *ocupar, preencher lugar, espaço*, único sentido representado pela função complexa *InvolvLoc* (que representa o fato de um item dominar uma determinada localização/espaço), o qual não compartilha nenhuma função lexical com as demais 17 acepções examinadas, sugerimos que esse sentido seja registrado em uma entrada lexical independente: TOMAR³, como se vê abaixo.

Quadro 47 – TOMAR³

Acepção	Exemplo
<i>Ocupar no sentido de preencher lugar, espaço.</i>	A festa tomou a praça inteira.

Fonte: Elaborado pela autora.

O quarto e penúltimo verbete de TOMAR, de acordo com nossa análise, seria composto dos sentidos expressos nas acepções do verbo em que ele representa uma experiência vivenciada por seu primeiro actante, ou seja, seu sujeito. Neste caso, o sentido foi modelizado por meio da função lexical que representa sintomas experienciados pelo sujeito, *Sympt*, acrescida da função que indica o excesso, *Excess*.

Quadro 48 – TOMAR⁴

Acepção	Exemplo
Acepção 1 - <i>Assumir no sentido de apresentar em si; exhibir; adquirir (aspecto/estado).</i>	Seu rosto tomou um ar de gravidade.
Acepção 2 - <i>Deixar-se dominar ou persuadir no sentido de ser assaltado/invadido; ser possuído (por sentimento/emoção).</i>	Tomou-se de amores pelo visitante.

Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, como quinto e último verbete de TOMAR, estariam presentes as acepções do verbo que indicam uma avaliação psicológica, realizada pelo primeiro actante, ou seja, o sujeito do verbo, sobre um segundo actante, complemento objeto direto do verbo. Tais acepções só foram possíveis de serem modelizadas a partir de funções lexicais não-*standard*, isto é, funções relativas apenas ao sentido particular da palavra-chave.

Quadro 49 – TOMAR⁵

Acepção	Exemplos
Acepção 1 - <i>Interpretar no sentido de considerar; entender algo (de uma certa forma).</i>	Tomei essas palavras em acepção figurada.
Acepção 2 - <i>Julgar no sentido de formar uma ideia/concepção; levar algo em consideração.</i>	Tomei o gesto como ofensa.

Fonte: Elaborado pela autora.

Na seção 5.3, onde apresentamos sugestões para o registro lexicográfico das diferentes acepções de TOMAR em dicionários *on-line* de língua portuguesa, propomos, a partir da combinatória lexical e sintática dos sentidos veiculados pelas acepções de TOMAR, um reordenamento das 18 acepções em um único verbete, tendo como base para essa proposição o exercício de tentar identificar certa “proximidade” entre os sentidos que as acepções veiculam. Esta primeira sugestão configura-se como uma “solução polissêmica”, porque dispõe todos os sentidos que uma mesma forma, o verbo TOMAR, pode ensejar em um único

verbetes. No entanto, como vimos nas seções 5.2.1 e 5.2.2, nem todos os sentidos veiculados pelo verbo TOMAR apresentam a mesma combinatória sintática (esquema de regime e suas restrições) e nem podem ser representados pelas mesmas funções lexicais. Assim, nesta seção procuramos mostrar uma possibilidade de lematização de TOMAR a partir da modelização dos sentidos que as acepções veiculam. Nossa sugestão levou em conta o fato de que a análise da combinatória sintática e da combinatória lexical das 18 acepções de TOMAR nos mostrou que há acepções que veiculam sentidos que não se relacionam entre si. Esta segunda sugestão configura-se como uma “solução homonímica”, isto é, apontou que temos cinco formas idênticas, cinco significantes iguais, mas com sentidos não relacionados entre si. Como resultado dessa tomada de posição, estabeleceu-se a existência de cinco blocos de sentido, veiculados por TOMAR, não aparentados uns com os outros quanto ao sentido.

Enfim, não pretendemos nesta dissertação resolver o problema do registro lexicográfico de palavras “ditas” polissêmicas. Nossa abordagem, como dissemos no início deste trabalho, é de cunho metalexiconográfico. Portanto, tendo realizado uma análise crítica dos oito dicionários *on-line* examinados aqui a respeito da lematização do verbo TOMAR, procuramos contribuir com a prática lexicográfica, apresentando uma descrição linguística com base em alguns pressupostos teóricos do MST de 18 sentidos que esse verbo pode veicular. Esta análise mostrou que semanticamente alguns desses sentidos são aparentados, mas outros não.

Com base nesses resultados, procuramos mostrar que há duas formas de se tratar do problema, ou seja, duas soluções possíveis: a primeira, mantém a forma como a tradição lexicográfica costuma construir o verbete desse verbo, mas, através de nossa análise, procuramos agrupar essas acepções de forma que houvesse um contínuo na hierarquia das oito primeiras acepções, que são semanticamente aparentadas, e as demais seriam registradas no final do verbete; a segunda solução parte da constatação de que, de acordo com a modelização dos sentidos expressos por TOMAR, temos dez sentidos polissêmicos que devem figurar em um único verbete (considerando os oito primeiros sentidos mais próximos e as duas acepções em que o verbo é suporte), mas os demais sentidos devem configurar pelos menos mais quatro entradas lexicais em um dicionário.

RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo objetivou apresentar a análise das 18 acepções do verbo TOMAR selecionadas através dos procedimentos metodológicos mencionados no Capítulo 4. Na seção

5.1, analisamos os registros lexicográficos de TOMAR nos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa, conforme pressupostos teóricos apresentados nos Capítulos 1, seção 1.1, sobre polissemia e homonímia, e 2, seção 2.4, onde mostramos como os trabalhos metalexográficos apontam soluções para o tratamento lexicográfico de verbos polissêmicos, para a distinção entre os fenômenos da polissemia e da homonímia e para o ordenamento de acepções polissêmicas. Na seção 5.2, apresentamos a modelização das 18 acepções do verbo TOMAR por meio de sua combinatória sintática (seção 5.2.1) e de sua combinatória lexical (seção 5.2.2). Na seção 5.3, apresentamos nossa “sugestão polissêmica” para registro lexicográfico das acepções de TOMAR em dicionários *on-line* de língua portuguesa; e, por fim, na seção 5.4, mostramos como seria o registro lexicográfico de TOMAR a partir de uma “solução homonímica”. A seguir, seguem as conclusões da pesquisa que realizamos ao longo deste percurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação, inserida no âmbito dos estudos metalexográficos, teve como objetivo geral analisar como o verbete do verbo TOMAR está estruturado em oito dicionários *on-line* de língua, listar as acepções que são apresentadas pelos dicionaristas e, a partir disso, construir um *corpus* das acepções desse verbo constantes em tais dicionários. Os objetivos específicos estavam centrados na análise dessas acepções tendo como referencial teórico a Teoria Sentido-Texto e o Modelo Sentido-Texto, especialmente no que se refere à combinatória sintática que os sentidos veiculados pelas acepções manifestam e à combinatória lexical, ou seja, às funções lexicais que descrevem o sentido de cada uma das acepções de TOMAR. A finalidade do estudo foi contribuir com a prática lexicográfica para o registro do verbo TOMAR em dicionários *on-line* de língua e sugerir uma reorganização das acepções desse verbo com base nos resultados obtidos nas análises realizadas.

Para tanto, no capítulo 1, apresentamos as discussões mais importantes acerca do objeto de estudo desta dissertação, ou seja, a dicionarização do caráter polissêmico do verbo TOMAR. Assim, dividimos o capítulo em três seções. Na seção 1.1, tratamos da polissemia e de sua relação com a homonímia, enfatizando os problemas que os lexicógrafos enfrentam para a tomada de decisão acerca do registro lexicográfico de uma palavra polissêmica ou homonímica. Vimos que a maior parte dos estudiosos entende que a polissemia decorre da capacidade que uma forma de palavra tem de expressar um conjunto de diversos sentidos, sendo que estes sentidos devem apresentar alguma proximidade entre si. A homonímia, por sua vez, ocorre quando há duas palavras diferentes, que convergiram fonologicamente para uma mesma forma, e não apresentam relação de significado. Vimos também que as tomadas de posição dos lexicógrafos – frente a uma forma que apresenta diversos significados – podem ser heterogêneas (levando em conta critérios distintos, como morfológicos, semânticos, sintáticos), mas o critério que aparece de maneira acentuada nos dicionários é o etimológico. Na seção 1.2, mostramos como são descritos os verbos polissêmicos na literatura especializada (cf. Oliveira (1989), Matos (2006) e Camargos e Faria (2011)). Em sua grande maioria, os estudos apresentados defendem a ideia de que o complexo sintático em que um determinado verbo se insere é o fator desencadeante para um verbo apresentar mais de um sentido. Constatamos também que o contexto foi sempre destacado pelos autores como um importante fator no surgimento de sentidos polissêmicos de um verbo. Na seção 1.3, abordamos especificamente os trabalhos acadêmicos, localizados na *internet* ou em bibliotecas físicas, que versam sobre a polissemia do verbo TOMAR. Esses trabalhos parecem

se aproximar dos estudos realizados sobre a polissemia verbal em geral. Em especial, vimos que Santos (2011) realizou estudo bastante extensivo a respeito dos sentidos polissêmicos de TOMAR, verificando que a polissemia desse verbo se apresenta em todos os períodos da língua portuguesa (arcaico, clássico e contemporâneo). Mais ainda, para a autora, verbos que possuíam sentidos básicos mais concretos são alvo de processos metafóricos que contribuem para o surgimento de sentidos polissêmicos abstratos. Abordamos também os trabalhos de Pederneira (2014) e Merlo (2015). Para Pederneira (2014), o fato de o verbo TOMAR aparecer em diferentes construções com uma gama de complementos muito diferentes contribui para o surgimento dos diferentes sentidos do verbo, conforme o complexo sintático em que ele estiver. Já Merlo (2015) sustenta que é a natureza dos papéis temáticos dos argumentos do verbo que faz com que diversos sentidos sejam associados a um único verbo. Em síntese, com base nesses trabalhos, constatamos que o comportamento polissêmico do verbo TOMAR já aparecia no português arcaico e vem apresentando alterações ao longo do tempo. Vimos também que o complemento do verbo contribui para a especialização do sentido, assim como os papéis temáticos dos diferentes argumentos que um verbo seleciona.

No Capítulo 2, abordamos a lexicografia, a técnica responsável pela elaboração de obras lexicográficas, e a metalexicografia, disciplina responsável pela teorização e reflexão sobre o “fazer lexicográfico”, bem como sobre produtos lexicográficos. Na seção 2.1, apresentamos a disciplina conhecida como *Lexicografia*. Observamos que, enquanto a *Lexicologia* reflete sobre o léxico na sua totalidade, a *Lexicografia* realiza a construção propriamente dita das obras lexicográficas. Na seção 2.2, expusemos os diferentes tipos de dicionários, apontando como é problemática a classificação de obras lexicográficas, dados os tantos parâmetros que podem ser levados em consideração na classificação de uma obra de referência. Destacamos especialmente os critérios de classificação propostos por Welker (2004) e Svensén (2009). A partir do ponto de vista destes autores, identificamos que os dicionários de língua portuguesa *on-line* são dicionários de língua, gerais, eletrônicos, semasiológicos, contemporâneos sincrônicos, normativos, e para consulta. Na seção 2.3, discorremos sobre a estrutura dos dicionários, ou seja, evidenciamos as partes que constituem esse tipo de obra lexicográfica, especialmente no que diz respeito à macro, à micro e à medioestrutura. Por fim, na seção 2.4, ao apresentar o que se entende por metalexicografia, adentramos nas discussões que são feitas acerca do registro lexicográfico de palavras polissêmicas e palavras homônimas em trabalhos de natureza metalexicográfica. Para tanto, apresentamos os pontos de vista de Biderman (2000, 2004) e Bugueño Miranda (2016), os quais problematizaram o tratamento da polissemia e da homonímia nos dicionários de língua,

apontando as tomadas de posição dos lexicógrafos frente a palavras que apresentam uma mesma forma e mais de um significado, e as consequências das “soluções” (ditas polissêmicas ou homonímicas) comumente adotadas pelos lexicógrafos para o registro de uma palavra polissêmica.

O Capítulo 3 objetivou apresentar o funcionamento da Teoria Sentido-Texto, linha teórico-lexicográfica adotada nesta dissertação. Na seção 3.1, expusemos os pressupostos teóricos principais do MST e como este pretende ser um modelo de expressões simbólicas que representam as relações linguísticas (paradigmáticas e sintagmáticas) presentes em cada produção de fala de um Locutor. Na seção 3.2, mostramos como ocorre o registro lexicográfico em um dicionário que tem como base os fundamentos da TST e do MST, ou seja, que se organiza por meio da *Lexicologia Explicativa e Combinatória*, mostrando quais são as zonas de descrição lexicográfica adotadas no DEC (*Dicionário Explicativo Combinatório*). Ainda, apresentamos de forma mais detalhada o funcionamento de duas zonas de descrição lexicográfica consideradas no DEC: a zona da combinatória sintática (seção 3.2.1) e a zona da combinatória lexical (3.2.2), as quais foram suporte de nossas análises. Por fim, na seção 3.3, constatamos que a TST, ao defender que as lexias de um vocábulo polissêmico devem apresentar intersecção de sentido perceptível ao Locutor e que tais sentidos devem ser descritos em todas as propriedades que cada uma das lexias do vocábulo apresentam (semânticas, formais e combinatórias), acaba por se somar ao ponto de vista dos teóricos apresentados no Capítulo 1, seções 1.2 e 1.3, de acordo com os quais verbos polissêmicos se caracterizam por meio da permuta de campos semânticos, o que acaba por acarretar que as acepções apresentem diferentes combinatórias sintáticas restritas.

No Capítulo 4, procuramos pôr em evidência os procedimentos metodológicos adotamos em nossa pesquisa. Na seção 4.1, destacamos os critérios utilizados para a escolha dos dicionários de onde recolhemos os verbetes de TOMAR: os dicionários de língua portuguesa disponíveis em plataforma *on-line*. Na seção 4.2 com base nas propostas de classificação apresentadas por Welker (2004) e Svensén (2009), vistas no Capítulo 2, apresentamos a caracterização geral dos oito dicionários *on-line* de língua portuguesa analisados em nossa pesquisa. Na seção 4.3, apresentamos as propriedades macro e microestruturais dos dicionários *on-line*: sua estrutura de acesso, os tipos de palavras dicionarizadas, a estrutura interna dos verbetes e os diferentes tipos de microestrutura. Os verbetes do verbo TOMAR, contendo a lista de acepções do verbo, dos oito dicionários *on-line* examinados, foram exibidos na seção 4.4. Nesta mesma seção, também discorremos sobre como ocorreu a seleção das 18 acepções que compõem o *corpus* desta pesquisa. Por fim, na

seção, 4.5, apresentamos os critérios que empregamos na análise dos dados, evidenciando os procedimentos adotados no MST para abordar a combinatória sintática e a combinatória lexical no DEC, tendo em vista que fizemos uso desses procedimentos em nossa análise das 18 acepções do verbo TOMAR.

Por último, no capítulo 5, realizamos a análise dos sentidos veiculados pelas 18 acepções de TOMAR. A análise foi realizada em três etapas. Na seção 5.1, analisamos os registros lexicográficos de TOMAR em dicionários *on-line* de língua portuguesa, abordando mais pontualmente os problemas afeitos ao registro de unidades lexicais polissêmicas e homônimas, em relação aos critérios de classificação e ao ordenamento das acepções no interior dos verbetes. Na seção 5.2, apresentamos a modelização dos sentidos expressos pelas 18 acepções de TOMAR por meio de sua combinatória sintática e de sua combinatória lexical; por fim, na seção 5.3, apresentamos nossa proposta de reordenamento das acepções no interior do verbe, uma “solução polissêmica”, tendo como critério balizador para o agrupamento das acepções a busca por agrupar primeiramente os sentidos mais próximos, considerando as combinatórias lexicais identificadas na seção 5.2.2 e os esquemas de regime semelhantes, vistos na seção 5.2.1. Na seção 5.4, considerando que nossas análises evidenciaram que muitos dos sentidos de TOMAR que examinamos não mostraram qualquer vinculação em sua combinatória lexical e nem em sua combinatória sintática, apresentamos nossa proposta de registro lexicográfico para TOMAR pautada em uma “solução homônima”.

Uma outra análise que poderia contribuir para o ordenamento das acepções do verbo TOMAR é uma análise a partir dos traços \pm concreto e \pm abstrato, características levadas em consideração por Matos (2006), Camargos e Faria (2011) e Santos (2011), em seu estudo que buscou mapear os sentidos de TOMAR ao longo da história da língua portuguesa. No entanto, como o objetivo, neste momento, era analisar os sentidos do verbo a partir do mapeamento das funções lexicais, optamos por não realizar a análise de traços neste trabalho. Entendemos que, em um trabalho futuro, seria importante verificar como os traços semânticos apontados por Matos (2006), Camargos e Faria (2011) e Santos (2011) podem contribuir com a análise que apresentamos nesta dissertação.

Sabemos que esta é uma análise preliminar e que, para que se possa tomar uma decisão sobre qual das duas soluções possíveis é a mais viável, seria necessário realizar uma pesquisa muito mais ampla, que verificasse quais acepções são, de fato, usadas pelos falantes da língua portuguesa, quais não são, e que novos sentidos esse verbo pode expressar. Essa é uma tarefa, quem sabe, para uma futura pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABERTO. Dicionário Aberto. <http://dicionario-aberto.net>

AURÉLIO. **Dicionário do Aurélio Online**. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/>.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: II Simpósio Latino-americano de Terminologia, 1990, Brasília. **Anais eletrônicos**. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT, 1990. Disponível em: http://www.ufrgs.br/riterm/por/txt_simposios_anteriores_1990.html. Acesso em: 2 fev. 2018.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande – MS: Editora UFMS, 2004. v. 2. p. 185-200.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Aurélio: sinônimo de dicionário? **Alfa**, São Paulo, n. 44, p. 27-55, 2000. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/107776/ISSN1981-5794-2000-44-27-55.pdf;sequence=1>. Acesso em: 2 fev. 2018.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix. As soluções polissêmicas e homonímicas em dicionários semasiológicos. **Revista Trama**, Marechal Cândido Rondon-PR, v. 12, n. 24, p. 121-153, 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/11424>. Acesso em: 2 fev. 2018.

CALDAS AULETE. **Dicionário Online Caldas Aulete**. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; FARIA, Daniela da Silva. Verbos polissêmicos no português: uma breve análise semântica. **Gatilho**, Juiz de Fora – SP, v. 14, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2011/11/Camargos.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2007.

CHISHMAN, Rove L. de O.; ABREU, Débora T. B. de. Construções com verbos-suporte: propriedades gramaticais e discursivas. **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 153-168, jun. 2014.

DICIO. **Dicionário Online de Português**. <https://www.dicio.com.br/>

ELNITSKY, Léo. Présentation d'un articlende dictionnaire (lexème) et d'un superarticle (vocable). In: MEL'ČUK, Igor A. ; ARBATCHEWSKY-JUMARIE N., ELNITSKY L., Iordanskaja L., Lessard A. **Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain**. Recherches lexicosémantiques. Montréal : es Presses de l'Université de Montréal, 1984. p. XX-XX.

FRANCHI, Regina C. M. W. **As construções ergativas: um estudo sintático**. 1989. 199 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Processos morfológicos não-concatenativos do português brasileiro: formato morfoprosódico e latitude funcional. **Alfa**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 9-28, 2004.

HAENSCH, Günther. Aspectos práticos de la elaboración de diccionarios. In: HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. **La Lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982b. p. 395-534.

HAENSCH, Günther. Tipología de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. **La Lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982a. p. 95-187.

HAENSCH, Günther; WOLF, Lothar. Introducción. In: HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. **La Lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982. p. 11-20.

HOUAISS. **Grande Dicionário Houaiss**. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#0>.

INFOPÉDIA. **Infopédia Dicionário Porto Editora**. <https://dicionario.priberam.org/>

KEMPSON, Ruth Margaret. **Semantic Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LARA, Luis Fernando. O dicionário e suas disciplinas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande – MS: Editora UFMS, 2004. v. 2. p. 133-152.

LORENTE, Mercè. A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande – MS: Editora UFMS, 2004. v. 2. p. 19-30.

LYONS, John. **Introdução à Linguística Teórica**. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva; Hélio Pimentel. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979

LYONS, John. **Semântica**. Lisboa: Editorial Presença, 1976. v. 1.

MATOS, Maria Aparecida Damasceno Netto de. **Verbos polissêmicos: propriedades semânticas e processos metafóricos**. 2006. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) -- Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br>. Acesso em: 15 jun. 2017.

MEL'ČUK, I.; CLAS, A.; POLGUÈRE, A. **Introduction à la lexicologie explicative et combinatoire**. Bélgica : Editions Duculot, 1995.

MEL'ČUK, I.; POLGUÈRE, A. Prédicats et quasi-prédicats sémantiques dans une perspective lexicographique. **Lidil** [En ligne], v. 37, 2008.

MEL'ČUK, Igor A. Les collocations. **Cahiers de lexicologie**, Paris, n.102, p. 129-149, 2013.

MEL'ČUK, Igor A. MILIĆEVIĆ, Jasmina. **Introduction à la linguistique**. v. I. Paris : Hermann Éditeurs, 2014.

MEL'ČUK, Igor A. **Phrasemes in language and phraseology in linguistics**. Canada: Université de Montréal, 1995. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/130436805/Phrasemes-in-Language-and-Phraseology-in-Linguistics>. Acesso em: 3 dez. 2017.

MEL'ČUK, Igor A. Phraséologie dans la langue et dans le dictionnaire. In : XXIV Journées Pédagogiques sur l'Enseignement du Français en Espagne, 2007, Barcelona. **Anais**. Barcelona: Repères & Applications (VI), 2008. Disponível em: <http://olst.ling.umontreal.ca/pdf/MelcukPhraseme2008.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

MEL'ČUK, Igor A. Phraseology in the language, in the dictionary, and in the computer. **De Gruyter Mouton**. 2012. v. 3. p. 31-56. Disponível em: http://olst.ling.umontreal.ca/pdf/yop_2012_0003.final.pdf. Acesso em: 9 out. 2017.

MEL'ČUK, Igor A. **Semantics**: From meaning to text. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015.

MEL'ČUK, Igor A. **Vers une linguistique Sens-Texte**. Collège de France: Chaire Internationale, 1997.

MERLO, Francieli Janaína. **Verbo tomar: polissemia e papéis temáticos**. 2015. 20f. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização (Especialista em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa) -- Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/117498>. Acesso em: 8 abr. 2017.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. <https://michaelis.uol.com.br/>

OLIVEIRA, Maria da Graça Albino. **Dar**: o verbo mais polissêmico da língua portuguesa. 1989. 411 f. Dissertação (Mestrado em Letras) -- Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 1989. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/75520>. Acesso em: 15 jun. 2017.

PALMER, Frank Robert. **Semantics: a new outline**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

PEDERNEIRA, Isabella Lopes. Verbos leves no português brasileiro: uma nova proposta. **Linguística Rio**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 9-16, 2014. Disponível em: <http://www.linguisticario.letras.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/isabella.pdf>. Acesso em 12 jul. 2017.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2004.

POLGUÈRE, A. **Lexicologia e semântica lexical**: noções fundamentais. Tradução de Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

POLGUÈRE, Alain. La Théorie Sens-Texte. **Dialangue**, Québec, v. 8-9, p. 9-30, 1998. Disponível em: <http://olst.ling.umontreal.ca/pdf/PolgIntroTST.pdf>. Acesso em: 11 set. 2017.

POLGUÈRE, Alain. Modélisation des liens lexicaux au moyen des fonctions lexicales. **Taln**: Nancy, p. 37-60, 2002.

POLGUÈRE, Alain. **Polysemy from a semantic and non-semantic viewpoint**. Nancy: Université & ATILF CNRS, 2010.

POLGUÈRE, Alain. Typologie des entités lexicales d'une base de données explicative et combinatoire. In: Journée de l'ATALA: Interface lexicale-grammaire et lexiques syntaxiques et sémantiques, 2005, Paris. **Anais**. Paris: École nationale supérieure des télécommunications – ENST, 2005. Disponível em: <http://olst.ling.umontreal.ca/pdf/ATALAAPol-2005.pdf>. Acesso em: 11 set. 2017.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. <https://dicionario.priberam.org/>

REY, Alain. **Le lexique**: images et modèles du dictionnaire à la lexicologie. Paris : Librairie Armand Colin, 1977.

SANTOS, Elisângela Santana. **A polissemia do verbo “tomar” ao longo da história da língua portuguesa**: um estudo à luz da Linguística Cognitiva. 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Letras) --

Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2011.
Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8388>. Acesso em: 8 abr. 2017.

SELISTRE, Isabel Cristina Tedesco. Dicionários disponíveis on-line para aprendizes de inglês: estruturação e recursos. **Ci**, Brasília, v. 39, n. 3, p. 61-72, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652010000300005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 2 fev. 2018.

SVENSÉN, Bo. **A handbook of lexicography: the theory and practice of dictionary-making**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

WELKER, Herbert Andreas. Breve histórico da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. **Matraga**, Rio de Janeiro, p. 69-84, 2006. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga19/matraga19a04.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2018.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. 2. ed. rev. e ampl. Brasília: Thesaurus, 2004.

WERNER, Reinhold. Léxico y teoría general del lenguaje. In: HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. **La Lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982. p. 21-94.

APÊNDICE A – VERBETE DE *TOMAR* NO DICIONÁRIO *ABERTO*

Tomar

v. t.

Agarrar; pegar em; segurar.

Suspender.

Conquistar.

Roubar.

Capturar.

Servir-se de: *tomei-o para meu criado.*

Recolher.

Absorver; beber; engolir: *tomar uma limonada.*

Ocupar, preencher: *tomar lugar.*

Alcançar.

Abranger: *tomar muito espaço.*

Impedir.

Aceitar.

Dirigir-se, seguir por: *tomar a estrada real.*

Adoptar.

Assumir: *tomar encargos.*

Mostrar que tem.

Puxar para si.

Escolher.

Desejar: *tomara ele que assim fosse!*

Interpretar.

Avaliar: *tomar em mau sentido.*

Ant.

Tomar o Sol, tomar a altura do Sol, com o astrolábio ou com instrumento idêntico. Cf. *Rot. do Mar Verm.*, 11.

V. p.

Deixar-se possuir, deixar-se dominar; ser invadido: *tomar-se de susto.*

Impregnar-se.

Pleb.

Embebedar-se um pouco; embriagar-se.

(Do sax. *tômian*)

APÊNDICE B – VERBETE DE *TOMAR* NO DICIONÁRIO *AULETE*

tomar

(to.mar)

v.

1. Apoderar-se pela força [td. : *Os invasores tomaram a cidade.*] [tdr. + de : *O ladrão tomou a bolsa da moça Antôn.: devolver, restituir.]*
2. Ingerir (alimento, líquido ou sólido, remédio) [td. : *O padre costumava tomar as refeições na varanda.*]
3. Ingerir conteúdo de (copo, prato etc.) [td. : *Só vai sair se tomar todo o copo de suco.*]
4. Usar (meio de transporte) [td. : *tomar um ônibus / um trem.*]
5. Pôr (algo) em prática; ADOPTAR [td. : *tomar providências.*]
6. Segurar para dar proteção; agarrar por baixo [td. : *Ana tomou o braço da mãe para ajudá-la.*] [tda. : *No meio do tumulto, tomei a menina no colo Antôn.: largar, soltar.]*
7. Passar a apresentar; ADOPTAR; ASSUMIR [td. : *Com os anos, tomara feições rudes.*]
8. Consumir, exigir (tempo) [td. : *Esse tipo de pesquisa toma tempo.*] [tdr. + a : *O trabalho tomará muitas horas aos operários.*]
9. Ocupar (espaço) [td. : *O piano tomou todo o quarto.*]
10. Seguir (caminho, direção etc.) [td. : *Decidi tomar a estrada principal.*] [ta. : *Os excursionistas tomaram por uma trilha.*]
11. Pedir emprestado (algo, dinheiro) (a alguém ou instituição) [tdr. + a, de : *Tomou 300 reais do irmão para pagar à financeira.*] [tdi. + a : *Tomaram o carro ao pai e só o devolveram depois das férias.*]
12. Julgar, considerar [tdp. : *Tomei o gesto como ofensa.*]
13. Fig. Ser invadido por (sentimento); ENCHER-SE [td. : *A criança tomou pavor de escuridão.*] [tr. + de : *Tomou -se de coragem e foi falar com o advogado.*]
14. Atribuir (algo) a si [td. : *Tomou a liberdade de entrar em seu quarto.*]
15. Receber, levar (bronca, surra, tapa etc.) [td. : *Tomou uma surra.*] [tdr. + de : *Tomou um beliscão do coleguinha.*]
16. Ser alvo de; expor-se a [td. : *tomar sol / chuva / pedradas.*]
17. Pedir ou exigir (explicação, satisfação) a [tdr. + de, com : *Saiu para tomar satisfações do/com o síndico.*]
18. Agir a favor de [td. : *tomar a defesa dos menos favorecidos.*]

19. Contratar, alugar (apartamento ou serviço) [td. : *tomar uma casa para o verão tomar criados.*]
20. Receber, acatar, aceitar (ordem) [tdr. + de : *Orgulhoso, disse que não tomava ordens de pessoas mais jovens.*]
21. Receber (ordem eclesiástica) [td. : *O jovem tomou hábito de monge.*]
22. Impregnar-se de; fixar em si; EMBEBER-SE [td. : *Esse papel toma tinta demais.*] [tr. + de : *Por causa da umidade, o casaco tomou -se de mofo.*]
23. Atrair (ar, pó) aos pulmões; ASPIRAR; SORVER [td. : *tomar rapé: "...A outra era uma religiosa franciscana, que pedira para tomar ares..." (Camilo Castelo Branco , Memórias do cárcere.)]*
24. Ter na conta de; interpretar [tdp. : *Tomei essas palavras em acepção figurada.*]
25. Ter preferência por (algo ou alguém); ESCOLHER [tdp. : *Tomaram -no como (por) bode expiatório.*] [tip. : *Tomaram -lhe para Cristo.*]
26. Escolher (alguém) como (amigo, companheiro, marido, mulher etc.) [tdp. : *Tomou -a como esposa.*]
27. Cobrir-se com roupa; VESTIR [td. : *tomar o roupão.*]
28. Criar impedimento ou obstáculo a; ESTORVAR; IMPEDIR [td. : *Uma barreira caiu e tomou uma parte da estrada.*]
29. Receber (aula, instrução) [td. : *Ir à igreja para tomar aulas de catecismo.*]
 [F.: De or. obsc. Us. antes de subst., como v. suporte, substituindo v. de sentido específico: *tomar banho* (= banhar-se), *tomar medida* (= medir), *tomar posse* (= empossar-se). Hom./Par.: *toma* (fl.), *toma* (interj.); *toma* (s) (fl.), *toma* (s) (sfl. [pl.]); *tomo* (fl.), *tomo* (sm.).]

Tomar a si

- 1 Encarregar-se de (tarefa, missão etc.).

Tomar dentro

- 1 Bras. Tabu Ser possuído sexualmente, ser o parceiro sexual que recebe a penetração.
- 2 Dar-se mal, entrar pelo cano, danar-se.

Tomar por

- 1 Atribuir, erroneamente, qualificação, identidade, condição a (algo ou alguém): *De longe, tomei -o por meu irmão, esquecendo que ele havia viajado: Tomou o trabalho por terminado, mas ainda faltava muito para isso.*

Tomar sobre si

1 Assumir responsabilidade por, vigilância de (algo ou alguém)

APÊNDICE C – VERBETE DE TOMAR NO DICIONÁRIO AURÉLIO

Qual é o significado de Tomar?

- Publicado em: Abril, 19, 2018
 - Última atualização: Janeiro, 25, 2019
-

- 1 - Pegar em.
- 2 - Segurar, agarrar.
- 3 - Conquistar.
- 4 - Confiscar.
- 5 - Comprar, ficar com.
- 6 - Tirar, arrematar, roubar.
- 7 - Lançar a mão de, servir-se de, utilizar.
- 8 - Acometer, invadir, assaltar.
- 9 - Adotar.
- 10 - Ocupar.
- 11 - Atingir, alcançar.
- 12 - Fazer perder.
- 13 - Atacar.
- 14 - Observar.
- 15 - Surpreender.
- 16 - Aceitar.
- 17 - Comer, beber.
- 18 - Usar, gastar.
- 19 - Aspirar.
- 20 - Alugar.
- 21 - Entrar em.
- 22 - Contrair.
- 23 - Ter em conta de.
- 24 - Receber.
- 25 - Prover-se de.
- 26 - Assumir, dar mostras de, apresentar em si.
- 27 - Encarregar-se de.
- 28 - Escolher, preferir.
- 29 - Interpretar.
- 30 - Considerar.
- 31 - Atalhar, tolher.
- 32 - Ser assaltado por.
- 33 - Dirigir-se, encaminhar-se.
- 34 - Agastar-se, ofender-se.
- 35 - Ser assaltado, ser invadido.
- 36 - Deixar-se dominar ou persuadir.
- 37 - Embebedar-se.
- 38 - tomar de mãos: vir às mãos, brigar.

APÊNDICE D – VERBETE DE TOMAR NO DICIONÁRIO HOUAISS

tomar (1152 cf. JM³)

verbo

1 t.d.bit. (prep.: a, de) tirar (algo) de (alguém) e apossar-se desse algo; subtrair, arrebatrar, usurpar <costumava t. nossos brinquedos> <t. terrasalheias> <fraudulentamente, tomou da irmã parte de sua herança>

1.1 t.d.; fig. apropriar-se de; assumir, avocar <o preconceito tomou olugar da imparcialidade do seu juízo> <o desespero tomava-o por completo>

2 t.d. promover a conquista ou a invasão de <t. uma cidadela> <piratastomaram de a ssalto a nau>

3 (sXIII) t.d. realizar apreensão ou a prisão de; apoderar-se de; capturar <a polícia tomou o contrabando de cocaína> <a patrulha rapidamente tomou os detentos fugidos>

4 (sXIII) t.d. e t.i. (prep.: de) prender (algo), segurando, ger. para utilizá-lo; empunhar, pegar <t. armas em defesa de uma causa> <tomou dabengala e saiu à rua> <t. da caneta para escrever>

5 t.d.bit. (prep.: em, por) segurar com as mãos, ger. para tornar próximo o que se segura ou para dar firmeza; agarrar, sustentar (tb. fig.) <paraacompanhar o avô, tomou-lhe a mão> <tomou o filho pela mão> <t. odicionário (nas mãos)> <t. as rédeas da situação>

6 t.d. lançar mão de; fazer uso de, utilizar <tomou a montaria que lhepareceu melhor>

7 t.d. receber (ser vivo) junto a si; oferecer refúgio, cuidados a; adotar, acolher, receber <tomaram um cachorro para alegrar os netos> <tomou oórfão para criá-lo>

8 t.d.pred. e t.i.pred. (prep.: para, por) manifestar preferência por (alguém ou algo); escolher <toimei-o como/por testemunha> <tomaram-lhe para Cristo>

9 t.d. ingerir (alimentos líquidos ou sólidos, medicamentos) <t. umarefeição> <t. chá> <t. um xarope>

9.1 pron. (prep.: de) consumir (bebida alcoólica) em excesso; embebedar-se, embriagar-se <t.-se de cerveja>

10 t.d. atrair (o ar, algum pó) aos pulmões; aspirar, sorver <t. rapé>

11 t.d. manifestar apoio a; sustentar <tomou a defesa do desconhecido>

12 t.d.bit. (prep.: a, de) pedir ou exigir (explicação, satisfação) [a alguém] <saiu decidido a t. satisfações (dos agressores da filha)>

13 t.d. atribuir a si; arrogar-se, usar de <toimei a liberdade de mexer nasua mesa>

14 t.d. preencher, ocupar (espaço, local) <a cama tomava quase todo oquarto> <a festa tomou a praça inteira>

15 t.d. criar bloqueio ou obstáculo a; estorvar <uma barreira caíra, tomando a passagem>

16 t.d.bit. (prep.: a, de) consumir, fazer uso de (tempo) <poderia t. umpouco do seu tempo?> <a tarefa tomou mará várias horas aos estudantes>

17 t.d. instalar-se em (imóvel) pagando aluguel; alugar <tomou uma casa em Búzios>

18 t.d. contratar serviços de <disse que ia t. uma empregada e umjardineiro>

19 t.d.pred. e t.i.pred. (prep.: por) escolher (alguém) como (companheiro, marido, sócio) <há duas semanas tomou a prima como esposa> <tomou-a por companheira>

- 20** *t.d.* e *pron.* (*prep.*: *de*) deixar-se penetrar gradualmente por (cheiro, líquido); impregnar(-se), embeber(-se) <o papel tomara pouca tinta> <coma umidade, a roupa tomou-se de bafio>
- 21** *bit.* e *pron.* (*prep.*: *a,* *de*); *fig.* sentir-se assaltado ou invadido por (impressão, sentimento) [com relação a] <acabou tomando ódio à mulher><t.-se de amores pelo visitante> <tomou-se de coragem e enfrentou o adversário>
- 21.1** *t.d.* ser surpreendido por (forte emoção ou impressão); levar <t. um susto>
- 21.2** *t.d.*; *fig.* invadir o espírito de (alguém), dominando-o; apoderar-se, assaltar, avassalar <o medo tomou-nos por completo> <a energia dadançarina tomou a plateia> <o diabo tomou-o>
- 22** *t.d.* levar (algo) em consideração; refletir sobre <toma tudoseriamente>
- 23** *t.d.* fazer uso de (meio de transporte), ocupar (veículo) para seguir viagem <t. um táxi, um ônibus, um avião>
- 24** *t.d.* ser atingido por; apanhar, expor-se <não pode t. sol>
- 25** *t.d.* cair sobre <a chuva tomou a procissão na saída da igreja>
- 26** *t.d.* e *t.i.* (*prep.*: *por*) seguir ou encaminhar-se por; continuar avançando por <t. a estrada da direita> <t. pelo trilho seria mais rápido>
- 27** *bit.* (*prep.*: *de*) retirar (algo) de (algum lugar) <tomou a carne dageladeira para o almoço>
- 28** *t.d.* ter êxito nos esforços envidados para a conquista de (objetivo); alcançar, conquistar, atingir <t. o poder>
- 29** *t.d.* decidir-se por; escolher, preferir <t. uma resolução> <t. uma atitude>
- 30** *t.d.* ter como modelo; imitar, seguir <t. bons exemplos>
- 31** *t.d.* passar a ter, a apresentar (determinada proporção, feição, aspecto); adquirir, assumir (tb. *fig.*) <seu rosto tomou um ar de gravidade> <a tarde tomava um aspecto cinzento> <o caso tomar proporções de escândalo>
- 32** *t.d.* cobrir-se com (qualquer roupa); vestir <ao sair do banho, tomou roupão>
- 33** (sXIV) *t.d.* colocar junto (o que se encontrava disperso); recolher, reunir, juntar <o professor tomou as provas escritas, findo o exame>
- 34** *t.d.* encontrar (alguém) [em determinada situação, local ou condição]; apanhar, flagrar, surpreender <a polícia tomou-o com a muamba nas mãos>
- 35** *t.d.bit.* (*prep.*: *de*) receber (maus-tratos físicos ou morais); ser vítima de (pancada, surra); levar <t. uma bronca (da na morada)> <t. uma surra (do avô)>
- 36** *t.i.* (*prep.*: *em*); *tab.* sofrer penetração sexual
- 37** *t.d.* responsabilizar-se por <aceitou t. a administração da fazenda>
- 38** *bit.* (*prep.*: *de*) receber como recompensa, favor, merecimento; aceitar <tomou o donativo das mãos do benfeitor>
- 39** *t.d.* receber (ordem eclesiástica) <t. véu> <t. hábito de monge>
- 40** *t.d.bit.* (*prep.*: *de*) receber (ordem, prescrição) de (alguém) <não goste t. ordens> <não tome ordem de desconhecidos>
- 41** *t.d.* ser alvo de (homenagem, crítica, aplauso, vaia), *ger.* imprevisível ou enfadonho
- 42** *t.d.pred.* (*prep.*: *em,* *por*) ter na conta de; considerar, interpretar <tomou-a por ingênua> <tomei sua frase em sentido figurado>
- 43** *t.d.* ter conhecimentos sobre (alguma arte ou ciência) <toma tanto de música quanto de medicina>
- 44** *t.d.* receber (aula, instrução) <tomava aula de piano todas as tardes>

45 *t.d.* determinar (dimensão, altura etc.) de; calcular, medir <*t. as dimensões de um aposento*> <*t. a altura do Sol*>

46 *t.d.* fazer emitir em favor próprio (promissória, letra de câmbio etc.)

47 *bit.* (*prep.*: a, de) pedir emprestado <*vive tomando dinheiro aos amigos*>

48 (1911) *int.*; *B* perder dinheiro <*jogou e tomou a valer*>

sinônimos

absorver, apanhar, apoderar-se, apossar-

se, apreender, arrebatado, capturar, confiscar, desaparelhar, levar, pegar, privar, retirar, tirar, usurpar; ver *tb.* sinonímia de *aceitar, comer, conquistar, extorquir, roubar e segurar*

antônimos

abastar, compensar, dar, devolver, entregar, indenizar, reembolsar, remir, reparar, reepor, ressarcir, restituir; ver *tb.* antonímia de *aceitar* e sinonímia de *descomer, proveer e soltar*

homônimos

tomo(1^ap.s.)/ *tomo*(s.m.); toma(3^ap.s.)/ *toma*(s.f. e interj.); tomas(2^ap.s.)/ *tomas*(pl.toma[s.f.]); tomara(1^a3^ap.s.)/ *tomara*(interj.)

APÊNDICE E – VERBETE DE *TOMAR* NO DICIONÁRIO *MICHAELIS*

tomar

to·mar

vtd e vti

1 Pegar ou segurar algo com um objetivo definido: “Aurélia examinou a conta corrente; tomou uma pena e fez com facilidade o cálculo dos juros. – Está exato” (SEN). “A dois dias de regressar ao Rio, chegou um telegrama, o carimbo urgente. Tomou do envelope, suspirou, e disse, antes de passá-lo à secretária: nunca deixam em paz o homem de fortuna” (NP).

vtd

2 Agarrar para que não caia ou não se solte; segurar: O ladrão quis fugir, mas o policial tomou o seu braço com força.

vtd e vtdi

3 Segurar por baixo; aguentar, suspender, sustentar: A avó tomou a criança e a colocou no berço. O bombeiro tomou nos braços o ferido.

vtd

4 Apoderar-se por meio de força ou violência; conquistar: Os piratas somalis já tomaram vários navios mercantes estrangeiros.

vtd e vtdi

5 Apossar-se de algo alheio; arrebatado, furtar: Tomou, na surdina, todos os ingressos para o concerto. O bandido tomou da pobre velhinha o pacote e fugiu.

vtd

6 Fazer a apreensão de algo; apoderar-se, confiscar: A polícia tomou toda a mercadoria roubada.

vtd

7 Puxar para si; apanhar, colher: “Batuireté tomou o bordão de sua velhice e caminhou. Foi atravessando os vastos sertões, até os campos viçosos onde correm as águas que vêm das bandas da noite” (JAI1).

vtd

8 Lançar mão de; servir-se, utilizar-se: Os voluntários tomaram as roupas usadas para vestir os desabrigados.

vtdi

9 Tirar algo de algum lugar; retirar: Sem avisar, tomou vários livros da estante e levou consigo.

vtd

10 Ingerir bebida, comida ou remédio; beber, comer: “Deu uma volta pela sala, foi ao aparador, tomou alguns goles de água e, procurando mudar de conversa, falou do baile que havia essa noite em casa do Melo” (AA2).

vtd

11 Absorver por inalação; aspirar, sorver: Sentia-se abafado naquele ambiente; por isso, decidiu sair para tomar um pouco de ar.

vtd e vtdi

12 Reclamar de modo veemente; exigir, pedir: Se seu filho diz que algum menino o maltratou, ela vai, imediatamente, tomar explicações. Vive tomando satisfação dos vizinhos por qualquer coisa.

vtd, vtdi e vpr

13 FIG Ser acometido por emoções ou sentimentos desagradáveis: O ódio tomou-a, cegando-a completamente. A criança tomou pavor do padrasto. O rapaz tomou-se de dúvida diante da indiferença da jovem.

vtd e vtld

14 Dar preferência a alguém ou alguma coisa; escolher, preferir: O pintor tomou outro ajudante para aquele trabalho. O professor tomou para medianeiro o diretor da escola.

vpr

15 Deixar-se dominar ou persuadir: Não me tomei do conselho da minha irmã.

vtd

16 Assumir, dando proteção e acolhimento; recolher: A boa senhora foi visitar um orfanato e acabou tomando algumas crianças.

vtd

17 Surpreender alguém no momento de uma ocorrência; flagrar: A polícia tomou os bandidos quando deixavam a mansão.

vtd

18 Fazer uso ou lançar mão de: Na praia, tomou um enorme guarda-sol para proteger sua pele nórdica.

vtd e vpr

19 Recolher, retendo em si; absorver, impregnar(-se) de: Esta parede toma muita umidade. A roupa suada toma-se de mau cheiro.

vtd

20 Ser surpreendido por uma forte emoção; levar: Tomei um choque terrível quando não encontrei meu carro no estacionamento.

vtd

21 Assumir algo como responsabilidade sua; encarregar-se: O filho mais velho tomou a direção da casa depois que o pai faleceu.

vtd

22 Alcançar um determinado lugar; atingir: Assim que tomamos o pico do morro, sentamo-nos para descansar.

vtd

23 Ocupar um determinado espaço ou tempo; encher: O povo tomou inteiramente a praça.

vtd

24 Servir de obstáculo à circulação; estorvar, impedir, obstruir: Os curiosos tomavam a passagem, na tentativa de ver o cantor entrar no hotel.

vtd e vti

25 Escolher um determinado percurso ou uma certa direção; seguir: O jovem tomou um rumo ignorado. Os policiais tomaram por um atalho para surpreender os criminosos.

vti

26 Encaminhar-se para um lugar específico; seguir: Os romeiros tomaram para o santuário.

vtd

27 Entrar na posse de; aceitar, receber: O rapaz sonhava com o dia em que tomaria o hábito de monge.

vtd

28 Adquirir o direito de uso de imóvel, por meio de contrato de aluguel: A família tomou um belíssimo apartamento num bairro nobre.

vtd

29 Contratar alguém para a realização de um determinado trabalho ou serviço: O gerente precisou tomar uma secretária bilíngue.

vtd

30 Usar o tempo; consumir: Os divertimentos tomam muito tempo.

vtd

31 Vir a ter ou alcançar; adquirir, assumir, atingir: O incêndio na favela tomou enormes proporções.

vtd

32 Copiar alguém ou alguma coisa; imitar, seguir: Os pais se esforçam, mas nem sempre os filhos tomam os seus exemplos.

vtd

33 Apresentar em si ou dar mostras de; assumir: Tomou um ar de constrangimento quando o garçom lhe cobrou o café que havia esquecido de pagar.

vtd

34 Entender algo de um certo modo; interpretar: O indivíduo tomou as palavras no seu sentido literal.

vtdi

35 Formar uma ideia ou concepção; considerar: Tomou como injúria aquela alusão.

vti

36 Ter conhecimentos em alguma arte ou ciência: Ele toma de ciências mais do que de letras.

vtd

37 Fazer cálculo de altura, comprimento, largura etc.; medir: Tomou as medidas da janela para fazer a cortina.

vtd

38 Ocupar o lugar de; arrebatrar, usurpar: O assistente, por meio de intriga, tomou o posto do chefe.

vtd

39 Pedir e usar alguma coisa que pertence a outra pessoa, para devolvê-la depois: Vive tomando o carro de sua irmã por preguiça de andar.

vtd e vtdi

40 Ser vítima de agressão moral ou física; levar: Tomou uma carraspana por ter chegado tarde. O bandido tomou uns tapas de alguns populares exaltados.

vtd

41 Assumir a responsabilidade por algo: Tomou a direção da fábrica e conseguiu evitar a falência.

vtd

42 Dar mostras de; exhibir: Depois da viagem ao exterior, tomou ares de rico.

vtd

43 Pôr peça de roupa; vestir: Por causa do frio, tomou o casaco de lã.

vtd

44 Ter aula ou receber instrução: Meu irmão tomou aulas de inglês, mas aprendeu pouco.

vpr

45 Ficar embriagado por excesso de bebida; embebedar-se: O pobre homem tomase de cachaça todos os dias.

vtd

46 Usar um meio de transporte para ir a algum lugar: “Com o corpo pesado de novo quase correndo, quase chorando tomou, o táxi perguntando a si mesma se gastando

assim teria o dinheiro completo para a viagem, afundando no macio do carro [...]” (CL).

EXPRESSÕES

Tomar a si: assumir como sua responsabilidade; encarregar-se: “Não esqueça dizer que Rubião tomou a si mandar dizer uma missa por alma do finado, embora soubesse ou pressentisse que ele não era católico” (MA4).

Tomar por: não notar a diferença entre uma coisa ou outra: Tomou o empregado pelo dono da casa.

Toma lá dá cá: troca de favores.

ETIMOLOGIA desc, como esp *tomar*.

APÊNDICE F – VERBETE DE *TOMAR* NO DICIONÁRIO *ONLINE*

tomar

Significado de Tomar

verbo transitivo direto e transitivo indireto

Pegar em; agarrar, segurar: tomou a bolsa e saiu; tomou do filho a bolsa.

verbo transitivo direto e bitransitivo

Apoderar-se de; furtar; arrebatar; conquistar; usurpar: a cidade foi tomada ao amanhecer.

Pedir insistentemente; exigir: tomar satisfação.

Levar com agressões (físicas ou morais): tomar um tapa na cara.

verbo transitivo direto

Fazer a ingestão de; ingerir: tomou vários remédios.

Incorporar por inalação; aspirar: tomar um ar.

Ter a posse de algo através da força, da violência; apossar: tomar um território indígena.

Apreender alguma coisa; confiscar: a fiscalização tomou seus produtos.

Mudar alguma coisa de um lugar e colocar em outro; retirar: tomou os brinquedos e levou para longe.

Adotar ou dar proteção e acolhimento: tomou uma criança para si.

Ter uma surpresa; ficar admirado com: tomar um susto.

Ir na direção de; apanhar: tomou o trem.

Pegar de maneira a não soltar; segurar: tomar um corpo em fuga.

Ocupar ou preencher no tempo e no espaço: a chuva tomou o país.

Contratar uma pessoa para um trabalho: tomou duas empregadas.

Receber: tomou uma injeção.

Dirigir-se; encaminhar-se: tomou a direção certa.

Assumir a responsabilidade por; encarregar-se: tomar um rumo na vida.

Chegar a certo lugar; alcançar: tomar o topo do morro.

Ser usado como empecilho; obstruir: o mato tomava a trilha.

Passar a possuir determinada característica; assumir: tomar uma feição de vergonha.

Compreender alguma coisa de um certo modo; interpretar: tomou as críticas como pessoais.

Calcular o valor de alguma coisa; mensurar: tomar as medidas do vestido.

Passar a ocupar determinado lugar; usurpar: tomar o lugar do colega.

Frequentar aulas; ser instruído formalmente: tomar aulas de piano.

Ir de um lugar a outro usando meios de transportes: tomar um ônibus.

Assumir as ações de outra pessoa: tomou-lhe as dores.

[Popular] Ficar bêbado; embriagar-se: tomar todas.

verbo pronominal

Deixar-se envolver ou dominar-se: tomou-se de paixão.

verbo transitivo direto, bitransitivo e pronominal

Sentir algo ruim; ficar emocionalmente abalado: tomar alguém de raiva; tomar-se de ódio, de medo.

verbo transitivo indireto

Seguir numa determinada direção; ir: tomar a estrada para a praia.

Etimologia (origem da palavra *tomar*). Por influência do espanhol tomar.

Sinônimos de Tomar

Tomar é sinônimo

de: [capturar](#), [conquistar](#), [beber](#), [ingerir](#), [agarrar](#), [segurar](#), [arrebatar](#), [usurpar](#), [exigir](#), [levar](#), [aspirar](#), [apossar](#), [confiscar](#), [retirar](#), [apanhar](#), [receber](#), [alcançar](#), [obstruir](#), [mensurar](#), [dominar](#)

Definição de Tomar

Classe gramatical: **verbo bitransitivo, verbo pronominal, verbo transitivo direto e verbo transitivo direto e indireto**

Tipo do verbo tomar: **regular**

Separação silábica: **to-mar**

Frases com o verbo tomar

Fonte: Pensador

Apenas desejo a tranquilidade e o descanso, que são os bens que os mais poderosos reis da terra não podem conceder a quem os não pode **tomar** pelas suas próprias mãos.

- René Descartes

O fraco fica em dúvida antes de **tomar** uma decisão; o forte, depois.

- Karl Kraus

Exemplos com o verbete tomar

Em sua terceira visita presidencial a territórios franceses no ultramar, Sarkozy afirmou que os habitantes da ilha "serão livres para escolher o caminho que querem **tomar**", mas em nenhum caso se "levantará a questão da independência". *Folha de S.Paulo*, 26/06/2009

Valente se reuniu com o presidente da agência, embaixador Ronaldo Sardenberg, e com os conselheiros para apresentar detalhes das medidas que a empresa pretende **tomar** para melhorar o serviço de internet de banda larga, Speedy. *Folha de S.Paulo*, 26/06/2009

Mais de cem testemunhas, mineiros, policiais, soldados e crianças, foram entrevistados para o relatório da ONG, que detalha as alegações de violação aos direitos humanos na tentativa de **tomar** o controle da exploração das pedras. *Folha de S.Paulo*, 26/06/2009

APÊNDICE G – VERBETE DE *TOMAR* NO DICIONÁRIO *PORTO*

to.mar tu'mar

verbo transitivo

1. pegar em; agarrar
2. apanhar (ar)
3. conquistar (território)
4. prover-se de
5. apoderar-se de
6. ficar com
7. ingerir (alimento, bebida, medicamento)
8. confiscar; apreender
9. roubar
10. escolher; optar por
11. adotar
12. assumir; adquirir (aspeto, estado)
13. utilizar
14. receber; aceitar
15. ocupar
16. gastar; consumir
17. fazer perder
18. considerar; julgar
19. interpretar

verbo pronominal

1. ser possuído (por sentimento, emoção)
2. embebedar-se
3. agastar-se

tomar a dianteira

passar adiante

tomar à letra

interpretar literalmente, à risca

tomar a peito

empenhar-se em, interessar-se por

tomar a sério

dar importância a

tomar de ponta

embirrar com

toma!

exclamação que exprime satisfação ou congratulação

De origem obscura

APÊNDICE H – VERBETE DE *TOMAR* NO DICIONÁRIO *PRIBERAM*

to·mar - Conjugar

(origem duvidosa)

verbo intransitivo

1. Dirigir-se, encaminhar-se.

verbo transitivo

2. Pegar em.
3. Segurar, agarrar.
4. Conquistar.
5. Confiscar.
6. Comprar, ficar com.
7. Tirar, arrematar, roubar.
8. Lançar a mão de, servir-se de, utilizar.
9. Acometer, invadir, assaltar.
10. Adotar.
11. Ocupar.
12. Atingir, alcançar.
13. Fazer perder.
14. Atacar.
15. Observar.
16. Surpreender.
17. Aceitar.
18. Comer, beber.
19. Usar, gastar.
20. Aspirar.
21. Alugar.
22. Entrar em.
23. Contrair.
24. Ter em conta de.
25. Receber.
26. Prover-se de.
27. Assumir, dar mostras de, apresentar em si.
28. Encarregar-se de.
29. Escolher, preferir.
30. Interpretar.
31. Considerar.
32. Atalhar, tolher.
33. Ser assaltado por.

verbo pronominal

34. Agastar-se, ofender-se.
35. Ser assaltado, ser invadido.
36. Deixar-se dominar ou persuadir.

verbo intransitivo e pronominal

37. [Regionalismo] Ingerir bebida alcoólica em excesso (ex.: *o sujeito não parece bem, eu acho que ele tomou; tomar-se de rum*). = EMBEBEDAR-SE, EMBRIAGAR-SE

Palavras relacionadas:

[adotar](#), [atalhar](#), [assumir](#), [tirar](#), [arrematar](#), [saltar](#), [pegar](#).

1

Parecidas

[TONAR](#) [GOMAR](#) [TOMARÁ](#) [TOMARA](#) [TOMBAR](#) [TOMAS](#) [TOMA](#)

Palavras vizinhas

[tomadouro](#) [tomadura](#) [tomamento](#) tomar [tomara](#) [tomara que caia](#) [tomareense](#)

Esta palavra em blogues

[Ver mais](#)

...de obrigar o Governo a tomar medidas essenciais para que se...

Em [Os Verdes em Lisboa](#)

cedo para tomar essa decisão..

Em [Outra Margem](#)

Blogues do SAPO

"**TOMAR**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/TOMAR> [consultado em 14-03-2019].